J. M. de ALENCAR
PAGINAS
ESCOLHIDAS
LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

Paginas Escolhidas

Academia Brazileira

Paginas Escolhidas

por diligencia de

JOÃO RIBEIRO E MARIO DE ALENCAR

TOMO SEGUNDO

LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

PAGINAS ESCOLHIDAS

O segundo volume continua a seria encetada, com a inclusão nos logares proprios, dos academicos que foram eleitos entre a primeira e segunda edição d'este livro.

Observam-se aqui as mesmas restricções e modificações necessarias já sufficientemente explicadas na advertencia que precede o primeiro volume. Seria ocioso repetil-as. O mesmo diremos acerca da orthographia adoptada.

J. R. e M. A.

Paginas Escolhidas

JOÃO FRANCISCO LISBOA

João Francisco Lisboa (1812-1863) naceu no Maranhão. Foi jornalista e publicista. Incumbido pelo governo de colijir nas bibliotecas de Portugal documentos relativos ao Brazil, ali faleceu. Redijiu varias folhas no Maranhão, e foi fundador e diretor do *Jornal de Timon*, no qual se ocupou largamente da historia, economia e administração da sua provincia. Deixou uma obra postuma: *A vida do P. Antonio Vieira*.

JOSÉ VERISSIMO

José Verissimo de Mattos naceu em 1857 no Pará. Exerce o majisterio ; foi diretor do Collegio Pedro II e da Escola Normal. Dirijiu a *Revista Brazileira*, (2a faze) e colabora em varios jornaes e periodicos nacionaes e estrangeiros.

Tem publicado: Cenas *da Vida Amazonica*, novelas, 1889. Pará ; 2a edição, 1899, Rio de Janeiro ; *A educação nacional*, 1891 ; *Estudos brazileiros*, 1a serie, 1889 ; 2a série, 1894 ; A *pesca na Amazonia*, 1895 ; *Estudos de literatura brazileira* (1895-1907) 6 vol. ; *Homens e couzas estranjeiras* (1899-1900) ; *A educação nacional*, 2a ed. 1908 ; *Que é literatura ? e outros estudos*, 1908.

Occupa na Academia a cadeira de J. F. Lisboa.

O CRIME DO TAPUIO

I

Mal completára Benedita os sete anos, quando os pais, uns pobres caboclos do Trombetas, deram-na ao Filipe Arauacú, seu padrinho de batismo, que a pedira e fizera della prezente á sogra.

— Aqui'stá — disse-lhe — que eu lhe trouxe p'ra dar fogo p'ra seu cachimbo.

Desde esse dia começou para aquella criança uma triste existencia.

A velha Bertrana, a sogra de Filipe, era mulher de mais de quarenta anos, baixa e magra como uma espinha de peixe. Tinha a cara comprida, muito branca, de uma alvura lavada, sem côr, emoldurada nuns cabelos duros, ainda todos negros, que habitualmente trazia soltos nas costas. Os dentes, apontados á faca, consoante o gosto das mulheres do sertão, perfeitos e claros, saltavam-lhe fóra da boca desgracioza, imprimindo no labio inferior, arroxado e excessivamente fino, a sua fórma de serra. Uma larga orla escuro-azulada, qual se vê nos ascetas ou nas colarejas cansadas, circulava-lhe os olhos miudinhos, negros, de má expressão, O nariz pequeno e afilado dezenhava-se com muita pureza, fazendo singular contraste no seu feio semblante, onde todos o notavam logo como uma perfeição deslocada. Prezava-se de branca.

Bertrana passava a vida na rêde, uma rêde fiada e tecida na terra, azul e branca, de largas varandas de chita encarnada, permanentemente atada, salvo o tempo apenas indispensavel de mudal-a por outra, perfeitamente igual, a um dos cantos da sala em que vivia. Era um apozento suficientemente espaçozo, de paredes apenas embarreadas, o chão de terra batida, dura que nem cimento, e, embora sempre muito limpo, muito varrido e arrumado, com o cheiro particular ás habitações de doentes.

Mezes decorriam sem delle sair ; comia e dormia ali mesmo. Debaixo da rêde ficava-lhe um lindo tupé bordado a talas pretas e brancas, muito polidas, e sobre elle o seu cachimbo, uma antiga latinha de conserva portugueza com tabaco migado, uma palmatoria de couro de peixe-boi e uma rija vergasta, tanto ou quanto esgarçada na ponta pelo uzo, de umbigo do mesmo peixe. E' um açoite terrivel, peculiar á Amazonia, como o « bacalhau » ao Sul.

De quando em quando gemia com um tom lastimozo. Arrancava do magro peito, cujos ossos pareciam querer furar-lhe o paletó de chita roxa, que assiduamente uzava, um escarro pegajozo ; deixava-o cair lentamente, fazendo um fio branco de gosma, para uma cuia pitinga que lhe ficava no tupé, á esquerda ; limpava de leve, cautelozamente, os beiços a um lenço vermelho e gritava com uma voz esganiçada de tons falhados, muito cantada :

— Benedita !..

A rapariguinha acudia pressuroza, tremula, a correr. Era

para dar-lhe fogo para o cachimbo. Benedita vinha com o fogo e, encostando a braza espetada em um velho garfo de ferro ou o tição ao tabaco, acendia-o. Ella ficava fumando de vagar, compassadamente, o cotovelo agudo especado nos joelhos, a mão aguentando o tubo do cachimbo com o olhos fitos num trecho do terreiro que aparecia pela porta aberta em frente da rêde, batendo os beiços um no outro a chupar as fumaças, em uma pozição indolente de vadiação satisfeita. Concluida aquella cachimbada, depunha de manso o cachimbo na esteira, junto da lata de fumo, arrancava do peito descarnado um grande suspiro doïdo e, com a sua voz comprida :

— Benedita !...

Agora era para dar-lhe um remedio dos muitissimos que constantemente tomava, contidos nos vazos de barro que formavam, arrumados no chão por detraz da rêde, uma especie de bateria de botelhas eletricas. Em cada uma daquellas pequenas « chocolateiras » de bojo esferico e pescoço cilindrico, havia um cozimento, uma infuzão, um chá, uma droga qualquer, composta de vejetaes. Suspensos das ripas das paredes por finos cordeis e embiras, pendiam vidros maiores e menores, contendo diferentes oleos e banhas de orijem animal ou sucos lacteos de certas plantas. De uns bebia, com outros se fomentava ou emplastrava por cauza dos seus infinitos e variadissimos achaques.

Para as dores nas costas tinha leite de amapá e para as do peito tinha o de ucuuba. E mais, jarauassica e folhas de café para regularizar as funções ; a milagroza caámembéca por cauza das diarréas, a que era atreita; moruré e manacan contra as dores de orijem suspeita ; sucuuba com mel de pau para a tosse ; caferana e quina, de prevenção, por cauza das sezões endemicas no Trombetas ; caldo de jaramacurú, para o baço ; paricá, urtiga branca e jutay, excelentes nas tosses e na secura de peito ; gordura de anta, boa em fricções ; salsa contra o reumatismo e maus humores ; tajá membéca afim de recolher os pulmões dos pés ; banha de mucura aplicada nas erizipelas ; guaraná para o intestinos, flatos, não sei o quê ; manteiga de tartaruga contra o cansaço, e ainda outros, cuja simples enumeração fôra fastidioza, os quaes não só uzava numa cisma ridicula de ter não sei quantas molestias, como aconselhava e dava oficiozamente, com recomendações convencidas, persuazivas.

Não cazára nunca. Foi sempre feia e implicante. Em Faro, donde era natural, os rapazes puzeram-lhe a alcunha de «cara de peixe». Ao escarneo respondeu com o odio, um odio brutal que alcançava todo o mundo. De todos dizia mal: contava historias malevolas das mulheres e dezacreditava os homens. Por fim, quando entrava os trinta e estava em toda a plenitude da sua fealdade, um agregado do pai caiu doente, foi tratado em caza por ella e, por gratidão, amou-a um pouco. Dai por nove mezes teve ella uma filha: essa foi a sua unica e não mais repetida aventura de mulher, jámais houve ensejo de prestar os seus bons serviços de enfermeira e ninguem tornou a querel-a. Os dezejos imprudentemente acordados e logo sopitados, bulhavam-lhe no peito em saltos de cabritos bravos; força era, porém, engulil-os com surda colera e grande raiva dos homens, porque a não queriam, e das mulheres, porque eram preferidas; e lá dentro da sua estreita carcassa de magricela os anhelos de deleites transmutavam-se em fezes biliozas que a punham cada vez mais feia e mais seca. Repulsava a propria filha, porque saira linda, como o pai, um mameluco esbelto.

A filha — ao envez do que lhe sucedera a ella — cazou cedo, e em companhia do marido, Filippe Arauacú, foi para o lago Iripixy, no Trombetas, onde elle tinha um sitio. A infeliz moça não durou muito; pouco mais de um ano tinha de cazada, quando a mataram as sezões ali reinantes endemicamente, com menos de vinte anos de idade. A mãi que por fujir á reciproca malquerença de Faro acompanhara-a de lá, ficou com o genro, um sujeito nulo a quem ella era indiferente como elle lhe era tambem. Já por esse tempo queixava-se de meia duzia de achaques diversos, pouco saía da rêde e nada fazia. A morte da filha e a subsequente concubinajem do genro com uma rapariga de um sitio proximo pondo-a em quazi absoluto izolamento, completaram a obra do seu pessimo caracter. Viveu desde aí em inteira mandrice, a fumar cachimbo, a tomar remedios, a dizer mal de tudo e de todos, com muito fel extravazado. Aumentavam-lhe as molestias cada dia e raro se passava que não mandasse ao mato — a inexgotavel drogaria do sertanejo — em busca de novas folhas, raízes ou cascas para outros medicamentos, as suas « pussangas », como ella dizia.

Queixava-se do peito, de dores nas costas, suores noturnos, muita tosse, afóra o cansaço que tambem a não deixava soce-

gar. Coitadinha della, toda a santa noite o seu peito lhe levava a piar que nem pinto — e imitava — pio... pio... pio... Doiam-lhe igualmente as pernas, a espinha dorsal, o ventre ; tinha espasmos dolorozos no lombo, que lhe respondiam no figado aqui, — indicava. Os pés, tinha-os gretados com pulmões — e erguendo a beira da saia com recato afetado e pudico, mostrava-os muito vermelhos, cobertos de emplastros. E si alguem, por mera polidez, perguntava-lhe pela saude, ai do imprudente! tinha de ouvir a longa e nunca assaz repetida historia dos seus padecimentos em geral e de cada achaque em particular, com muita minucia, com todas as particularidades que ocorriam, e, ainda mais, a dos respetivos remedios, quem lh'os ensinara, onde os havia, como se preparavam, de que modo se deviam tomar, a dieta que exijiam, o resguardo que requeriam, e mil outras miudèzas com impertinencia enfadonha, insaciavel. E constantemente, invariavelmente, terminava o seu fastidiozo aranzel, pela mesma formula lastimoza, para a qual arranjava a sua voz mais dolente, dando-lhe o tom debil, expirante, daquella com que o moribundo conta ao medico as angustias da passada noite, que lhe será a derradeira.

— « Ai ! nem me fale... Não possozinho ir lonje... Esta lua a modo que tenho passado peior, paresse que não chego á outra... Ai Jesus ! Mãi Santissima ! Quazi morri a noite passada, doia-me tudo — e apontava sucessivamente a cabeça, o peito, as pernas, o ventre — faltava-me o ar... Ai! Meu Paj do Ceu, valei-me a... a... ai ! »

E, logo em cima do ultimo e prolongado ai, gritava com a sua voz fina de coruja constipada :

— Benedita !...

A rapariguinha acudia correndo. Queria um remedio ; dizia-lhe um nome indijena e recomendava-lhe, já de antemão irada, que olhasse, que não viesse nem frio nem quente mornozinho. Agachando-se por debaixo da rêde, Benedita ia buscar uma das « chocolateiras » com a droga indicada. Si acontecia tocar-lhe na rêde ao passar, a velha soltava um grito agudo, como si a houvessem varado com um espeto, e levantando rapida o chicote de sobre a esteira, atirava-lhe uma forte rimpada. A pequena saia chorando, com grossas lagrimas a pingarem-lhe no liquido da vazilha. E Bertrana, como si o esforço feito lhe houvesse tirado o ultimo alento, deixava cair o chicote, impotente para sustel-o,

e ficava-se ofegante, a boca aberta, exhausta, pedindo baixinho desculpa, si estava alguem. Mas logo, sem demora, muito impaciente, bufava :

— Benedita !...

E assim levava todo o dia. Batia-lhe por dá cá aquella palha, com um encarniçamento feroz contra a criança. Depois de jantar, ao meio dia, dormia uma larga sésta até ás tres horas e a pequena ali ficava, em pé, com as magras mãozinhas no punho da rêde, embalando-lhe o sono indolente — um sono profundo, a desmentir-lhe as continuas queixas. Como era natural, elle lhe faltava á noite. Não podia dormir com dôres, dizia ella. Carecia d'ar, acordava Benedita, que dormia na esteira, sob a rêde. A pequena levantava-se tonta, estremunhando, e vinha embalal-a. E a deshoras saía do seu quarto, com rinjir sinistro, o guinchar fino e compassado do ésse da sua rêde, ranjendo sobre a escápula de ferro.

Vinha-lhe á cabeça tomar, áquella hora mesmo, qualquer chá e mandava-a fazer fogo para aquecer um. A cozinha ficava no terreiro, sob um rancho aberto ; ella ia tremendo, tranzida de medo, no escuro. Si acontecia demorar-se mais do que a impaciencia irritadiça da velha previra, ouvia-se no silencio absoluto da noite, como um grito lugubre de ave noturna :

— Benedita !...

E não raro, daí por pouco, ruido de pancadas e soluços de criança. Com o izolamento em que a puzera a sua dezavença com o genro, por cauza da rapariga que elle tomara para caza apoz a morte da mulher, refinou-se-lhe o mau genio. A demais gente do sitio vivia afastada della. Por aquellas parajens quazi ninguem tranzitava, e esses poucos mesmo, si a conheciam, fujiam-lhe como á peste. Mais lhe azedava isto o fel, que derramava-se sob a forma de maus tratos á tapuinha, a quem votava um odio felino, estupido, como a onça odeia talvez o jacaré que, inerte e quedo, a deixa descançadamente roer-lhe a cauda.

Era devota e sentimental ; rezava a miudo, tinha um rozario de contas safadas no punho da rêde, metia sempre os santos nas suas palestras, não bocejava sem fazer cruzes — para que não entrasse o demo — na boca aberta e chorava ouvindo referir alheios infortunios. Quando d'alguem dizia mal, batia nas faces encovadas palmadinhas beatas com as pontas dos dedos, que beijava em seguida, murmurando com-

punjida : — Deus me perdôe... Tinha particular devoção com S. Gonçalo e com S. Luiz Gonzaga ; possuia-os ali no seu oratorio de pau, pintado de azul e frizos encarnados.

De manhan cedinho, tomando do punho da rêde o seu rozazio para rezar, romeçava a lida da inditoza Benedita, é ás cinco horas da madrugada, quando os passarinhos espenejando-se á luz fresca do repontar do dia, acordavam nos arbustos rociados do orvalho noturno os écos dos bosques proximos com seus gorjeios divinos, a voz della, que nem pancada dissonante de pratos num concerto de violinos e flautas, cortava brutalmente a harmonia do côro jucundo a berrar :

— Benedita !...

II

Uma criança triste, magra, mirrada como as plantas tenras, expostas a todo o ardor do sol, tal era Benedita. No seu corpinho escuro, coriaceo, em geral apenas coberto da cintura para baixo por uma safada saia de pano grosso, percebiam-se sobre as costelas á mostra, os sulcos negros do umbigo de peixe-boi. Na sua falazinha, rouquenha por continuos resfriamentos, havia como que uma nota tremula de choro. Não conhecera jámais as alegrias da infancia livre e solta.

Com pouco mais de sete anos, deram-na seus pais ao padrinho, que a pedira prometendo seria tratata como filha. Não possuira nunca um desses brincos que fazem a felicidade das crianças, nem correra jámais atraz das borboletas loucas com a grande alegria da infancia de fazer mal a um inseto. Era uma couza, menos que uma couza, daquella mulher má. Ao redor de si apenas via ou odio ou dezamor, a traduzir-se em maus tratos de uns ou na indiferença quazi hostil de outros. Até então, nesse pequeno mundo em que ha dois anos já vivia, e onde os mesmos cães famintos lhe rosnavam á passajem, uma unica creatura tivera para ella um olhar piedozo e uma palavra compassiva.

Era um indio ; chamavam-lhe em caza José Tapuio.

Era um caboclo escuro, membrudo, forte, mas de fizionomia, couza rara nelles, por vezes rizonha. Vendido aos quinze anos por um machado e uma libra de polvora a um regatão

do Solimões, entrara na civilização pela porta baixa, mas amplissima, da injustiça. Havia quinze anos tambem que fôra prizioneiro da tribu inimiga que o vendeu, quando Filipe o trouxe daquellas parajens, onde então se achava, como seu agregado.

Ali em caza do Arauacú afeiçoou-se por Benedita, com afetos de pai. De volta da pesca ou do mato, raro era não trazer-lhe um mimo qualquer, uma fruta, um mary-mary de beira rio, ou um jutahy da mata virjem. Apanhando-a só entregava-lhe ás escondidas o seu prezente, com um sorrizo mal esboçado e estas palavras :

—Toma p'ra ti...

Estando em caza ajudava-a na cozinha, partia-lhe a lenha, lavava-lhe as vazilhas. Vendo-a chorar, seu semblante ordinariamente impassivel e carregado, parecia confranjer-se, e, incapaz talvez de exprimir melhor o que por ventura lhe ia n'alma, dizia-lhe em voz rispida, mas interessada e a modo de suplicante :

— Não chora...

Sentia-se que elle odiava a velha Bertrana. De uma feita, que, ao passar-lhe pela porta da sala, a viu castigar barbaramente a rapariguinha, parou e seus olhos faiscaram colericas ameaças á velha. Passou-lhe pela mente matal-a naquelle momento, mas logo abandonou essa ideia assustado, porque a primeira ação do contacto da nossa sociedade com essas naturezas selvajens é tornal-as puzilanimes. A velha, porém, que lhe leu a ameaça no gesto irritado com que parara elle a fital-a, não se livrou do medo. Interrompeu o castigo e vendo-o ir, praguejou-lhe atraz :

— Cruz ! O diabo do tinhozo do inferno !... Vai-te !

Elle, entretanto, dava tratos á sua limitada imajinação, afim de descobrir um meio de furtal-a áquella mizeranda existencia que ali vivia. Esta sua afeição pela pequena, não escapou aos da caza, e Bertrana, descobrindo-a, disse alguma couza de uma obcenidade cruel.

Benedita como todas as pessoas dezacostumadas da felicidade, desconfiava daquelle interesse, que só passado algum tempo mostrou mais francamente aceitar. Sentindo então á roda de si esse afeto, que aliaz não compreendia, queria-o tambem, ao José, porém com uma sorte de receio, quazi com medo, porque o medo era, por fim, o seu sentimento dominante. Chamava-lhe « tio José » e tomava-lhe

a bençam, consoante o habito de todas as crianças amazonicas, com a magra mãozinha estendida, aberta, na ponta do braços espichados, e um ar medrozo e tristonho :

— S'a bença.

Na sua vida lobrega que nem a negrura interior de um caixão de ferro, a simpatia daquelle tapuio era como o pequeno e olvidado furozinho por onde penetrava a fina restea de luz clara de polens dourados, como as azas das borboletas.

Elle fizera no mais recondito do seu pensamento o proposito firme de .ivral-a da velha. A dificuldade estava apenas em que queria uma couza que não deixasse rastro, fazel-a dezaparecer de um momento para outro sem se saber como. Taciturno era, mais taciturno ainda o viram de tempos áquella parte.

Uma manhan saiu, como de costume no verão, que então era, á pesca. Sentado ao jacuman, dava grandes remadas espaçadas, olhando distraido para a frente. Seguia rente á marjem, sem dar fé de alguns peixes que saltavam por ali, ao alcance do seu harpão ou da sua frecha. De repente, em um lugar no qual outros olhos que não os do matuto dificilmente descobririam solução de continuidade na espessa orla de mataria que corria pela marjem, virou rapidamente a canôa, servindo-se do remo grande e chato á guiza de leme, e embicou-a para a terra escondida pelo mato, como si quizesse navegar por ella a dentro. Ao impulso do seu braço robusto, a leve embarcação passou pelo meio da folhajem debruçada sobre a agua, de modo a parecer emerjir della. Agachando-se no fundo da montaria deixara-a o indio correr com a força da remada.

Varada a primeira e mais densa cortina de folhajem, achou-se num igapó — um grande estirão de mato alagado pelo lago na enchente e ainda não de todo abandonado por elle. Arvores alterozas, como são as das terras firmes do Trombetas, direitas, de cascas pardacentas e rugozas, emerjiam de dentro da agua, escura e calma, como uma lagôa morta. Dos altos galhos pendiam, formando bambinelas pitorescas, fios de todas as grossuras e feitios de cipós e lianas, a se refletirem naquellas aguas paradas e negras, com sinuozidades interminaveis de serpentes. Outros atravessavam de galho a galho, de tronco a tronco, emmaranhando-se no alto como a cordoalha de um navio. Pelas arvores apegavamse vejetações paraziticas; musgos espessos punham grandes

manchas verdes nas cascas pardacentas de muitas. De cima, da cerrada abobada de verdura, decia uma grande sombra triste, que reunindo-se ao silencio absoluto da sombria paizagem, dava-lhe não sei que tétrico aspeto de ruinas.

Com a habilidade de tapuio, José seguia ávante, fazendo singrar a piroga em verdadeiros zig-zags por entre aquelles troncos, sem tocar em nenhum. Deixara o remo no fundo da canôa, e pegando ora num cipó, ora numa rama que decia mais baixo, ora num tronco, puxava d'aqui, empurrava d'acolá, quazi deitando-se ás vezes para livrar a cabeça. De subito, uma couza que dir-se-ia um daquelles cipós mais grossos por ali pendidos, e no qual a beira da montaria acabava de tocar, dezenroscou-se de sobre o tronco apodrecido de uma velha arvore derrubada pela ação das aguas, e silvou no ar na direção do indio. Era uma sicurijú enorme. José, que só a vira no ato do bote, apenas teve tempo de fincar a mão no tronco mais perto e empurrar a canôa para traz. Este impulso fel-o perder o equilibrio e caiu sentado no banco da pôpa. Fôra bem dado o bote da cobra; elle sentiu passar-lhe o corpo quasi rente á face. Mal, porém, lançara os olhos na direção em que ella seguira como que voando, viu-a assanhada, o pescoço engorjitado, a lingua bifida fóra das fauces, fital-o ameaçadora, já de cauda firmada sobre o dorso de outro pau caido, pronta para novo ataque. José pegou no remo, afim de safar-se mais depressa. A cobra, vendo-o tomar aquelle pau, sentiu talvez uma ameaça, e mais irada ainda atirou a toda a força o bote, sibilando no ar. Quando o atirou, porém, já a canôa ia impelida pelo remo, de sorte que apenas lhe apanhou a borda com a boca, donde logo firmada lançara a cauda na direção do tapuio, colhendo lhe o braço esquerdo e o remo, com os quaes fôra elle ao seu encontro. Então levantou a cabeça e arpoou furioza, a boca rasgada, o proprio pescoço de José que metendo a mão direita em defeza da cara, conseguiu segurar-lhe logo abaixo da cabeça o corpo escorregadio que se debatia furiozamente por desprender-se dos seus dedos possantes, aos quais o perigo multiplicava as forças, dando-lhes um vigor de rijas tenazes. Elle sentia, porém que a cobra mudava de tatica e que largando-lhe o braço esquerdo, a cauda ia enroscar-lhe ao pescoço os seus aneis de ferro e estrangulal-o sem custo, Rapido como o pensamento, mal presentira afrouxar-se o laço com que ella lhe prendia aquelle braço, fez um heroico

e supremo esforço, e conseguindo trazer-lhe a cabeça hedionda até em baixo ao fundo da canôa, calcou-lhe em cima o pé rijamente. Era tempo, que a cauda da cobra caira-lhe no pescoço mergulhando a extremidade sob o sovaco esquerdo, donde logo ella o retirou para melhor apertar o nó. Antes que o fizesse, porém, a compressão da cabeça fazia-a perder a força e José ainda pudera tirar de sob o banco a sua faca curta de pescador, com a qual lh'a decepou de um golpe. Aquelle primeiro anel feito desprendeu-se, o tronco rolou inerte para a agua e a cabeça ficou palpitando com a lingua fóra, no fundo da canôa.

Terminado este incidente, José seguiu tranquilamente a sua derrota atravéz dos embaraços do igapó, que todos salvou com admiravel pericia. Chegando ao cabo, saltou em terra, puxou a canôa por sobre a areia escura da marjem e tomando de dentro a cabeça da sucurijú jogou-a por sobre a mata, o mais lonje que poude. Era uma precaução, para que o tronco da cobra se não viesse juntar á cabeça e se refizesse, como elle o acreditava injenuamente. Isto feito, tomou da faca e embrenhou-se na densa floresta, calcando fortemente o espesso tapete de folhas e gravetos secos, que estalavam com um som crú sob os seus pés de indio.

Essa noite, mal acabara de cair o dia, já todos do sitio do Arauacú, como aliás é costume do sertão, estavam recolhidos. Entretanto, não dormiam ainda, pois que pelas frestas das portas e dos japás, saiam resteas de luz vermelha de candeia.

Bertrana tinha um mau anoitecer, carregado de tristes presajios de uma noite horrivel. As suas dores todas entravam em afinação. Dava gemidos baixinhos, doridos, de cortarem o coração. Tambem ella, com a sua teimoza gulodice habitual, cometera uma gravissima imprudencia ; sobre o seu jantar do meio dia, de mixira de peixe-boi — um prezente do genro á sogra — uma comida carregada, conforme era ella a primeira a reconhecer, — bebera uma cuia de vinho de tucuman — um outro veneno. Metia dó vel-a.

Exasperada pelas dores, irada pela insonia, não poude levar á paciencia que Benedita cabeceasse, dormitando, ao punho da rêde onde estava a embalal-a desde o fim do jantar. E erguendo do chão, com os seus movimentos rapidos de féra, o vergalho, surziu-o sobre a rapariguinha, berrando :

— Ah ! s'a vadia ! Eu aqui quazi a morrer e esta preguiçoza a dormir. Já, pégue na chocolateira e vá-me fazer um chá de vassourinha. — E gemeu : Ai, meu S. Luiz Gonzaga, valei-me.

Benedita saiu a chorar, com o vazo na mão, toda tremula. Lá fóra, escondido por detraz do forno de farinha, topou com o José, que lhe surjiu ao encontro, assustando-a muito. Antes, porém, que lhe escapasse da garganta o grito que ella ia soltar amedrontada, elle disse, esforçando-se por ameigar a voz :

— Não chora...

E pegando-lhe a mão falou-lhe baixinho ao ouvido. Ao cabo deste coloquio, que foi rapido, levantou-a nos braços vigorozos, e deu o andar acelerado para a floresta escura que elevava, por detráz do sitio, no ceu claro estrelado, o seu enorme perfil negro, na qual se embrenhou.

Dai por pouco as outras pessoas do sitio ouviram a voz aspera da velha a bradar repetidas vezes, colerica :

— Benedita !... Benedita !...

Acostumados áquillo, não fizeram cazo. O tapuio corria noemtanto pela mata a dentro com a pequena ao colo. — Ella agarrava-se a elle, espavorida, os olhos fechados com medo de abril-os á lugubre escuridão do bosque. Ao cabo de uma hora chegaram á beira do igapó, onde elle deixara a canôa pela manhan. Sentou a rapariguinha no fundo e partiu remando de manso, ajudando-se com as mãos, dirijindo se apenas pelo instinto, por sua ciencia inata e hereditaria de selvajem, que outra luz não tinha, ás apalpadelas, por entre os grossos troncos e finos cipós. Quando se pilhou fóra do igapó, a sua grosseira fizionomia quadrada, naturalmente impassivel, iluminou-se com um leve sorrizo de satisfação, que lhe arreganhou ironicamente a comissura dos grossos labios, mostrando-lhe os dentes alvos e fortes, e, metendo decidido o remo n'agua silencioza e calma, lançou a canôa para a frente, fazendo-a voar como a frecha de seu arco.

No sitio, depois de esbofar-se em gritos, a velha Bertrana arquejava, com os beiços brancos de espuma, ardendo em descomedida raiva, pedindo ás pessoas que afinal acudiram aos gritos que lhe fossem buscar Benedita. E quando, apoz uma curta revista, lhe voltaram sem ella, pegou de berrar, posséssa, que si a apanhasse outra vez, matava-a.

III

O juiz de direito — um homem baixo, gordo, calvo, solenemente encazacado — entrou na sala, foi sentar-se entre o promotor publico e o escrivão, no meio da meza atravessada na largura da sala junto á parede, meza comprida e estreita, coberta inteiramente por um pano verde desbotado, debruado de galão amarelo. Tomando de sobre ella a campainha de cobre azinhavrado bimbalhou-a com força, enchendo a sala de tilintações finas, agudas, tanto ou quanto falhadas.

Tinha a testa vincada, num grande ar aborrecido. Havia cinco dias que o faziam vestir o seu fato preto tão fatal aos seus achaques hemorroidarios, a sua velha e coçada cazaca do dia do grau, para vir ali, áquella massada do Jury, inutilmente. Até então não fôra possivel reunir o numero de jurados exijido por lei ; apareciam apenas os da cidade, que os roceiros estavam ás voltas com a safra do cacáo e não vinham.

Colocou a campainha em seu lugar no tinteiro de metal amarelo, e relanceou um olhar em torno da sala, uma sala fria em cujas paredes caiadas, a humidade punha grandes manchas bolorentas, côr de cinza. Pareceu-lhe haver mais gente nas pezadas cadeiras de fabrica portugueza, enfileiradas rente ás paredes. De um lado ficavam os da cidade, com um ar dezembaraçado de quem está em sua caza, rindo e conversando entre si, fazendo sinais familiares ao promotor, a pedir-lhe os recuzasse, cumprimentando o juiz com leves acenos de cabeça. Seus fraques e paletós têm formas mais corretas e vestem-nos sem enleio, uzeiros em trazel-os. As calças da maioria são brancas, muito engomadas, com grande vinco no meio, de cima a baixo, a vir morrer no peito das botas, muito engraxadas. Do outro lado tinham-se assentado os roceiros, facilmente reconheciveis pelo seu ar contrafeito e o estapafurdio do seu trajar. Perfilados nas cadeiras, duros, as pernas pendidas direitas, mostravam vizivelmente quanto não lhes custava o terem de vestir as roupas com as quaes apenas em dia de festa, de jure ou de eleições apareciam na cidade. Os paletós de pano preto luzidio ou de lustroza alpaca, amarrotados dos bahús, os coletes vistozamente ramalhudos, sobre alguns dos quaes

estadeavam-se grossas correntes de prata ou de ouro falso, comprado por verdadeiro, cheias de berloques, as camizas de morime as calças de dril branco ou pardo, engomadas e fortemente aniladas, os sapatos grossos, alcacanhados, limpos de fresco, espalhando na sala o cheiro ativo da graxa, davam-lhes o aspeto alvar dos matutos endomingueirados. Para assentarem os indomaveis cabelos rijos que nem piassaba, tinham-nos empastados de sebo de Hollanda, cujo perfume dezagradavel misturava-se no ambiente com o da Agua Florida, o extrato favorito dos roceiros. Não podendo suportar por mais tempo os grossos sapatos e botas, alguns os tinham tirado, e escondiam debaixo das cadeiras os pés calçados em grosseiras meias. Suavam copiozamente sob o fato dos grandes dias, enforcados nas gravatas multicores, atadas em laços extravagantes, sobre os quaes caiam moles, ensopados de suor, os grandes colarinhos. De instante a instante enxugavam-se nos lenços de chita que em seguida, dobrados cuidadozamente sobre os joelhos, eram guardados dentro os chapéus, virados de copa para cima em baixo das cadeiras.

De uma e doutra banda, olhava-se para um homem, o reu sentado num pequeno banco entre dois soldados, mal amanhados em fardinhas curtas de brim pardo e vivos encarnados, á beira de uma pequena meza, coberta com uma safado retalho de lan verde, á guiza de colcha. E, cochichando entre si, os jurados apontavam-no uns aos outros.

Aquelle sujeito era o José Tapuio, que ali estava tranquilo, indiferente no meio do aparato do tribunal. Apenas quando não sabia mais o que fazer das mãos, coçava a cabeça ou os pés, vizivelmente contrariado, como quem estando habituado á vida larga de selvajem sente-se de repente limitado aos dois palmos de um banco.

O juiz, bem acomodado na sua velha cadeira de braços, voltou-se para o sujeito magro, vestido com um rapado paletó de alpaca á sua esquerda, e disse-lhe :

— Sr. escrivão, faça a chamada.

O escrivão levantou-se, abriu um caderno de papel já sordido, e depois de passar a mão descarnada, a direita, em cujos dedos creciam grandes unhas amarelas, nos pelos duros e esparsos que a modo de barba lhe ereciam no mento, poz-se a ler em voz alta, rouquenha, uma serie de nomes banaes, com apelidos devotos, Espirito Santo, Encarnação,

Amor Divino, apanhados aqui e ali, na cartilha ou na folhinha, para o uzo jornaleiro e pelas exijencias da vida social. De entre os jurados partiam gritos de «prezente» «pronto», em tons discordantes. Emquanto isto, o juiz contava maquinalmente uns papelinhos dobrados em quadro, que extraía de uma caixa de folha de Flandres, de forma lugubre d urna, pintada de verde, com frizos amarelos nos angulos, e os ia pachorrentamente arrumando em fileiras sobre o pano da meza, enodoado de tinta preta.

Concluida a chamada e verificado o numero legal, disse, metendo, de novo os papelinhos na urna, um a um.

— Estão quarenta e oito cedulas ; vai-se proceder ao sorteio.

Mal o havia dito, surdiu de uma porta um oficial de justica, um mulato esguio de alta gaforina erguida em trunfa, com o um pé doente calçado em uma chinela de tapete, trazendo pela mão um menino de seis anos, todo vestido de brim pardo, engomadinho, o cabelo encharcado em oleo de camarú empastado na cabecinha pequena, franzina, anemica. O juiz aprezentou-lhe a boca da urna, e depois de remexel-a bem, disse-lhe :

— Tire, yôyô.

O menino, já afeito áquella cerimonia, pois não era a primeira vez que ali vinha, meteu a sua mãozinha magra até o fundo da caixa e entrou a tirar as cedulas e a entregal-as ao juiz, que as ia lendo em voz alta, á proporção que as recebia. A certos nomes, o promotor, um bacharel novo, recentemente formado, de *pince-nez* de ouro no nariz fino, ou o advogado da defeza, um magricela, de olhos pequenos e vivos e gestos acanhados, diziam brevemente :

— Recuzo.

Os roceiros observavam entre si, invejozos e ciumentos, que os recuzados eram só « gente grauda » da cidade. Coitados delles, que aguentavam com toda a carga do juré. Efetivamente, o conselho de jurados se formara de doze sujeitos de modesta aparencia, e ares esquerdos de « gente de sitio ». Os da cidade retiravam-se alegres, com sorrizos ironicos aos que ficavam e gestos agradecidos ao promotor ou ao advogado, áquelle emfim que os havia recuzado.

Os escolhidos pela sorte e aceitos pelas partes iam tomando assento numa meza comprida no meio da caza, sobre a qual alguns estendiam os braços, sem respeito. Outros fa-

ziam-se serios e graves, e compenetrados da sua missão de juizes, olhavam atenta e fixamente o reu, como a querer arrancar-lhe a prova do crime á cara inexpressiva e bronzeada.

O juiz chamou-os para prestarem o juramento do estilo. Estava erguido entre o promotor e o escrivão, ambos tambem de pé, solene e sizudo, estendendo uma pequena Biblia falsa, com a encadernação de couro negro da Sociedade biblica de Nova York, roida de baratas, pronunciando as palavras sacramentaes : « Juro pronunciar bem e sinceramente nesta cauza ; haver-me com franqueza e verdade, só tendo diante dos meus olhos Deus e a lei e proferir o meu voto segundo a minha conciencia ».

Cada um por sua vez, acercavam-se os jurados da meza, e pondo as mãos grossas e escuras sobre o livro, proferiam, obedecendo a uma intimação murmurada do juiz :

— Assim o juro.

E voltavam a sentar-se cheios de gravidade, esbarrando uns nos outros, arrastando os pés.

Concluida esta ceremonia e reassentados todos, fez o juiz um aceno ao reu, dizendo-lhe :

— Venha cá.

José levantou-se, acanhado e contrafeito, e veiu até junto da meza do juiz.

— Você, disse o majistrado, vai responder ás perguntas que eu lhe vou fazer. Não se atrapalhe, não se aperte, nem minta. Veja lá...

E começou o interrogatorio :

— Como você se chama ?

O tapuio fitou interdito, como quem não compreendia a questão :

— Como é o seu nome ? tornou o juiz.

— José.

E o juiz fez-lhe sucessivamente as perguntas da praxe.

— Sabe de que o acuzam e porque está você aqui ?

— « Eê. »

— Sabe ?

— « Eê, sei » .

— Sabe que é acuzado de ter — disse a data e os lugares — « feito mal » e depois matado a menor Benedita, afilhada do seu patrão Filipe Arauacú ?

— « Eê... »

— « E' verdade ?

— « Eê... »

— Diga ao Tribunal como o fato se deu.

O tapuio esteve alguns instantes calado, os olhos pregados no chão, um leve rizo envergonhado nos labios grossos, voltando o chapéu nas mãos em todos os sentidos. Por fim, sem mudar de postura, disse com o ar confuzo de uma criança obrigada a confessar alguma falta venial :

— « Eu já contei p'ro' outro branco. »

O « outro branco » era o juiz formador da culpa.

— Sim, mas é precizo contar outra vez.

Elle calou-se de novo, sempre com o mesmo sorrizo vexado no rosto abaixado. A' nova intimação do juiz para que falasse, disse, apoz mais alguns momentos de silencio :

— « Eu queria ella p'ra mim... furtei ella de noite... no mato ella gritou... antão eu matei ella e fui levá o corpo na minha canua p'ra enterrá no Uruá-tapéra. »

— E enterrou ?

— « Eê, eu enterrei, puz cruz na cova p'ra siná ».

— O que o levou a praticar este crime ?

José não compreendendo a pergunta, fitou interrogador o juiz, que a traduziu :

— Porque você matou a rapariguinha ?

Elle calou-se e apezar das repetidas intimações do juiz não foi possivel arrancar-lhe uma resposta. Descoroçoado, cessou este o interrogatorio, que fez ler pelo escrivão e assinar a rogo do réu, que voltou ao seu banco.

O escrivão, de pé, passando as unhas amarelas pelos raros fios da barba, principiou a leitura do processo, ás carreiras, sem pontos nem virgulas, cuspinhando de perdigotos os autos.

No dia tantos de tal mez do ano do nacimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e tantos no distrito de tal, o indio José, conhecido por José Tapuio, agregado de Filipe Arauacú, raptara da caza deste uma menor de nove ou dez anos de idade, afilhada do dito Filipe Arauacú, estuprara-a e matara-a em seguida no lugar Uruá-tapéra, vizinho daquelle no qual se dera o crime, tudo segundo confessou o sobredito reu José Tapuio.

Os jurados, voltados para o escrivão, procuravam perceber as palavras que lhe saiam em borbotões por entre um chovisco de perdigotos. Tinham fincado os cotovelos ás me-

zas e com as cabeças um pouco apoiadas na palmas das mãos dobradas num meio tubo acustico, escutavam atentos, com as bocas semi-abertas. Cada vez mais apressado, precipitando as palavras, o escrivão lia os depoimentos das testemunhas, sem virgulas nem pontos, engulindo estes inofensivos sinaes de envolta com as particulas, os mas, os como, os porém, etc. As testemunhas eram Filipe Arauacú, que não dizia mais do que os leitores sabem, nem mesmo tanto ; a moça com quem elle vivia, que tambem não dava novidades comquanto se referisse de leve ás impertinencias de D. Bertrana ; uma tapuia de meia idade, do serviço da caza, que não adiantava ideia ; um tapuio pescador, domiciliado nas cercanias do sitio do Filipe Arauacú, o qual fôra a cauza da prizão do reu, declarando em caza do mesmo Arauacú que na tarde do dia em que Benedita dezapareceu, tendo ella testemunha ido pescar tambaquis no igapó, perto do dito sitio conheceu a montaria de José Tapuio, no fundo do dito igapó puxada em terra, sem o menor sinal de ter andado á pesca, sendo para extranhar que tendo o referido José Tapuio partido de madrugada estivesse á tarde ainda tão perto de caza. Isto tudo dissera ella testemunha no depoimento que o escrivão lia agora.

As testemunhas eram unanimes em asseverar que a rapariga era bem tratada pelo seu padrinho, a cujos costumes diziam todos « nada », e tembem declaravam que não lhes escapara nunca que o reu « gostava de Benedita. » A velha Bertrana não pudera ser ouvida, porque as suas muitas doenças não lhe permitiam vir a Obidos, onde fôra instaurado o processo, para cujo andamento julgou-se a justiça, com a confissão do reu, dispensada de ir proceder a inqueritos e exames no lugar do crime.

O escrivão, entretanto, proseguia a sua leitura, enchendo a sala do ruido monotono de sua voz rouquenha. O juiz consersava com o promotor, uma palestra alegre, a julgar pelas boas rizadinhas patuscas que de vez em quando soltavam ambos, com um reciproco piscar d'olhos bejeiro. Afóra os jurados não havia mais na sala sinão uns dois ou tres individuos, dos quais um com a cabeça pendida, o queixo fincado no peito, a boca aberta, babando o peitilho da camiza, dormia numa das cadeiras enfileiradas em derredor da sala. Cabeças metiam-se pelas portas, espiavam curiozas e recolhiam-se prontas. Cançados pelo esforço da sua improba

atenção, os juizes de fato viravam as costas ao escrivão e, a exemplo do majistrado prezidente do jure, puzeram-se tambem a falar baixinho uns com os outros, da safra do cacáo, do prèço do pirarucú, de politica. Moscas zumbiam doidejantes no ar. De fóra. vinha um calor pezado, e dois largos retalhos de sol, entrando pelas janelas, chispavam nos tijolos vermelhos da sala, fazendo-lhe uma temperatura de forno. O moço palido que servia de advogado do reu, sentado junto á sua mezinha modesta, olhava fixamente o escrivão e, ou fossem vencidos pela fixidez do olhar ou oprimidos pelo calor do ar, o certo é que os seus olhinhos fecharam-se mau grado seu, e o lapis que tinha na mão, para tomar notas, caiu-lhe uma vez sem elle sentir. Os soldados de sentinela ao tribunal, cochilavam encostados ás hombreiras das portas, abraçados ás espinguardas descançadas no chão. O reu, muito alerta, ouvia com uma expressão indecifravel no rosto, as palavras que ia lendo o escrivão.

Este por fim terminou. Cessando o rumor monotono com que sua voz enchera até ai a sala, houve um subito e fundo silencio cortado por uns restos de frazes dos jurados e dos majistrados. Mas logo todos aprumaram-se arrastando os pés e as cadeiras, para mudar de pozição, e o juiz, passando na calva lustroza o seu lenço recendente de agua de Colonia, perguntou ás partes e aos jurados si queriam ouvir as testemunhas.

— Que não, que bastavam os depoimentos da formação da culpa que acabavam de ouvir, respondeu o promotor.

Os outros assentiram nisso, e a palavra foi dada ao « orgão da justiça publica. »

Elle levantou-se, puxou o lenço do bolso e poz-se a limpar a luneta, olhando para a frente, os jurados á roda da meza, com os olhos apertados numa contração de miope, Depois de haver verificado a clareza dos vidros, chegando-os á altura dos olhos, poz a luneta com gesto lento no nariz, com as mãos ambas, e, arregaçando o bigode com o lenço para cima dos labios e enxutas as costas das mãos, principiou :

— Senhor doutor juiz de direito ! Senhores juizes de fato ! ilustrado auditorio !

O sujeito que dormia com o queixo escorado no peito, sentindo-se interpelado acordou. Uma meia duzia de pessoas que estavam nas salas e corredores da Camara Muni-

cipal, onde se efetuava o jure, entraram pizando nas pontas dos pés, com cautela e um pequeno rinjir de botas, e foram sentar-se nos lugares do publico, com o propozito de ouvir o promotor, novo na terra e que, segundo se dizia, era um moço ilustrado. Outros limitaram-se a chegar até ás portas, donde se puzeram a escutal-o. Elle sentiu que por sua cauza vinham, tratou de justificar a espectativa publica e de firmar a sua reputação no lugar. Apoz meia duzia de palavras tabeliôas de um exordio concizo, leu o libelo no qual afirmou provaria que o reu José, por alcunha Tapuio — citou datas e lugares — assassinou a menor Benedita ; provaria que o fez por motivo reprovado, depois de cometer nella estupro ; provaria mais que houve abuzo de confiança e de força ; provaria ainda que perpetrou o crime com todas as circumstancias agravantes mencionadas no artigo dezeseis, numeros um, quatros, seis, oito, nove, dez, doze, quinze do Codigo Criminal ; provaria tambem que o crime fôra ainda agravado pelas circumstancias do artigo dezesete do mesmo, e provaria, finalmente, que o reu incorrera nas penas do artigo 192 do Codigo Criminal.

Depoz na meza o libelo e passando o lenço pela testa, tirou do peito, com um som trajico, esta palavras :

— Meus senhores !

Fez ainda uma breve pauza e começou deveras. Foi eloquente, dessa eloquencia retorica e fôfa dos adjetivos pavorozos, horrificos e sofrivelmente afrontozos que o zelo irresponsavel do « orgãos da justiça publica » atira com mal uzada corajem á cara de um infeiz que lhes dá azo — ingratos ! — de assombrar um publico simples com a rançoza e cançada facundia das promotorias publicas. A dar-lhe credito, não havia ente mais perigozo do que José Tapuio. Aquelle homem, que um cidadão generozo e prestante arrancara ás mãos avidas dos exploradores sem conciencia e da selvajeria, e recebera no seio da sua familia, no santuario augusto do lar domestico, aquelle homem, com uma perversidade horrivel, aquella perversidade referida pelos cronistas, tirou de caza, alta noite, uma menina, um anjo de candura, uma criança de poucos anos, que era os enlevos do seu protetor e padrinho della e — aqui fez um longo e facundo silencio — custava-lhe dizel-o — declarou — levou-a para o recesso escuro da floresta, donde esta féra — apontou o réo — nunca devera ter saido, e lá, com uma concupicencia horripi-

lante, subjugou, forçou a pobre menina e cevou nella os seus instintos ferozes de tigre carniceiro ! Sim, senhores, não tinha duvidado fazer aquillo, o malvado perigozo que ali estava — e cheio de ira, a santa ira da justica paga, apontava o José Tapuio, que o olhava com uma seriedade comica. Não duvidara — continuou — arrancar com suas garras aduncas dos braços carinhozos de uma matrona respeitavel, como a sogra do Sr. alferes Arauacú, uma criança que era para aquella carinhoza senhora a alegria da sua honrada velhice, a consolação do seu izolamento, o sol que aquecia o gelo das suas cans, para violal-a, matal-a e, corajem inaudita, enterral-a ! ! !

E neste tom continuou, irado, zelozo da moral e da segurança da sociedade, colerico por amor da justiça e ajitando no ar em gestos descompassados os seus braços finos como o lejendario arcanjo ajitaria ás portas do Eden a sua espada flamejante, terminando por pedir a condenação do réo, daquelle celerado de que se devia expunjir a sociedade no maximo das penas do artigo 192 do Codigo Criminal, á morte ! E sentou-se com mostras afetadas de fatigado, triunfante, sorrindo aos espectadores, que lhe davam sinais mudos, mas evidentes, de aprovação.

A palavra foi dada ao advogado do réo. O moço levantou-se e principiou, com a sua vozinha doce. O promotor saiu enrolando um cigarro no dedos, para ir fumar lá forá, nos corredores. O da defeza era um ex-aluno do Seminario do Pará. Da sua educação ali ficara-lhe um acanhamento postiço e um vêzo hipocrita de olhar para o chão. O seu semblante, porém, quando o levantava para a gente, revelava intelijencia ou, pelo menos, vivacidade. Não negou o fato, nem teve entuziasmos de defensor ; cumpria apenas um dever imposto pelo majistrado que o nomeara curador do réo — por cuja defeza a municipalidade lhe daria trinta mil réis. Falou friamente, num pobre filho das selvas que mal recebera as aguas lustrais do batismo sem as grandes lições de moral christan, da divina moral do sublime martir do Golgotha, a unica — afirmou — verdadeira, a unica capaz de livrar o homem do dominio do crime.

Da sua estada no Seminario, entre padres, restava-lhe uma frazeolojia teolojica, não pouco admirada em Obidos, onde exercia a profissão de advogado, depois que negocios

de familia o obrigaram a interromper os seus estudos quando ia tomar ás primeiras ordens.

Observou que nos autos não havia provas para a condenação do réo e que sem a franca confissão deste os depoimentos das testemunhas não seriam suficientes para provar o o crime. Chamava, portanto, a atenção do tribunal para o art. 94 do Codigo do processo criminal, o qual leu devagar, acentuando a ultima parte : « A confissão do réo em juizo competente, sendo livre e coincidindo com as circumstancias do fato, prova o delito; mas no cazo de morte, só póde sujeital-o á pena imediata, quando não haja outra prova. » E sobre isto repizou dois ou tres minutos. Pedia aos senhores jurados que, segundo a palavra evanjelica, tivessem mizericordia, e que se não esquecessem que quem perdoasse seria tambem perdoado. E terminou : — Em nome do Deus de Mizericordia e de Amor, em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, eu peço a absolvição do acuzado ! E deixou-se cair na cadeira, vizivelmente fatigado, mas de fato satisfeito por ter dado conta daquella tarefa massadora.

O juiz, que ouvira o pró e o contra debruçado sobre a meza, ocupado em rabiscar, com o seu nome escrito por extenso em todos os sentidos, uma folha de papel, aprumou-se e apóz um curto rezumo dos debates, aprezentou aos jurados os quezitos que pouco antes ditara ao escrivão, explicando-lhes minuciozamente como deviam respondel-os.

Dai por meia hora os juizes de fato voltavam á sala, tendo respondido afirmativamente aos quezitos principais : José Tapuio tinha primeiro violentado, deflorado e depois matado a pequena Benedita, com todas as circumstancias agravantes do codigo. A' vista da resposta do jury, o juiz condenou-o ao médio da pena do art. 192, a galés perpetuas, visto não haver, como reconheceram os jurados, outra prova além da sua confissão.

E ás cinco horas da tarde sairam todos do tribunal fatigados, aborrecidos, com fome, um grande apetite para jantar, dizendo acordemente :

— Safa ! Que massada...

Dai a dois ou tres dias, uma manhan, correu na cidade um boato extravagante. Em uma canôa do Trombetas acabava de chegar uma raparigninha que, seguindo diziam, era a mesma Benedicta, por cuja morte fôra naquella semana condenado o José Tapuio. Alguns curiozos deceram ao

porto para vel-a. Ja lá não estava, que o juiz ao chegar-lhe aos ouvidos o boato, mandara-a ir á sua prezença, com as pessoas que a acompanhavam. Entre estas vinha o proprio pai, que declarou que no dia em que se julgava ter sido cometido o crime, já ao amanhecer, José chegara ao seu sitio situado a um bom estirão do de Filipe, e lhe entregou sua filha dizendo-lhe que a levava porque a « branca » com a qual ella estava, maltratava-a muito. Por suas palavras e pelo seu corpo, zebrado pelas marcas azues do chicote, a rapariguinha confirmou o dito do indio. Agradecidos, os pais ofereceram-lhe café e cachaça. Elle bebeu e partiu em seguida e nunca mais souberam delle.

Tal foi a narração, rezumida, do pai de Benedita. Interrogada tambem, ella contou a triste vida que levava com Bertrana, a protetora afeição de José, como elle a furtou de noite para leval-a á canôa que os esperava no fundo do igapó, sem lhe fazer o menor mal.

O juiz mandou autoar estes depoimentos e fez vir o condenado á sua prezença. Vendo Benedita, apenas um bom sorrizo iluminou de relance a larga cara fosca do tapuio. O majistrado, perguntou-lhe :

— Conhece esta rapariguinha ?

— « Eê... Benedita. »

— Você não disse que a tinha matado e enterrado no Uruátapera ?

— « Eè... »

— E porque disse isso, mentindo, e expondo-se a ser, como foi, condenado ?

— Porque eu queria « fazê bem p'ra ella (1) ».

E' escuzado dizer que houve recurso de graça, perdão e o José Tapuio não cumpriu a pena. Ignoro o fim delle ; do que estou firmemente convencido, porém, é de que morreu, si já morreu, na mais bemaventurada ignorancia sobre os moveis ou a sanção do ato moral que praticou, como talvez aconteceu tambem áquelle lobo historico, que no meio do destroço dos seus caiu varado pela bala humana, quando arrastava para fóra do perigo outro velho lobo cégo, ao qual servia de guia, pondo-lhe a cauda na bôca, á guiza de bastão.

---

(1) O fundo desta narrativa é perfeitamente real, como textual é a resposta que está entre aspas.

O QUE FALTA Á NOSSA LITERATURA

Quanto sei das literaturas americanas, e na verdade é muito pouco, me autoriza a afirmar que a nossa é, talvez, a mais antiga do continente (1). Literariamente a nossa nacionalidade parece ter precedido ás demais nacionalidades americanas. E'claro que eu não faço aqui uma rigoroza questão de datas ; é possivel que no Mexico, e mesmo no Perú, não tenho agora meios de o verificar, tenham surjido primeiro que aqui alguns escritores — poetas necessariamente. A cronologia em literatura, porém, embora de consideravel importancia, não póde servir por si só para estabelecer a prioridade. Uma literatura é um agrupamento, e não existe de fato por um poeta ou por um livro izolado, a menos que esse poeta ou esse livro não consubstanciem em grau eminente todo o pensar e o sentir de um povo, já de alguma fórma conciente de si. E' o cazo de Homero, si este nome reprezenta um só individuo.

Desde o seculo XVII nós contamos poetas e escritores de proza. Isso provaria que a necessidade de recontar-se, de definir-se, creadora da literatura, já existia em nós, mal ainda nacidos. A obra de Gabriel Soares póde e, penso eu, deve ser excluida de uma historia da literatura brazileira, porque tal historia não póde ser sinão a da literatura publicada e conhecida no seu tempo, da que possa ter influido sobre elle e os que se lhe seguiram. Mas faz parte integrante de uma historia da civilização, do pensamento, do progresso espiritual do Brazil, mostrando que naquelle seculo já um natural do paiz, izolado no seu enjenho no sertão, não só tinha a cultura preciza para escrever das couzas da sua terra, como sentia a necessidade de escrevel-as. E certo que o aguilhoava tambem o interesse e que a sua obra é um memorial ao Soberano, mirando concessões pessoaes. Mas, pela extensão e dezenvolvimento, e, sobretudo, pelo espirito geral e dezinteressado em que é feita, pela variedade dos seus aspetos, e pelo sôpro nacional que a anima, excede de muito a um simples memorial. No mesmo cazo estão os *Diologos das grandezas do Brazil*, e o seu autor, quem quer elle seja. A preocupação da historia é o mais certo sinal de

(1) Em um estudo posterior retifiquei esta opinião, que é errada.

uma conciencia nacional reflexiva. Essa preocupação acordou cedo no Brazil, e não sómente como um meio de informação com que as ordens relijiozas procuravam instruir-se das couzas do paiz e ilustrar-se publicando os seus proprios feitos, mas tambem nesse espirito mais geral e mais dezinteressado. Frei Vicente do Salvador já é um historiador nacional, e não um simples cronista relijiozo.

Duas couzas concorream para dar á expressão literaria brazileira, logo no começo da civilização do paiz, este dezenvolvimento. O proprio vigor da expressão literaria em Portugal e os colejios de Jesuitas. Qualquer que seja o valor da literatura portugueza, é incontestavel que nos pequenos povos nenhuma se lhe avantaja em riqueza e variedade. Quando se descobre o Brazil, sómente uma porção da Italia, a França, a Hespanha e Portugal tinham vida literaria. A Inglaterra apenas emerjia para ella, com os predecessores de Shakespeare, que ainda não tinha nacido e cujas primeiras obras são do fim do seculo. A Allemanha, essa, não existia literariamente.

Portugal tem desde um seculo antes uma lingua feita e policiada, e a este respeito o trabalho de Camões será incomparavelmente menor que o do Dante. Estava-se justamente no periodo aureo dessa literatura, que já tinha cronistas como Fernão Lopes, novelistas como Bernardim Ribeiro, historiadores como João de Barros, dramaturgos como Gil Vicente, poetas como os dos cancioneiros e que conta escritores de todo o genero desde o seculo XIV. Sem embargo da rusticidade do povo, Portugal é na época da colonização do Brazil um dos quatro paizes a que podemos chamar intelectuais, da Europa. A identificação do Brazil colonia com a mãi-patria me parece um dos fatos mais expressivos da nossa historia, e essa identificação tornou facil a influencia da vida espiritual portugueza em uma rejião inculta, para della tirar produções que, dados outros sentimentos entre a metropole e a colonia, não seriam de esperar. Não se tendo logo aqui descoberto ouro, e sendo as minas posteriormente descobertas relativamente poucas e pobres, a vida brazileira tomou logo, do Reconcavo até Pernambuco, onde foi primeiro vivida, e depois no Rio de Janeiro e mesmo, — embora menos — em S. Vicente, feição modesta, burgueza, diriamos hoje, mais propria á expressão literaria, ao dezafogo de escrever que a ajitada existencia

aventuroza e aventureira dos colonizadores dos paizes de minas.

Os colejios dos jezuitas, estabelecidos com estudos superiores logo no seculo XVI, e, ao depois e á imitação delles, os conventos das outras ordens relijiozas, infiltrando no organismo ainda meio selvajem da colonia a cultura latina, favoreceram a transmigração para aqui do espirito literario tão forte da metropole.

Cedo, pois, porventura mais cedo que qualquer outra nação americana, e certamente muito mais cedo que, por exemplo, a maior de todas ellas, os Estados Unidos, tivemos uma literatura, a expressão escrita do nosso sentir e pensar coletivo. Certamente essa literatura apenas merece o nome de brazileira como dezignação rejional. Ella é portugueza não só pela lingua, mas pela inspiração, pelo sentimento, pelo espirito. Poderia acazo existir nos seus escritores, como no autor dos *Dialogos das grandezas* ou em Gabriel Soares, um sentimento rejional, o amor do torrão natal, o gosto das suas couzas, mas não havia outro sentimento nacional que não o mesmo sentimento nacional portuguez. Quatro seculos depois ainda eu hezito em atribuir á nossa literatura o qualificativo de brazileira, dando ao vocabulo extensão maior que aquella, pois não sei si é possivel a existencia de uma literatura inteiramente independente, sem uma lingua inteiramente independente tambem. A lingua é o elemento constituinte das literaturas, por isso que ella já é de si mesma a expressão do que ha de mais intimo, de mais individual, de mais caracteristico em um povo. Só têm literatura propria, sua, orijinal, os povos que têm lingua propria. Neste sentido, que me parece o verdadeiro, não ha literatura austriaca ou literatura suissa ou literatura belga, sem embargo de existirem nesses povos, com uma alta cultura, escritores notaveis de todo o genero.

Considero, portanto, a literatura brazileira como um ramo da portugueza, á qual de vez em quando volta pela indefectivel lei do atavismo, como vimos nas imitações dos movimentos literarios portuguezes ou, melhor, na preocupação, hoje quazi geral nos nossos escritores, de escreverem o portuguez com pureza, segundo os modelos classicos da literatura mãi. Esse ramo, no qual se enxertaram outros elementos, se distingue já por algumas caracteristicas proprias do tronco principal, mas não de modo que

á primeira vista se não perceba que é a mesma arvore apenas modificada pela transplantação a outros climas... E' possivel que novos enxertos e a influencia mais prolongada do meio o vão cada vez diferenciando mais, mas emquanto a lingua fôr a mesma, apenas será, como acontece nas familias botanicas, uma variedade da especie.

Uma variedade, porém, póde ser muito interessante, póde ser mesmo, a certos respeitos, mais interessante que o tipo principal, adquirindo no tempo e no espaço qualidades que a sobrelevem áquelle. A literatura, ou pelo menos a poezia brazileira, já no seculo XVIII se mostrou superior á portugueza. Não é absolutamente presunção patriotica — que completamente me falece — julgar que, com o dezenvolvimento do Brazil, a sua provavel futura grandeza politica e economica venha a dar á expressão literaria da sua vida supremacia sobre a de Portugal, cujo papel historico parece esgotado e que tudo faz crer dezaparecerá na união iberica. Si isto aqui não se dezengonçar e desfizerem algumas outras, « patrias, » cada uma com o seu dialeto peculiar, nós seremos, como já profetizava o grande poeta de *Camões* e de *Fr. Luiz de Souza*, os lejitimos herdeiros da sua lingua e da sua literatura. Si tal viesse a acontecer, nos daria uma enorme superioridade moral sobre o Estados Unidos e as nações hispano-americanas, fazendo-nos na America a unica nação de lingua e literatura verdadeiramente nacionais.

Mas esta nossa literatura que, como ramo da portugueza, tem já perto de quatro seculos de existencia, não possue a continuidade perfeita, a coezão, a unidade das grandes literaturas, da mesma portugueza, por exemplo. A razão principal, para explicar o fato em uma palavra, é que ella se referiu sempre, nos seus primeiros periodos, mais a Portugal e depois mais á Europa, á França sobretudo, que ao proprio Brazil. Faltou-lhe sempre o principio da solidariedade, o que mostraria carencia do sentimento nacional. Faltou-lhe sempre comunicabilidade, isto é, os seus escritores, que enormes distancias e a dificuldade extrema das comunicações separavam, ficaram estranhos uns aos outros. E não ás comunicações pessoaes, de valor secundario, me refiro, sinão ás intelectuaes, estabelecidas pelas obras. As diversas influencias que se podem notar em os nossos mais notaveis movimentos literarios são todas exteriores. O que

se chama impropriamente a « escola mineira » no seculo XVII e a pleiade maranhense da metade deste recebem a influencia de Portugal, mas não a transmitem. Como se diz em tatica militar, o contacto jamais se estabelece entre os escritores ou entre o seu pensamento.

Esta falta de contacto continúa ainda hoje, e é maior agora do que foi por exemplo no periodo romantico. Faltou sempre o elemento transmissor, o mediador plastico do pensamento nacional, um povo suficientemente culto para interessar-se por esse pensamento, ou, ao menos, apto a se deixar influenciar por elle. Na constituição de uma literatura o povo tem simultaneamente um papel passivo e ativo : é delle que parte e a elle que volta a inspiração do poeta ou do pensador. Um e outro não se podem abstrair, antes fazem parte integrante delle. Sómente talvez no periodo romantico, de 1835 a 1860, se póde dizer existiu, limitada a uma parte diminuta do paiz, essa condição de comunicabilidade. O sentimento de uma nacionalidade nova cooperava eficazmente para fazer aos escritores um publico simpatico, que instintivamente sentia na sua obra uma expressão dessa nacionalidade. Depois nós aprendemos muito francez, algum inglez e italiano, um nada de allemão e desnacionalizamo-nos intelectualmente. Um sucesso como a da *Moreninha*, de Macedo, é quazi inconcebivel hoje. O sucesso em literatura, como no vestuario, vem de Pariz já feito.

Não me vão tomar por um nacionalista e, menos, por um nativista. Verifico apenas um fato com a indiferença com que o faria no dominio da geolojia. Procuro a explicação de um fenomeno, julgo achal-a e dou-a.

De sorte que, póde-se dizer, sob este aspeto foi o dezenvolvimento da nossa cultura que prejudicou a nossa evolução literaria. Parece um paradoxo, mas é simplesmente uma verdade. Defeituoza e falha, essa cultura foi ainda assim bastante para revelar ao publico ledor a inferioridade dos nossos escritores, não mais contrabalançado este sentimento pelo ardor patriotico do periodo de formação da nacionalidade. É pois a deficiencia da cultura geral dos escritores de todo o genero no Brazil, uma das falhas da nossa literatura. Não fazendo sinão repetir servilmente o estranjeiro, sem nenhuma orijinalidade de pensamento e de fórma, sem idéas proprias, com imensas lacunas de erudição, e não menores deficiencias da instrução comum hoje aos ho-

mens de mediana cultura nos paizes que pretendemos imitar e seguir, nós não podemos competir diante dos nossos leitores com o que elles de lá recebem em primeira mão, oferecendo-lhes um produto similar em segunda.

Com o estudo, com a cultura, com a instrução geral e larga feita em tempo e com tempo, segura e real, falta á nossa literatura, no momento prezente, sinceridade. A decadencia evidente da nossa poezia póde bem ser não tenha outra cauza. Compare-se, por exemplo a poezia dos dez ou mesmo dos quinze ultimos anos, com a do periodo de 50 a 60, dos Gonçalves Dias, dos Casimiros de Abreus, dos Alvares de Azevedos, dos Junqueiras Freires, dos Laurindos Rabellos, e se notará como a sinceridade da emoção que desborda naquella, falta quazi por completo na de hoje. E em toda a nossa obra literaria, ficção, historia, filozofia, critica, é impossivel ao leitor atento não sentir essa falta. Ella proviria, acazo, de uma descorrelação do meio e do escritor, de preocupações não só subjetivas como aquelles poetas as tinham, mas egoistas e interesseiras, de um elemento permanente de bohemia, quando a bohemia é um anacronismo ridiculo, nas nossas letras.

A acrescentar ainda a falta de idéas, a falta de pensamento, que reduziu a nossa poezia a um subjetivismo a que o amor exajerado da fórma tirou a emoção, ultima qualidade que lhe restava, e a nossa ficção a uma cópia da novela franceza, que impede a existencia de uma literatura dramatica, que esteriliza a nossa produção filozofica, historica e critica. Esta falta, porém, é já uma consequencia da de cultura e de estudo, que não fornecem a cerebros já de si, e por varios motivos, naturalmente pobres, os reconstituintes e revigoradores necessarios. E o peior é que, no caminho que vamos, essa mesma cultura, deficientissima e falha, que temos, ameaça extinguir-se em uma preocupação geral e unica e, como quer que seja grosseira, de politica e finanças.

FAGUNDES VARELLA

Luiz Nicolau Fagundes Varella (1841-1875), naceu em Rio Claro, na provincia do Rio de Janeiro. Escreveu: *Nocturnos*, *Pendão auri-verde*, *Vozes da America. Cantos e fantazias*, *Cantos meridionaes* e *Cantos do ermo e da cidade*, *Anchieta ou o Evangelho nas selvas* e *Diario de Lazaro*. *A* caza Garnier editou as sua obras completas em tres volumes.

LUCIO DE MENDONÇA

Lucio de Mendonça Drummond (1854-1909) naceu em Pirahy, no Rio de Janeiro. Formado em direito pela Faculdade de S. Paulo foi promotor publico, inspetor da instrução publica em Minas, procurador de massas falidas do Distrito Federal, diretor da secretaria de Justiça e ministro do Supremo Tribunal Federal.

Poeta, novelista, critico e jurisconsulto. Escreveu poesias: *Nevoas matutinas*, 1871, *Alvoradas*, 1873; *Vergastas* 1889, Murmurios e clamores; *Poesias*, edição definitiva; *O marido da adultera*, romance; *Esboços e perfis*, contos, *Horas do bom tempo*, memorias e fantazias; *O escandalo*, panfleto, 1888-1889: *Lições de politica positiva*, trad. de Lastarria; *Estudos de direito constitucional*: *Do recurso extraordinario*; *Paginas juridicas*; *A caminho*. Redijiu *O Rebate*, *A Republica*, de S. Paulo; *A Republica*, do Rio e colaborou em muitos jornaes e revistas de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro.
Sucedeu-lhe na Academia o dr. Pedro Lessa.

ALICE

Os seus olhos são como os das pombas,
sem falar no que está oculto dentro.
Cantico dos Canticos.

Imajina um sorrizo só de criança,
Todo candura, e junta-lhe a meiguice
De um sorrizo de mãi; e tens ideado
O sorrizo de Alice.

Imajina um olhar — misterio e sonho,
Cheio de luz, de gloria, de doidice...
Com a sedução dos olhos da mãi d'agua;
E tens o olhar de Alice.

Imajina uma grave melodia,
Tão doce como nunca mais se ouvisse,
Como nunca se ouviu na terra ainda ;
E tens a voz de Alice.

Já viste como o cisne fende o lago ?
Como desliza a névoa na planicie ?
Como anda na clareira a pomba rôla ?
É vêr o andar de Alice.

Olha a macia pétala corada
De roza que de todo não abrisse,
O mimo da conchinha nacarada ;
É a boca de Alice.

Se um dia visses no alcantil dos cerros
A imaculada neve que caisse,
Verias, ai de mim ! do que é formado
O coração de Alice.

MUQUITA

Era estudante de medicina ; morava num sobradinho da rua da Mizericordia, a poucos passos da escola, num quartinho pegado ás telhas, mas com uma imensa riqueza — a janela aberta para o morro do Castello, para o ar livre, para o céu cortado de nuvens brancas e de vôos de andorinhas.

Meia-noite ; acabára emfim a fastidioza lição de patolojia, que ali o tivera pregado á meza umas longas quatro horas, desde a volta do café Cascata, onde estivera a fazer o quilo ouvindo ás declamações politicas de um deputado do Norte, palrador e opozicionista. Ia deitar-se a dormir ; mas antes, como costumava, veiu fumar um cigarro para a janela. O ceu estava magnifico, formigante de estrelas ; sentia menos sono que vontade de passeiar, um pouco, ao acazo dos passos, pelas ruas adormecidas, onde algum tranzeunte retardado se perdia á distancia, batendo sonoramente as calçadas com os tacões enerjicos de quem quer mostrar que vae sem medo. Amorteceu a luz do bico de gaz ; tomou o chapéu de feltro, pendente de uma das maçanetas da estante de ferro : verificou os niqueis que restavam no bolso do colete, e deceu a escadaria.

Em vez de seguir para o coração da cidade, para a zona viva e iluminada dos cafés e dos teatros, apeteceu-lhe antes a escura melancolia da ladeira do Castello, e por ali se meteu a subir, a passo lento, com a ponta do cigarro nos beiços. Até chegar á praça, que ha no alto do morro, nenhum acidente o interessou ; lá em cima, porém, logo ao desembocar no largo, atraiu-lhe o olhar a janela aceza de um cazebre, aceza e aberta áquellas deshoras. Baile não era, que nenhum som d'ali partia ; defrontou com a janela e viu que ao centro da saleta, numa meza forrada de branco, com duas velas de cera á cabeceira e uma aos pés, calçados de duraque, estava deitado um cadaver ; tres ou quatro vultos pretos o velavam, sentados em torno ; um d'esses era de mulher e velha.

Familiarizada a vista com a luz d'aquelle interior, distinguiu que o semblante da velha era de expressão simpatica, rezignada e triste ; dos outros, que aos poucos foi discriminando, um era barbado e de oculos, outro adolecente e palido ; havia ainda, e só depois o discerniu, a um angulo sombrio, um vulto de mulher, com a cabeça caida nos braços cruzados sobre as costas da cadeira, e que parecia chorar, pois via-lhe o busto sacudido como por soluços.

Atraido pela curiozidade, acercou-se discretamente, deitando fôra a ponta do cigarro. Teve então uma sorpresa doloroza : o morto, que ali estavam guardando, era seu conhecido, era o porteiro da escola, um pobre diabo a quem os estudantes davam tostões muito pedinchados e que andava sempre a abafar uma tossinha sêca.

— O velho Anselmo! suspirou intimamente o rapaz ; ainda hontem o vi, mais chupado de cara e mais agoniado da tosse, mas sem largar aquella ponta de charuto ruim, que já se lhe tornára atributo inseparavel da mesquinha figura.

Invadiu-o uma grande piedade ; bateu timidamente á porta ; veiu abrir-lh'a a velhinha de bom aspeto.

— Eu sou, disse logo no corredor, o estudante de medicina, e passando e reconhecendo no defunto o nosso porteiro, o pobre senhor Anselmo, pensei em vir oferecer os meus serviços, para o que quizerem, para ajudar a velar si permitem.

Aceitaram-lhe comovidos a obra de mizericordia, e abriram-lhe espaço no sofá vetusto, paralelo á meza do defunto.

A ultima pessoa a falar-lhe foi exatamente a que mais lhe interessava conhecer, pois corria na escola que o porteiro tinha uma filha encantadora.

Era-o, sim : morena, de um moreno palido, com tons de ambar ; olhos amendoados, de uma luz humida e injenua ; talhe esbelto, de uma languidez flexuoza, de gata e de odalisca.

— Minha neta, a Muquita, aprezentou familiarmente a velha que era a mãi do porteiro.

E Muquita ofereceu ao estudante a mãozinha macia e cálida, ainda com uma humidade de lagrimas, que tambem lhe adoçava ainda mais o olhar profundo.

O barbudo d'oculos, que era um quitandeiro da vizinhança, apenas viu instalado o estudante de medicina, pediu dispensa da vijilia : tinha uma filhinha com a coqueluche e já agora não precizavam de sua companhia...

Ficaram, pois, a sós, a rapaz e a rapariga, a velha e o neto, que era o adolecente amarelo, sem falar no defunto.

Ao primeiro cantar dos galos, a avó foi á cozinha fazer café ; o neto não rezistira mais ao belo sono dos dezeseis anos, e dormia caido para um canto do sofá : viu-se o estudante só com a Muquita, em cadeiras proximas, no espaço entre a janela e a cabeceira do morto.

Na excitação da vijilia, a formozura da rapariga tornara-se irrezistivel, e o estudante tinha vinte anos, e o fogo na cozinha custava a acender, e o irmão dormia a bom dormir e o porteiro estava bem morto : quazi instintivamente, o braço do rapaz cinjira a cadeira vizinha e a bela ocupante da cadeira ; a resposta imediata foi o busto deliciozo inclinar-se todo para elle, e tão rendido e abandonado que logo e logo, as cabeças se encostaram, os labios se procuraram como conhecidos velhos, com a avidez de uma sêde que se diria de seculos e era apenas de minutos, e o beijo sofrego e faminto, que uniu as duas bocas, ardia como um fogo intenso e inapagavel.

Não fôra o ruido arrastado das chinelas da avózinha e o tinir das chicaras na bandeja que se aproximava, e não sei de que sacrilejio não seria capaz a mocidade dos dois; com a cumplicidade da hora.

Ah ! quando o rapaz tornou a subir a sua escada, apagou de todo o gaz que o alvor do dia tornára inutil, fechou o compendio de patologia e atirou-se estremunhado á ca-

minha de ferro, tinha ainda, sob o forte sabor do café e do charuto que viera fumando, o sabor mais forte, mais capitozo, que havia de sentir para sempre, como o melhor de sua vida inteira, da boquinha quente e latejante da Muquita.

CORAÇÃO DE CAIPIRA

I

S. Gonçalo da Campanha (1), no sul de Minas, é uma bonita povoação, que seria rizonha e linda se não estivesse como sepultada entre as excavações profundas da mineração que lhe rasgou as entranhas do solo opulento, dando assim aos arredores da freguezia — para quem de lonje a avista — um triste aspeto de montões e ruinas.

Deu-se, o ano passado, nesta freguezia, um facto singular : morreu um pobre homem do povo, camarada e jornaleiro, e a morte delle foi geralmente falada, comentada e até sentida.

O homem chamava-se João Carlos, da familia cabocla dos Sabiás, muito conhecida e estimada no logar como gente toda ella de bem. Delle e destes factos ha ainda aqui viva memoria. Chamava-se simplesmente João Carlos... Esta gente do povo tem o nome pequeno. Talvez por isso consegue, quazi sempre, trazel-o mais tempo limpo que os grandes nomes.

Pois era até bem acreditado, em toda a freguezia e redondeza, o nome do camarada. João Carlos merecia-o : era laboriozo e honrado. — Honrado até ali ! diziam delle. Era o caboclo de mais trato que se conhecia, e não devia *um cobre* (2) que fosse, em qualquer *negocio.*

Tinha a sua cazinha bem asseiada e farta, na varzea a que a gente do logar chama *praia*, e que ao sul da povoação se estende marchetada de arroios espraiados e entresachada de outeirinhos cobertos de vejetação rasteira, e vai morrer, á marjem do Sapucahy.

João Carlos estava ultimamente ao serviço de F., mo-

---

(1) Hoje cidade de S. Gonçalo do Sapucahy ; conservo a denominação do tempo em que se passou o epizodio e ainda da data em que foi escrito o conto.

(2) Expressão local para significar a moeda de dois vintens.

rador de S. Gonçalo, a quem votava uma dedicação céga.

O caboclo era camarada conhecido por fama, de tão forte e leal que era. Havia de ter os seus trinta e cinco anos ; magro, mas reforçado e musculozo, ajil como um veado, fiel e bravo como um cão de fila, tinha uma bela fizsionomia plebéa, rudemente talhada, mas expressiva, alegre e franca.

Era cazado, cazado ha quinze anos, com uma caboclinha da vizinhança, chamada Marcolina.

Entre as mulheres do povo, nenhuma vestia, nem passava melhor que a mulher do João Carlos. Tinha negra que a servia. Tambem era o idolo delle. Não tinham filhos; viviam felizes, e parecia ainda um cazal moço, porque o caboclo é duro de envelhecer.

Não era bonita nem feia a Marcolina; mas tinha certa elegancia natural, e ao domingo, quando se punha tafula com o seu vestido de cassa, requebrava os quadris arredondados com voluptuozo donaire. O olhar era doce e lubrico e a boca sensual e vermelha.

O marido, depois de quinze anos de cazado, morria ainda por ella. Não fazia viajem de que lhe não trouxesse um vestido novo ; e, na auzencia, era um nunca acabar de elojios á mulher, ao seu bom proceder, á felicidade de sua caza.

II

Uma manhan, apareceu João Carlos ao patrão com o aspeto demudado. Amarrotava nervozo o chapéu de pelo de lebre ; pela primeira vez via-se-lhe carregado o rosto, sempre expansivo e alumiado de alegria; deu bons dias com voz surda e estrangulada.

— Que tens tu, João Carlos ? estás hoje com uma cara de defunto e uns olhos de assassino !

O caboclo estremeceu com um calafrio que lhe ajitou todo o corpo, e cravando no amo um olhar soturno, depois de verificar que estavam bem sós :

— É uma historia do *diacho*, patrão ; a Marcolina...

E engasgou-se com este nome, que rujiu mais que articulou.

— Que tem a Marcolina ?

— Enganou-me com outro homem.

F. olhou com espanto e comizeração para elle : estava livido.

— Não vás acreditando logo nessas couzas, João Carlos ; olha que ha tambem muita mentira...

— Eu vi, patrão ! eu mesmo vi bem claro.

O amo de João calou-se, com muita dôr d'alma ; aquelle camarada, que não mentia nunca, era um homem de bem : devia estar ali com o inferno por dentro.

— E agora ? — perguntou-lhe.

O caboclo teve um sorrizo sinistro :

— Agora... o patrão já não me achou com geito de assassino ?

— Isso não, João Carlos ! enxota-a de caza, mas não te ponhas a perder.

— Mais perdido do que estou, patrão! perdido p'ra sempre ! pois não sabe como eu gostava della ?... não via ?... Agora não tenho mais descanço emquanto não *pinchar* no inferno aquella perdida que me sujou a cara !

E uma onda de sangue afogueou-lhe a face cobreada e acendeu-lhe nos olhos um clarão rubro. Estava medonho de vêr-se.

Correu a mão pelo cabelo crespo, e acrescentou, apontando para dentro :

— Ella está aí mesmo em caza do patrão ; entrou correndo pelo portão da horta. Bem sabe que aqui está livre ; mas um dia ella ha de sair !...

F. tentou aplacar a colera selvajem que sublevava o coração do caboclo, assanhado de ira, a pular-lhe no peito como a jararaca no fogo. Embalde ! a sêde de vingança abrazára e devorava aquella alma toda !

João Carlos, com a mão crispada na cintura, rosnava entre dentes :

— Ella ha de sair algum dia !

III

Dias e dias passaram-se, e Marcolina sempre em caza de F.

— Se eu sair daqui, elle me mata ! — dizia a tremer de medo.

Uma vez, em vesperas de uma viajem que F. ia fazer e em que levava João Carlos como camarada, encontrou-se este com a mulher na sala de jantar do patrão.

O caboclo, já naturalmente magro, estava agora que nem

um esqueleto ; os olhos, mais fundos ainda, luziam-lhe, sombrios e irados como tigres nas furnas. Mas um sorrizo — horrivel sorrizo de caveira — arregaçou-lhe os beiços finos ; diligenciava mostrar-se rizonho, e aquelle rizo ainda mais assustava.

— Pois, Marcolina, vamos p'ra caza; tenho de fazer viajem : vae arranjar minha roupa e tomar conta dos nossos cacos.

A mulher estremeceu horrorizada, como se já lhe sentisse as garras no pescoço ; e refujiou-se num canto da caza, para onde estava a familia de F.

—Porque não vai com seu marido ?—perguntou-lhe este.

— O que elle quer, eu bem sei, gaguejou a cabocla. Não me enxote daqui, meu amo !

Marcolina ficou onde estava, e F. e João Carlos sairam em viajem. Iam lonje ; durava uns tres mezes a auzencia.

Viajavam pela provincia de S. Paulo. Uma madrugada, ia F. adeante conversando com outro camarada, primo do João Carlos, o João Ferreira, outro honrado caboclo que ainda hoje vive e é o camarada de mais confiança de toda esta redondeza.

João Carlos, mais atraz, acompanhava os cargueiros, com a cabeça baixa, como, depois da sua desgraça, andava sempre.

— Patrão, o João Carlos não está muito certo da cabeça ; pois o homem não dorme ! passa toda a santa noite fumando ao pé do fogo, ou então correndo no campo que nem um cão damanado. Aind'homtem, acordei lá por essa noite velha, e *escuitei* um chôro soluçado que metia dó. Era o João Carlos, sentado ao pé do fogo, com o queixo fincado nas mãos. Não me sofreu a paciencia ver um caboclo chorando. — Que diabo é agora isso, João ? — perguntei decidido. O homem levantou a cara p'ra meu lado, e olhe, patrão que estive *quazi não quazi* chorando eu tambem : não! que nunca vi uma amargura mais triste. — Que é isso, homem ? — tornei a perguntar com fala mais mansa, p'ra consolar o coitado. O João Carlos levantou-se e saiu p'ra o campo, rosnando assim como quem está com pena e com raiva : — Saudade daquelle *diacho !*

Mais tarde, conversou F. com o desgraçado caboclo ; procurou dissuadil-o de idéias de vingança, aconselhou-lhe a separação e o desprezo, disse que já tinha passado muito es-

paço de tempo, e ninguem sabia da vergonha. João Carlos a principio quiz iludil-o, finjindo uma rezignação que todo o seu ar estava desmentindo ; por fim, confessou que ou havia de matar a mulher, ou morria elle de dôr.

— João Carlos, tu me has de prometer, tu has de dar palavra que não matas a Marcolina.

— Pois dou minha palavra, patrão, p'ra lhe fazer a vontade ; mas eu então é quem vou p'ra cova.

Uma semana depois, estavam de volta em S. Gonçalo.

IV

No dia da chegada, depois de jantar, tendo levado os animaes ao pasto e arrumado os arreios, João Carlos dirijiu-se ao amo. Vinha profundamente triste o camarada.

— Patrão, eu quero fazer minha conta ; nunca pensei que havia de deixar seu serviço... mas tambem lhe prometo que não hei de ter outro patrão !

— Que é isso então, João Carlos ? ! falta-te alguma couza ? estás descontente comigo ?

— Com o patrão, não é bem ; é com sua caza de *vancê* que está apadrinhando aquelle *diacho* que eu não posso enxergar deante dos olhos.

— Está aí só por tua cauza, João. Se não queres mais vêl-a, e se estás certo de cumprir o que me prometeste, manda-se a Marcolina embora.

— Pois então fico, patrão, e fico abrigado ainda, que eu saía daqui agoniado.

— E não has de procurar matar a Marcolina ?

— Eu já dei palavra de homem ao patrão ; o patrão não me conhece ?

No mesmo dia, foi Marcolina despedida da caza ; temia-se tanto do marido que não saiu emquanto não se lhe deu quem a acompanhasse até á caza de uns parentes que tinha, do outro lado do Sapucahy. O companheiro foi João Ferreira.

No caminho, a mulher de João Carlos voltou-se para o o camarada, com as lagrimas nos olhos :

— *Seu* João Ferreira, tenha pena de mim, meu parente ! peça ao João Carlos que me perdôe !

João Ferreira nem parou, nem olhou para ella :

— Vá andando, mulher ; não me aborreça.

V

João Carlos continuou como camarada de F., que estava então levantando uma caza nova ; o caboclo trabalhava na obra. Um dia faltou ao serviço : era a primeira vez que faltava ; no dia seguinte, chegou mais tarde, e veiu logo ter com o amo :

— Patrão, não vim hontem, porque apertou-me uma canceira, que já de uns tempos para cá ando sentindo. Hoje estou melhor, mas não estou bom. Não sei que *diacho* de couza é esta.

— Não trabalhes hoje, João Carlos, ; vai-te mostrar ao doutor Arthur.

Nessa mesma tarde, o doutor Arthur, o medico, dizia a F. :

— O teu camarada João Carlos está perdido ; está sofrendo do coração, mas sofrendo horrivelmente ; já não tem cura ; não vive um mez.

Efetivamente, ia morrendo, a olhos vistos, aquelle homem robusto, que nunca antes adoecêra ; já não saía de caza ; o patrão ia lá vel-o. Uma noite, já tarde, João Carlos mandou chamal-o. Achou-o tão mal que dificilmente falava :

— Mandei chamal-o, meu amo, porque acho que não amanheço. E estou devendo ao patrão, ao medico e á botica.

— A mim não deves nada. Trata de ficar bom, para ganhares mais. Quanto ao medico e botica, fica socegado : se não puderes, eu pago.

— Obrigado, patrão ; agora morro aliviado deste pezo, que me estava matando mais depressa. Mas, meu amo, isso não fica só assim na sua bondade ; louvado seja Deus, ainda tenho um restinho : esta cazinha *a tôa*, com um capado no chiqueiro, umas *criações* aí no quintal, e duas eguas no potreiro da serra. O patrão, tenha paciencia, ha de vender isso p'ra pagamento.

— Deixa-te de idéas, João Carlos ; tu és forte, estás logo bom, e ainda has de viajar e ganhar muito comigo. Olha, nestes dois mezes, temos viajem para Camandocaia...

— Camandocaia ! suspirou o caboclo ; não torno a vêr essa terra. Dê-lhe lembranças, patrão ! Se eu me tivesse cazado lá com a filha do mano Antonio, estava livre disto !

Daí, podia não estar ; aquella era uma caipira de bem... mas isto de mulheres, — perdôe, meu amo, — não ha que fiar. O patrão quer consolar seu camarada ; mas elle não é nenhuma criança, e sabe que está com o pé na cova. Era só o que eu queria pedir ; agora, patrão, muito obrigado !

E quiz beijar a mão que F. apoiára á cabeceira do catre ; não lh'o consentiu o amigo, que o era mais que amo ; e, com a idéia de o tranquilizar, perguntou-lhe se não queria confessar-se, que era bom para limpal-o daquella aflição que o consumia e não o deixava sarar.

O caboclo recuzou com um gesto dezabrido :

— Muito obrigado, mas dispenso. Deus bem sabe o que eu sinto, e não é precizo que ninguem mais conheça a minha vergonha. Quanto mais essa casta de gente que manda perdoar tudo, como se uma pessoa não tivesse brio ! Eu não matei porque dei minha palavra ao patrão ; mas perdoar, Deus lá que perdoe, que é Deus.

Era um homem, o caboclo !

VI

João Carlos viveu ainda alguns dias. Uma madrugada, ouviu soluçar aos pés da cama ; olhou.

Era Marcolina. Acendeu o olhar para ella, e logo o desviou enojado.

— Me perdôe, João Carlos ! me perdôe pelo amor de Deus ! gemia a mizeravel.

O caboclo relanceou um olhar terrivel para a sua faca do mato, pendurada á parede :

— Vae-te embora, *diacho !* não me tentes !

A mulher fujiu espavorida.

Essa noite — haviam de ser oito horas — a negra enfermeira de João Carlos veiu-lhe com um recado : a Marcolina tinha chorado todo o dia, e pedia por tudo ao marido que a deixasse entrar para que elle a perdoasse, para que ao menos olhasse ainda uma vez para ella como no outro tempo olhava — sem aquella gana de a matar.

João Carlos revolveu-se na cama como uma cobra entre chamas ; levantou a custo meio corpo e tornou a cair, subito e rijo, fitando na negra os olhos já vidrados :

— Diga a essa cadela que eu estou morto.

E, como se aquella boca não devesse mentir nunca, morreu com isto.

PEDRO LESSA

O douter PEDRO LESSA, que occupa actualmente na Académia a cadeira vaga pela morte de Lucio de Mendonça, é natural de S. Paulo. Literator jurisconsulto, lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, éhoje um dos Ministros do Supremo Tribunal. Tem sido grande a sua actividade de publicista e jurisconsulto. As pajinas, adiante extractadas, fazem parte dos seus : *Estudos de Philosophia do Direito* (1912).

A DOUTRINA DE IHERING

Como quasi todos os autores de theorias juridicas, Ihering apoia a sua doutrina em um principio fundamental de ordem philosophica. Na *Evolução do Direito*, que mais propriamente se denominaria *O Fim do Direito* (*Zweck im Recht*), o ponto de partida é *a lei da finalidade*.

No universo nada existe sem uma *razão sufficiente* para existir, nenhum phenomeno se produz sem uma *razão sufficiente* para se produzir. Elimine-se pela abstracção o principio da *razão sufficiente*, e a existencia dos seres e a realisação dos factos se tornarão inintelligiveis para o homem. Esse principio, de que tanto cabedal fazia Leibnitz, manifesta-se no mundo physico sob a forma de *lei da causalidade*, e no mundo psychico sob a de *lei da finalidade*. Toda transformação da natureza inanimada é a resultante necessaria de uma modificação anterior ; dá-se um phenomeno, PORQUE se deu um outro : a pedra cae, *porque* lhe foi tirado o sustentaculo ; a planta morre, *porque* o calor attingiu um grau insupportavel para a vida vegetal. No dominio da vontade tambem não concebemos uma modificação, isto é, uma resolução ou volição, sem a sua *razão sufficiente*. Mas, aqui o principio da razão sufficiente reveste a forma de *lei da finalidade :* o homen não se determina, não age, *porque*, mas — *afim de*, para conseguir um desejado effeito. Todos os nossos actos voluntarios são dirigidos para determinados escopos. Em poucas palavras : todo phenomeno physico tem uma *causa ;* toda resolução, ou toda acção humana, tem um *fim*.

No mundo material, o ser em que se realisa a modificação, permanece em estado passivo. No mundo moral, o ser

que é impellido por um *fim*, entra em actividade. O metal que se oxyda, conserva-se inerte. O espirito que se resolve, actúa.

A *causa* está no passado ; o *fim* está no futuro : um phenomeno physico tem por causa um phenomeno anterior ; uma volição têm por causa um phenomeno ulterior, o resultado collimado.

Já nos proprios animaes a psychologia comparada nos mostra a vontade movida pelo *fim*. O cão bebe para o *fim de* estancar a sêde. Não se confunde esse facto com o da esponja que se embebe, mas não determinada por um movel, nem dirigida para um *fim*, que contribúa como motivo para a producção do phenomeno.

O *fim* — eis a alavanca que move a vontade do homem. Concebemos um estado futuro possivel, mais agradavel que o estado presente. Essa concepção nos leva a agir ; é um projecto de acção offerecido á vontade pela intelligencia e pelo desejo. A acção que praticamos constitue o *meio* para alcançar o *fim*, que é o estado futuro mais agradavel que o presente.

A vontade do homem resolve-se, age, sob a pressão do *interesse*. Idéias, abstractas, principios e conceitos da razão, deducções logicas, não têm o poder de impulsionar a vontade. Pretender, por exemplo, que o imperativo categorico de Kant seja sufficiente para pôr em movimento a vontade, equivale a suppôr que se possa fazer andar um carro de mercadorias por meio de uma prelecção sobre a theoria do movimento.

A vontade dirigida exclusivamente para o *eu* denomina-se *egoismo*. Será compativel com o egoismo a vida social ? E', porquanto a sociedade, a propria humanidade se utilisa dos serviços prestados pelo egoismo, e paga-lhe os salarios por elle pedidos ; interessa o egoismo na realisação dos seus fins, e por esse modo adquire o concurso desse motor da nossa vontade. A cada momento praticamos actos que, sendo-nos uteis, aproveitam igualmente aos nossos similhantes. Em um contrato de compra e venda, por exemplo, o interesse de ambas as partes se satisfaz ; pois, a uma convem a moéda, preço do contrato, e á outra a coisa, objecto do contrato.

Teremos, além do interese, mais um ou alguns motivos propulsores da vontade do homem ? Aqui se nos depara

uma das variações, para não dizermos palpaveis contradicções, que emfluctúa o pensamento de Ihering, é que seus criticos com indiscutiveis fundamentos apontam na obra philosophica do illustre mestre. A principio, affirma Ihering que, ao lado do egoismo, ha um outro motor da vontade, denominado — *a abnegação, o desinteresse, o espirito de sacrificio, o amor, o devotamento, a compaixão, a benevolencia, expressões todas synonimas.* O individuo tem o sentimento da *destinação moral de sua existencia,* reconhece que é *solidario* com toda a humanidade. Afinal, confessa que o egoismo é o factor fundamental do nosso dynamismo psychico, o motivo ao qual todos os outros se reduzem. Na pratica dos actos que parecem de mais pura abnegação, de mais elevado heroismo, a analyse descobre o interesse individual.

A propria natureza serve-se do egoismo, do interesse pessoal, para fazer o homem obedecer ás suas leis : a conservação e a propagação da especie dependem de actos, para cuja realisação o prazer é um estimulo, e para cuja eliminação a dôr é um movel.

A engrenagem dos interesses individuaes, o entrozamento dos egoismos, é a base da cooperação social. O Estado, a sociedade, as relações, os negocios, toda a vida humana repousa nesta formula : ligar cada um seu proprio fim, ou interesse, ao interesse, ou fins dos outros.

Interesse, motivo pratico, fim, são termos synonymos na linguagem de Ihering.

Todos os *fins* da existencia humana, o que quer dizer — todos os interesses que podem impellir a nossa vontade, se dividem em duas grandes classes : os do individuo e os da communhão, os *fins egoisticos e os fins sociaes.*

Os fins egoisticos podem ser de uma das tres ordens : physica, economica, juridica. O homem existe para si mesmo ; o primeiro fim proposto á vontade humana é *a conservação de sua existencia.* A isso chama Ihering « *a affirmação physica de si* ». Ao contrario do que se dá com os animaes, que só se occupam com o presente e não têm a intuição do futuro, o homem pensa no dia seguinte, preoccupa-se com as condições de vida no porvir. A inquietação pelo futuro é a origem pratica do *patrimonio,* que constitue o meio de assegurar o bem estar material e as satisfacções intellectuaes, moraes e estheticas, pela continuação da existencia.

Na formação do patrimonio temos « *a affirmação economica de si* ». A efficacia do patrimonio jaz na obrigação, a todos imposta, de respeital-o, de não impedir que o individuo accumule os bens materiaes além do necessario para satisfazer suas necessidades actuaes ; e o reconhecimento dessa obrigação *é* « *a affirmação juridica de si* ». O primeiro fim pratico que move a nossa vontade é a conservação da vida, a qual dá origem ao patrimonio, porquanto sem patrimonio não temos o futuro assegurado. A conservação da vida e o patrimonio conduzem ambos ao direito, porquanto sem direito não temos a vida nem o patrimonio garantido. O direito protege os dois interesses — a vida e o patrimonio, dando a cada individuo a faculdade, ou poder, legal, que se chama direito subjectivo. O reconhecimento de um direito subjectivo quer dizer que *existe alguma coisa para nós*, que o Estado garante a posse, o uso, ou o gozo dessa coisa. As *coisas que existem para nós* são divisiveis em quatro especies : 1ª nós mesmos : o homem tem direito sobre os seus attributos e faculdades, sobre o conjuncto de seus elementos physicos e psychicos ; tem o direito de porsonalidade ; 2ª as coisas materiaes, de que nos apropriamos ; 3ª os nossos similhantes, quer nas relações de familia, quer nas prestações isoladas, oriundas do direito das obrigações ; 4ª o Estado ; o homem tem o direito de cidadão ; a qualidade de cidadão lhe confere certas faculdades, cujo objecto é o Estado.

Ao direito corresponde o dever juridico. Ter um direito é ter um poder sobre alguma coisa das quatro especies mencionadas, equivale a saber que *alguma coisa existe para nós*. Estar adstricto a um dever juridico é exactamente o contrario ; pois, o sujeito da obrigação *existe para outrem*, muito embora esteja subordinado ao titular do direito parcialmente, e não integralmente, o que seria a escravidão.

O direito objectivo tem seu assento em tres aphorismos fundamentaes, sendo os dois primeiros concernentes aos direitos, e o ultimo ás obrigações : 1º — eu existo para mim ; 2º — o mundo existe para mim ; 3º — eu existo para os meus similhantes.

A esses tres principios Ihering chama as pedras angulares de toda a ordem juridica e moral : porquanto, todas as normas que regulam as relações dos individuos e dos povos decorrem dessas tres affirmações fundamentaes.

Se cada homem existe para seus similhantes, a sociedade é um facto natural. Na sociedade todas as partes componentes do todo se movem em uma acção commum, para o mesmo escopo. Entretanto, a força que imprime o movimento ás diversas rodas da engrenagem social é a vontade do homem, o que quer dizer — as vontades diversas de milhares de individuos, a lucta de interesses oppostos, o antagonismo das aspirações, o embate das tendencias mais desencontradas. Como se explica a disciplina, a harmonia, a unidade da vida social ? Ha um conjuncto de moveis e energias que realisam esse accordo, e que Ihering denomina *a mecanica social.* Póde dar-se accidentalmente uma perturbação no funccionamento dos motores de coordenação social ; mas, tal é a resistencia da força vital da sociedade, que a desordem se repara logo, a anarchia cede sempre á pressão das forças unificadoras, por meio das quaes a *mecanica social* coage a vontade dos homens.

Os *motores da mecanica social* são quatro : dois baseados no egoismo — *o salario e a coacção ;* e dois superiores, de ordem moral, — *o sentimento do dever e o amôr.* Na theoria do direito, Ihering só se occupa dos dois motores egoisticos. E' depois, na segunda parte da sua doutrina, quando — invertendo a ordem logica adoptada geralmente pelos fundadores de systemas philosophico — juridicos — trata da theoria da moral, que Ihering appella para os dois factores ethicos, o amôr e o sentimento do dever, dos quaes podemos prescindir, visto como o conteúdo, ou, melhor, a base do direito, é o *interesse,* o *egoismo,* o *fim pratico.*

Estudemos pois, sómente estas *duas alavancas da mecanica social — o salario e a coacção.*

Sem salario não ha relações possiveis, não se concebe a vida em sociedade. O salario constitúe o meio pelo qual se assegura a satisfação de todas as necessidades do homem. A natureza fez o homem de tal modo, que o sujeitou perpetuamente ás duas leis fundamentaes, já conhecidas : cada homem existe para a sociedade, ou, mais propriamente, para a humanidade ; a sociedade, ou a humanidade, existe para cada homem. Para satisfazermos as nossas necessidades, precisamos dos nossos semilhantes. Quanto maior o numero das necessidades sentidas pelo individuo, e incessantemente augmentadas pela civilisação, maior a dependencia em que se acha elle em face de seus similhantes.

Sndo assim, o homem seria a mais miseravel das creaturas; se a satisfação de suas necessidades estivesse confiada ao acaso, se não pudesse contar, com segurança, com o auxilio e o concurso dos outros homens. Esse concurso é garantido pelo *salario*; pela recompensa pecuniaria, movel bastante poderoso para manter na sociedade as reciprocas prestações de serviços e de coisas, o *commercio juridico*, como diz Ihering. A *benevolencia, a sympathia*, não basta; não garante a satisfação de todas as nossas necessidades. A prova disso é que em épocasremotas se conseguia gratuitamente o que hoje só obtemos pelo dinheiro. O progresso tem consistido exactamente em passar dos serviços gratuitamente prestados para os remunerados pelo salario. O homem que pede e recebe serviços gratuitos,que appella para a benevolencia de seus semilhantes, perde a independencia, humilha-se, e reduz-se ao papel de um miseravel mendigo. O que paga aquillo que recebe, conserva a sua dignidade, e obtem muito mais, facil e commodamente as coisas e serviços de que precisa. O egoismo tem o maior interesse em se pôr á disposição de cada um, em todos os tempos, e na mais larga escála possivel. No dinheiro estão a nossa independencia economica e a nossaindependencia moral. E' necessario á manutenção da vida social que tudo aquillo que cada individuo presta, tenha como contra-prestação *salario*, ou um *equivalente*.

Deve o Estado intervir pela coacção para o fim de fazer prevalecer em todas as relações sociaes o regimen do salario, ou do equivalente das prestações contratuaes ? Pertencem ao dominio da justiça, ou da lei, os contratos pelos quaes os homens obtêm os meios de satisfazer suas necessidades ? A justiça tem por missão assegurar a existencia de todos, *e o que convem a todos*. O interesse da sociedade está em que domine o principio do *equivalente* nas relações da vida social. Entretanto, dahi não se segue que seja sempre justificavel a intervenção da lei para obrigar os homens á realisação dos contratos, visto como o egcismo, o interesse individual, têm bastante forçapara mover, como uma das alavancas da *mecanica social* que é, a vontade dos individuos no sentido de se realisarem as permutas, directas e indirectas (ou por meio do numerario), sem as quaes não podemos satisfazer as nossas necessidades. Não é preciso que uma lei fixe o preço do trabalho do artifice, dofabri-

cante, ou do negociante, por exemplo. A medida fornecida pelo egoismo é o melhor criterio da conveniencia nos contratos. A concurrencia, a liberdade contratual, corrige, em geral, as pretenções exaggeradas do interesse individual. Sómente em circumstancias especiaes deve admittir-se a intervenção da lei. Pertencem ao numero das leis destinadas a evitar os abusos e extorsões do egoismo as que comminam penas á usura. Admittindo essa intervenção excepcional do legislador nas relações contratuaes, Ihering tem o cuidado de observar que de nenhum modo está em contradicção com a sua *opinião fundamental* consistente em affirmar que a vida social se baseia na satisfação egoistica das necessidades humanas, que o interesse individual basta — como motor da vontade — nas relações contratuaes. Nem absolutamente conviria, accrescenta, a substituição do egoismo pela coacção do Estado, porquanto o trabalho desempenhado com o fito da recompensa pecuniaria produz muito mais e muito melhor que o trabalho obrigado, ou imposto pela coacção.

O dinheiro não é a unica forma do salario. Ha um *salario ideal*, recompensa dada pela sociedade como incentivo para a pratica dos actos uteis á communhão. Devemos lastimar que actualmente a sancção juridica esteja quasi exclusivamente reduzida ás penas. Em Roma não era assim : havia normas fixas sobre a concessão das honras do triumpho ou da ovação aos generaes victoriosos, ou das ordens militares — a *corona muralis*, *civica*, *castrensis*, *navalis*, aos soldados que na guerra se haviam distinguido por feitos de valor.

Cumpre notar que, ao lado do contrato de permuta, temos uma *outra forma fundamental do commercio juridico* : a associação. A associação tambem assenta no egoismo, tem como força creadora o interesse pessoal, e constitúe um segundo meio de satisfacção das necessidades humanas. A differença que ha entre o contrato de permuta e a associação reside no facto de serem divergentes os fins dos contratantes no contrato de permuta, e identico, ou igual, o fim dos socios na sociedade. Certos *fins praticos* não podem ser alcançados pelos esforços individuaes ; exigem imperiosamente o concurso de um determinado numero de pessôas.

Tanto no contrato de permuta, directa ou indirecta (pelo instrumento da moeda), como na associação, a col-

lectividade se serve do movel do egoismo para satisfazer as necessidades sociaes. O apparelho utilisado pela sociedade forma-se, e. desenvolve-se, sob a influencia desta força motriz : a finalidade, ou o fim pratico.

O *commercio juridico*, que, como acabamos de vêr, se realisa pelos contratos em que ha prestações de serviços ou de coisas, e pelas associações, ainda encerra a efficacia de produzir a independencia do individuo, a igualdade das pessôas e a ideia de justiça. O homen independente não é o que tem o menor numero possivel de necessidades que satisfazer, mas o que possúe os meios de satisfazer suas necessidades. Esses meios nos são assegurados pelo commercio juridico. A continua expansão das transacções mercantis vae progressivamente augmentando a independencia do individuo. Graças á actividade e á liberdade, interna e externa, ou internacional, do commercio do nosso tempo, o pobre hoje tem maior numero de homens a seu serviço, e em todos os cantos da terra, do que poderia ter Creso, ainda quando esvaziasse os seus cofres. O commercio juridico é tambem um factor de igualdade : pois, só conhece um poder, o *dinheiro*. Não distingue entre o grão senhor e o proletario, o homem celebre e o obscuro, o nacional e o estrangeiro. Por isso, Ihering chama ao dinheiro *o verdadeiro apostolo da igualdade*. A ideia de justiça ainda nos é dada pelo commercio juridico : a justiça representa o equilibrio imposto pelo interesse da sociedade entre um facto e suas consequencias para a agente, isto é, entre o facto culposo e a pena, entre o facto louvavel e a recompensa. Cada contratante recebe o equivalente do que dá, e consequentemente o commercio juridico realisa a ideia de justiça do modo mais perfeito. Na fixação da pena ha sempre um certo arbitrio. A fixação do équivalente pelo contrario, é o resultado de uma apreciação cuidadosamente feita pelos interessados.

A *coacção*, conforme já vimos, é o segundo motor da ordem social.

Em um sentido geral, a *coacção* consiste na realisação de um fim por meio da sujeição a uma vontade estranha, e suppõe consequentemente uma vontade activa — a do que coage, e uma vontade passiva — a do que é coagido. Não se deve confundir a coacção psychologica com a mecanica. Esta ultima se verifica, quando a resistencia opposta pela

vontade é dominada por uma pressão material, mais poderosa, caso em que o agente é a pessoa que coage, e não a coagida. Na coação psychologica, pelo contrario, o agente é o que soffre a pressão, sem deixar de agir voluntariamente. A coaçcão psychologica é um motivo que impelle a vontade, e não um facto externo que elimine a vontade.

Sem a coacção não ha sociedade. Nas idades, mais remotas, como em os povos mais atrasados actualmente, o mais forte da collectividade é quem, impellido pelo seu interesse, coage os consociados à pratica dos actos que lhe apraz ordenar. Nesse periodo da vida social, o egoismo dos fortes esmaga os fracos. Mas, pouco a pouco se vae esclarecendo e orientando o proprio egoismo. Em vez de matar o vencido, o vencedor, guiado pelo seu interesse bem comprehendido, faz delle um escravo. O escravo se resgata, ainda no interesse do senhor, ou paga um tributo ao chefe, e incorpora-se á classe dos homens livres. Essas transições são determinadas pela evolução, pelo progresso, do egoismo. Sempre o *fim pratico* a dirigir o homem ; sempre a lei da finalidade a dominar a vontade.

Esse dominio primitivo da força era ncessario. Se a força não tivesse esmagado as resistencias da vontade individual, se não tivesse habituado o homem á disciplina e á obediencia, como se teria podido fundar o imperio do direito ? Os tyrannos, os mais perversos despotas, têm feito tanto em favor do direito, como os, mais sabios e brandos legisladores. Era indispensavel o concurso de uns e de outros, para se formar o direito de que hoje gozamos. Se não tivessem sido precedidos dos dominadores voluntariosos, os organisadores da norma juridica nada teriam conseguido. Os povos antigos tiveram uma intuição dessa verdade : para èlles a força não tinha o caracter monstruoso que tem para nós. Sujeitavam-se á violencia dos seus chefes, ás maiores atrocidades dos governantes, sem que manifestassem a mais ligeira revolta do sentimento do direito e da fraternidade humana. E' que nas crueldades, mais hediondas viam apenas a acção das forças naturaes. Não têm razão, continúa Ihering, os que censuram á Providencia o ter abandonado o homem nesses primeiros passos da vida : o que entao se deu, era necessario ; sem esse dominio da força bruta teria sido impossivel a formação do direito.

No dominio do dreito a força hoje desempenha outro

papel. De creadora do direito se transformou em serva do direito organisado. O egoismo, ou o interesse, regulamentado, subordinado a normas, é protegido pela força. Na legitima defesa se nos depara á primeira applicaçao da força, de que necessita o *fim* da existencia humana. Ameaçado em sua vida, ou em seu corpo, o homem repelle a força pela força. A defeza do individuo não se restringe á sua personalidade ; abrange tambem o seu patrimonio. Defenderse, no sentido amplo da expressão, quer dizer — defender-se a si e os seus bens. No seio da familia e nos contratos, o sujeito do direito trava relações com outra pessôa, relações que são permanentes no primeiro caso, e passageiras no segundo. Apparece, então, a necessidade de meios de defeza, mais amplos. A natureza incumbiu-se de desenhar os lineamentos fundamentaes da primeira instituição : em face da mulher, a força physica do marido e o trabalho mais pesado que está a seu cargo, asseguram-lhe a preponderancia. Diante dos filhos, a propria fraqueza e dependencia em que estes se acham nos primeiros annos, mantêm ao pae a autoridade e a força de que precisa, para dirigil-os. A natureza, diz Ihering, não quiz que o homem entrasse na sociedade civil, sem primeiro habituar-se à subordinação na vida de familia.

No que toca aos contratos, que se formam, já mostrámos, em virtude da alavanca da recompensa, ou *salario*, a coacção nao se faz necessaria á protecção de todos. Assim que a compra e venda e a troca, operações que se realisam em um só momento, dispensam a protecção da força. Poder-se-ia objectar que o comprador deve ser defendido — como possuidor da coisa comprada, e o vendedor — como possuidor do preço ; mas, para isso basta a protecção do patrimonio, de que já nos occupámos. A protecção especial dos contratos apparece, quando se trata das convenções que implicam necessariamente o adiamento da prestaçao, a ideia de praso, isto é, uma promessa. A funcçao pratica da promessa não se realisaria, se lhe faltásse a força obrigatoria. A vontade do devedor se vincula, porque sem esse vinculo não seria attingido o *fim pratico*, o interesse reciproco, que os contratantes têm em mente, quando celebram o contrato.

A coacção, ou a força de que dispõe o direito, é, pois, necessaria para defender a existencia do homem, o patrimo-

nio, a familia e os contratos. Mas, de que serviria a coacção ao titular de um direito, isto é, ao que defende um desses interesses, se o seu adversario tambem pudesse empregar a força ? Para organisar a coacção na sociedade, cumpre *pôr a preponderancia da força do lado do direito.* E' facil, nota Ihering, ladear a difficuldade desta questão, dizendo que o Estado já realisou a tarefa, e que nada, mais ha que fazer nesse sentido. Porque já conseguiu o Estado alliar a força ao direito ? A explicação está em que o *interesse geral prevalece sobre os interesses particulares do individuo.* Quando os interesses da communhão estão ameaçados, todos os cidadãos entram em combate ; quando se trata de um interesse particular, só o individuo se agita.

Desde que a sociedade tem, disciplinada, regulamentada, a força necessaria para exercitar a coacção, surge o Estado. O Estado, pois, é a propria sociedade a usar do seu poder de coacção ; é *a organisação da coacção social.* Quem diz — Estado diz — força social disciplinada. *O conjuncto das normas que formam essa disciplina, é o direito.* Qual o conteúdo, ou a materia, dessas normas, é o que depois veremos. Por emquanto, basta sabermos que a organisação da coacção social presuppõe o estabelecimento do mecanismo exterior da força, isto é, o poder publico, e o conjuncto das normas que lhe regulam o funccionamento, isto é, o direito.

Temos verificado até aqui dois elementos no direito : a *norma* e a *coacção*, meio de garantir a observancia da norma. O direito está todo encerrado nos estatutos sociaes, sanccionados pela coacção publica. Só as prescripções garantidas pela força do Estado constituem normas juridicas. *O Estado é a unica fonte do direito.*

Poder-se-á objectar, como já se tem feito, que a coacção organisada não elemento especial do direito ; porquanto, o direito internacional, e aquella parte do direito publico interno que nas monarchias determina os poderes e obrigações dos monarchas, não têm sancção organisada, o que não impede a *linguagem universal* de com razão denominar normas juridicas as duas especies de regras alludidas. Na verdade, ha uma coacção que assegura dentro de certos limites a observancia das duas ordens de preceitos : para os do direito das gentes temos a guerra, e para os do direito publico interno — a revolução. A revolução e a guerra desempenham no direito internacional e no direito publi-

co o mesmo papel que a lucta physica já teve na formação do direito privado. O direito das gentes ainda está na phase por que, hamuitos seculos, passou o direito privado.

A *norma* é o *lado interno* do direito ; a coacção o *lado externo*. *Norma* quer dizer — *regra segundo a qual o homem deve dirigir sua conducta*. Não se confunde a norma com a maxima. A maxima indica o modo como devemos proceder, em se tratando de actos que praticamos livremente. A norma, pelo contrario, *impõe* á vontade de outrem a direcção que cumpre seguir. Toda norma é um *imperativo*, e o imperativo só se comprehende, quando alguem tem o poder de impôr sua vontade a outrem. O imperativo suppôe sempre duas vontades.

A ordem moral do mundo é mantida por tres especies de imperativos : os do direito, os da moral e os dos bons costumes. Todas essas normas são estabelecidas no interesse social. As regras do direito são realisadas pelo Estado ; as da moral e dos bons costumes pela sociedade.

O fim pratico da justiça é a *igualdade*. A justiça MATERIAL estabelece a igualdade INTERNA, que quer dizer — a justa proporção entre os merecimentos e a recompensa, entre a culpa e a pena. A justiça FORMAI assegura a igualdade EXTERNA, que quer dizer — a applicação uniforme, a todos os casos, da norma promulgada. Ao legislador compete realisar a justiça interna. Ao juiz — applicar a justiça externa.

Mas, o fim da justiça será realmente a *igualdade ?* Terá o direito por missão estabelecer a igualdade entre os homens ? Que vale a igualdade, quando é certo que podemos ser todos iguaes na miseria ? Não parece até que o fundamento da igualdade está na malevolencia e na inveja, os mais vergonhosos refolhos do coração humano ? Queremos a igualdade entre os homens, porque é ella a condição do *bem* da sociedade. Sem a igualdade não ha paz social. Não são unicamente os individuos collocados em posições sociaes inferiores os que soffrem com as desigualdades sanccionadas pelo direito. A lucta dos que soffrem contra as classes privilegiadas abala todo o organismo social, e é prenhe de consequencias funestas para todos os membros componentes do todo. Não ha um imperativo categorico *a priori*, que imponha a igualdade a todas as relações humanas. E' o *interesse pratico da existencia e da prosperidade da sociedade* que

a subordina ao principio da igualdade. Se a experiencia algum dia demonstrar que a sociedade tem interesse em adoptar um systema de desigualdade juridica, a desigualdade será necessariamente estabe lecida. Deve-se attendes á utilidade social, e não ao que convem ao individuo. Se tivessemos em conta o interesse do individuo, chegariamor á consequencia absurda de uma igualdade *exterior, mecanica*, na qual se nivelariam grandes e pequenos; ricos e pobres adultos e infantes, homens sensatos e loucos. Applicando-se um tratamento igual a seres desiguaes, o resultado seria a mais flagrante das des igualdades. Nenhuma sociedade resistiria a tal regimen. Assim, a igualdade que o direito reconhece e garante, é *relativa*, e consiste *na proporção entre a culpa e a pena, entre a capacidade, ou os meritos, e o salario, ou a recompensa*. Eis a base da verdadeira justiça. Injusta é, por exemplo, a lei que impõe os mesmos encargos economicos ao pobre e ao rico, ou a que pune com a mesma pena a contravenção e o crime.

E' sempre o egoismo que disciplina o homem, e o impelle a formar normas juridicas. A experiencia mostra a cada individuo que a offensa por elle feita ao direito de outrem expõe os seus proprios direitos a ameaças e violações, e que, respeitando os direitos alheios, contribue cada qual para a formação de um meio social em que seus direitos sejam igualmente respeitados.

Até aqui temos estudado dois elementos do direito, a norma e a coacção, dois elementos *puramente formaes*, que nada nos dizem sobre o *conteúdo* do direito. Sabemos apenas que a sociedade exige de seus membros certas acções e abstenções. Mas, qual a causa, e qual o fim, dessas injuncções ? Qual a missão do direito ? Dir-se-á que o problema é insoluvel, porquanto o *conteúdo* do direito varia éternamente. O que hoje se veda — amanhã se permitte, o que aqui é ordenado — além é prohibido. Fé e superstiçao, selvageria e civilisação, vingança e amôr, crueldade e humanidade, tudo tem sido acolhido e consagrado pelo direito. Se a missão do direito fosse realisar o verdadeiro, o resultado até hoje obtido seria desolador Se essa fosse a missão do direito, forçoso seria confessar que o direito tem sido o joguete do erro perpetuo. Cada seculo que transforma o direito, lavraria a condemnação do seculo antecedente, e por seu turno seria condem-

nado pelo seculo seguinte. A verdade estaria sempre alguns passos além do direito, que nunca a alcançaria, á guiza da criança a perseguir a borboleta, que vôa ao lhe sentir a approximação. A sciencia é uma eterna investigadora ; mas, esta descobre, e as verdades que ella descobre, constituem-lhe uma acquisiçao perpetua, um patrimonio parasempre. No seu dominio, nenhum poder tem o dom de revestir o erro da autoridade da verdade. A razão dessa differença está em que a verdade é o *fim* do conhecimento, e não dos actos. A verdade é uma só, e tudo o que della se afasta é erro. Para os actos, para a vontade, ao contrario, não ha medida absoluta. Em situações diversas a vontade actúa differentemente, e, sem embargo, póde ser sempre *justa e opportuna*. A vontade é julgada — segundo o fim que se propõe. A *justeza*, a adaptação dos meios aos fins, constitúe a medida do *pratico*, assim como a *verdade* é a medida do *theorico*. Do medico que prescreve um remedio contrario ao indicado pela molestia, ninguem diz que receitou um remedio *falso*, mas, sim, que não applicou o *meio* adequado para conseguir o *fim*. O medico não prescreve o mesmo remedio para todas as molestias. Do mesmo modo, o direito nao estabelece sempre e por toda parte as mesmas disposições ; mas, adapta os seus preceitos ao estado do povo, ao grau de civilisação, ás necessidades da época. Suppôr que o direito deve ser o mesmo em todos os pontos do globo, é tão absurdo, como acreditar que podemos submetter todos os doentes ao mesmo tratamento. Ha, sem duvida, regras de direitos, admittidas por todas as nações ; todos os povos punem o assassino e o bandoleiro, todos consagram o Estado, a propriedade, a familia e o contrato. Eis ahi, poderão dizer, verdades juridicas absolutas. Não : com esse criterio poderiam qualificar de *verdades* as casas, as ruas, a vestimenta, o uso do fogo e o da luz, instituições fundamentaes da civilisaçao humana, que são apenas resultados da experiencia, applicada á realisação de certos fins humanos. Garantir a segurança das vias publicas contra os crimes dos salteadores, constitúe um *fim*, do mesmo modo que defender os logares em que a vida dos homens corre perigo, por meio de diques, contra as inundações. O direito é uma sciencia que tem por objecto a *opportunidade* (!). As leis unaforme e permanentemente consagradas formam o *opportuno* que resistiu á prova dos seculos, a *opportunidade*

consolidada pela experiencia. O direito inteiro é creação exclusiva do *fim*. Indagar o *fim* das instituições — eis o mas elevado objecto da sciencia juridica.

Qual é o *fim* do direito ? O *fim* dos actos de todo animal é a realisaçao de suas condições de existencia. A vida animal consiste *na adaptação pratica do mundo exterior aos fins da existencia propria*. Assim sendo, podemos dizer que o direito representa a forma *da garantia das condições de vida da sociedade, assegurada pelo poder de coacção do Estado.*

Para bem comprehendermos a definição, precisamos saber em que consistem as *condições de vida*. Esta noção é relativa. Se encaramos a vida sob o aspecto material, suas condições se reduzem ás necessidades physicas : o comer, o beber, a vestimenta, a habitação. Aqui mesmo, a noção é relativa, porquanto as necessidades variam, tal individuo exige mais, tal outro tem necessidade de outra coisa. Mas, a vida não se encerra na existencia physica. São tambem condições de vida todos os bens, todos os gozos que, no sentir do individuo, dão apreço á existencia. A honra, a liberdade, a nacionalidade, não são condições materiaes da vida. E, entretentanto, para o homem que zela a sua honra, sem esta que valôr teria a vida ? Para os povos que amam a liberdade, a morte seria preferivel é escravidão.

Se o direito tem por objecto as condições de vida da sociedade, como se explica o facto de prohibir aqui o que além autorisa ou ordena ? Não parece que factos tão diversamente apreciados não se pódem reputar condições de vida ? A essa objecção responde Ihering que a apportunidade é sempre relativa. O medico não se contradiz, quando, acompanhando as phases differentes da molestia, prescreve hoje o que hontem prohibia. Dá-se o mesmo com a sociedade, cujas condições de vida variam. Alguns exemplos mostram como o direito se modifica no que diz respeito a uma mesma condição. O ensino elementar hoje é obrigatorio. Outr'ora estava entregue á iniciativa particular. Em certos Estados da America do Norte, sujeitos ao regimen da escravidão, era prohibido, antes da guerra civil, e reputava-se crime capital — ensinar a ler e escrever aos negros. Neste assumpto, o Estado tem assumido uma quadrupla attitude : coacção para garantir a realisação do fim ; realisção do mesmo fim pelos meios ministrados pelo Estado, mas sem coacção ; indifferença completa do Estado ; prohibição, sob

pena de morte, da realisação do fim para certas classes da sociedade. Todas essas posições do Estado em face do ensino primario são justificaveis. Onde ha escravos, é legitimo o procedimento do Estado que prohibe a instrucção dos mesmos : um escravo que sabe ler e escrever é uma ameaça á sociedade. Na antiguidade havia completa indifferença do Estado em relação ao ensino elementar, porque este não era tido como condição de vida social. A animação do Estado, sem coacção, exprime a crença de que a educação escolar é desejavel, conveniente, mas não necessaria. O ensino obrigatorio estabelece-se depois que se generaliza a convicção de que é necessario. Cada uma dessas concepções tem o seu momento opportuno. Todas são justas, perfeitamente legitimas. Quando surgiu o christianismo, o Estado pagão o perseguiu a ferro e fogo, porque na religião nascente via um perigo para a sua existencia. Mais tarde, esse mesmo Estado, que sob pena de morte vedava a profissão da fé christa, impoz esta religião pelos meis mais atrozes. E' que a principio o Estado suppunha não poder coexistir com a nova religião ; convenceu-se depois de que não podia subsistir sem ella. Qual desses modos de vêr era o verdadeiro ? Ambos, cada um na sua época.

Póde-se ainda observar que tanto o direito não garante as condições de vida de sociedade, que muitas vezes estatúe preceitos em manifesta opposição aos interesses da sociedade. Na idade media, por exemplo, a sociedade, inspirada pela Igreja, punia com as, mais severas penas as feiticeiras e os magicsc. A isso responde Ihering, distinguindo entre condições objectivas, reaes, da vida social, e condições subjectivas, isto é, erroneamente consideradas taes. A sociedade e a Igreja na idade media estavam convencidas de que os magiscos e as feiticeiras constituiam uma séria ameaça para as proprias bases da sua existencia ; e, consequentemente, o motivo que *subjectivamente* armava o seu braço era a garantia das condições da vida social. A minha noção de *condições de vida*, accrescenta Ihering, contém as condições *subjectivamente* tidas como taes.

As condições de vida da sociedade se dividem em tres classes : *extra-juridicas, mixtas e juridicas*. O direito nada tem que vêr com as primeiras, que dependem da natureza. E' uma condição de vida extra-juridica que o frio e o calor não ultrapassem certos limites. Que póde fazer o ho-

mem para se garantir essa condição de existencia ? Condições mixtas são aquellas — em parte asseguradas por certos moveis que dominam o homem, em parte pelo Estado. Taes se nos revelam a *conservação* e a *propagação* da vida, o *trabalho* e as *relações sociaes*. O instincto de conservação, o instincto sexual e o amôr ao ganho, em geral, bastam para nos garantir aquellas condições de vida. Quando falham esses motores, a intervenção do Estado se faz necessaria. Assim, por exemplo, o instincto sexual é sufficiente, em regra, para levar o homem á propagação da especie ; mas, algumas vezes o homem se rebella contra a natureza reduz os nascimentos, destróe os germens da vida, mata os recemnascidos. Então, o Estado estabelece as suas penas para conjurar o mal, porquanto qualquer ameaça á reproducção da especie constitue um perigo evidente para a sociedade. Além das condições mixtas, cuja realisação depende mais dos tres meveis assignalados que da acção do Estado, temos as condições puramente juridicas. São todas aquellas que a sociedade só póde assegurar-se pela coacção juridica. O pagamento das dividas, a obediencia ao Estado, a contribuição para as despezas publicas, são injuncções impostas á nossa vontade pela coacção do Estado unicamente, sem que nenhum movel natural arraste a vontade do homem a cumprir esses preceitos.

Todas as regras de direito têm o homem por fim, isto é, são creadas no interesse do individuo. Quando se diz, pois, que o direito garante pela coacção as condições de vida da *sociedade*, não se quer affirmar que haja condições do vida social em opposição ás condições de vida do individuo. Desde que se saiba que a sociedade é uma condição de vida para o individuo, comprehende-se que as condições de vida da sociedade nada, mais são do que condições de vida *mediatas*, ou indirectas, para o individuo.

Tão estreito é o vinculo que prende o individuo ao Estado, tal é a solidariedade que ha entre os dois seres, que cada homem bem poderia repetir com verdade a phrase de Luiz XIV : « o Estado sou eu ». O individuo, no maior numero dos casos, ignora essa identificação dos seus interesses com os do Estado. E com razão poderia perguntar : « se o Estado sou eu mesmc, para que me *coagem* a dar o que o Estado me pede ? Eu cuido espontaneamente dos meus interesses, sem necessidades de meios coercitorios ». A coac-

ção, replica Ihering, é organisada no interesse do proprio coagido. Quando o mestre obriga o discipulo a estudar, o discipulo soffre um constrangimento imposto pelo seu interesse : como em virtude da pouca idade não comprehende a utilidade propria, crêa-se uma coacção artificial, para obrigal-o á pratica de actos cuja vantagem só na idade da razão comprehenderá. Do mesmo modo, o Estado nos compelle a fazer aquillo que, se tivessemos a comprehensço do que nos é necessario, realisariamos espontaneamente.

A coacção organisada pelo Estado tem uma dupla razão de ser. A primeira é a ausencia de uma noção exacta dos verdadeiros interesses, da parte do individuo. Nem todos chegam a comprehender que o interesses geral e o interesse particular se reduzem a um só interesse. Quando se trata da collisão entre dois interesses, um presente menor, o outro futuro—maior, o homem em geral sacrifica, por falta de previdencia, o interesse maior ao menor. Isto posto, a lei póde ser definida : *a colligação das pessôas intelligentes e prevídentes contra as que são incapazes de prevêr.* As primeiras obrigam as ultimas a agir de accordo com seus interesses bem comprehendidos, o que é agir de accordo com os interesses de toda a collectividade. A lei é a arma indispensavel, de que se serve a intelligencia na lucta contra a estupidez. A segunda razão jaz no facto de, frequentemente, a vontade — por fraquesa ou perversidade — sacrificar o interesse geral, remoto, ao particular, immediato.

Tudo o que vem de ser dito, demonstra *a necessidade da coacção.*

Eis, a largos traços, e, tanto quanto foi possivel, pelas proprias palavras do autor, a theoria philcsophico-juridica de Ihering.

Da resumida exposição feita resaltam as seguintes *affirmações fundamentaes :*

a) a vontade ho homem está subordinada á *lei da finalidade :* actuá, resolve-se, dirigida para um *fim*, que é o motivo que a impelle ;

b) no direito a analyse descobre *tres elementos*, dois *formaes* — a norma e a coacção, e um *material* — o interesse, que é o *fim pratico*, impulsor da vontade ;

c) o interesse, *conteúdo* do direito, varia frequentemente, visto como a sociedade constantemente se engana, suppondo hoje que é do seu interesse, ou condição de sua exis-

tencia, o que amanhã repelle e condemna por julgar contrario ás proprias bases de sua existencia ;

d) primitivamente, e esse phenomeno necessario é um bem, a força bruta domina as vontades, firmando a disciplina e a unidade da sociedade ; pouco a pouco, a força vae sendo dirigida pelo *interesse pratico* da collectividade, e torna-se um instrumento para a realisação dos *fins sociaes ;*

e) a missão do direito é garantir pela coacção do Estado as condições da vida social, quer objectivas ou reas, quer subjectivas ou erroneamente reputadas taes ;

f) corollario das proposições anteriores é a affirmação de que o methodo proprio do direito é o *teleologico*, porquanto o direito *não procura descobrir verdades*, como em geral as demais sciencias, mas unicamente, adaptar os meios á concepção dos *fins*, isto é, á realisação dos interesses sociaes.

. . . .

CADEIRA PEDRO LUIZ

Pedro Luiz Pereira de Souza (1839-1884). Era formado em direito pela Faculdade de S. Paulo. Foi jornalista, deputado, ministro de Estado. Colaborou na Revista de Ensaio Filozofico Paulistano e redijiu o *Carreio Mercantil* em 1861, e com Lafayette Rodrigues Pereira e Farneze a *Atualidade.* Fizeram-no notado como poeta as odes *Terribilis dea*, *Sombra de Tiradentes*, *Os voluntarios da morte. Nunes Machado.* Escreveu muitas outràs poesias, que não foram ainda colijidas..

I

LUIZ GUIMARÃES

Luiz Guimarães *junior* (1845-1897), nasceu no Rio de Janeiro. Formado em direito, diplomata, chegou a Ministro plenipotenciario. Prozador e poeta. Escreveu : proza : *Historias para gente alegre*, 2 vol. : *Filagranas*, *Contos sem pretenção*, *Nocturnos*, *Curvas e Zig-zags*, *Biografia do pintor Pedro Americo. Biografia de Carlos Gomes* ; poezia : *Corymbos* e *Sonetos e rimas.*

A gloria do seu nome deu-lh'a a poezia, em que foi um admiravel artista.

Sucedeu-lhe na Academia João Ribeiro.

VIZITA Á CAZA PATERNA

(A MINHA IRMAN ISABEL)

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebrozo inverno,
Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virjinal abrigo :

Entrei. Um genio carinhozo e amigo,
O fantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos, — olhou-me, grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (Oh ! se me lembro ! e quanto !)
Em que da luz noturna á claridade,
Minhas irmans e minha mãi... O pranto

Jorrou-me em ondas... Rezistir quem hade ?
Uma iluzão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

O SONO DE UM ANJO

Quando ella dorme como dorme a estrela
Nos vapores da timida alvorada,
E a sua doce fronte extaziada
Mais perfeita que um lirio, e tão sinjela,

Tão serena, tão lucida, tão bela
Como dos anjos a cabeça amada,
Repouza na cambraia perfumada,
Eu vélo absorto o casto sono d'ella.

E rogo a Deus, emquanto a estrela brilha,
Deus que proteje a planta e a flôr obscura
E nos indica do futuro a trilha,

Deus por quem toda a Creação se humilha,
Que tenha pena d'essa creatura,
D'esse botão de flôr — que é minha filha.

A BORRALHEIRA

Meigos pés pequeninos, delicados
Como um duplo lilaz, — se os beija-flôres,
Vós descobrissem entre as outras flôres,
Que seria de vós, pés adorados !

Como dois gemeos silfos animados,
Vi-vos hontem pairar entre os fulgores
Do baile, ariscos, brancos, tentadores...
Mas, ai de mim ! — como os mais pés calçados !

« Calçados como os mais ! que dezacato !
Disse eu — Vou já talhar-lhes um sapato
Leve, ideal, fantastico, secreto... »

Eil-o. Resta saber, Anjo faceiro,
Se acertou na medida o sapateiro :
Mimozos pés, calçai este soneto.

FÓRA DA BARRA

> Adeus ! Adeus ! Nas cerrações perdida
> Vejo-te apenas, Guanabara altiva...
> VARELLA. — *Ao Rio de Janeiro.*

Já vamos lonje... Os morros bemfazejos
Metem na bruma os cimos alterozos...
Ventos da tarde, ventos lacrimozos,
Vós sois da Patria os derradeiros beijos !

As alvas plagas, os profundos brejos,
Ficam além, além ! Adeus, gostozos
Tormentos do passado ! Adeus, oh gozos !
Adeus, oh velhos e infantis dezejos !

Na fujitiva luz do sol cadente.
Vai-se apagando — ao lonje — tristemente
Do Corcovado a majestosa serra :

O mar parece todo um só gemido...
E eu mal sustenho o coração partido,
Oh terra de meus pais ! Oh minha terra !

PAULO E VIRGINIA

Fomos um dia alegres, estouvados,
Ao clarão matinal do sol nacente,
Colher as flôres do verjel ridente
E as primeiras amoras dos cercados

Venturozos, rizonhos, namorados,
Cada qual mais feliz e mais contente,
Esquecemos a terra inteiramente :
Doidos de amor, de gozo embriagados.

Seus cabelos — emquanto ella corria,
Voavam, loiros como a luz, dispersos !
Eu a chamava e ella me fujia.

Por fim voltámos — em prazer imersos :
E das venturas todas d'esse dia...
Resta a saudade que inspirou meus versos.

II

JOÃO RIBEIRO

Naceu em Sergipe em 1860. Poeta e prozador, tem publicado, alem de varias obras literarias e didaticas: *Versos* (1902), *Paginas de estetica* (Lisboa 1905), *Frazes feitas*, 2 vol. (Lisboa 1908-1909). Fabordão (1910) etc.

VARIOS SONETOS

(Monje.)

E' forçozo que por um louco tomem
Quem de perfeito juizo se mostrava?
Louco, dizieis vós! mas onde estava
A apregoada loucura d'aquelle homem?

Quem póde ver as dôres que se somem
Dentro no peito e ver a ignota lava?
Loucos sois vós que as pustulas consomem,
E tendes a alma das paixões escrava.

Louco o dizeis, porque deixára o mundo
Pelo abismo do claustro horrido e fundo!
Insensatos, sabei! para a alegria,

E' talvez pouca luz a luz do dia,
Mas a quem fere do infortunio o açoite
Essa noite do claustro é pouca noite.

(A ninfa.)

Na floresta os crepusculos eu passo
A flor colhendo e o saborozo fruto.
Ouço um rumor, e cautelozo, astuto
Apalpo as folhas estendendo o braço.

Fauno talvez! e horripilado escuto...
Eis quando surje sob um sol escasso
Não qual imajinára, o deus hirsuto,
Mas uma ninfa de lijeiro passo.

Ah não fosse eu mortal e fosse dado
Ao humano ser dos deuzes o pecado!
Se n'aquelle momento um deus eu fosse.

Ao vento a flor e o fruto desprezando,
Minha fôra esta deuza que é, passando,
Mais que a flor, mais que o fruto bela e doce.

III

(Ruina.)

Simples braço d'um satiro, imajina,
Que fantazia de escultor gerara.
Que gesto raro n'esta mão! que rara
A formozura d'essa antiga ruina!

Ah! quanto não seria peregrina
A bela voz que a frauta lhe vibrara
Nos finos dedos e na mão tão fina
Que transparece a luz do dia clara.

Dizer-se que este braço esteve outrora
Prezo ao torso d'um bode! e mais espanta
Saber que n'esta mão encantadora

Que dedilhava a citara de flora,
(Onde a harmonia da floresta canta),
E' nesta mão que a impudicicia móra.

ADELINO FONTOURA

Adelino Fontoura (1858-1883), naceu no Maranhão. Começou a vida no comercio e abandonando-o pelo theatro veiu para o Rio de Janeiro. A ideia da carreira teatral não era ao que é de presumir sinão efeito da sua vocação literaria. Entrou para a redação de varios jornaes, entre os quaes a *Gazeta da Tarde*, de José do Patrocinio, que o enviou a Paris como correspondente dessa folha. Faleceu em Lisboa, quando já negressava ao Brasil.

Fez-se conhecido e distinto como autor de sonetos, publicados em jornaes e revistas.

LUIZ MURAT

Luiz Murat nasceu em 1863 em Itaguahy, Rio de Janeiro. E' bacharel em direito pela Faculdade de S. Paulo. Poeta, advogado, politico, jornalista, deputado á constituinte republicana, ocupa o cargo de escrivão da provedoria e foi ainda uma vez deputado geral pelo Rio de Janeiro. Publicou *Quatro poemas*, *Ondas*, poesias, em 3 volumes, e *Sárah*, poema; alem de varios ensaios em jornaes sobre literatura, filozofia e politica.

DIVAGAÇÃO

I

Cegos, vamos singrando os temerosos mares
Sem jámais ancorar em porto algum do mundo,
E, emquanto os vendavaes zunem nos negros ares,
Irritos Briarêos, o pélago iracundo
Açoitam com bulcões e horridas preamares.

Theogonias, visões atrozes dos prophetas,
Emmaranhadas no orco onde se affunde a crença
Rinchavelham, ouvi. Alma, sombria, encetas
Um novo passo, e, a sós, pisas a estrada immensa,
Onde iam ajoelhar-se os magos e os ascetas..

Theorias de roldão passam desmanteladas ;
Olhos febris a luz espiam a penumbra ;
Os santos de marfim nas naves apagadas,
Quando de todo a fé nos corações se obumbra;
Hirtos, quedam-se nús nas cruzes desoladas.

Iconoclasta audaz ! Espalmas e affeiçôas
A lei, á cujo imperio os homens obedecem.
Muda de norte a agulha, as náos voltam as prôas,
E dos thronos senis e apodrecidos descem
Magros deuses sem lar, pobres reis sem corôas.

Ao teu arremessão jorra o sangue cruento,
De hordas barbaras ! Cospe o incendio ignea fornalha,
Afla como um ginete esporeado o vento,
E arremette e derroca o velho rito odiento.
— A abobada de estuque, a cumieira de palha.

A alma sonha, no emtanto. A orchestra matutina
A meditar convida. O coração palpita,
Quer voar, quer cantar, quer subir á collina,
Ir e vir, perlustrar toda a esphera infinita
Que estes bosques enflora e estes cahos illumina.

II

Vem doirar esta sombra e entresachar a graça
O' pompa matinal ! Vem, tudo aqui te espera...
Hão de reconhecer-te à viração que passa,
O rio, a flor, o valle, o sol, a primavera,
Que em meus cantos soluça e em teus olhos esvoaça...

Vem ! não tardes, por Deus ! Vamos envelhecendo...
Depois, o sonho dura apenas uma noite...
Não quero ficar só, nem proseguir sabendo
Que meu estro ficou sem lar onde pernoite,
Quando o sol fôr cahindo e o poeta fôr morrendo.

Tudo deixo por ti : — livros, glorias, prazeres;
Ambições de poder, de fausto, de riqueza,
E feliz viverei, Sarah, se tu viveres,
Ao meu lado, a imitar em tudo a natureza,
Que não despreza nunca os mais obscuros seres.

Acaso me esqueceste ? Acaso a aura não canta
Ao teu ouvido o que eu a cantar te ensinára ?
Tinhas, instante a instante, uma aria na garganta
De uma pureza tal, de uma doçura, Sarah,
Que parecia vir da alma de alguma santa !

Ninguem, nem Margarida — o aroma da innocencia —
Tratava com mais zelo o seu ideal na terra,
O seu mesmo sentir, a sua mesma essencia,
Que tudo, a um tempo, abrange, embebe, insufla e encerra,
Quando a mulher nos surge em plena adolescencia...

Qual arremette contra os fados deshumanos
E pallido recalca o punhal na ferida :
Qual affecta escolher entre os risos profanos
O que mais se affeiçôa á comedia da vida
E á funesta ambição dos máos e dos tyrannos.

Eu não ! Apenas canto o que te diz respeito :
— O berço em que nasceste, o rosal que plantaste :
E, se acaso entrevejo, em sombras, o teu leito,
O calix sem perfume, o alvo lirio sem haste,
Ah ! meu peito se esvahe em lagrimas desfeito :

Sarah ! Nem uma só queixa articulo, quando
A viração me traz uma lembrança antiga.
Sei que ha de vir o dia, em que nos encontrando,
O pó deste cansaço e a dôr desta fadiga,
Terna e piedosa irás, aos poucos abrandando...

SUPPLICA

Guarda em teu seio impolluto,
Guarda no altar de teu sonho,
A minha imagem de lucto
No seu sepulcro tristonho.

A vaga levou, querida,
A endeixa que te embalava,
Desfolhou-se a minha vida
Quando a manhã despontava.

Agora, sósinho, vago,
Como um navio sem norte,
E, sem saber como, trago
A' prôa a estatua da morte.

Tu me encadêas aos ventos,
Tu me abandonas ás agoas.
Não te movem meus lamentos
Não te abrandam minhas magoas.

Da antiga felicidade
Que resta, para que eu viva !
Uma larva de saudade
Que do amor se fez captiva.

Está deserto o meu ninho,
Não tem flores o meu vaso,
Como um espectro caminho
Nas sombras do meu Occaso.

Viajor sem esperança
E que não tem pouso certo,
Minha'alma, louca, se lança
Por este espaço deserto.

Deixa que eu viva cantando
Deixa que eu morra sentindo
A dor de te ver gozando,
A dor de te ver sorrindo.

Qu'importa cahir na estrada,
E morrer, se assim o ordenas ?
Minha sorte está cançada
De carregar tantas penas.

Guarda em teu seio impolluto,
Guarda no altar de teu sonho,
A minha imagem de lucto
No seu sepulchro tristonho.

EXORTAÇÃO DA FLORESTA

Oh ! penetrar aqui neste recesso augusto,
Dilacerar-me o seio,

Deixar-me a alma a gemer, o ligneo hombro combusto,
De ferimentos cheio !...
Ser despertada assim a tiros de espingarda,
Ao ladrido feroz dos cães de caça !... Andar
Aos gritos, como um ser vilão, que se acobarda
Por ouvir lá na serra a anhapóca ulullar !...

Oh ! desnudar-me toda e atirar-me aos pedaços
Pelos brejos immundos ;
Obrigar-me a descer pelos morros, sem braços.
Com os ventos iracundos !...
Tratar-me como serva, exposta á neve fria,
Ao pó, á cerração ;
Profanar, poluir minha antiga magia,
Meu culto, minha fé, meu lar, minha oração !...

Para traz, para traz, monstros de forma humana,
Tenebroso instrumento
Da morte, a que geysér ou catacumba insana
Pediste este tormento ? !
O grito atroador e agudo do Milvago
Córta a montanha oval.
Segue-te com terror o duro porte o lago,
Que aclara a propria sombra e acolhe o proprio mal !

Tremem os tangarás nas penas encolhidos...
Dormem as juritys...
Vão-me lançar aos pés os galhos refloridos,
Vão-me harpas e arrabis,
Miseros, arrancar á cuprea fronde altiva,
Ao imponente domo, ao secular sacrario.
O' nemuroso genio, ó poderosa diva,
Sou tambem vossa myrra e vosso escapulario !

Protegei-me e amparai-me, e, sobrestando o passo
A' turba dos incréos,
Fazei com que do Inferno ou do damnoso espaço,
Da fauce dos vulcões, d'alma dos escarcéos,
Alguma cousa desça em forma de castigo
Sobre tamanho crime !
Ficar o tiê cem tecto e a rola sem abrigo !
E eu, que tão boa, fui, sem ninguem que me estime,

Sem quem me oscule a fronte e me humedeça os labios
Com o alvéolo de seus hymnos,
Em verdade, é cruel ! Caçadores ou sabios,
Não importa, são sempre os mesmos assassinos !
Risonho, o céo me traz seus copiosos mimos
Em róridas canções.
Garridos jacamins baixam dos altos cimos
Sobre estas solidões...

Tudo quer um logar, um recanto, um pedaço,
Da marchetada sombra onde os meus ninhos teço.
O doce luar brilhante em resedás desfaço,
E em tudo, ora, appareço, e ora, desappareço...
Os sahis me vêm dar os bons dias, e tornam
Aos seus lares, depois.
Com que capricho e gosto os seus tugurios ornam :
— Tugurios para mil, palacios para dois !

E a açaira que, a arfar, poisa o biquinho n'agua,
E está ali vae não vae pela corrente abaixo,
Sem sentir de Menalco a dura e acerba magua,
Sem colher de Aphrodita os fructos, cacho a cacho !...
Tudo isto vae morrer, Senhor, ou, cegamente,
Tomar um rumo obscuro, um fadario cruel,
Porque o sabio ahi vem com o perdigueiro á frente,
Apedrejar meu solio e rasgar meu docel.

Como ? Pois será vã minha soberania ? !
O sceptro que me déstes,
Vão tambem, meu Senhor ? Pois toda esta poesia,
Estes hymnos sem par, estas vozes celestes,
Serão por esta turba ignára injuriados,
Mettidos em polés,
Como anjos sublevados,
Mais nefandos, talvez, que o lodo das marés,

Que as escorias de Biblo e o anthro de Calahorra ?
Oh ! minhas aracuans, meus cónoros ruidosos,
Que tem que a ave gorgeie e a agua silvestre corra
Entre ninhos febris e frócos sonorosos ?
Que tem que o sol me encontre a reparar os ninhos

A's minhas arapongas
Barulhentas ? Que tem ? Elles — os passarinhos
Querem sestear a gosto em suas selvas longas...

Deixai-os pelo amor de Deus aqui poisados,
Deixai-os a sonhar ;
Elles têm mais que vós os corações maguados,
E são, homens, tão bons que se deixam matar.
Deixai que eu os acolha e os leve á boa estrada,
A que, entre anjos, vae ter ao eterno esplendor ! ...
Que a sombra illuminada
De tanta fé me envolva e me salve, Senhor !

Que este concerto aqui seja um éco distante
Da bondade infinita,
Da candura ideal, do idylio balbuciante
Que em todo o céo palpita.
Que tudo falle e entenda o idioma claro e eterno
Dos primeiros christãos.
Caçadores, vós sois os ministros do inferno :
Ha febre em vosso olhar, ha sangue em vossas mãos !

Caçadores, que mal vos fiz eu ? Sou acaso
O mau guia, o mau genio, o Othus funebre e torvo ?
O truculento Occaso,
O sanguinario corvo ?
Ou o Dragão nefasto abalando as montanhas,
Ou a Hydra de cem cabeças ourejadas ?
Lacerai-me as entranhas,
E as frondes decepadas :

Tirai-me as virações, as ledas primaveras,
O orvalho sideral que eolea mão conduz ;
As lyricas visões, as fulgidas chiméras,
Que deslisam subtis sobre flocos de luz...
Mas concedei-me a graça, o dom piedoso e egregio
De commover a Terra e os duros horizontes,
Dando-lhes em vez de ouro em meu dominio regio
O mel dos meus sabiás, a agua das minhas fontes.

CADEIRA JOSÉ DE ALENCAR

José de Alencar (1829-1877) grande escritor, o mais notavel da sua epoca. Escreveu :

Cinco minutos (1856), *A Viuvinha*, *O Guarany* (1857), *Luciola* (1862), *Diva* (1864), *As Minas de Prata*, *Iracema* (1865), *O Gaúcho* (1870), *O Tronco do Ipè*, *A Guerra dos Mascates* (1871), *Til*, *O Sertanejo*, *A pata da Gazella*, *Alfarrabios*, chronicas dos tempos coloniaes, contendo : I. *O Garatuja*, II. *A Alma de Lazaro e o Ermitão da Gloria ; Os Sonhos de Ouro* (1872), *Senhora*, *Ubirajora* e *Encarnação ;* dramas e comedias : *As azas de um anjo*, *Mãi*, *O Jesuita*, *Verso e Reverso*, *Demonio familiar*, *O credito*, *Expiação*, *A noite de S. João* (comedia lyrica) ; *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, analize critica do poema de Magalhães ; *Os Filhos de Tupan*, poema inedito ; *Cartas de Erasmo*, panfleto politico ; *Discursos*, 2 volumes ; *A Viagem imperial*, discurso ; *O Systema Representativo*, *A propriedade*, *Esboços juridicos*.

I

MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) naceu na cidade do Rio de Janeiro. Filho de pais obscuros e pobres, não frequentou escolas ; fez-se pelo seu esforço exclusivamente; foi operario da tipografia Nacional, revizor do Diario Oficial, chefe de seção, diretor geral da Secretaria da Industria ; jornalista, poeta, novelista, não deveu a ninguem o renome crecente e gloriozo, que alcançou em vida e depois da sua morte se tornou definitivo de grande escritor, mestre da proza e do verso.

Foi o primeiro presidente da Academia.

Escreveu : poezia : *Crizalidas*, *Falenas*, *Americanas*, *Poesias*, ed. definitiva ; *Contos fluminenses ; Historias da meia noite*, *Papeis avulsos*, *Historias sem data*, *Varias historias*, *Pajinas escolhidas: Reliquias de Casa-Velha*; romances : *A mão e a luva*, *Yayá Garcia* : *Helena*, *Ressurreição*, *Memorias postumas de Bras Cubas*, *Quincas Borba*, *Don Casmûrro*, *Ezaú e Jacob*, *Memorial de Ayres*; E no theatro : *Tu só tu, puro amor ; Os deuzes de cazaca; Quazi ministro ; Não consultes medico.*

A Machado de Assis succedeu na Academia o estadista, ex-presidente de conselho de ministroe parlamentar na monarchia, publicista e homem de letras de grande reputação Lafayette Rodrigues Pereira.

MENINA E MOÇA

Está naquella idade inquieta e duvidoza,
Que não é dia claro e é já o alvorecer ;
Entre-aberto botão, entre-fechada roza,
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

A's vezes recatada, outras estouvadinha,
Caza no mesmo gesto a loucura e o pudor ;
Tem couzas de criança e modos de mocinha,
Estuda o catecismo e lê versos de amor.

Outras vezes valsando, o seio lhe palpita,
De cansaço talvez, talvez de comoção.
Quando a boca vermelha os labios abre e ajita
Não sei se pede um beijo ou faz uma oração.

Outras vezes beijando a boneca enfeitada,
Olha furtivamente o primo que sorri ;
E se corre, parece á briza enamorada
Abrir azas de um anjo e tranças de uma huri.

Quando a sala atravessa, é raro que não lance
Os olhos para o espelho ; e raro que ao deitar
Não leia, um quarto de hora, ás folhas de um romance
Em que a dama conjugue o eterno verbo amar.

Tem na alcova em que dorme, e descansa de dia,
A cama da boneca ao pé do toucador ;
Quando sonha, repete, em santa companhia,
Os livros de colejio e o nome de um doutor.

Alegra-se em ouvindo os compassos da orquestra ;
E quando entra n'um baile, é já dama do tom ;
Compensa-lhe a modista os enfados da mestra ;
Tem respeito á Geslin, mas adora a Dazon.

Dos cuidados da vida o mais tristonho e acerbo
Para ella é o estudo, excetuando talvez
A lição de sintaxe em que combina o verbo
To love, mas sorrindo ao professor de inglez.

Quantas vezes, porém, fitando o olhar no espaço,
Parece acompanhar uma eterea vizão ;
Quantas cruzando ao seio o delicado braço
Comprime as pulsações do inquieto coração !

Ah ! se n'esse momento halucinado fôres,
Cair-lhe aos pés, confiar-lhe uma esperança vã,
Has de vêl-a zombar dos teus tristes amores,
Rir da tua aventura e contal-a á mamã.

E' que esta creatura, adoravel, divina,
Nem se póde explicar, nem se póde entender :
Procura-se a mulher e encontra-se a menina,
Quer-se ver a menina e encontra-se a mulher.

A MOSCA AZUL

Era uma mosca azul, azas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma roza encarnada,
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia,
Refuljindo ao clarão do sol
E da lua, — melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
Um poleá lhe perguntou :
« Mosca, esse refuljir, que mais parece um sonho,
Dize, quem foi que t'o ensinou ? »

Então ella, voando, e revoando, disse
— « Eu sou a vida, eu sou a flor
« Das graças, o padrão da eterna meninice,
« E mais a gloria, e mais o amor. »

E elle deixou-se estar a contemplal-a, mudo
E tranquilo, como um fakir,
Como alguem que ficou deslembrado de tudo,
Sem comparar, nem refletir.

Entre as azas do inseto, a voltear no espaço,
Uma couza lhe pareceu
Que surdia, com todo o resplendor de um paço,
E viu um rosto, que era o seu.

Era elle, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o colo nú,
Um imenso colar de opala, e uma safira
Tirada ao corpo de Vischnu.

Cem mulheres em flor, cem nairas superfinas,
Aos pés delle, no lizo chão,
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
E todo o amor que têm lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem etiopes feios,
Com grandes leques de avestruz,
Refrescam-lhes de manso os aromados seios,
Voluptuozamente nus.

Vinha a gloria depois ; — quatorze reis vencidos,
E emfim as páreas triunfaes
De trezentas nações, e os parabens unidos
Das coroas ocidentaes.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,
Como em agua que deixa o fundo descoberto,
Via limpos os corações.

Então elle, estendendo a mão çaloza e tosca,
Afeita a só carpintejar,
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,
Curiozo de a examinar.

Quiz vel-a, quiz saber a cauza do misterio,
E, fechando-a na mão, sorriu
De contente, ao pensar que ali tinha um imperio,
E para caza se partiu.

Alvoroçado chega, examina, e parece
Que se houve nessa ocupação
Miudamente, como um homem que quizesse
Dissecar a sua iluzão.

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ella,
Rota, baça, nojenta, vil,
Sucumbiu : e com isto esvaiu-se-lhe aquella
Vizão fantastica e subtil.

Hoje, quando elle ai vai, de áloe e cardamomo
Na cabeça, com ar taful,
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
Perdeu a sua mosca azul.

O CORVO

(EDGARD POE)

Em certo dia, á hora,
Da meia noite que apavora,
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,

Ia pensando, quando ouvi á porta
Do meu quarto um soar devagarinho
E disse estas palavras taes :
« E' alguem que me bate á porta de mansinho,
« Ha de ser isso e nada mais. »

Ah ! bem me lembro ! bem me lembro !
Era no glacial Dezembro ;
Cada braza do lar sobre o chão refletia
A sua ultima agonia.
Eu, anciozo pelo sol, buscava
Sacar d'aquelles livros que estudava
Repouzo (em vão) ! á dôr esmagadora
D'estas saudades imortaes
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,
E que ninguem chamará mais.

E o rumor triste, vago, brando
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido
Nunca por elle padecido.
Emfim, por aplacal-o aqui no peito,
Levantei-me de pronto, e : » Com efeito,
(Disse) é vizita amiga e retardada
« Que bate a estas horas taes.
« E' vizita que pede á minha porta entrada ;
« Ha de ser isso e nada mais. »

Minh'alma então sentiu-se forte ;
Não mais vacilo e d'esta sorte
Falo : « Imploro de vós, — ou senhor ou senhora,
« Me desculpeis tanta demora.
« Mas como eu, precizado de descanço,
« Já cochilava, e tão de manso e manso
« Batestes, não fui logo, prestemente,
Certificar-me que ai estais. »
Disse ; a porta escancáro, acho a noite somente,
Sómente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escruto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal ha já sonhado ;
Mas o silencio amplo e calado,
Calado fica ; a quietação quieta ;
Só tu, palavra unica e dileta,
Lenora, tu, como um suspiro escasso,
Da minha triste boca sais ;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço ;
Foi isso apenas, nada mais.

Entro co' a alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Sôa um pouco mais forte ; eu, voltando-me a ella :
« Seguramente, ha na janela
« Alguma couza que sussurra. Abramos.
« Eia, fóra o temor, eia, vejamos
« A explicação do cazo misteriozo
« D'essas duas pancadas tais.
« Devolvamos a paz ao coração medrozo,
« Obra do vento e nada mais. »

Abro a janela, e de repente,
Vejo tumultuozamente
Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortezias
Um minuto, um instante. Tinha o aspeto
De um lord ou de uma lady. E pronto e reto,
Movendo no ar as suas negras alas,
Acima vôa dos portaes,
Trepa, no alto da porta, em um busto de Pallas ;
Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
Naquella rijida postura,
Com o gesto severo, — o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,
E eu disse : « O' tu que das noturnas plagas
« Vens, embora a cabeça nua tragas,
« Sem topete, não és ave medroza,
« Dize os teus nomes senhoriaes ;
Como te chamas tu na grande noite umbroza ?
E o corvo disse : « Nunca mais. »

Vendo que o passaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico atonito, embora a resposta que dera
Dificilmente lh'a entendera.
Na verdade, jamais homem ha visto
Couza na terra semelhante a isto ;
Uma ave negra, friamente posta
N'um busto, acima dos portaes,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é seu nome : « Nunca mais. »

No emtanto, o corvo solitario
Não teve outro vocabulario,
Como se essa palavra escassa que ali disse
Toda a sua alma rezumisse.

Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
Não chegou a mexer uma só pluma,
Até que eu murmurei : « Perdi outrora
« Tantos amigos tão leais !
« Perderei tambem este em regressando a aurora. »
E o corvo disse : « Nunca mais ! »

Estremeço. A resposta ouvida
E' tão exata ! é tão cabida !
« Certamente, digo eu, essa é toda a ciencia
« Que elle trouxe da convivencia
« De algum mestre infeliz e acabrunhado
« Que o implacavel destino ha castigado
« Tão tenaz, tão sem pauza, nem fadiga,
« Que dos seus cantos uzuaes
« Só lhe ficou, na amarga e ultima cantiga,
« Esse estribilho : « Nunca mais. »

Segunda vez, nesse momento,
Sorriu-me o triste pensamento :
Vou sentar-me defronte ao corvo magro e rudo ;
E mergulhando no veludo
Da poltrona que eu mesmo ali trouxera,
Achar procuro a lugubre quimera,
A alma, o sentido, o pavido segredo
Daquellas silabas fataes,
Entender o que quiz dizer a ave do medo
Grasnando a fraze : — Nunca mais.

Assim posto, devaneando,
Meditando, conjeturando,
Não lhe falava mais ; mas, se lhe não falava,
Sentia o olhar que me abrazava.
Conjeturando fui, tranquilo, a gosto,
Com a cabeça no macio encosto
Onde os raios da lampada caiam
Onde as tranças anjelicaes
De outra cabeça outrora ali se desparziam,
E agora não se esparzem mais.

Supuz então que o ar, mais denso,
Todo se enchia de um incenso,
Obra de serafins que, pelo chão roçando
Do quarto, estavam meneando
Um lijeiro turibulo invizivel ;
E eu exclamei então : « Um Deus sensivel
« Manda repouzo á dor que te devora

« D'estas saudades imortaes.
« Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora. »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

« Profeta, ou o que quer que sejas !
« Ave ou demonio que negrejas !
« Profeta sempre, escuta : Ou venhas tu do inferno
« Onde rezide o mal eterno,
« Ou simplesmente naufrago escapado
« Venhas do temporal que te ha lançado
« N'esta caza onde o Horror, o Horror profundo
« Tem os seus lares triunfaes,
« Dize-me : existe acazo um balsamo no mundo ? »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

« Profeta, ou o que quer que sejas !
« Ave ou demonio que negrejas !
« Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende !
« Por esse céu que além se estende,
« Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
« Dize a esta alma se é dado inda escutal-a
« No Eden celeste, a virjem que ella chora
« Nestes retiros sepulcraes,
« Essa que ora nos ceus anjos chamam Lenora ! »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

« Ave ou demonio que negrejas !
« Profeta, ou o que quer que sejas !
« Cessa, ai, cessa ! clamei, levantando-me, cessa !
Regressa ao temporal, regressa
« A' tua noite, deixa-me comigo.
« Vai-te, não fique no meu casto abrigo
« Pluma que lembre essa mentira tua.
« Tira-me o peito essas fataes
« Garras que abrindo vão a minha dor já crua. »
E o corvo disse : « Nunca mais. »

E o corvo aí fica ; eil-o trepado
No branco marmore lavrado
Da antiga Pallas ; eil-o imutavel, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demonio sonhando. A luz caida
Do lampeão sobre a ave aborrecida
No chão espraia a triste sombra ; e fóra
D'aquellas linhas funeraes
Que flutuam no chão, a minha alma que chora
Não sai mais, nunca, nunca mais !

POEZIA

(A ARTHUR DE OLIVEIRA, ENFERMO)

Sabes tu de um poeta enorme
Que andar não uza
No chão, e cuja extranha muza,
Que nunca dorme,

Calça o pé melindrozo e leve,
Como uma pluma,
De folha e flor, de sol e neve,
Cristal e espuma ;

E mergulha, como Leandro,
A fórma rara
No Pó, no Sena, em Guarnabara
E no Scamandro ;

Ouve a Tupan e escuta a Momo,
Sem controversia,
E tanto ama o trabalho como
Adora a inercia ;

Ora do fuste, ora da ojiva
Sair parece ;
Ora o deus do ocidente esquece
Pelo deus Siva ;

Gosta do estrepito infinito,
Gosta das longas
Solidões em que se ouve o grito
Das arapongas.

Se não sabes quem elle seja
Trepa de um salto
Azul acima, onde mais alto
A aguia negreja ;

Onde morre o clamor iniquo
Dos violentos,
Onde não chega o rizo obliquo
Dos fraudulentos ;

Então olha de cima posto
Para o oceano.
Verás n'um longo rosto humano
Teu proprio rosto.

E has de rir, não do rizo antigo,
Potente e largo,
Rizo de eterno moço amigo,
Mas de outro amargo,

Como o rizo de um deus enfermo
Que se aborrece
Da divindade, e que apetece
Tambem um termo...

O DELIRIO (1)

Que me conste, ainda ninguem relatou o seu proprio delirio ; faço-o eu, e a ciencia m'o agradecerá. Se o leitor não é dado á contemplação d'estes fenomenos mentaes, póde saltar o capitulo ; vá direito á narração. Mas, por menos curiozo que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vintes a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinez, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos : caprichos de mandarim.

Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Thomaz, impressa n'um volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas ; idéa esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade ; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguem as descruzava (Virgilia de certo), porque a atitude lhe dava a imajem de um defunto.

Ultimamente, restituido á fórma humana, vi chegar um hipopotamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertijinoza, que me atrevi a interrogal-o, e com alguma arte lhe disse que a viajem me parecia sem destino.

— Engana-se, replicou o animal, nós vamos á orijem dos seculos.

Insinuei que deveria ser muitissimo lonje ; mas o hipopotamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não finjiu uma d'essas couzas; e, perguntando-lhe, visto que elle falava, se era decendente do cavalo de Achilles ou da asna de Balaão, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dois quadrupedes : abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir á ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas taes ou quaes cocegas de curiozidade, por saber onde ficava a orijem dos seculos, se era tão misterioza como a orijem do Nilo, e sobretudo se valia alguma couza mais ou menos do que a consumação dos mesmos seculos : reflexões de celebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o

(1) Cap. VII das *Memorias postumas de Braz Cubas.*

caminho ; lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocazião em que me pareceu entrar na rejião dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava n'uma planicie branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vejetação de neve, e varios animaes grandes e de neve. Tudo neve ; chegava a gelar-nos um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta ancioza :

— Onde estamos ?

— Já passámos o Eden.

— Bem ; paremos na tenda de Abrahão.

— Mas se nós caminhamos para traz ! redarguiu motejando a minha cavalgadura.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incomodo, a condução violenta, e o rezultado impalpavel. E depois — cojitações de enfermo — dado que chegassemos ao fim indicado, não era impossivel que os seculos, irritados com lhes devassarem a orijem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como elles. Emquanto assim pensava, iamos devorando caminho, e a planicie voava debaixo dos nossos pés, até que o animal estacou, e pude olhar mais tranquilamente em torno de mim. Olhar sómente ; nada vi, além da imensa brancura da neve, que d'esta vez invadira o proprio céo, até ali azul. Talvez, a espaços, me aparecia uma ou outra planta, enorme, grutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silencio d'aquella rejião era egual ao do sepulcro; dissera-se que a vida das couzas ficára estupida deante do homem.

Caiu do ar ? destacou-se da terra ? não sei ; sei que um vulto imenso, uma figura de mulher me apareceu então, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo n'essa figura tinha a vastidão das fórmas selvaticas, e tudo escapava á compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diafano. Estupefacto, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito ; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava : curiozidade de delirio.

— Chama-me Natureza ou Pandora ; sou tua mãi e tua inimiga.

Ao ouvir esta ultima palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada que produziu em torno de nós o efeito de um tufão ; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou a mudez das couzas externas.

— Não te assustes, disse ella, minha inimizade não mata ; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives : não quero outro flajelo.

— Vivo ? perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existencia.

— Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dôr e o vinho da mizeria. Vives : agora mesmo que ensandeceste, vives ; e se a

tua conciencia rehouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

Dizendo isto, a vizão estendeu o braço, segurou-me pelos cabelos e levantou-me ao ar, como se fôra uma pluma. Só então pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorsão violenta, nenhuma expressão de odio ou ferocidade; a feição unica, geral, completa, era a da impassibilidade egoista, a da eterna surdez, a da vontade imovel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, n'esse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, deante do qual me sentia eu o mais debil e decrepito do seres.

— Entendeste-me? disse ella, no fim de algum tempo de mutua contemplação.

— Não, respondi; nem quero entender-te; tu és absurda, tu és uma fabula. Estou sonhando, de certo, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma couza vã, que a razão auzente não póde reger nem palpar. Natureza, tu? a Natureza que eu conheço é só mãi e não inimiga; não faz da vida um flajelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro. E porque Pandora?

— Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

— Sim; o teu olhar facina-me.

— Creio; eu não sou sómente a vida; sou tambem a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lacivo, espera-te a voluptuozidade do nada.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, n'aquelle imenso vale, afigurou-se-me que era o ultimo som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decompozição subita de mim mesmo. Então, encarei-a com olhos suplices, e pedi mais alguns anos.

— Pobre minuto! exclamou. Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetaculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspetos da terra, o sono, emfim, o maior beneficio das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

— Viver sómente, não te peço mais nada. Quem me poz no coração este amor da vida, se não tu? e, se eu amo a vida, porque te has de golpear a ti mesma, matando-me?

— Porque já não precizo de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jocundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subziste. Egoismo, dizes tu? Sim, egoismo, não tenho outra lei. Egoismo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocinio da onça é que ella deve viver, e se o

novilho é tenro tanto melhor : eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto, dizendo, arrebatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes e contemplei, durante um tempo largo, ao lonje, atravez de um nevoeiro, uma couza unica. Imajina tu, leitor, uma redução dos seculos, e um desfilar de todos elles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos imperios, a guerra dos apetites e dos odios, a destruição reciproca dos seres e das couzas. Tal era o espetaculo, acerbo e curiozo espetaculo. A historia do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imajinação nem a ciencia, porque a ciencia é mais lenta e a imajinação mais vaga, emquanto que o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevel-a seria precizo fixar o relampago. Os seculos desfilavam n'um turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delirio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim ; flajelos e delicias, — desde essa couza, que se chama gloria até essa outra que se chama mizeria, e via o amor multiplicando a mizeria, e via a mizeria agravando a debilidade. Aí vinham a cobiça que devora, a colera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, humidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos ajitavam o homem, como um chocalho, até destruil-o, como um farrapo. Eram as fórmas varias de um mal, que ora mordia a vicera, ora mordia o pensamento, e passeiava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da especie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia á indiferença, que era um sono, sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dôr bastarda. Então o homem, flajelado e rebelde, corria deante da fatalidade das couzas, atraz de uma figura nebuloza e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpavel, outro de improvavel, outro de invizivel, cozidos todos a ponto precario, com a agulha da imajinação ; e essa figura, — nada menos que a quimera da felicidade, — ou lhe fujia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cinjia ao peito e então ella ria, como um escarneo, e sumia-se, como uma iluzão.

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angustia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir ; e não por sei que lei de transtorno cerebral, fui eu que me puz a rir ; — de um rizo descompassado e idiota.

— Tens razão, disse eu, a couza é divertida e vale a pena, — talvez monotona — mas vale a pena. Quando Job amaldiçoava o dia em que fôra concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espetaculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e dijere-me ; a couza é divertida, mas dijere-me.

A resposta foi compelir-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os seculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se suberpunham ás gerações, umas tristes, como os Hebreus do cativeiro, outras alegres, como os devassos de Commodo,

e todas ellas pontuaes na sepultura. Quiz fujir, mas uma força misterioza me retinha os pés ; então disse comigo : — « Bem, os seculos vão passando, chegará o meu, e passará tambem, até o ultimo, que me dará a decifração da eternidade. » E fixei os olhos, e continuei a ver as edades, que vinham chegando e passando, já então tranquilo e rezoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada seculo trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéas novas, de novas iluzões ; em cada um d'elles rebentavam as verduras de uma primavera e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendario, fazia-se a historia e a civilização, e o homem, nú e dezarmado, armava-se e vestia-se, construia o tugurio e o palacio, a rude aldeia e Thebas de cem portas, creava a ciencia, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecanico, filozofo, corria a face do globo, decia ao ventre da terra, subia á esfera das nuvens, colaborando assim na obra misterioza, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do dezamparo. Meu olhar, enfarado e distraido, viu emfim chegar o seculo prezente, e atraz d'elle os futuros. Aquelle vinha ajil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuzo, audaz, sabedor, mas ao cabo tão mizeravel como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e egual monotonia. Redobrei de atenção ; fitei a vista ; ia emfim ver o ultimo — o ultimo ! ; mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava, a toda a compreensão; ao pé d'ella o relampago seria um seculo. Talvez por isso entraram os objetos a trocarem-se; uns creceram, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo, — menos o hipopotamo que ali me trouxera e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era efetivamente um gato. Encarei-o bem ; era o meu gato *Sultão*, que brincava á porta da alcova, com uma bola de papel...

O VELHO SENADO

A propozito de algumas litografias de Sisson, tive ha dias uma vizão do Senado de 1860. Vizões valem o mesmo que a retina em que se operam. Um politico, tornando a ver aquelle corpo, acharia nelle a mesma alma dos seus corelijionarios extintos, e um historiador colheria elementos para a historia. Um simples curiozo não descobre mais que o pintoresco do tempo e a expressão das linhas com aquelle tom geral que dão as couzas mortas e enterradas.

Nesse ano entrara eu para a imprensa. Uma noite, como saissemos do teatro Ginazio, Quintino Bocayuva e eu fomos tomar chá. Bocayuva era então uma gentil figura de rapaz, delgado, tez macia, fino bigode e olhos serenos. Já então tinha os gestos lentos

de hoje, e um pouco daquelle ar *distant* que Taine achou em Merimée. Disseram couza analoga de Challemel-Lacour, que alguem ultimamente definia como *très républicain de conviction et très aristocrate de tempérament.* O nosso Bocayuva era só a segunda parte, mas já então liberal bastante para dar um republicano convicto. Ao chá, conversámos primeiramente de letras, e pouco depois de politica, materia introduzida por elle, o que me espantou bastante; não era uzual nas nossas praticas. Nem é exato dizer que conversámos de politica, eu antes respondia ás perguntas que Bocayuva me ia fazendo, como se quizesse conhecer as minhas opiniões. Provavelmente não as teria fixas nem determinadas; mas, quaesquer que fossem, creio que as exprimi na proporção e com a precizão apenas adequadas ao que elle me ia oferecer. De fato, separamo-nos com prazo dado para o dia seguinte, na loja de Paula Brito, que era na antiga praça da Constituição, lado do teatro S. Pedro, a meio caminho das ruas do Cano e dos Ciganos. Relevai esta nomenclatura morta; é vicio de memoria velha. Na manhan seguinte, achei ali Bocayuva escrevendo um bilhete. Tratava-se do *Diario do Rio de Janeiro*, que ia reaparecer, sob a direção politica de Saldanha Marinho. Vinha dar-me um lugar na redação com elle e Henrique Cesar Muzzio.

Estas minudencias, agradaveis de escrever, sel-o-hão menos de ler. É dificil fujir a ellas, quando se recordam couzas idas. Assim, dizendo que no mesmo ano, abertas as camaras, fui para o Senado, como redator do *Diario do Rio*, não posso esquecer que nesse ou no outro ali estiveram comigo, Bernardo Guimarães, reprezentante do *Jornal do Commercio*, e Pedro Luiz, por parte do *Correio Mercantil*, nem as boas horas que vivemos os tres. Posto que Bernardo Guimarães fosse mais velho que nós, partiamos irmanmente o pão da intimidade. Deciamos juntos aquella praça da Aclamação, que não era então o parque de hoje, mas um vasto espaço inculto e vazio como o campo de S. Christovão. Algumas vezes iamos jantar a um *restaurant* da rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias, nome este que se lhe deu por indicação justamente do *Diario do Rio*; o poeta morára ali outrora e foi Muzzio, seu amigo, que pela nossa folha o pediu á Camara Municipal. Pedro Luiz não tinha só a paixão que poz nos belos versos á Polonia e no discurso com que, pouco depois, entrou na Camara dos Deputados, mas ainda a graça, o sarcasmo, a observação fina e aquelle largo rizo em que os grandes olhos se faziam maiores. Bernardo Guimarães não falava nem ria tanto, incumbia-se de pontuar o dialogo com um bom dito, um reparo, uma anedota. O Senado não se prestava menos que o resto do mundo á conversação dos tres amigos.

Poucos membros restarão da velha caza. Paranaguá e Sinimbú carregam o pezo dos anos com muita facilidade e graça, o que ainda mais admira em Sinimbú, que suponho mais edozo. Ouvi falar a este bastantes vezes; não apaixonava o debate, mas era simples, claro,

interessante, e fizicamente não perdia a linha. Esta geração conhece a firmeza daquelle homem politico, que mais tarde foi prezidente do conselho e teve de lutar com opozições grandes. Um incidente dos ultimos anos mostrará bem a natureza d'elle. Saindo da Camara dos Deputados para a secretaria da Agricultura, com o Visconde de Ouro Preto, colega de gabinete, eram seguidos por enorme multidão de gente em assuada. O carro parou em frente á secretaria ; os dois apearam-se e pararam alguns instantes, voltados para a multidão, que continuava a bradar e apupar, e então vi bem a diferença dos dois temperamentos. Ouro Preto fitava-a com a cabeça erguida e certo gesto de repto ; Sinimbú parecia apenas mostrar ao colega um trecho de muro, indiferente. Tal era o homem que conheci no Senado.

Para avaliar bem a minha impressão diante aquelles homens que eu via ali juntos, todos os dias, é precizo não esquecer que não poucos eram contemporaneos da Maioridade, algum da Rejencia, do primeiro reinado e da Constituinte. Tinham feito ou visto fazer a historia dos tempos iniciaes do rejimen, e eu era um adolecente espantado e curiozo. Achava-lhes uma feição particular, metade militante, metade triunfante, um pouco de homens, outro pouco de instituição. Paralelamente, iam-me lembrando os apodos e chufas que a paixão politica desferira contra alguns delles, e sentia que as figuras serenas e respeitaveis que ali estavam agora naquellas cadeiras estreitas não tiveram outrora o respeito dos outros, nem provavelmente a serenidade propria. E tirava-lhe as cans e as rugas, e fazia-os outra vez moços, ardegos e ajitados. Comecei a aprender a parte do prezente que ha no passado, e vice-versa. Trazia comigo a *oligarquia, o golpe de Estado de* 1848, e outras notas da politica em opozição ao dominio conservador, e ao ver os cabos deste partido, rizonhos, familiares, gracejando entre si e com os outros, tomando juntos café e rapé, perguntava a mim mesmo se eram elles que podiam fazer, desfazer e refazer os elementos e governar com mão de ferro este paiz.

Os senadores compareciam regularmente ao trabalho. Era raro não haver sessão por falta de *quorum*. Uma particularidade do tempo é que muitos vinham em carruajem propria, como Zacharias, Monte-Alegre, Abrantes, Caxias e outros, começando pelo mais velho, que era o marquez de Itanhaem. A edade deste fazia-o menos assiduo, mas ainda assim era-o mais do que cabia esperar delle. Mal se podia apear do carro, e subir as escadas ; arastava os pés á cadeira, que ficava do lado direito da meza. Era seco e mirrado, uzava cabeleira e trazia oculos fortes. Nas ceremonias de abertura e encerramento agravava o aspeto com a farda de senador. Se uzasse barba, poderia disfarçar o chupado e enjilhado dos tecidos, a cara rapada acentuava-lhe a decrepitude ; mas a cara rapada era o costume de outra quadra, que ainda existia na maioria do Senado, Uns, como Nabuco e Zacharias, traziam a barba toda

feita; outros deixavam pequenas suissas, como Abrantes e Paranhos, ou, como Olinda e Euzebio, a barba em fórma de colar; raros uzavam bigodes, como Caxias e Montezuma, — um Montezuma de segunda maneira.

A figura de Itanhaem ere uma razão vizivel contra a vitaliciedade do Senado, mas é tambem certo que a vitaliciedade dava áquella caza uma conciencia de duração perpetua, que parecia ler-se no rosto e no trato de seus membros. Tinham um ar de familia, que se dispersava durante a estação calmoza, para ir ás aguas e outras diversões, e que se reunia depois, em prazo certo, anos e anos. Alguns não tornavam mais, e outros novos apareciam; mas tambem nas familias se morre e nace. Dissentiam sempre, mas é proprio das familias numerozas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar; parece até que é a melhor prova de estar dentro da humanidade. Já então se evocavam contra a vitaliciedade do Senado os principios liberaes, como se fizera antes. Algumas vozes, vibrantes cá fóra, calavam-se lá dentro, é certo, mas o germen da reforma ia ficando, os programas o acolhiam, e, como em varios outros cazos, os sucessos o fizeram lei.

Nenhum tumulto nas sessões. A atenção era grande e constante. Geralmente, as galerias não eram mui frequentadas, e, para o fim da hora, poucos espectadores ficavam, alguns dormiam. Naturalmente, a discussão do voto de graças e outras chamavam mais gente. Nabuco e algum outro dos principaes da caza gozavam do privilejio de atrair grande auditorio, quando se sabia que elles rompiam um debate ou respondiam a um discurso. Nessas ocaziões, mui excepcionalmente, eram admitidos ouvintes no proprio salão do Senado, como aliás era comum na Camara temporaria; como nesta porém, os espectadores não intervinham com aplauzos nas discussões. A prezidencia de Abaeté redobrou a disciplina do rejimento, porventura menos apertada no tempo da prezidencia de Cavalcanti.

Não faltavam oradores. Uma só vez ouvi falar a Eusebio de Queiroz, e a impressão que me deixou foi viva; era fluente, abundante, claro, sem prejuizo do vigor e da enerjia. Não foi discurso de ataque, mas de defeza, falou na qualidade de chefe do partido conservador, ou *papa;* Itaborahy, Uruguay, Sayão Lobato e outros eram *cardeaes*, e todos formavam o *consistorio*, segundo a celebre definição de Octaviano no *Correio Mercantil.* Não reli o discurso, não teria agora tempo nem oportunidade de fazel-o, mas estou que a impressão não haveria diminuido muito, posto lhe falte o efeito da propria voz do orador, que seduzia. A materia era sobremodo ingrata: tratava-se de explicar e defender o acumulo dos cargos publicos, acuzação feita na imprensa da opozição. Era a tarde da oligarquia, o crepusculo do dominio conservador. As eleições de 1860, na capital, deram o primeiro golpe na situação; se tambem deram o ultimo, não sei; os partidos nunca se entenderam bem ácerca

das cauzas imediatas da propria quéda ou subida, salvo no ponto de serem alternadamente a violação ou a restauração da carta constitutional. Quaesquer que fossem, então, a verdade é que as eleições da capital naquelle ano podem ser contadas como uma vitoria liberal. Ellas trouxeram á minha imajinação adolecente uma vizão rara e especial do poder das urnas. Não cabe inseril-a aqui ; não direi o movimento geral e o calor sincero dos votantes, incitados pelo artigos da imprensa e pelos discursos de Theophilo Ottoni, nem os lances, cenas e brados de taes dias. Não me esqueceu a maior partes delles ; ainda guardo a impressão que me deu um obscuro votante que veiu ter com Ottoni, perto da matriz do Sacramento. Ottoni não o conhecia, nem sei se o tornou a ver. Elle chegou-se-lhe e mostrou-lhe um maço de cedulas, que acabava de tirar escondidas da algibeira de um ajente contrario. O rizo que ai companhou esta noticia nunca mais se me apagou da memoria. No meio das mais ardentes reivindicações deste mundo, alguma vez me despontou ao lonje aquella boca sem nome, acazo veridica e honesta em tudo o mais da vida, que ali viera confessar candidamente, e sem outro premio pessoal, o fino roubo praticado. Não mofes desta insistencia pueril da minha memoria ; eu a tempo advirto que as mais claras aguas podem levar de enxuro alguma palha pôdre, — si é que é pôdre, si é que é mesmo palha.

Eusebio de Queiroz era justamente respeitado dos seus e dos contrarios. Não tinha a figura esbelta de um Paranhos, mas ligava-se-lhe uma historia particular e celebre, dessas que a cronica social e politica de outros paizes escolhe e examina, mas que os nossos costumes, — aliás demaziado soltos na palestra, — não consentem inserir no escrito. Demais, pouco valeria repetir agora o que se divulgava então, não podendo pôr aqui a propria e extremada beleza da pessoa que as ruas e salas desta cidade viram tantas vezes. Era alta e robusta ; não me ficaram outros pormenores.

O Senado contava raras sessões ardentes ; muitas, porém, eram animadas. Zacharias fazia reviver o debate pelo sarcasmo e pela presteza e vigor dos golpes. Tinha a palavra cortante, fina e rapida, com uns efeitos de sons guturaes, que a tornavam mais penetrante e irritante. Quando elle se erguia, era quazi certo que faria deitar sangue a alguem. Chegou até hoje a reputação de *debater*, como opozicionista, e como ministro e chefe de gabinete. Tinha audacias, como a da escolha « não acertada », que a nenhum outro acudiria, creio eu. Politicamente, era uma natureza seca e sobranceira. Um livro que foi de seu uzo, uma historia de Clarendon (*History of the rebellion and civil wars in England*) marcado em partes, a lapis encarnado, tem uma sublinha nas seguintes palavras (vol. I, page 44) atribuidas ao conde de Oxford, em resposta ao duque de Buckingham, « que não buscava a sua amizade nem temia o seu odio. » E' arriscado ver sentimentos pessoaes nas simples notas ou lembranças postas em livros de estudo, mas aqui parece que o espirito de Zacha-

rias achou o seu parceiro. Particularmente, ao contrario, e desde que se inclinasse a alguem, convidava fortemente a amal-o ; era lhano e simples, amigo e confiado. Pessoas que o frequentavam, dizem e afirmam que , sob as suas arvores da rua do Conde ou entre os seus livros, era um gosto ouvil-o, e raro haverá esquecido a graça e a polidez dos seus obsequios. No Senado, sentava-se á esquerda da meza, ao pé da janela, abaixo de Nabuco, com quem trocava os seus reparos e reflexões. Nabuco, outra das principaes vozes do Senado, era especialmente orador para os debates solenes. Não tinha o sarcasmo agudo de Zacharias, nem o epigrama alegre de Cotegipe. Era então o centro dos conservadores moderados que, com Olinda e Zacharias, fundaram a liga e os partidos progressista e liberal. Joaquim Nabuco com a eloquencia de escritor politico e a afeição de filho dirá toda essa historia no livro que está consagrando á memoria de seu ilustre pai. A palavra do velho Nabuco era modelada pelos oradores da tribuna liberal franceza. A minha impressão é que preparava os seus discursos, e a maneira por que os proferia realçava-lhes a materia e a forma solida e brilhante. Gostava das imajens literarias : uma dessas, a comparação do poder moderador á estatua de Glauco, fez, então fortuna. O gesto não era vivo, como o de Zacharias, mas pauzado, o busto cheio era tranquilo, e a voz adquiria uma sonoridade que habitualmente não tinha.

Mas eis que todas as figuras se atropelam na evocação comum, as de grande pezo, como Uruguay, com as de pequeno ou nenhum pezo, como o padre Vasconcellos, senador creio que pela Parahyba, um bom homem que ali achei e morreu pouco depois. Outro, que se podia incluir nesta segunda categoria, era um de quem só me lembram duas circumstancias, as longas barbas grizalhas e sérias, e a cautela e pontualidade com que não votava as artigos de uma lei sem ter os olhos pregados em Itaborahy. Era um modo de cumprir a fidelidade politica e obedecer ao chefe, que herdara o bastão de Eusebio. Como o recinto era pequeno, viam-se todos esses gestos, e quazi se ouviam todas as palavras particulares. E, com quanto fosse assim pequeno, nunca vi rir a Itaborahy, creio que os seus musculos dificilmente ririam — o contrario de S. Vicente, que ria com facilidade, um rizo bom, mas que lhe não ia bem. Quaesquer que fossem, porém, as dezelegancias fizicas do senador por S. Paulo, e mau grado a palavra sem sonoridade, era ouvido com grande respeito, como Itaborahy. De Abrantes dizia-se que era um canario falando. Não sei até que ponto merece a definição ; em verdade, achava-o fluente, acazo doce, e, para um povo maviozo como o nosso, a qualidade era precioza ; nem por isso Abrantes era popular. Tambem não o era Olinda, mas a autoridade deste sabe-se que era grande. Olinda aparecia-me envolvido na aurora remota do reinado e na mais recente aurora liberal ou « situação nacente », mote de um dos chefes da liga, penso que Zacharias, que os conservadores glozaram por todos os feitios, na tribuna e na imprensa. Mas não

deslizemos a reminicencias de outra ordem ; fiquemos na surdez de Olinda, que competia com Beethoven nesta qualidade, menos muzical que politica. Não seria tão surdo. Quando tinha de responder a alguem, ia sentar-se ao pé do orador, e escutava atento, cara de marmore, sem dar um aparte, sem fazer um gesto, sem tomar uma nota. E a resposta vinha logo; tão de pressa o adversario acabava, como elle principiava, e, ao que me ficou, lucido e completo.

Um dia vi ali aparecer um homem alto, suissas e bigodes brancos e compridos. Era um dos remanecentes da Constituinte, nada menos que Montesuma, que voltava da Europa. Foi-me impossivel reconhecer naquella cara barbada a cara rapada que eu conhecia da litografia Sisson ; pessoalmente nunca o vira. Era, muito mais que Olinda, um tipo de velhice robusta. Ao meu espirito de rapaz afigurava-se que elle trazia ainda os rumores e os gestos da assembléa de 1823. Era o mesmo homem ; mas foi precizo ouvil-o agora para sentir toda a veemencia dos seus ataques de outrora. Foi precizo ouvir-lhe a ironia de hoje para entender a ironia daquella retifição que elle pôz ao texto de uma pergunta ao ministro do Imperio, na celebre sessão permanente de 11 a 12 de Novembro: « Eu disse que o Sr. ministro do Imperio, por estar ao lado de Sua Majestade, melhor conhecerá o « espirito da tropa, » e um dos senhores secretarios escreveu « o espirito de Sua Majestade », quando não disse tal, *porque deste não duvido eu.* »

Agora o que eu mais ouvia dizer delle, além do talento, eram as suas infidelidades, e sobre isto corriam anedotas ; mas eu nada tenho com anedotas politicas. Que se não pudesse fiar muito em seus carinhos parlamentares, creio. Uma vez, por exemplo, encheu a alma de Souza Franco de grandes aleluias. Querendo criticar o ministro da Fazenda (não me lembra quem era) começou por afirmar que nunca tiveramos ministros da Fazenda, mas tão sómente ministros do Tezouro. Encarecia com adjetivos : excelentes, ilustrados, conspicuos ministros do Tezouro, mas da Fazenda nenhum. « Um houve, Sr. prezidente, que nos deu alguma couza do que deve ser um ministro da Fazenda ; foi o nobre senador pelo Pará. » E Souza Franco sorria alegre, deleitava-se com a exceção, que devia doer ao seu forte rival em finanças, Itaborahy; não passou muito tempo que não perdesse o gosto. De outra vez, Montesuma atacava a Souza Franco, e este novamente sorria, mas agora a expressão não era alegre, parecia rir de desdem. Montesuma empina o busto, encara-o irritado, e com a voz e o gesto intima-lhe que recolha o rizo ; e passa a demonstrar as suas criticas, uma por uma, com esta especie de estribilho: « Recolha o rizo o nobre senador! » Tudo isto acezo e torvo. Souza Franco quiz rezistir ; mas o riso recolheu-se por si mesmo. Era então um homem magro e cançado. Gozava ainda agora a popularidade ganha na Camara dos Deputados, anos antes, pela campanha que sustentou, sózinho e parece que enfermo, contra o partido conservador.

Contrastando com Souza Franco, vinha a figura de Paranhos, alta e forte. Não é precizo dizel-o, a uma geração que o conheceu e admirou, ainda belo e robusto na velhice. Nem é precizo lembrar que era uma das primeiras vozes do Senado. Eu trazia de cór as palavras que alguem me confiou haver dito, quando elle era simples estudante da Escola Central : « Sr. Paranhos, você ainda ha de ser ministro ». O estudante respondia modestamente, sorrindo ; mas o profeta dos seus destinos tinha apanhado bem o valor e a direção da alma do moço.

Muitas recordações me vieram do Paranhos de então, discursos de ataque, discursos de defeza, mas uma basta, a justificação do convenio de 20 de fevereiro. A noticia d'este ato entrou no Rio de Janeiro, como as outras desse tempo, em que não havia telegrafo. Os sucessos do exterior chegavam-nos ás braçadas, por atacado, e uma batalha, uma conspiração, um ato diplomatico eram conhecidos com todos os seus pormenores. Por um paquete do sul soubemos do convenio da vila da União. O pacto foi mal recebido, fez-se uma manifestação de rua, e um grupo de populares, com tres ou quatro chefes á frente, foi pedir ao governo a demissão do plenipotenciario. Paranhos foi demitido, e, aberta a sessão parlamentar, cuidou de produzir a sua defeza.

Tornei a ver aquelle dia, e ainda agora me parece vel-o. Galerias e tribunas estavam cheias de gente; ao salão do Senado foram admitidos muitos homens politicos ou simplesmente curiozos. Era uma hora da tarde quando o prezidente deu a palavra ao senador por Matto-Grosso ; começava a discussão do voto de graças. Paranhos costumava falar com moderação e pauza ; firmava os dedos, erguia-os para o gesto lento e sobrio, ou então para chamar os punhos da camiza, e a voz ia saindo meditada e colorida. Naquelle dia, porém, a ancia de produzir a defeza era tal, que as primeiras palavras foram antes bradadas que ditas : « Não a vaidade, Sr. prezidente... » D'aí a um instante, a voz tornava ao diapazão habitual, e o discurso continuou como nos outros dias. Eram nove horas da noite, quando elle acabou; estava como no principio, nenhum sinal de fadiga nelle nem no auditorio, que o aplaudiu. Foi uma das mais fundas impressões que me deixou a eloquencia parlamentar. A ajitação passara com os sucessos, a defeza estava feita. Anos depois do ataque, esta mesma cidade aclamava o autor da lei de 28 de setembro de 1871, como uma gloria nacional; e ainda depois, quando elle tornou da Europa, foi recebel-o e conduzil-o até á caza. Ao clarão de um belo sol, rubro de comoção, levado pelo entuziasmo publico, Paranhos seguia as mesmas ruas que, anos antes, voltando do Sul, pizara sózinho e condenado.

A vizão do Senado foi-se-me assim alterando nos gestos e nas pessoas, como nos dias, e sempre remota e velha : era o Senado daquelles tres anos. Outras figuras vieram vindo. Além dos cardeaes, os Muritibas, os Souza e Mellos, vinham os de menor graduação poli-

tica, o rizonho Penna, zelozo e miudo em seus discursos, o Jobim, que falava algumas vezes, o Ribeiro, do Rio Grande do Sul, que não falava nunca, — não me lembra, ao menos. Estě, filozofo e filologo, tinha junto a si, no tapete, encostado ao pé da cadeira, um exemplar do dicionario de Moraes. Era comum vel-o consultar um e outro tomo, no correr de um debate, quando ouvia algum vocabulo, que lhe parecia de incerta orijem ou duvidoza aceitação. Em contraste com a abstenção delle, eis aqui outro, Silveira da Motta, assiduo na tribuna, opozicionista por temperamento, e este outro, D. Manoel de Assis Mascarenhas, bom exemplar da geração que acabava. Era um homemzinho seco e baixo, cara liza, cabelo raro e branco, tenaz, um tanto impertinente, creio que desligado de partidos. Da sua tenacidade dará ideia o que lhe vi fazer em relação a um projeto de subvenção ao teatro lirico, por meio de loterias. Não era novo ; continuava o de anos anteriores. D. Manoel opunha-se — por todos os meios á passajem delle, e fazia extensos discursos. A meza, para acabar com o projeto, já o incluia entre os primeiros na ordem do dia, mas nem assim dezanimava o senador. Um dia foi elle colocado antes de nenhum. D. Manoel pediu a palavra, e francamente declarou que era seu intuito falar toda a sessão ; portanto, aquelles de seus colegas que tivessem algum negocio extranho e fóra do Senado podiam retirar-se : não se discutiria mais nada. E falou até o fim da hora, consultando a miudo o relojio para ver o tempo que lhe ia faltando. Naturalmente não haveria muito que dizer em tão escassa materia, mas a rezolução do orador e a liberdade do rejimento davam-lhe meio de compor o discurso. Daí nacia uma infinidade de epizodios, reminicencias, argumentos e explicações ; por exemplo, não era recente a sua aversão ás loterias, vinha do tempo em que, andando a viajar, foi ter a Hamburgo ; ali ofereceram-lhe com tanta instancia um bilhete de loteria, que elle foi obrigado a comprar, e o bilhete saiu branco. Esta anedota era contada com todas as minucias necessarias para amplial-a. Uma parte do tempo falou sentado e acabou diante da meza e tres ou quatro colegas. Mas, imitando assim Catão, que tambem falou um dia inteiro para impedir uma petição de Cesar, foi menos feliz que o seu colega romano. Cesar retirou a petição, e aqui as loterias passaram, não me lembra se por fadiga ou omissão de D. Manoel ; anuencia é que não podia ser. Tais eram os costumes do tempo.

E apoz ele vieram outros, e ainda outros, Sapucahy, Maranguape, Itaúna, e outros mais, até que se confundiram todos e desapareceu tudo, couzas e pessôas, como sucede ás vizões. Pareceu-me vel-os enfiar por um corredor escuro, cuja porta era fechada por um homem de capa preta, meias de seda preta, calções pretos e sapatos de fivela. Este era nada menos que o proprio porteiro do Senado, vestido segundo as praxes do tempo, nos dias de abertura e encerramento da assembléa geral. Quanta couza obsoleta! Alguem ainda

quiz obstar á ação do porteiro, mas tinha o gesto tão cançado e vagarozo que não alcançou nada; aquelle deu volta á chave, envolveu-se na capa, saiu por uma das janelas e esvaiu-se no ar, a caminho de algum cemiterio, provavelmente. Se valesse a pena saber o nome do cemiterio, iria eu catal-o, mas não vale, todos os cemiterios se parecem.

MISSA DO GALO

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, ha muitos anos, contava eu dezesete, ella trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos á missa do galo, preferi não dormir ; combinei que eu iria acordal-o á meia noite.

A caza em que eu estava hospedado era a do escrivão Menezes, que fôra cazado, em primeiras nupcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãi desta acolheram-me quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, mezes antes, a estudar preparatorios. Vivia tranquilo, naquella caza assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A familia era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. A's dez horas da noite toda a gente estava nos quartos ; ás dez e meia a caza dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Menezes que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse comsigo. Nessas ocaziões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam á socapa ; elle não respondia, vestia-se, saia e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Menezes trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fóra de caza uma vez por semana. Conceição padecera, a principio, com a existencia da comborça ; mas, afinal, rezignara-se, acostumára-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição ! Chamavam-lhe a « santa », e fazia jus ao titulo tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lagrimas, nem grandes rizos. No capitulo de que trato, dava para maometana ; aceitaria um harem, com as aparencias salvas. Deus me perdôe, se a julgo mal. Tudo nella era atenuado e passivo. O proprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpatica. Não dizia mal de ninguem, perdoava tudo. Não sabia odiar ; póde ser até que não soubesse amar.

Naquella noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias ; mas fiquei até o Natal para ver « a missa do galo na Côrte ». A familia recolheu-se á hora do costume ; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguem. Tinha tres chaves a porta ; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em caza.

— Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? perguntou-me a mãi de Conceição.

— Leio, D. Ignacia.

Tinha comigo um romance, *Os Tres Mosqueteiros*, velha tradução creio do *Jornal do Commercio*. Sentei-me á meza que havia no centro da sala, e á luz de um candieiro de kerozene, emquanto a caza dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me ás aventuras. Dentro em pouco estava completamente ebrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrario do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quazi sem dar por ellas, um acazo. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veiu acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de vizitas á de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar á porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi? perguntou ella.

— Não fui; parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciencia!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas de alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de vizão romantica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ella foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma couza em outro espirito, depressa a botei fóra, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha cauza, e mentisse para me não aflijir ou aborrecer. Já disse que ella era boa, muito boa.

— Mas a hora já hade estar proxima, disse eu.

— Que paciencia a sua de esperar acordado, emquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi os passos extranhei; mas a senhora apareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos *Mosqueteiros*.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a *Moreninha*?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Começei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me om

a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as palpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a lingua pelos beiços, para humedecel-os. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre elles pouzar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

— Talvez esteja aborrecida, pensei eu.

E logo alto :

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relojio ; são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia ?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não ; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, heide passar pelo sono. Mas tambem estou ficando velha.

— Que velha o quê, D. Conceição ?

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas ; agora, porem, ergueu-se, rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo ; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquella noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou concertando a pozição de algum objeto no aparador ; afinal deteve-se, ante mim, com a meza de permeio. Estreito era o circulo das suas ideias ; tornou ao espanto de me ver esperar acordado ; eu repeti-lhe o que ella sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Côrte, e não queria perdel-a.

— E' a mesma missa da roça ; todas as missas se parecem.

— Acredito ; mas aqui ha de haver mais luxo e mais gente tambem. Olhe, a semana santa na Côrte é mais bonita que na roça. S. João não digo, nem Santo-Antonio...

Pouco a pouco, tinha-se inclinado ; fincara os cotovelos no marmore da meza e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas cairam naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova para mim, posto tambem não fosse comum ; naquelle momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azues, que apezar da pouca claridade, podia contal-as do meu lugar. A prezença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras couzas que me iam vindo á boca. Falava emendando os assuntos, sem saber porquê, variando delles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazel-a sorrir e ver-lhe os dentes que luziam

de brancos, todos eguaezinhos. Os olhos della não eram bem negros, mas escuros ; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ella reprimia-me :

— Mais baixo ! mamãi póde acordar.

E não saía daquella pozição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era precizo falar alto para ser ouvido ; cochichavamos os dois, eu mais que ella, porque falava mais ; ella, ás vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cançou ; trocou de atitude e de lugar. Deu volta á meza e veiu sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas ; mas foi só o tempo que ella gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho :

— Mamãi está lonje, mas tem o sono muito leve ; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu tambem sou assim.

— O que ? perguntou ella inclinando o corpo para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Riu-se da coincidencia ; tambem ella tinha o sono leve ; eramos tres sonos leves.

— Ha ocaziões em que sou como mamãi ; acordando, custa-me dormir outra vez, rólo na cama, á toa, levanto-me, acendo a vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não, atalhou ella.

Não entendi a negativa ; ella póde ser que tambem não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com ellas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma historia de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pezadelo, em creança. Quiz saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu désse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ella inventava outra pergunta ou outra materia, e eu pegava, novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me :

— Mais baixo, mais baixo...

Havia tambem umas pauzas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir ; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ella os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarozamente. Ha impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confuzas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocazião, ella, que era apenas simpatica, ficou linda, ficou lindissima. Estava de pé, os braços cruzados ; eu, em respeito a ella, quiz levantar-me ; não consentiu, pôz uma das mãos no meu hombro, e obrigou-me a estar sentado.

Cuidei que ia dizer alguma couza; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achára lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negocio deste homem. Um reprezentava « Cleopatra » ; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos ; naquelle tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imajens, duas santas. Estas são mais proprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro ? A senhora nunca foi a caza de barbeiro.

— Mas imajino que os freguezes, em quanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da caza alegra a vista delles com figuras bonitas. Em caza de familia é que não acho proprio. E' o que eu penso ; mas eu penso muita couza assim exquizita. Seja o que fôr, não gosto dos quadros, Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita ; mas é de escultura, não se póde pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratorio.

A ideia do oratorio trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quiz dizel-o. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ella contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça á minha alma e fazia esquecer a missa e a egreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns cazos de passeio, reminicencias de Paquetá, tudo de mistura, quazi sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do prezente, dos negocios da caza, das canceiras de familia, que lhe diziam ser muitas, antes de cazar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que cazára aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a principio, e quazi não saira da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar á toa para as paredes.

— Precizamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse comsigo.

Concordei, para dizer alguma couza, para sair da especie de sono magnetico, ou o que quer que era que me tolhia a lingua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação ; fazia esfôrço para arredar os olhos della, e arredava-os por um sentimento de respeito ; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silencio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor unico e escasso, era um roer de

comondongo no gabinete, que me acordou daquella especie de sonolencia; quiz falar delle, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fóra, e uma voz que bradava : « Missa do galo ! missa do galo ! »

— Aì está o companheiro, disse ella levantando-se. Tem graça ; você é que ficou de ir acordal-o, elle é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas ; adeus.

— Já serão horas ? perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do galo ! repetiram de fóra, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus ; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pizando mansinho. Saí á rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a egreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpoz-se mais de uma vez, entre mim e o padre ; fique isto á conta dos meus dezesete anos. Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na egreja sem excitar a curiozidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da vespera. Pelo Anno-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei a Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a vizitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que cazára com o escrevente juramentado do marido.

II

LAFAYETTE RODRIGUES PEREIRA

Lafayette Rodrigues Pereira naceu em 1834, em Queluz. Minas-Geraes. E' formado em direito pela Faculdade de S. Paulo. Advogado, jornalista, jurisconsulto, foi deputado, senador e ministro no tempo no Imperio.

Escreveu : *Constituição politica*, ensaio : *Soberania*, ensaio : *Sistema de circunstancias attenuantes e aggravantes do Codigo do Imperio*: *Direitos de familia*; *Direitos das Coizas* ; *Questão commercial ; Direito internacional* ; e *Vindiciae*, com o pseudonimo de *Labieno.*

Redijiu *A Actualidade* : *Le Brésil* : *Diario do Povo* e *A Republica.*

D. GONÇALVES DE MAGALHÃES

Domingos Gonçalves de Magalhães (1811-1882) naceu no Rio de Janeiro. Foi lente de filozofia no Coléjio D. Pedro II e diplomata, tendo exercido o cargo de Ministro plenipotenciario em Washington e junto ao Vaticano.

Poeta, escritor de teatro, historiador e filozofo. Escreveu *Poesias avulsas*, *Suspiros poeticos* e *saudades*, *Urania*, *Cantos funebres*, *Fatos do espirito humano*, *A alma e o cerebro*, *Comentarios e pensamentos*, *Opusculos historicos* e *literarios*, *Tragedias*, *A Confederaçao dos Tamoyos*, poema.

Foi contemporaneo e amigo de Gonçavles Dias e Porto Alegre.

MAGALHÃES DE AZEREDO

Carlos Magalhães de Azeredo naceu em 1872 no Rio de Janeiro. Estudou no Coléjio de Itú e formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo. E' secretario da legação brasileira junto ao Vaticano.

Poeta, novelista e critico. Colaborou em varias jornaes e revistas de S. Paulo, na *Gazeta do Noticias* e no *Jornal do Commercio.*

Publicou *Alma primitiva*, contos: *Procellaria*, poezias ; *Baladas e Fantazias*, contos : *Homens e livros*, ensaios de critica ; *Horas sagradas*, poezia ; *Odes e elejias*, poezias : *O hino da purpura*, poema; *Ode a Portugal*, poema.

TROVAS

Em noites de luar, ao som da viola, pelas ruas solitarias da vila, o trovador ambulante cantava :

I

Teus beijos, ao serem dados,
Tinham doçuras sem fim.
Por que, mais tarde lembrados,
A boca amargam assim ?

II

Verde estava o milho agreste,
Quando entraste no meu lar.
Mas outro amante quizeste
Antes de o ver lourejar.

A um o verão, a outro o inverno,
Vá lá! seja como for!
Quem exije laço eterno
D'esse travêsso do Amor ?

Mas uma dupla aventura
No mesmo estio ? Isso não !
Amor, tem vergonha ! Dura
Ao menos uma estação !

III

Pedi ao velho vigario :
— Cuide dos amores meus !
E elle disse : — O meu breviario
Só me ensina o amor de Deus...

IV

Se ás cinco horas entra a missa,
Achas que é cedo demais ;
Mas *lá*, sem sono ou preguiça,
A's tres, para vel-o, vais...

V

Cuidado em ti, rapariga !
Elle sob o laranjal,
Onde a teu lado se abriga,
Mostra-te a flor nupcial.

Vê que outras, antes de um ano,
Nesse jôgo sedutor,
Têm ganho só, por engano,
O fruto, mas não a flor...

VI

Na fonte, sobre um rochedo,
Juraste só minha ser.
Mas recordaste bem cedo
Que variar é teu prazer.

Na fonte, hoje eu te dizia :
— Essa agua te ouviu mentir
Naquelle famozo dia...
E tu respondeste a rir :

— Essa agua ? não, não foi *essa*,
Que na fonte agora está.
A que me ouviu tal promessa
Por muito lonje anda já !...

Meus desconsôlos á fonte
Contei. De ouvil-os contar,
Lá nas quebradas do monte
A fonte poz-se a chorar !

VII

— Que farias das mulheres ?
Perguntei ao mar falaz.
— D'ellas faze o que quizeres
Tu ! E a mim deixa-me em paz !

— Mas uma bem linda, ao menos,
Outrora em ti se formou.
— Já sei que falas de Venus...
Bem arrependido estou !

VIII

Teu amor, sempre funesto,
Dois homens armou sem dó.
Houve rixa e sangue. O resto
Coube em dois tumulos só.

Mas com esses dois fantasmas
E's tão feliz, que tambem
Mais dois rivais entuziasmas...
E o novo drama já vem !

IX

Que a agua da pia afujenta
O diabo — é ponto de fé.
Mas a ella eu dou-lhe agua benta,
E nem se move. Por que é ?

X

Pobres das castas estrêlas,
No seu pudor infantil !
Tenho compaixão, ao vel-as
Mirar este mundo vil !

Vêm tanta couza medonha,
Da tardinha ao arrebol,
Que o alvo Syrius, de vergonha,
Fica mais rubro que o sol...

XI

Santo Antonio, tu me viste,
Qual eu era, e qual fiquei ;
Era alegre, e hoje sou triste,
Era bom, e sou... nem sei...

Artes de um lindo demonio
De saias, que esteve aqui...
Faze-me achar, Santo Antonio,
O juizo que eu perdi !

XII

Sei que estás aí á janela,
Por traz dos vidros, sem luz ;
E emquanto a noite te gela
No chão pouzas os pés nus.

Lesta saltaste da cama,
Ao escutar minha voz ;
E cuidas que ella te chama
Para falarmos a sós,

Mas tu te iludes, Morena ;
Já não canto para ti ;
Canto, na noite serena,
Para a lua, que sorri...

Exposta ao frio inclemente,
Que te cresta a fina tez,
Tu podes ficar doente...
Vai-te deitar outra vez !

A PORTUGAL, NO CENTENARIO DAS INDIAS (1898)

I

Ó Tejo de ondas flavas,
Tejo de ondas lijeiras,
Em que se vão cruzando aventureiras
Velas, do rude pescador escravas,
Com livres garças e gaivotas bravas ;
Ó Tejo de ondas várias,
Tejo, espelho fuljente,
Onde se mira, em sombras lejendarias,
De tuas marjens o jardim fremente,
Cujo perfume ao lonje se presente ;
Tejo de ondas inquietas,
Tejo de foz sonora,
Tão querido de heroes e de poetas,
E das Camenas, que em teu reino outrora
Tinham suas moradas prediletas ;
Que saudade soturna,
Deve carpir em ti, de vaga a vaga,
Envolta na neblima taciturna,
Que astros do ceu, lumes da terra apaga,
Na solidão noturna !
Ora, dezerto e triste,
Com que amargura lembrarás aquellas
Eras de fausto espléndido, em que viste,
Deixando, em chôro damas e donzelas,
Partirem os galeões e as caravelas !
Por fantásticas rotas,
Violando do misterio as atras teias,

Afrontando tufões, sirtes, sereias,
E os mil perigos das rejiões ignotas,
Iam avante as atrevidas frotas...
Já se calam do mar as roucas furias ;
Surjem as ribas onde brizas calmas,
Impregnadas de aromas e luxurias,
Meneiam brandamente as verdes palmas,
E as orquideas purpureas...
Aos Luzos não reziste a barbaria
D'essas remotas gentes ;
Aliando a ambição á fé que os guia,
Elles conquistam, com brazões de crentes,
Tezouros de metaes e pedraria...
E emfim, tornando, sob um ceu jocundo,
Ao ninho seu paterno,
Triunfantes do Pélago e do Averno,
Com o espolio fecundo
Glória trazem á patria, assombro ao mundo !

II

Para empolgar o colossal dominio,
Abrias, raça forte, os longos braços ;
E com valor fulmineo
Destruias, em rápido exterminio,
Quem se erguesse revel contra teus passos,
E os ouvidos cerravas, desdenhoza,
De revezes futuros não cuidando,
Aos vaticinios que ia murmurando,
Com tibia voz medroza,
Esse velho de aspeito venerando...
Que prudencia mesquinha
Te arrancaria aos teus hardidos planos,
Se num só povo a tua audacia vinha
Fundir Cartajinezes e Romanos,
E o proprio Adamastor te não detinha ?
Os Argonautas seu fatal desdouro
Na prole tua têm que o Oriente invade ;
As Indias valem mais que o Velo de Ouro !
Já nessa heroica edade
As fábulas vencia a realidade !
Quem te dera em Ourique uma corôa

Guiava agora as naus de aguda proa
Por mares nunca d'antes navegados ;
E apontava aos barões assinalados
Calecut e Kambai, Sofala e Goa...
Eis Hormuz, ninho fresco de blandicias,
Guardado á sombra de um verjel espesso ;
Lindas mulheres á paixão propicias,
Em palacios de mármores sem preço,
Lá te ofertavam lúbricas delicias.
Sagrando a Venus ritos delirantes,
Enfeitadas de efémeras grinaldas,
Com veus de gaze e sedas roçagantes,
A coma, o colo, os dedos, cintilantes
De rubis, de safiras e esmeraldas ;
Ellas uniam lánguidos olhares
Á luz astral e ás refrações lunares,
Seus suspiros uniam aos das fontes,
Nos vales e nos montes,
Por onde Flora embalsamava os ares ;
E aos limpidos solfejos
De ocultos bengalis no bosque denso,
Uniam, rindo, entre espirais de incenso,
Para acirrar dezejos,
A múzica suavissima dos beijos...
Ah ! fôra doce a liberdade e a vida
Perder ali ! Mas áspera, atrevida,
Tu rejeitavas enervantes gozos :
E, em ambições austeras incendida,
Meditavas teus feitos portentozos,
Bater o islam funesto, e a horda impura,
Nunca farta na raiva que a tortura,
Bem que de sangue e vitimas repleta ;
E, conquistando a tumba do Profeta,
Vingar emfim de Christo a sepultura ;
Juntar sob o docel do luzo trono
Da Africa e da Asia o desmedido imperio ;
E do mar todo — outrora um cemiterio —
Fazer o campo fertil de um só dono,
Num e noutro hemisferio...
Que altas vizões quiméricas tu vias !
Que nobres sonhos triunfaes sonhavas !
E o tempo consumias,

E o espaço devoravas,
Naquelles claros, radiozos dias !

III

Magnos dias, ó Tejo, que vão lonje !
Teu alarido belicozo e ufano
Tornou-se humilde psalmodiar de monje.
Já com irado orgulho soberano
Não investes o Oceano...
Elles são mortos, os Descobridores !
Ao pé do Condestavel e do Mestre
Já dorme o Infante, rei dos sabedores,
Que da amplidão maritima e terrestre
Quiz sondar os segredos e os pavores...
Dorme, com os que o serviram, lado a lado,
O Venturozo ; e o trovador-soldado,
Que a grande harpa divina
A Lyzia consagrou, e a Catherina,
Dorme tambem num túmulo ignorado !
Ah ! se inda vivem as algozas grutas
As Ninfas cativantes,
Que celebrou Camões — certo as escutas
Chorar na treva, torvas, soluçantes,
Os defuntes guerreiros, seus amantes...
Ó Tejo, um côro funeral de maguas,
Como ais de nauta a meio já submerso,
Se ergue de tuas aguas,
E sem ecos, além, se esvai disperso,
No indiferente egoismo do universo...

IV

Mas não ; concêrto amigo
De entuziasmo e de alegria santa,
Para saudar-te, ó Portugal, antigo,
Hoje soberbamente se levanta...
O amor da terra inteira está comtigo !
Bandeiras de cem povos, em robusta
E luzida fileira,
Curvam-se á tua rútila bandeira ;
Que a abrir do nosso tempo a estrada augusta
Ella foi a primeira !

Tocam clarins arjenteos e aureas trompas
As mil bocas da Fama ;
Troam canhões ; e, entre as solenes pompas
Do seu ocazo, o Século te aclama
No vulto austero e colossal de Gama !
Ao fulgurar do júbilo que ajita
Tua fria existencia merencoria,
Revives toda a tua velha história ;
E em novas nupcias despozando a glória,
Teu coração extático palpita !

V

Que hoje respirar não possa o aroma,
E as rozas ver da tua primavera,
E teu genio aplaudir com voz sincera,
Em solo onde se fale o nosso idioma,
Que nome a plagas não sabidas dera !...
Mas d'esta Italia bela, e namorada,
Onde, em aurora intensa,
Inda resplende o sol da Renacença,
Colorindo a paizajem bemfadada
De Veneza, de Roma, e de Florença ;
D'este olympo, onde outrora os numes da Arte
Iam creando couzas peregrinas,
Emquanto os teus heroes, por toda a parte,
Plantavam o estandarte
Das vitoriozas quinas ;
D'este Eden nobre, majestozo e brando
— Reino gentil para poetas feito,
Onde no ar vibra a luz rindo e cantando —
Nestas estrofes de intimo respeito
Meus hosanas te mando !

VI

O Alma Portugueza, agora exulta ;
E num protesto ouzado,
Repele a ignara gente que te insulta,
Clamando : Povo exausto e infortunado,
Que existe apenas pelo seu Passado !...
Dizel-o deixarás, sem que o desmintas ?

Queres tu, em sarcófago de gêlo,
Dormir, sonhando com ações extintas ?
Não ; tu has de viver ; e, ardendo em zêlo,
Lutar com o mau Destino, até vencel-o!
Que te falta ? Valor ? não ; esperança ?
Em ti propria não crês ; vagas aflita,
Na indecizão extranha que te irrita,
E em pensamento lúgubres te lança...
Mas tambem a esperança resuscita.
Não muda a raça, embora o tempo mude.
Em ti, Alma serena,
O genio não morreu, nem a virtude ;
E inda nas mãos da luza juventude,
Podem caber charrúa, espada, e pena...
Alma complexa, que o impeto guerreiro
Conduziu muito alem da Taprobana ;
E que exprimir soubeste, na profana
Graça dos fados e do Romanceiro,
A tua lirica emoção humana ;
Alma suave e pia,
Alma candente e heroica,
Leal no intento, simples na enerjia,
No sofrimento rezignada e estoica,
Doce no amor, e na melancolia ;
Eia, arranca de ti o manto escuro
D'essa austera, apagada, e vil tristeza ;
Seja-te ainda o Gama palinuro ;
Ha, quem sabe ? outras Indias no futuro,
Ó Alma Portugueza !

SARCÓFAGO ANTIGO

Aqui, no verde ingresso de um bosque de mirtos e louros,
entre rozeiras bravas e agrestes margaridas,

granitico, o sarcófago antigo descansa. Recende
cinjindo-o a madresilva, que as mudas campainhas

em flor ajita ao vento. Com laços tenazes e ducteis
a hera fiel se enrosca, perpetua, á sepultura,
mas lhe respeita as linhas severas, os finos relêvos,
e os emoldura apenas em harmoniozas curvas.

Não deturpou a edade seus nobres contornos. A clava
do Bárbaro, com raiva sinistra e rumor surdo,

não a investiu. Acazo, no fundo das selvas Albanas,
num antro sibilino, numa dezerta gruta

sagrada, no horto obscuro de um vilico, abrigo sereno
por séculos a fio lhe dera a sorte. Agora,

entre a folhajem petrea, de pomos e de uvas pezada,
que a circumda, uma cena de mistico prestijio

revive. Inda os Centuaros, com os Lápithas rudes lutando,
rolam, de olhos em chamas, na mesma ardente fúria

frenéticos os braços, e tezos os fortes jarretes,
e túmidos os peitos felpudos, e erriçados

a um tempo equinos pelos e comas humanas. Já voam
dardos ; o sangue, a jorros, vai já correr. Mas surje

na confuzão da pugna, robusto, soberbo, sublime,
Hércules — vulto enorme ! Com sua crespa juba

As témporas lhe cinje leonina cabeça ; e dos hombros
pende-lhe, manto tétrico, o despojo do monstro.

Elle, com o gesto apenas, lhes doma as horrificas iras.
Cessa o tumulto. Param, de terror puro imoveis...

Ignota é a mão de artista, que o grupo guerreiro na pedra
em trájicas posturas creou e uniu. Ignoto

és tu que ali dormiste teu último sono — ai ! eterno
o crias — sono eterno... Mas nada existe eterno

no mundo ; nem um simples jazigo. Um capricho do vento
varreu-te as cinzas, todas. E nem te resta o nome.

Quem eras tu, Romano de estirpe glorioza, Tribuno
ou Consul coroado de grama ou de carvalho ?

Heroe antigo, ou fino letrado da Côrte e do Forum ?
Onde teus Manes pouzam, e teus divinos Lares ?

Se subo, emtanto, á beira do velho jazigo, se estendo
a vista, alem dos louros e mirtos viridentes,

além do vale cavo, sonoro de Ariceia, e da imensa
Campanha arida e triste, Roma divizo ao lonje...

Mas não ; quem sabe em Roma que um dia viveste ? Que
fala de ti ? Em que alma pela lembrança reinas ? (ruína

Emtanto, indiferentes, chilreiam estivas cigarras
aqui, com voz estridula, em árvores musgozas.

Pássaros da floresta vizinha, pardais, pintasilgos;
e pombas de plumajem docil, indiferentes,

os lépidos pézinhos no grande sarcófago pouzam,
e bebem a onda clara... que a sepultura ilustre

hoje é, Patricio esplendido, uma urna de rústica fonte,
Que as aguas niveas colhe d'entre as marmoreas fauces

de um tigre... E quando as tintas purpureas do ocazo
no belicozo campo Lápithas e Centauros, (colorem

ou quando a branca Lua na fonte se espelha em silencio,
gárrulas raparigas seus cantaros apoiam

nos angulos lavrados, sorrindo, cantando, pensando...
Mas ai ! não em ti pensam... pensam nos seus amores....

MACHADO DE ASSIS

Celebrar a Machado de Assis é propriamente celebrar a dignidade e a elevação da obra literaria. Grande couza é a unidade de uma vida, a converjencia invariavel de todos os seus dias e todas as suas horas para um só e mesmo ideal, principalmente quando este é dos que com mais pureza rezumem o que de divino guarda ainda a Humanidade, no meio das suas mil mizerias... Machado de Assis, tendo-se votado á sua arte desde a adolecencia, conservou-se-lhe fiel, sem hezitações nem desfalecimentos, até hoje que já lhe branquejam os cabelos sobre a fronte ainda joven — por que elle, como me dizia numa carta, não é « dos que dão para octojenarios. »

Intacto, o fervor dos vinte anos o alenta ainda no labor literario ; mestre consagrado, não entende que tal qualificação lhe seja uma apozentadoria ; não lhe falem de dormir á sombra dos conquistados louros, ou de pouzar sobre os muitos livros superiormente escritos a forte e nobre pena, ativa como a enxada do camponez madrugador, fina como o buril do escultor, que estar á frente dos moços, combater com elles, com elles ir caminhando pelo futuro adiante.

Provavelmente seduções pérfidas o assaltaram aqui e ali, no seu longo caminho ; mais de uma vez por certo, a Politica — sereia extranhamente falacioza e laciva, a cujas propostas poucos escapam nas nossas terras da América — veiu segredar-lhe aos ouvidos ternuras e promessas quaes só ella as sabe ; mas Machado de Assis, como quem conhece bem a loureira formoza e cinica, encolheu os hombros, desdenhozo, e foi andando. Assim era, assim é. Outra glória não pede e não quer senão a que lhe vem da sua propria obra.

Vasta é ella, e vária, distribuida em tão largo tempo, com sinceridade e perseverança, por quazi todas as « provincias da literatura », como antigamente se dizia. Cultivar a poezia o conto, o romance, o teatro, a critica, o folhetim, a cronica, tudo isso galhardamente ; sendo pela estilo um artista acrizolado, ser ainda um pensador, um humorista, um moralista, uma especie de filozofo sem prezunções, que, descuidozo de dar o seu *sistema* completo, nos dá tão só fragmentos sôltos d'elle, mas bastantes para que lhe adivinhemos plenamente a estructura; eis o que enche de brilho excepcional essa fecunda existencia ; eis tambem o que me tentaria a ensaiar sobre ella um detido e minuciozo estudo ; mas o espaço que se me concede é tiránico na sua estreiteza. Apenas posso, a traços breves, *interpretar* o temperamento tão orijinal de Machado de Assis...

Poeta, rimando sonhos nas manhans da adolecencia, elle aparece em momento de tranzição, entre os Ultraromanticos ululantes ou possessos, fracos herdeiros d'aquella forte geração que abriu o século, e os Parnazianos da Muza impassivel, dispostos a lavrar o verso como materia precioza e fria ; o senso da harmonia — inato no seu espirito como no de um ateniense — ensina-lhe a evitar com zêlo egual ambos os extremos, mostrando-lhe bem que a estrofe não pode ser o eterno tubo lacrimatorio dos funerais arcaicos, ou o banal porta-voz dos rétóricos furores, mas que

tambem reduzir a poezia a mera arte imitativa ou plástica é, não só baixar-lhe o nivel, mas restrinjir-lhe extraordinariamente o horizonte.

Em verdade, desde então os seus versos revelam, como feição predominante, um justo equilibrio entre a essencia e a forma, segundo se nota em particular nas compozições dos gregos. E com certos gregos tem elle pontos de afinidade; não falo nos arroubos de Pindaro, ou nas exuberancias fogozas de Alceu ; mas não o reconheceriam por parente Mimnermo, Simónides, Anacreonte ? Precizamente, *Uma Ode de Anacreonte*, que se lê nas *Falenas*, o velho de Cós não a faria com mais elegancia, nem com tanto sentimento. Creio que, apezar da sua indole essencialmente moderna, Machado de Assis terá muitas vezes a nostaljia da antiguidade ; certo, quem bem lhe conhece o espirito dar-lhe-ia um logar de direito entre os companheiros de Platão na Academia ou entre os de Cicero no Túsculo. A Edade Media ser-lhe-ia naturalmente hostil ; o seu genio não é belicozo nem ascético, e por muitos lados as suas libérrimas opiniões o exporiam ás suspeitas dos tiranos e ás investigações do Santo Oficio. Nas festas aureas da Renacença, acho que elle se não acharia deslocado ; não o imajinais facilmente em Florença, a conversar com Angelo Policiano, Marcilio Ficino, Lourenço de Medicis, ou em Lisboa, na côrte de Dom Manuel, com mestre Gil e Bernardim Ribeiro, e mais tarde com Sá de Miranda e Luiz de Camões ? Semelhanças se notam entre Machados de Assis e os bons Quinhentistas, cujas redondilhas tão limpidas e conceituozas especialmente lhe agradam. Mas, para diferençal-o dos gregos, ha o grande fato do Christianismo, que, conquistando todas as gentes, a ninguem permitiu mais ser pagão, nem a Gautier, nem a Carducci, nem ao mesmo Gœthe ; e para distancial-o dos Quinhentistas aparecem outros elementos, como a Reforma, a Enciclopedia, a Revolução Franceza, e os graves problemas sociaes que ainda não preocupavam os entendimentos naquella era de navegações e descobertas. Vê-se, entretanto, que Machado de Assis bebeu inspirações nas mesmas fontes que Garrett, de quem tem a graça meditativa e mórbida, sem ter de certo as ascuas do seu candente lirismo.

Ponderado tudo, elle é bem filho do seu século.

Nas *Phalenas* e nas *Americanas*, como nas *Crysálidas*, já se manifesta, como um dos seus traços principaes, a me-

lancolia ; mas é a melancolia genérica do sonhador, vaga e quazi voluptuoza, não a melancolia caracteristica do pessimista, raciocinada e rezignada a um tempo, que ressumbra em compozições ulteriores, como o *Circulo viciozo* e a *Mosa Azul.*

Tambem foi gradualmente que na proza se desenvolveu a sua indole de maravilhozo humorista, que no *Braz Cubas* atinje o sumo grau de orijinalidade e independencia. Os germens de tal pendor apenas se lhe adivinham nos primeiros contos e romances pela preocupação psicolójica e moralistica ; mas ainda os caracteres humanos lhe fornecem antes recursos dramáticos para o enrêdo e o dezenlace da ação, que estimulos para o exercicio da sua majistral ironia.

Essa *flor amarella e mórbida do dezencanto*, sem dúvida uma forma, e das mais requintadas, da sabedoria, só pode ser, num individuo ou num povo, rezultado de longo cultivo, de complicada evolução. Como se enjendrou, e dezabrochou ella, no espirito de Machado de Assis ? Para a sua alma, delicadamente, exquizitamente sensivel, tanto como refletida e analista, a experiencia se deve ter consumado depressa ; ora, no espetáculo da realidade, dois fenómenos capitaes o impressionam quando elle considera o homem face a face com a natureza de que faz parte : um é a sua pequenez, a sua quazi nulidade como fator da ordem universal, sujeito qual está sempre a um encadeamento de leis que não formúla a seu talante e não pode suspender ou abrogar ; o outro é a sua insignificancia mesmo no fôro intimo, tantas cauzas conhecidas e desconhecidas concorrem para lhe enfraquecer o livre arbitrio até nos minimos atos.

Por isso os personajens de Machado de Assis são geralmente caracteres indecizos, hezitantes, atormentados pela *molestia da dúvida ;* incoerentes ? contraditorios ? de acordo ; mas verdadeiros por isso mesmo. O zig-zag está mais na lójica real que a linha reta ; nada tão comum como a dualidade, a multiplicidade até de uma alma ; algumas ha de uma só peça ; mas são tão raras ! Tambem, ninguem melhor que Machado de Assis acompanha e traduz as modificações lentas que sofre uma idéa até tornar-se volição e ato. Vede o cazo dos « cinco contos de réis » no *Braz Cubas*, o da *Atalaia* com o Rubião de *Quincas Borba*, e ainda o estudo magnifico do *Enfermeiro* nas *Várias Historias.* Compre-

endo que, por vezes, os comentarios do escritor se vos afigurem perversos, sendo sómente justos. Um único homem ouzou desnudar-se ante a posteridade e mostrar-se *tal qual era* : foi Rousseau nas *Confissões* ; e fez logo a impressão de um monstro... Machado de Assis, por sua parte, descobrindo em flagrante certos cantinhos obscuros de humanidade, ilumina-os de súbito com uma fraze fulgurante. O leitor protesta, ofende-se, brada : Maldizente critico ! — E entretanto, ali não ha mais que a tranquila rejistração de um fato. Basta, por exemplo, um trocadilho ; como quando elle diz : » Marcella morria de amores pelo Xavier. Morria, não. Vivia. Viver não é o mesmo que morrer, segundo afirmam todos os joalheiros d'este mundo » ...

Tudo isso já indica bastante que a sua filozofia não pode ser alegre. Eu acredito que a principio o estoicismo secretamente o atraisse como o ideal das escolas. Mas nem todos chegam á perfeição de professar que a dor é uma iluzão ; Machado de Assis não tem o caracter duro que o estoicismo pede, e para elle a dor é uma indubitavel e inevitavel realidade ; o prazer é que não passa, acazo, de dor abortada... Ora, se nos cumpre suportal-a, suportemol-a ao menos com espirito ; e, pois que nenhum esfôrço nos subtrai ao jugo ferreo do Destino, mostremos a nossa superioridade de entes racionaes, não envergonhando-o, que elle tem a face rija e cinica, mas debicando-o e escarnecendo-o... Não é o rizo que *castigat mores* : é um rizo dezinteressado e intranzitivo, que quazi se dá por fim a si proprio. Então, a ironia é a grande arma ; simplesmente, é uma arma de dois gumes, que fere tambem os que uzam d'ella.

E a ironia de Machado de Assis é particularmente acerba. Comparai-o com os humanistas inglezes, sobretudo com Sterne, a quem o ligam algumas semelhanças de forma ; aquelles são mais zombeteiros e talvez menos profundos, interessando-se em especial pelos contrastes graciozos e grotescos ; Machado de Assis busca antes, ou encontra sem os buscar, os contrastes moralmente trájicos ; o proprio Heinrich Heine não vai tão lonje como elle, nem Anatole France, que em não poucas pájinas lembra assaz o nosso autor. Portugal tem hoje o seu grande humorista : Eça de Queiroz ; mas este não é porventura tão amargo no brilho violento e militante dos seus periodos, como Machado de Assis na mansidão quazi injenua com que expõe os seus

trechos de doutrina. Ha tal capitulo no *Braz Cubas*, que, á primeira vista, desperta irrezistivelmente o rizo ; mas depois deixa nos labios um sabor de fel, recordando o rizo provocado por aquella planta venenoza... precizamente, o *rizo sardónico.*

Machado de Assis é, pois, de algum modo um demolidor — demolidor de iluzões e talvez de teorias, demolidor sem odios nem exajeros. Mas, em compensação, quantos e que altos monumentos de estilo tem construido! Por que o estilo é uma das condições superiores que asseguram a imortalidade á sua obra. Antes de tudo, elle possue na linguajem um instrumento admiravel de expressão conciliando a castiça limpidez dos clássicos com a justeza, a maléabilidade, a fôrça sintética, que exije a literatura moderna. Sobrio, exato, sinjelo por gôsto, e não por pobreza de vocabulario, elle não descura o relêvo e as qualidades muzicaes do periodo; tem o hábito da fraze bem feita, de tal geito que as suas crónicas e não raro as suas cartas, se podem ler como pájinas de livro.

Aqui e ali, muita gente lhe achará capitulos pouco claros, ou excessivamente pálidos ; mas isso acontece quando o pensamento mesmo é obscuro, cheio de rezervas e distinções, ou subtil demais, quazi intraduzivel em palavras. De resto, convenho em que pessoas simplistas se dezesperarão com frequencia, ao ler alguns dos seus livros. Lembra-me um amigo d'essa classe, a quem emprestei o *Braz Cubas ;* restituiu-m'o ao fim de poucas horas. « Não o entendo — disse-me. Perdi cinco ou seis vezes o fio da ação. » E tinha razão; por que ação para Machado de Assis não vale por si propria, como para os romancistas *dramáticos ;* vale unicamente como *motivo de intrepretação.* Por isso elle não se apressa, como não se apressa o sabio que estuda um fenómeno curiozo, e se preocupa só com as condições do experimento.

Tambem trata de quando em quando os leitores com essa absoluta sem-ceremonia que desnorteia os *Acacios*, e não trepida em mistifical-os se é precizo. *Il ne se gêne pas.* « Não é impossivel que eu dezenvolva este pensamento antes de acabar o livro; mas tambem não é impossivel que o deixe como está. » Em outro ponto, depois de narrar epizodios, intrigas, consequencias de um baile, interrompe-se para notar de passajem: «Este baile — ia-me esquecendo dizel-o

— era em caza do Camacho. » Outra coiza que elle desdenha são os efeitos retóricos ; detesta a enfaze e a hipérbole. Assim é que numa pajina do *Braz Cubas*, tendo exposto certa opinião em frazes levemente oratorias, logo d'ellas mofa, acrescentando : « Vive Deus ! eis um bom fecho de capitulo ! » Ha leitores que não perdoam essas liberdades...

Compreende-se que, com taes tendencias, ao seu estilo falte por vezes movimento, ao menos movimento fizico, ainda que *O delirio* nos dê em traços de Buonarroti a marcha épica das edades. Eu imajino que Machado de Assis, se trabalhasse habitualmente para o teatro (conheço-lhe duas comedias deliciozas, sendo uma, *Tu, só tu, puro amor*, considerada por Théophilo Braga a melhor compozição dramática existente sobre Camões) destinaria as suas peças a um auditorio sumamente restrito, por que lhe repugnam os lances violentos que entuziasmam as grandes platéas. As situações emocionantes que elle prefere são todas de *nuanças ;* ha *nuanças* terrivelmente trájicas. Do teatro antigo, o drama favorito, para Machado de Assis, é, suponho eu, o *Prometheu :* do teatro moderno, o *Hamleto.* Um concretiza a sua concepção humana ; o outro fala a linguajem do seu temperamento.

Os recursos descritivos não entram na sua esfera uzual de observação ; não que elle rejeite a descrição quando o assunto lh'a impõe ; mas não se compraz nella, nem a busca intencionalmente. Os objetos lhe interessam menos pelo aspeto pitoresco, que pelo sentido intimo e pelas relações mútuas. Para, elle, certamente, « a paizajem é um estado d'alma ». Isso não significa que Machado de Assis trate os seus personajens como simples sinais aljébricos, ou meros simbolos imajinarios. Gosta de nol-os aprezentar, principalmente quando valem a pena d'isso, como a formoza Virgilia : « Era d'essas figuras talhadas em pentélico, de um lavor nobre, rasgado e puro, como as estatuas, mas não apatica nem fria. Ao contrario, tinha o aspeto das naturezas calidas, e podia se dizer que na realidade rezumia todo o amor... » Os seus olhos « davam uma sensação singular de luz humida, e a sua boca era « fresca como a madrugada, e insaciavel como a morte. » As mulheres, evocadas por Machado de Assis — para quem o *eterno feminino* é um vasto elemento moral — têm de ordinario uma soberania de beleza, de sedução, de rezistencia ou mesmo de virtude, que lhes confere a

vitoria na luta com o sexo rival. Perversa, em rigor, não vejo nenhuma ; perturbadoras ha muitas, e de penoza decifração. Se é licito tomar uma comparação á pintura, direi, que não semelham as Sibyllas herculeas de Miguel Angelo, as suaves e sadias camponezas de Raphael, nem as donzelas esguias e misticas de Fra Angelico, nem as ninfas robustas e sensuaes de Rubens ; semelham as creaturas extranhas e complexas de Leonardo de Vinci. Leitor, se algum dia viste no Louvre a Gioconda, esquecer-lhe-ás jamais o sorrizo singularmente enigmático e céptico, o mesmo da Leda que na Villa Borghese reina, com a sua nudez triunfante dourada carinhozamente pelo tempo ?...

E as concluzões do filózofo ? São de um pessimismo consumado. O *Braz Cubas* termina assim : « Ha um saldo a meu favor. Não tive filhos ; não transmiti a nenhuma creatura o legado da nossa mizeria. » Reparai agora como acaba o *Quincas Borba.* « Chora os dois recentes mortos, se tens lagrimas. Se só tens rizo, ri-te. E' a mesma couza. O Cruzeiro do Sul, que a linda Sophia não quiz fitar, como lhe pedia Rubião, está assáz alto para não discernir os rizos e as lagrimas dos homens. »

Portando, a existencia é mizeria, e os astros contemplam indiferentes os nossos infortunios. Ma não haverá para alem dos astros Alguem compassivo e remunerador — essa Justiça iminente que é ao mesmo tempo iminente Mizericordia ? Cuido não errar supondo que Machado de Assis, quaesquer que sejam as vacilações do seu espirito diante do eterno Problema, tem no fundo da sua conciencia a fé, instintiva ao menos, com que se apela das iniquidades tranzitorias para a Suprema Sabedoria que corrije e harmoniza as especiozas contradições de universo. Alem de que, elle não é um *blasé.* Zombar de certas iluzões não é dizer que tudo seja iluzão, como discutir aparencias de virtude não é deprezar a virtude mesma. Elle acha seguramente que a vida, apezar dos seus lados mesquinhos, tem muita coiza digna de afecto e culto ; crê nos sentimentos fundamentaes do homem, crê na familia e na patria, crê tambem na Arte, nessa *Muza Consolatrix* de quem fala com paixão não menor que a de Cicero celebrando os seus caros estudos no meio das discordias civis.

Demais, ser bom é ainda um dos meios mais seguros de ser feliz, e Machado de Assis é nobremente, essencialmente bom.

Quando um artista está pessoalmente abaixo do seu proprio enjenho, o público nada tem a ver com isso, por que os vicios d'elle não devem prejudicar o brilho da sua obra. Mas a superioridade moral em equilibrio com a superioridade intelectual forma um tão belo conjunto, que provaria mau gôsto, mesmo estético, quem o olhasse com indiferença. E' essa exquizita harmonia que faz do Prezidente da Academia Brazileira o orgulho dos seus amigos, entre os quaes me honro de ser contado ; e ella é tambem a garantia de que quantos o prezam e admiram, terão em ler este estudo o mesmo prazer com que eu o escrevi.

JOSÉ BONIFACIO, O MOÇO

José Bonifacio de Andrado e *Silva, o moço* (1827-1886), naceu em Bordéos, França. Sobrinho de José Bonifacio, o patriarca da independencia.

Estudou na antiga Escola Central do Rio de Janeiro e formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Foi lente do Faculdade de Direito de S. Paulo e, filiado ao partido liberal, senador, e duas vezes ministro de Estado.

Poeta e orador parlamentar. Ficou principalmente notado como orador : A sua poezia revelava o orador, como sua oratoria lembrava o poeta. Das suas poezias, ha um volumes *Rosas e goivos*, publicado pela autor na sua mocidade. A maior parte anda esparsa em jornaes e revistas, e convinha fossem colijidas para juizo definitivo sobre o poeta.

I

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Medeiros e Albuquerque (José de Campos) naceu em 1867 em Pernambuco. Estudou humanidades em Portugal ; ex-diretor da Instrução Publica Municipal, foi deputado federal por Pernambuco. E' prozador, poeta, jornalista. Redijiu alguns jornaes e é colaborador assiduo de muitos diarios e revistas.

Publicou : *Canções da Decadencia*, *Pecados*, *O Remorso*, *Poezias*, ed. definitiva; *Um homem pratico*; *Mãi Tapuia*, *Contos*, e *Em voz alta*, conferencias e varias obras de theatro.

O PANTANO (1)

Foi aqui um jardim formozissimo cheio de flôres extranhas e raras ; foi um deslumbramento de corolas multicôres, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes.

E as rozas diziam a côr das auroras, a côr da face das donzelas, quando labios de amantes as beijam, a côr rubra da vida dos guerreiros, escapando-se pelas feridas ; sangue indiferente do céu, sangue do pudor palpitante e timido, san-

---

(1) *Mãi Tapuia*. Contos. 1891.

gue feroz de colera e odio... E os lirios brancos e as brancas magnolias diziam a côr dos sonhos castos, a pureza das almas impolutas, a alvura alabastrina do seio das virjens mortas — das que passaram pela vida, sem que a vida lhes houvesse dito o misteriozo segredo da paixão e do gozo...

Foi aqui um jardim formozissimo...

E as campanulas azues — e azues tambem os miozotis pequeninos — diziam a côr serena dos céus de primavera, a côr dos lagos calmos, onde os cisnes arrufam as plumas de neve, a côr que deviam ter os primeiros devaneios dos adolecentes languidos, já cismando de incertas e mal definidas volupias...

E as flôres da Saudade, as saudades roxas e negras, as violetas balsamicas e tristes, diziam tambem a amargura dos *adeuzes*, o outono dos corações, a viuvez melancolica das almas...

Foi aqui um jardim formozissimo, cheio de flôres extranhas e raras...

E para exprimir o segredo das almas delicadas e frajeis, que o menor dezengano descolora e murcha, havia a nitidez lactecente das camelias... Para lembrar as almas complicadas e extranhas, torturadas pela inquizição da analize intima, cheia de sentimentos bizarros e extravagantes, havia a lejião de orquidéas preciozas, maculadas de todas as côres, semelhando peles de tigres e de serpentes, afetando formas insolitas, recortadas, caprichozas... E figurando as almas prostitutas, que atraem as outras para envenenal-as e poluil-as, em segredos de não sabidas luxurias, havia, efluindo no ar, o aroma perfido e venenozo de tuberozas esplendidas..

Foi aqui um jardim formozissimo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corolas multicõres...

E por sobre todas ellas, dois renques de palmeiras faziam tremer no ar as grandes palmas verdes, onde o vento sussurrava, com um murmurio relijiozo e vago, com um tom de queixa e de prece... Os estipes verdes apontavam para o azul. Vinha d'aquella voz perdida no espaço, d'aquelle monotono rumorejar de folhas lá tão no alto, um sentimento mistico e suave, que elevava os olhos e os corações, arrancando-os da atenção da terra para atrail-os ao céu...

E, assim, houve aqui tudo o que faz viver : houve os sonhos mais castos e os sonhos mais luxuriozos e impudicos, os anhelos altivos de gloria e de amor, os sonhos crepuscu-

lares e mansos da saudade, a elevação suprema das almas para Deus, para o Céu, para os intanjiveis misterios com que as relijiões acalentam as nossas máguas...

Foi aqui um jardim, formozissimo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corolas multicôres, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes...

Hoje é um pantano de aguas estagnadas e verdes... As flôres, não houve quem cuidasse d'ellas. Foram-se as rozas ; foram-se os lirios e as magnolias côr de neve, foram-se as campanulas e os miozotis azues — e as saudades tambem — e tambem as violetas... Morreu a brancura imaculada das camelias finas, a flora exotica das orquidéas, a eflorecencia capitoza e envenenadora das tuberozas magnificas... Tudo morreu !

A agua das chuvas diluiu os canteiros, empoçou, fez-se lago, fez-se pantano...

Havia perfumes... Ha agora miasmas...

D'antes os passaros vinham cantar nos ramos verdes dos arbustos ; os beija-flôres, de cális em cális, andavam a provocar a garridice namoradeira das corolas viçozas. Hoje, no paúl verde e sombrio, por toda orquestra, coaxam os sapos á noite...

Das palmeiras de outrora só resta uma. As outras, roidas no sopé pela vaza impura, apodreceram e cairam... Da que ficou, as palmas todas já se desprenderam e, secas, boiam meio enterradas no lôdo, sobre o marnel... Apenas o estipe verde aponta ainda para o azul, para o eterno azul indiferente... — Mas esse mesmo ha de cair !

O pantano será então como as almas, que já tiveram fé e crenças e iluzões , mas hoje distilam os miasmas do Dezengano, molestando os corações que se aproximam d'ellas ; será como as almas onde só as saudades e os remorsos coaxam lugubremente e que até a crença em Deus — estipe verde de palmeira a erguer-se para os céus — até essa já perderam...

AS CALÇAS DO RAPOZO

A entrada de um novo inspetor era sempre no internato em que estudavamos um dos maiores sucessos ; o do Rapozo mais que nenhuma outra. Havia para isso razões especiais. O inspetor que o precedêra, o Gomes, tinha saido depois de

uma altercação violenta com a nossa classe, altercação acabada em vias de fato.

O homem era um velhinho baixo e careca — escandalozamente careca. A calva luzidia estendia-se rubicunda desde a testa até á nuca, onde havia alguns cabelinhos brancos.

Inspetor de alunos durante mais de quinze anos, tinha adquirido certas habilidades profissionais preciozas. O que se preciza de diplomacia para lidar com meninos de colejio nem todos pódem avaliar! O Gomes era eximio. Ninguem póderia melhor finjir-se distraido e apezar de tudo seguir ao mesmo tempo os manejos de dois ou tres que estivessem tentando perturbar o silencio. Tinha mesmo uma ciencia propria: sabia dormir... mas dormir, parecendo vijilante.

Ha nos contos de fadas a eterna historia de uns leões prodijiozos que, durante o sono, estão com o olhos abertos e, durante a vijilia, com elles fechados. O Gomes chegára quazi ao mesmo rezultado Tinha uma pozição favorita — os cotovelhos apoiados na meza, segurando a cabeça com as mãos em pala diante dos olhos. Quando estava assim, parecia, ás vezes, que cochilava. Era um engano. Não se passava nada na sala que elle não visse.

Via e calava. A' hora do recreio chamava os que tinham estado brincando e, sem uma explicação, punha-os de castigo.

Em compensação dormia noutras ocaziões a bom dormir e todos nós imajinavamos que elle estava com uma vijilancia de Argos. Fossem lá adivinhar! — De resto, não se póde imajinar cara mais neutra, mais impassivel; nem olhos nem labios, nem faces — nada traduzia o que elle estava sentindo.

Aos poucos, porém, nós começámos a estudar-lhe a careca. Foi uma revelação!

Dizem os versos celebres de Bocage:

> Os labios mentem,
> Os olhos não!

Nelle o que não mentia era aquella esplendida calva, brunida, lustroza espelhenta! Ali tudo se refletia. É verdade que no fim de contas as suas variações se reduziam aos tons diversos, principalmente do vermelho, que ella assumia. Mas que riqueza! Ia da brancura lirial á rubicunda tonalidade dos tomates maduros. E, como ha sujeitos que, pela letra, pelas

linhas das mãos, por outros sinais, pretendem decifrar as emoções alheias, alguns havia entre nós que tinham chegado a fundar uma ciencia nova : *a carecomancia !* O 114, o mais endiabrado de nós todos, tirava prognosticos seguros, quer da nuança especial assumida pela cereca, quer do logar por onde ella começava a colorir-se — porque, dizia elle, a vermelhidão ora vinha da direita, ora da esquerda, ora detraz para deante... A colera, a simples contrariedade, a vontade de rir fortemente contida tinham marchas diversas.

O 117 era o nosso mago, o nosso adivinho, meteorolojista sagaz, que presentia tempestades no ceu côr de roza daquella calva.

Fosse como fosse, um belo dia, deu-se na classe um charivari medonho. Na semana anterior tinha havido dois dias feriados; naquella em que nós estavamos a folhinha marcava outro. O Gomes, conversando com o diretor, dissera-lhe que seria melhor não dar saida, ponderando que se aproximava a época dos exames.

Quando a rezolução foi tomada, quando principalmente nós soubemos que a iniciativa partira do Gomes, ficámos furiozos. Organizámos o que o 117 chamou uma « pateada muda. » Nem um grito, nem uma palavra, nem um gesto de revolta. Todos , porém, deixariam os livros nas carteiras sem abril-os e passariam as duas horas do estudo a olhar para a careca do Gomes.

Dito e feito. — Eramos cento e vinte rapazes. Entrámos em ordem na sala de estudo, cada um sentou-se e o inspetor tomou o seu logar no alto do estrado. Não se abriu um livro, não se mexeu numa folha de papel. Silencio profundo. O Gomes, admirado, examinou a sala, presentiu qualquer couza de revolucionario e atirou á classe uma ordem seca :

— Estudem !

Ninguem se moveu. Todos, obstinadamente, fitavam-lhe a cabeça. O que se passou n'aquella careca eu sinto que não lhes poderei jamais dizer, com toda a verdade do cazo! Ondas vermelhas ora a cobriam toda, ora afastavam se... Havia momentos de absoluta brancura : parecia, então, uma bola de marfim. Logo apoz vinha, porém, uma vaga de sangue que a vestia de escarlate... — Que tempestades de colera haveria lá por dentro !

— Estudem ! — berrou de novo o Gomes.

Mas, teimozos, 240 olhos verrumaram-lhe o craneo nú. Já

então a vasta calva não empalidecia mais... Tinha chegado ao vermelho fixo, ao ultra-vermelho. Passou ao roxo — um tom absolumente novo, mesmo para a perspicacia do 117 !

O inspetor ergueu a cabeça e fitou-nos. Estava conjestionado, com os olhos a saltarem das orbitas, furiozo :

— Estudem ! rujiu colerico.

Jogar assim o sério por tanto tempo era empreza dificil. Alguns, ao passo que a ira do Gomes ia crecendo, sentiam um dezejo louco de rir. Quando, pela quarta vez, elle soltou um murro na meza e gritou um novo, um tonitruante, um pavorozo — « estudem ! » — o 63 não poude mais conter-se : teve um frouxo de rizo, alto, inconveniente, e de mais a mais, contajiozo. Ninguem conseguiu rezistir... Nunca se viu gargalhada mais epidemica : sacudiu, de ponta a ponta, a sala inteira.

O resto é que foi o diabo...

O Gomes, perdida a calma, absolutamente fóra de si, atirou-se a um para dar-lhe. Em um momento, todos estavamos em bolo a defender o colega, a socar, a pizar, o desgraçado inspetor... Houve um sarilho medonho. O desgraçado, tendo apanhado tão monstruoza sova, foi, ainda por cima, despedido do colejio.

É evidente que depois disso a entrada do Raposo assumia uma importancia especial.

Que homem seria o nosso novo inspetor ? Poderiamos com elle ?

Mal o vimos, dissemos todos intimamente :

« Vamos fazer o que quizermos, vamos pintar a manta !

Era um velho alto, magro, de cara comprida. Uzava barba toda, uma barba muito rala, que mal lhe vestia o rosto palido, escaveirado. A testa era alta e larga, intelijente.

Os olhos pretos tinham, entretanto, uma expressão de humildade, como jamais eu vi egual : olhos suplices, olhos de queixa e medo. Vestia uma sobrecazaca muito velha ; velhissimos eram tambem os punhos, o colarinho, a gravata — tudo a desfiar-se. Tinha, comtudo, um quê de homem de boa sociedade ; via-se que aquella roupinha surrada estava escrupulozamente escovada, limpinha, direitinha...

Ao mesmo tempo que o Raposo assumia o logar de inspetor, um novo aluno aparecia. Era um filho delle. Tinha doze para treze anos, figura muito simpatica, olhos e cabelos bem negros, aspeto graciozo e de viveza intelectual.

Apezar de tudo, foi acolhido com desconfiança. O 89 pareceu interpretar o pensamento geral, quando disse no recreio :

« — Vai ser um espião ! »

Nunca, entretanto, previzão alguma foi mais falsa ! Como se passou a vida desse menino, nos cinco anos em que fomos colegas, mal se imajina.

O velho Raposo era homem de certa cultura. Quando moço, fôra na sua provincia politico militante, ardente, pronto sempre ao combate pelo seu partido. No jornalismo, nos manejos eleitoraes, mais tarde na Assembléa Provincial, tinha sida dos mais activos, dos mais intelijentes. Começou, porém, ao cabo de certo tempo, a decair consideravelmente. Não é que se lhe tivesse apagado a intelijencia, o merecimento. Quebrara-se nelle a mola da vontade. Um dezanimo inexplicavel o tinha ido arredando das primeiras filas combatentes. Porquê ? Quem o saberia dizer ? Talvez esses pequenos desgostos, pequenas contrariedades domesticas, que não aniquilam de uma vez, mas limam pouco a pouco, roém de mansinho toda a enerjia dos que se julgam mais fortes... Um dia os do publico, que não presentiram a ação extremamente lenta desse mal microscopico, vêm com assombro ruir, sem explicação alguma, o grande tronco que parecia tão robusto... É um dezabamento, um naufrajio.

Foi de fato, um naufrajio, o do Rapozo. Em um só ano, deixou a politica, deixou o jornalismo, morreu-lhe a mulher, viu-se dezempregado, dezamparado, lutando com a mizeria. Tinha um filho : pôz nelle todos os seus sonhos de futuro. Que futuro podia, entretanto, dar-lhe ?

Certo dia, subiu as escadas do palacio, onde morava o Prezidente da Provincia, seu ex-companheiro da Assembléa, para pedir-lhe um logar de porteiro.

— O quê, Rapozo !... Não é possivel !... Você feito porteiro ! Que se diria do nosso partido ! Não, senhor, eu lhe darei couza melhor... Seria uma vergonha, não para você, mas para nós...

O Rapozo saiu desconsolado, sorrindo tristemente, sem animo para dizer que comia apenas uma vez por dia — e mal... muito mal !...

Passaram semanas: nem porteiro, nem a tal « couza melhor »... O Prezidente esquecêra-o. Elle viu então que, naquelle acanhado meio provinciano, a mesma estupida objeção surjiria em todos os labios.

Quiz vir para o Rio. Aqui, ninguem o conhecendo, podia até ser cocheiro ou varredor de ruas. Voltou ao palacio e obteve duas passajens gratuitas. Trazia algumas aprezentações. De nada lhe serviram. Afinal foi ter ao nosso colejio. Propoz ao Diretor ganhar 25 $ 000 por mez, comtanto que o filho ai estudasse. O Diretor aceitou.

O Rapozinho — como nós lhe chamavamos — era realmente a mais meiga das creaturas. A despeito da primeira prevenção, fez-se amar por todos.

Por todos — não. Havia um grupo de dez ou doze que o detestava : a escoria do colejio, os rebeldes, os de mau carater. Um delles principalmente, o 69, a quem nós chamavamos o Fuinha, multiplicava-lhe as picardias, as pilherias de máu gosto.

Mas, assombrozo de dedicação era o procedimento do velho inspetor. Adorando o filho, chegava a privar-se de falar com elle durante a semana inteira, só para não acuzarem o menino de ser o espião de seus colegas.

Dava-lhe apenas — pela manhã e á noite — a sua bençam e acompanhava-a de um beijo ; isto mesmo fazia-o bem claramente, á vista de todos.

Quando um fato ocorria, digno de castigo e cujos autores não eram conhecidos, o que obrigava a punir o grupo dos mais proximos, o Rapozo incluia sempre o filho. O velho ficava ás vezes com os olhos cheios de lagrimas. A injustiça revoltante era para elle, que a praticava concientemente, só para não o acuzarem de protejer o pequeno, uma dôr de alma. Temia perder aquelle emprego, interromper os estudos do menino. Estava pronto a submeter-se a tudo.

Certa vez, na classe, alguem, no meio do silencio geral, pizou a cabeça de um fosforo de estalo. O inspetor perguntou quem fôra. Ninguem se acuzou. Insistiu. Viu-se então o Fuinha, cinicamente, levantar-se e dizer :

— Eu sei quem foi *seu* inspetor, foi *seu* Rapozinho.

Era a mais evidente das falsidades : o estalo partira da outra banda da sala. Mas o velho teve apenas um momento de hezitação. Voltou para o filho os olhos mansos, os seus tristes olhos de cão batido, e mandou-o de castigo. Houve em toda a classe um movimento de revolta. O 63, um bom e leal companheiro, que estava ao lado do Rapozinho, olhou para o Fuinha, como a dizer-lhe : « Tu me pagas ! », e levantou-se :

— É mentira . Quem fez o barulho fui eu.

Todos nós comprendemos que elle se estava acuzando em falso, indignado pela infamia do Fuinha. Mas o Rapozinho, que já se erguêra para o castigo e viu tambem a generozidade do colega, atalhou logo :

— Não, senhor, fui eu mesmo...

O inspetor ficou perplexo. Logo, porém, o verdadeiro autor confessou sua falta. Como, porém, saber qual dos tres que se acuzavam fôra, de fato, o responsavel ? Toda a sala anciava por vêr como se decidiria o cazo. O inspetor voltou-se para para o filho :

— Só uma pessôa póde ter feito o mal. Deve ter sido o senhor, porque, além de se acuzar, foi visto pelo seu colega, que o denunciou... Vá para o castigo.

Nós tremiamos de raiva — raiva do Fuinha. Minutos depois, tocou a sineta do recreio. Decemos, em fórma, dois a dois, como um batalhão. Mas assim que chegámos ao pateo, mal o inspetor déra a ordem para debandar, ouviu-se um formidavel sopapo, que o 63 applicava na bochecha do *Fuinha*, e todos, com a furia em que estavamos, caimos-lhe em cima aos socos, aos pontapés...

O Diretor, chamado, veiu a saber a realidade do fato e, finjindo-se embora muito zangado, deu-nos um simulacro de punição.

O Rapozo tinha conquistado a estima geral. Fez-se respeitar pela brandura, pela delicadeza com que nos tratava. Nos colejios, um dos motivos por que os inspetores não infundem respeito aos alunos é pela sua habitual ignorencia : são para os meninos um motivo de troça. Com elle, porém, não sucedia isto. Era para nós um auxiliar, um tira-duvidas solicito, bondozo, instruido, que sabia explicar as couzas claramente. Do seu antigo oficio de jornalista ficára-lhe uma certa elegancia de linguajem. Se havia um que raramente o consultava : era o filho ; o velho evitava que o acuzasem de preparar as lições do pequeno. Este, porém, intelijente e aplicado, só tinha notas *boas e otimas*.

Todas estas virtudes do Rapozo não impediam que nós brincassemos, que lhe déssemos sobejos motivos de aborrecimento : travessuras naturaes, que não podiamos reprimir.

O velho inspetor saía de 15 em 15 dias com o filho. Guardava sempre um dinheirinho daquelles magros 25 $, para

leval-o ao teatro, para fazel-o passear, para vestil-o com esmero. Quanto a si, era de uma avareza inacreditavel : teve uma sobrecazaca que lhe durou tres anos! Não se encostava nem na cadeira nem em parte alguma, para não gastar a roupa. Ao sentar-se, forrava a palhinha com um jornal para assim poupar mais as calças. Chegava, ás vezes, a ficar com uma cabeleira de nazareno, afim de economizar, emquanto fosse possivel, a despeza necessaria com o seu córte. Apezar de tudo, era asseiadissimo. Por mais surrada que estivesse sua roupa, andava sempre sem um grão de poeira, limpinha, escovadinha. Mas a avareza que tinha para si era compensada com os milagres de prodigalidade que fazia para o filho ! Os magros 25 $ do seu ordenado creciam, multiplicavam-se, chegavam para tudo. Vestia o Rapozinho com apuro, dava-lhe quanto precizava, desde os livros de classe até os brinquedos. Meninos muito mais ricos do que elle — e quem o não era ! — não aparentavam o bem-estar que elle mostrava. — Era devéras a perola do colejio.

Fomos de ano em ano até o fim do curso. Fizemos os ultimos exames, completámos os preparatorios. O Rapozinho teve excelentes aprovações.

Para comemorar a saida de cada turma, o Diretor dava uma pequena festa Quem viu em qualquer parte uma dessas festas escolares, já sabe qual é o seu padrão invariavel. A nossa foi como as outras. O Diretor teve, porém, uma ideia delicada : mandou fazer para cada um dos que saíam uma especie de fé de oficio, caderno de todas as notas escolares. Era um livro do folhas de pergaminho. Cada folha tinha sido consagrada a uma aula. Transcritas todas as notas, havia em baixo a assinatura e uma fraze de saudação do professor respectivo. No frontespicio, o retrato do Diretor. Na ultima pajina o da turma que completava o curso. O livro estava ricamente encadernado, fechado em um estojo de marroquim. Seria mais tarde uma agradavel lembrança da vida colejial.

A entrega tinha de ser feita em uma sessão solene : muzica, discurso do Diretor e de um professor, resposta de um aluno, a seguir a dadiva dos premios — primeiro aos da turma mais adeantada, depois ás outras.

Nesses dias a vasta sala de recepções enchia-se com as familias dos alunos ; era uma festiva multidão de moças, senhoras, de graves sujeitos encazacados e enluvados. As

familias dos que terminavam o curso, tinham logar áparte, bem á frente. O Secretario do colejio chamava o premiado, o Diretor entregava-lhe o livro, dava-lhe com um falso ar paternal um beijo na testa e o menino voltava para junto do pai ou mãi, que o abraçavam ruidozamente.

Contava-se de um pequeno, estudiozo mas endiabradissimo, o 72, que só para pregar uma peça ao Diretor quando o fosse beijar, esfregara na testa, minutos antes de receber o premio, um dente de alho! Dai por diante o Diretor passou a dar uns beijos mais circumspectos, mal roçando os labios na testa de cada um.

Apezar do convencionalismo de tudo aquillo, apezar de conhecermos, ponto por ponto, como correria cada um dos detalhes da festa, ella nos punha num jubilo louco. Demais, era para o resto dos colegas o momento das férias; para nós — uma turma de quinze — a saida definitiva.

O Rapozo estava radiante de alegria. Tinha tido, dias antes, uma preocupação; que faria do filho? onde iria elle morar, emquanto cursasse a Faculdade de Medicina?

Felizmente, tudo se rezolvêra do melhor modo. O Diretor o aceitára como professor de Historia, tendo apenas direito a caza e comida. Por outro lado, entretanto, os ordenados do velho ficaram elevados a 60 $ 000 — 60 $ 000, uma fortuna!

Na quelle dia, o inspetor inaugurou uma fatiota nova: sobrecazaca e colete pretos, calças claras. Tinha uma gravata elegante, botinas de verniz, estava pimpão, catita, janota... Mais do que isso: parecia ter arranjado uma cara tambem nova... Não porque tivesse feito a barba e cortado o cabelo, que estava aparadinho com toda a correção, mas porque os seus mansos olhos de cão batido eram bem outros: rutilavam, tinham o dezuzado brilho de uma alegria, de que ninguem os vira jámais revestidos: eram olhos de triunfador!

A noticia de que o Rapozinho ia ser professor divulgou-se logo no colejio. Todos olhavam sorrindo para o futuro catedratico com apenas os seus dezoito anos de idade. E verdade que elle fôra aluno distintissimo. Mas a tranzição não deixava de ser muito brusca. Demais, elle aí estava franzino, pequeno, delicado, — e todos nos lembravamos do antigo professor, um velho alto, corpulento, sempre lambuzado do rapé que lhe pingava do grande nariz rubicundo.

Tivesse embora, um mez depois, de vir a ser o senhor Professor, o Rapozinho seguiu, como nós, para a sala de estudo. O Diretor temia que os pequenos sujassem a roupa, que os maiores se espalhassem fumando ás escondidas pelos cantos da caza, e mandou que todos ficassem ali sentadinhos á espera da festa, que devia começar ás 11 horas em ponto.

Fomos. O Fuinha lá estava, dezesperado com a noticia de que o Rapozinho ia ser um dos seus professores, olhando-o com olhos perversos de colera e inveja.

Na meza, o velho Rapozo tinha uma fizionomia cheia de contentamento. Não havia quem não houvesse notado as suas calças claras, absolutamente escandalozas, porque até então ninguem o vira sinão de preto. Na sala, o silencio não era grande : as conversas entre vizinhos tinham sido permitidas. De quando em quando, um menino, levantando-se, aproximava-se da meza do inspetor, afim de pedir-lhe, segundo a fraze consagada, *para ir lá dentro...*

Afinal chegou o momento da festa. O salão nobre encheu-se. A muzica tomou o seu logar numa saleta ao lado. Havia um reboliço de leques, de plumas, de chapéos em cabeças de moças... Aromas diversos espalhavam-se pelo ar, já das flôres, que se estendiam em festões, já dos pequeninos lenços femininos ajitados a cada momento... A muzica tocou em surdina uma valsa dengoza, que parecia enroscar-se em meneios languidos... Houve uma pauza... O rumor das conversas fazia-se mais alto... Todos nós tomámos logares ; entraram os professores. A muzica vibrou de novo. Acabada ella, seguiu-se o discurso do Diretor e depois o do professor incumbido de saudar-nos. Era um velhinho, lente de retorica, tremulo e fanhozo. Começou em latim com uma fraze de legua e meia : *Hæ studia adolescentiam alunt, senectutem oblectant, secundas res ornant, adversis solatium ac perfugiunt prebænt, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur.* Nós tinhamos ouvido isso dez vezes, vinte vezes, cem vezes : nenhum ignorava essa apolojia do estudo, sabiamos que era de Cicero, conheciamos sua analize gramatical e lojica, estavamos fartos d'ella ! O velho deu o seu recado como poude, teve palmas, a muzica tocou uns compassos de qualquer couza e seguiu-se, com a palavra, o Rapozinho.

Quero crêr que tenha dito as banalidades naturais : creio tanto mais, quanto no momento achei-o sublime. A sua

enfaze juvenil contrastava, porém, com o ramerrão monotono do velho lente. Fizemos-lhe uma ovação. A orquestra deu-nos mais uma fatia de muzica, para indicar o intervalo e começou então a distribuição de premios.

Fui eu o primeiro chamado. Ouvi lêr a minha fê de oficio — que por sinal não fôra nos primeiros anos um prodijio de brilhantismo. — O Diretor disse-me as vagas frazes paternais do estilo, deu-me o beijo habitual e despachou-me com o premio debaixo do braço. Saí como um conquistador, comovido, e caí nos braços de meu pai, que me esperava. Era de praxe que « nesse momento solene » a muzica tocasse os primeiros compassos do hino brazileiro. Assim se fez. A cerimonia continuou.

Nisto, com um gesto discreto, vi que o Diretor me chamava.

— Olhe, meu filho você tenha paciencia, não está aqui ninguem que possa me fazer este favor: vá lá dentro e peça a *seu* Rapozo que venha, porque é a hora de dar o premio ao filho delle...

Estavamos no intervalo entre o segundo e o terceiro aluno. O Rapozinho era o quarto. A distribuição proseguiu. Corri todo o colejio. Perguntei a criados, a empregados, a quantos encontrei pelos corredores, dos raros que não estavam na sala. Ninguem sabia. Ouvi a muzica voltar ao hino. Quando, porém, cheguei a uma porta para verificar si o velho tinha entrado, o Diretor pulára o nome de Rapozinho, chamára o imediato, que acabava de receber o premio e estava nos braços do pai, abraçado, afagado... O velho alizava-lhe os cabelos com um gesto de meiguice maternal...

Saî de novo á procura do Rapozo. Bati os dormitorios, os refeitorios, até o recreio, até a cozinha ! Duas ou tres vezes voltei á sala ao ouvir a muzica. Nada ! O Diretor ia deixando o Rapozinho. Os que saîam, lá estavam recebendo os agrados de mãis, de irmãs... Eram beijos, eram rizos, eram abraços...

Afinal descobri o Rapozo.

Como o descobri !

Espiei pelo buraco da fechadura do gabinete de fizica e lá o vi espreitando tambem pela da porta, que comunicava para o salão. A porta ficava justamente ao lado da meza do Diretor : dali elle via tudo. O Rapozo estava de sobreca-

zaca e colete, mas sem as calças : as abas da sobrecazaca caíam sobre as ceroulas. As calças, tinha-as elle dependuradas no braço.

O Fuinha no momento em que saiamos da sala de estudo, havia tomado uma pena molhada em tinta e sorrateiramente salpicado as calças claras do inspetor. Quando o velho ia entrar no salão, um colega fez-lhe notar o fato : sobre o fundo cinzento claro cinco ou seis manchas pretas destacavam-se bem na frente. Não podia assim assistir á cerimonia. Ao perceber a couza, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos. Fechou-se n'aquelle gabinete, tomou uma escova e, tiradas as calças, começou a lavar as nódoas para vêr si ellas saiam. Não foi possivel ! — Nisto, a solenidade começára.

No momento em que o surpreendi, nada era mais grotesco do que vêr aquelle velhote, de sobrecazaca e ceroulas, em um dos braços as calças e no outro a escova, espiando por um buraco de fechadura !

Pobre diabo! Até na quelle dia o caiporismo o perseguia! Todos tinham o direito do gozar o triunfo de seus filhos, todos podiam abraçal-os, beijal-os... Só elle ali estava — prezo, ridiculo...

O Diretor foi dando os premios a um por um. E era sempre o mesmo espetaculo, as mesmas demonstrações de alegria dos parentes jubilozos !

Afinal, chegou a vez do Rapozinho. O Diretor tinha-o rezervado para o fim. Não vendo chegar, nem eu, nem o velho, e não faltando mais ninguem, teve de chamal-o.

Chamou-o, entregou-lhe o que lhe cabia e, em honra delle, pronunciou um pequeno discurso, anunciando que aquelle zapazola ia ser um dos professores do colejio. Disse o seu merito, o seu amor ao trabalho, o seu nobre carater — e abraçou-o com efuzão. Houve palmas — muitas palmas... A muzica, para dominal-as, vibrou mais forte... O pobrezinho, entretanto, acanhado, esteve um momento perplexo, no meio da sala, sem saber bem para onde devia ir... Nem um só dos colegas deixára de ter dois braços a que se acolhesse ; só elle não os achava ! Não compreendia a auzencia do pai. O coraçãozinho batia-lhe de emoção e susto...

E durante esse tempo, a olhal-o pelo buraco da fechadura, chorando de orgulho e pezar, o Rapozo, cada vez mais grotesco, estendia, ao filho, em trejeitos mudos, como si elle

os pudesse vêr, os braços em que o quereria apertar n'aquelle momento! As lagrimas, que lhe caiam em fio, elle as ia limpando distraidamente nas calças claras, manchadas pelo Fuinha...

FRAGMENTO DE UM DISCURSO (1)

. . . .

Dai-lhes a impressão de quanto póde a Ciencia. Dizei-lhes isso, não com a secura dos livros mal feitos, mas com a poezia que respira tudo que parte de vossos labios.

Pintai o homem dominando o infinitamente pequeno e dominando, do mesmo modo, o infinitamente grande.

Uma estrela, sol gigantesco, tão lonje de nós, a distancias tão vertijinozas, que a imajinação mal póde conceber, uma estrela, maior que o nosso sol e todos os seus planetas fundidos num só corpo, passa lá nos céos, serenamente, orgulhozamente, desprezando a nossa mizeria, que ella nem vê. E, entretanto, porque certa noite, curvado sobre uma folha de papel, um sabio a foi enchendo de garatujas e rabiscos, letras e algarismos, e assim achou meio de calcular latitudes e longitudes — a estrela soberba, a estrela deslumbrante, passou a ser uma das nossas escravas. O mais obscuro marinheiro lhe póde perguntar, intimando-a com os calculos que a ciencia ensinou a fazer, em que ponto da Terra elle se encontra, para onde deve dirijir seu barco — e a estrela orgulhoza, serva humilde, tem de responder!

Ensinai a amar a Ciencia, que todos os dias consegue estas maravilhas. Mas ensinai tambem a amar — ainda uma vez vol-o repito — a Bondade, o Trabalho e a Justiça.

Eu sei que é mais facil inculcar noções cientificas do que despertar e cultivar sentimentos. Razão de mais para que vos esforceis! Que nunca, dezanimando, digais de nenhuma creança: « Com esta, não ha nada a conseguir. »

Ha. Ha, por força! Só os mestres máus é que dezanimam. Em todos os seres existe sempre alguma couza de bom, de puro, de sagrado.

O estatuario que vê um bloco de pedra, sabe que dentro d'elle está um mundo: dali podem sair os grandes santos, que a crença venera; podem sair, mais dignas de amor que os santos, estatuas divinas de mulheres, estatuas serenas de

(1) Na solenidade da entrega de diplomas ás alunas normalistas, 1901.

sabios. Basta que o artista tenha talento e queira lavrar esse bloco, a maravilha aparecerá.

Dos objetos, que se nos afiguram mais humildes, os quimicos alcançam perfumes suavissimos. Nada mais feio que o carvão de pedra, que a hulha grosseira trazida das minas, suja, negra. Dèlla, comtudo, se extraem os perfumes delicadissimos que uzais : e quando parece que esse aroma tão mimozo vem, ou do heliotropio, ou dos fenos, cortados, ou de tanta flôr bonita que evocamos, elle sái apenas de umas pedras de carvão, habilmente distiladas. Quando o sabio as viu, não dezanimou. Soube tirar da negridão feia e suja esse aroma que é como uma alma, uma alma cheia de beleza.

Fazei isso tambem com os pequenos seres rudes, que nós vos entregamos. Ha em todos elles, mesmo nos mais esmagados pelas fatalidades da herança, alguma couza de puro, de bom.

Dentro d'esses blocos dormem estatuas harmoniozas: esculpi-as, tirai-as á plena luz. Dentro d'essa hulha negra e feia ha perfumes divinos : fazei com que apareçam !

Uma doutrina recente assevera que existem criminozos natos, individuos que um fado máu impele para o vicio e o crime. Haverá ? Emquanto se puder duvidar, duvidai. Creiamos antes na Ciencia consoladora, que nos diz que não ha terras estereis nem cançadas. A que não póde alimentar uma planta, alimenta outra. A que parecia exhausta e sáfara, um pouco de cultura a faz tornar-se uberrima. Dai aos corações essa cultura — e vereis como produzem !

Os pescadores de perolas vão ao fundo do mar buscar as conchas, em que ellas se podem encontrar. Trazem-n'as e atiram-n'as ao sol, nas praias para que os moluscos apodreçam. Só apoz alguns dias, quando o animal se decompoz, quando se reduziu a uma deliquecencia fêtida e nojenta, é que elles abrem as valvas para ver si ali encontram as perolas formozas, que vos abraçam os pulsos delicados, que vos adornam os colos, que andam depois, esquecidas de outro mar, no mar mil vezes mais belo dos vossos cabelos...

Assim, até na podridão se buscam as gemas preciozas, simbolos da candura e da pureza.

Fazei o trabalho d'esses pescadores. Nas pequenas almas infantis, que vos pareçam mais corrompidas, procurai a perola, que lá deve estar.

Não deis unicamente o ensino, que prepara o cerebro.

Dai tambem o entuziasmo, que faz florir os corações, que inspira as grandes corajens — não para a barbaria das guerras, mas para as lutas sociais. Ensinai a Igualdade, ensinai, sobretudo, a Justiça ; e, ao contrario do que pedia o catolicismo, não prégueis hipocritamente o desprezo pelas riquezas. Prégai, sim, a iniquidade das fortunas que não sáem *diretamente* do esforço de seus possuidores. Não prégueis, como pedia o Sermão da Montanha, a esperança van em recompensas postumas e a ociozidade nesta vida. Prégai, sim, o amor ao trabalho — a unica nobreza que se lejitima, a unica que o futuro reconhecerá.

Na aspereza crecente da luta em que estão empenhadas as sociedades, um dia se eliminarão de todo os que, podendo fazel-o, furtam-se hoje ao esforço e ao trabalho, vivendo do esforço e do trabalho de outrem. A palavra do apostolo Paulo será afinal verdadeira :

« Quem não trabalha não tem jus á vida ! »

E si uma demonstração de que a sociedade caminha para aí fosse necessaria, vós a dareis melhor do que ninguem, pelo simples fato de aqui estardes prezentes. O ideal antigo da vida feminina era o de ser um regato tão placido, que fosse licito ao homem amado debruçar-se e rever aí a sua imajem : porque da agua mansa e calma a imajem parece formar-se bem no intimo, como bem no intimo do coração feminino os que amam quereriam estar. Mas tudo mudou.

A vida da mulher já não é mais esse regato manso : é violenta, impetuoza... Muitas vezes sobre essa corrente ninguem se debruça. Que esterilidade triste a dessas existencias femininas que chegam até a morte, inuteis, ociozas, sem animo para tomarem um posto nos combates da vida, á espera, um pouco lamentaveis e um pouco ridiculas, de um afeto masculino, que muitas vezes não as procura... O numero de mulheres é tão maior que o dos homens, que, por força, normalmente, quazi se diria — aritmeticamente — isso tem que suceder.

Mas não são apenas as abandonadas do amor masculino as que devem entrar na ação. A ação convida a todas. Todas têm nella um logar, ao nosso lado.

A's mais belas, ás mais queridas, a missão se impõe do mesmo modo. E nenhuma póde recuar porque tema perder, pela aprendizajem austera da Ciencia, a graça feminina, o seu infinito encanto de mãis e de amorozas.

Victor Hugo pintou a sagração da mulher pela natureza : a natureza inteira palpitando de jubilo, quando a primeira mulher pela primeira vez sentiu que ia ser mãi. Mais deveria palpitar, mais as estrelas se deveriam debruçar curiozas e radiantes do amplo ceu azul, quando houve emfim uma mulher que assumiu o papel de educadora : porque essa é a maternidade purissima dos espiritos !

Não ! Vós não perdereis a poezia que vos reveste.

Sob os passos de Venus a relijião dos romanos afirmava que naciam flores. Sob os vossos, na escola, nacerão tambem ; mas serão mais duradouras. Serão almas formozissimas, serão intelijencias abertas á compreensão das grandes verdades, serão corações, dezabrochando em pleno viço, pelo poder majico do vosso ensino.

A poezia das vossas vitorias enche tudo, perfuma tudo.

Os arqueologos acharam, soterradas no Egito, as pedras nas quaes os grandes imperadores referiam seus triunfos.

Acabada a batalha, o monarca mandava fazer a contajem dos mortos. Iam os soldados pelo campo a fóra, procurando os inimigos caidos, baixando-se e cortando a todos a mão direita. Depois, diante do rei, sentado orgulhozamente no seu carro de combate, os ceifadores sombrios traziam a sua colheita. Cada um jogava para o grande monte, as mãos que tinha cortado, para que os escribas as contassem meticulozamente. E quanto mais o monte daquellas palmas lividas e ensanguentadas, daquelles dedos hirtos e frios, crecia sinistro — mais o rei se orgulhava, porque, inscrito o numero das viitimas nas pedras imorredouras, imorredouro ficaria o seu nome.

Mais imorredouros, porém, são os livros simples, os simples dados oficiais em que nós contamos as vossas vitorias. Aí não se vêem mãos de mortos. Lendo-os pensamos em labios em flor, em olhos cheios de vida, em cabeças e corações, onde derramais as ideias mais nobres, mais generozas. E as cifras secas da estatistica moderna valem hinos de gloria, quando rejistram esses triunfos.

Pela missão que cumpris, qualquer de vós tem valor maior que o desses reis antigos.

E eu penso nas mais pobres, nas mais modestas...

Tempo houve na India, em que o povo se repartìa em castas, nitidamente marcadas. A mais mizeravel era a dos

pariás. Ninguem lhes podia falar. Quem o fizesse ficava para todo o sempre deshonrado. Sobre elles pezava a mais triste das fatalidades. Nem mesmo eram como escravos, porque aos escravos os senhores acolhiam em suas cazas e lhes dirijiam a palavra. Mas os pariás eram leprozos morais, de quem pessôa alguma se aproximava. Tocar-lhes, receber delles a minima couza, importava em decer á sua abjeção inominavel.

Quando o budhismo se defundiu pela India e Sidharta começou a prégar a relijião nova em que, muito antes do christianismo, se proclamaram todas as grandes virtudes que Jesus veiu depois a recomendar, um dos seus pontos capitais foi a destruição das castas.

Certa vez, numa estrada cheia de povo, um dos apostolos do budhismo nacente viu uma filha de pariá, bela moça gracioza, que levava á cabeça uma bilha de barro cheia de agua. Todos se afastavam della. A pobrezinha ia rente ás sebes de um dos lados do caminho para furtar ao seu contacto os que por ella passavam. E foi então que o apostolo atravessou a estrada e pediu-lhe : — « *Filha, dá-me um pouco de agua.* »

Ella estacou surpreendida por aquella voz, espantada pela loucura daquelle homem. Seria um doido ? Seria um estranjeiro ? E para que elle se arredasse, a moça lhe disse: « *Senhor, eu sou uma filha de pariá* ». Mas o seu assombro foi maior ainda, quando ella ouviu, quando ouviram todos os que delles se tinham avizinhado, a palavra do apostolo : « *As filhas dos pariás valem tanto como as dos reis, tanto como as dos brahmanes. É isso que ensina meu mestre o Buddha que naceu de reis, mas entre elles e os pariás só sabe distinguir quem é e quem não é virtuozo. Dá-me a agua que te pedi* ».

Muda de espanto, a rapariga tirou a bilha da cabeça e o apostolo mitigou a sêde. Depois, tendo agradecido, elle seguiu seu caminho. E foi assim que o budhismo se espalhou, que chegou a ser, como é ainda hoje, a relijião que conta o maior numero de crentes.

Certo, nós não temos na sociedade contemporanea castas como as da India antiga. Mas a pobreza faz ainda pariás ; ainda se recuza ao Trabalho o direito excluzivo ás honras, que só elle no futuro poderá dar. E por isso eu tenho um fremito de jubilo, quando vejo, ás vezes, algumas de entre

vós, nacidas de familias modestissimas, chegando a este sacerdocio e como a filha do pariá, inclinando a bilha de agua, para dar a ciencia aos que della precizam : — e della precizam os que sáem de todas as classes sociais, os filhos dos mais ricos e dos mais poderozos !

É verdade que uns criticos se levantaram para dizer que a mulher, si consegue ministrar o ensino, não póde dar ás crianças a virilidade de que ellas necessitam e que, portanto, sois para isso fracas de mais.

Velho e obstinado preconceito, a da força fizica ! Sem duvida, os que hoje vos fazem essa acuzação não dizem que deveis ter musculos de aço. Mas, de fato, tudo provém daí.

A civilização por tantos seculos — por tantas centenas, por tantos milhares de seculos — repouzou sobre a força bruta, que a idéa de sua preeminencia está latente em todas essas criticas. Não sentem os que assim falam que o tipo ideal do individuo da nossa especie não é mais o soldado membrudo e forte ; é o homem de ciencia, é o estadista que consegue pela serenidade dezarmada das leis um pouco mais de justiça, e que todos os que se entregam a labores de paz, desde a debil operaria, cujas mãos, nas grandes fabricas de tecidos, guiam o trabalho das maquinas, até o apostolado divino das professoras, todos valem mais, infinitamente mais que os maiores generais de todos os tempos.

E ha quem diga que as mulheres são frajeis ! — Frajeis são ; mas são tambem poderozas ! Nellas está o amor ; está o futuro ! Nada é mais frajil que um raio de luz : não passa de uma vibração, de um quazi nada, que o minimo obtaculo póde interceptar. E, todavia, nada mais poderozo ! Pensai nas viajens, que faz pelas vastidões incomensuraveis do espaço a luz, que nos vem de estrelas lonjinquas.

Os astronomos nos ensinam que de muitos astros, cujo brilho nos encanta, já talvez nada exista, porque elles tenham sido aniquilados — e sua luz perdura ainda, perdurará por muito tempo. O corpo enorme, a massa colossal que girava no espaço — ella, que era a força — desfez-se em pedaços ; mas o raio de luz, a vibração tenuissima — elle, que era o quazi nada, ainda está marchetando os céos. Assim é a viajem das verdades atravez dos tempos ; assim é a fraqueza do ensinamento das mulheres : quando dos seus negadores de hoje, orgulhozos da sua força, já nada mais

restar, a luz que ellas tiverem acendido nas almas das gerações irá rasgando sombras, varando as idades, tauxiando os amplos céos do futuro, com os seus pontos de ouro...

Homens virão, que assombrem o seu tempo, pelo seu valor moral, pela sua virtude, pela sua intelijencia. E quando os povos os admirarem, elles mesmos se lembrarão que toda a sua enerjia, todo o seu espantozo vigor de pensamento, lhes veiu do ensino ministrado por qualquer dentre vós, frajil mulherzinha, que outro homem, num gesto das mãos fortes, poderia talvez quebrar pela cintura, como se quebra uma haste de flor !

. . . .

CEREBRO E CORAÇÃO

Dizia o coração : « Eternamente,
eternamente ha de reinar agora
esta dos sonhos teus nova senhora,
senhora de tu'alma impenitente. »

E o cerebro, zombando : « Brevemente,
como as outras se foram, mar em fóra,
ella se ha de sumir, se ha de ir embora,
esquecida tambem, tambem auzente. »

De novo o coração : « Dece ! vem vel-a !
Dize, já viste tão divina estrela
no firmamento de tu'alma escura ? »

E o cerebro por fim : « Todas o eram...
Todas... e um dia sem amor morreram,
como morre, afinal, toda ventura ! »

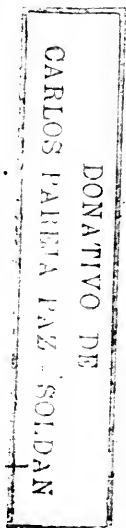
INDISCREÇÃO

Quando um sujeito, ha pouco, me dizia
que eras o tipo da seriedade,
lembrei — perdôa-me a leviandade —
lembrei aquelle deliciozo dia,
em que no teu jardim fui encontrar-te.

Tu, que me dizem que és uma senhora
cazada e séria, has de negar agora
que nos tenhamos visto em qualquer parte.
Negarás. Pouco importa ! Mas o certo

é que escondidos sob os verdes ramos
das rozeiras do teu jardim dezerto,
sofregamente, um dia, nos beijámos.
Lembro-me ainda de que havia perto
uns verdes morangueiros carregados
e os beijos, n'esse deliciozo enlevo,
foram tão doces e tão demorados
que a contar tudo aqui eu nem me atrevo...

Sei que, mais tarde, tua mãi, notando,
dos seus belos morangos o canteiro
todo pizado, — disse, lastimando,
que não sabia como o jardineiro
em um destroço tal não reparára ;

Tu, os olhos baixando vergonhoza,
toda coberta de infantis rubores,
foste saindo. E só então, formoza,
— oh ! que morangos comprometedores !
vi as costas da tua roupa clara
todas cheias de manchas côr de roza...

RESPOSTA A UMA PROPAGANDA

« E, assim, a concluzão unica é que a imprensa deve calar as noticias de suicidios... » *De um jornal diario.*

E por que não dizer dos desgraçados
á multidão dezesperada e triste
que para a paz dos tumulos sagrados
inda um caminho existe ?

E por que — si ninguem antes do berço,
dizendo o que era o humano padecer
nos veiu perguntar si no Universo
nós, acazo, queriamos sofrer,

vir, agora que nada aqui nos prende,
esconder-nos a porta da Verdade,
porta por traz da qual, calma, se estende
a paz da eternidade ?

O Mal — velho pastor misteriozo,
que os mundos todos guia na amplidão,
tanje-os como um rebanho dolorozo,
por caminhos de sombra e maldição...

Uiva no abismo o côro dos gemidos,
soluça a voz da Lagrima e da Prece,
sem que a marcha dos trájicos vencidos
um só momento cesse.

Em procura de um deus — sempre implorado
e não visto jámais — esse clamor
enche o funebre espaço ilimitado
de rujidos e canticos de horror.

Si uma voz nelle pára — uma voz nova
toma no côro o seu lugar perdido :
— e o mesmo eterno som, que se renova,
sobe ininterrompido !

Nunca o hino que cantam loucamente
os que a vida perpassam no prazer
póde o funesto cantico dolente
— nos infinitos páramos vencer !

Nada, portanto, ha que temer, si um triste,
que abre a porta da Vida e que se evade,
busca o « além » do tumulo, onde existe
a eterna soledade.

Hão de apóz elle vir tantos e tantos,
votados desde o berço á Dor e ao Mal,
que o preamar do eterno mar dos prantos
não decerá seu nivel imortal.

Não decerá... que a Dôr, deuza e senhora,
leva os mundos curvados a seu cetro !
e eterna, em toda parte, em toda hora,
ergue-se o seu espetro !

Não decerá... que o rizo nunca dura
mais que um momento, e só a Dôr sem fim
enche as almas de trevas e amargura!
Não decerá... por que até mesmo emfim,

quando o ventre das mãis — a dura guerra
da Especie contra o Ser, conciente, visse
e, vencendo-a,infecundo, sobre a Terra
nada mais produzisse.

a evolução da extranha, intima essencia,
que as Couzas para a Vida erguendo vem,
— fal-as-ia nacer para a Conciencia
e naceriam para a Dôr tambem!

PUDICA

Nua. Lambendo-lhe a epiderme liza,
por sob a qual o sangue tumultua,
caiu-lhe aos pés, em flocos, a camiza,
deixando-a nua... inteiramente nua...

O pé, que a alvura do banheiro piza,
mal os dedinhos rozeos insinua
na agua, que em largos circulos se friza,
logo, fujindo lepido, recua...

Passa por todo o corpo um arrepio.
Duros e brancos,hirtam-se de frio
seus dois peitinhos. Timida, medroza,

corre a mão sobre o ventre torneado...
Nisto, lembrando, acazo, o namorado,
toda se tinje de um pudor de roza..

OLHOS VERDES

Poetas do Assombro, poetas cujos versos
têm o poder extranho e singular
de percorrer no rapido adejar
mesmo do Sonho os loucos universos;

nautas — de céo em céo, de mar em mar,
pelos sombrios furacões dispersos,
que atravessais os climas mais diversos,
por lonje errantes do nativo lar,

— para perder de amor almas incautas,
todos vós, todos vós : poetas ou nautas,
que de mares e céos sabeis o horror,

— não ouvirá ninguem jámais dizerdes
que conheceis abismo mais traidor
que o glauco abismo de seus olhos verdes !

CADEIRA GONÇALVES DIAS

Antonio Gonçalves Dias (1823-1864), naceu em Caxias, no Maranhão. Mestiço, filho de portuguez. Foi cedo enviado para Portugal, onde fez os seus estudos, formando-se em direito na universidade de Coimbra. Regressou ao Brazil em 1854 e exerceu o majisterio no Coléjio D. Pedro II. Foi ainda á Europa, e quando voltava, enfermo, morreu afogado no naufrajio do *Ville de Boulogne*, proximo da costa do Brazil. Poeta notabilissimo, o primeiro dos poetas brazileiros do seu tempo, e ainda hoje, é dos maiores que têm aparecido em Portugal e Brazil no ultimo seculo. Tinha inspiração abundante e orijinal, forma excelente, grande cultura, e um conhecimento profundo da lingua. Era sobretudo sincero e simples, qualidades raras que preservaram a sua poezia da influencia de escolas efemeras. Publicou : *Primeiros Cantos*, *Segundos Cantos*, *Ultimos Cantos*, os primeira quatro cantos dos Tymbiras, o *Dicionario da lingua tupy* ; Memorias historicas, na Revista do Instituto Historico.

As suas *Obras postumas*, publicadas por Antonio Henriques Leal, em seis volumes, e reeditadas pela Livraria Garnier, contêm estudos de historia, varias poezias e os dramas *Boabdil* e *Leonor*.

OLAVO BILAC

Olavo Bilac naceu em 1865 na cidade do Rio de Janeiro. Estudou medicina até o quinto ano do curso. Ocupa o cargo de inspetor escolar, e é diretor em comissão do Pedagogium. E' poeta, prozador e orador. No jornalismo escreve assiduamente desde verdes anos ; e escreveu durante muito tempo a *Cronica semanal* da Gazeta *de Noticias* e o *Rejistro* diario d'*A Noticia*.

Publicou *Poezias* (1888). *Poezias* ed. definitiva, aumentada de *Alma inquieta*, *As viajens*, *O caçador de esmeraldas* ; *Cronicas e novelas* : *Critica e fantazia* ; *Poesias infantis* e em colaboração, com Manoel Bonfim, *Livro de leitura* e *Livro de composição* ; com Coelho Netto, *Contos patrios*, *Poezias infantis*, e com Guimarães Passos, *Tratado de metrificação*.

NOITES DE AGOSTO

Por estas noites frias e brumosas
É que melhor se pode amar, querida!
Nem uma estrella pallida, perdida
Entre a nevoa, abre as palpebras medrosas.

Mas um perfume callido de rosas
Corre á face da terra adormecida...
E a nevoa cresce, e, em um grupos repartida,
Enche os ares de sombras vaporosas:

Sombras errantes, corpos nús, ardentes
Carnes lascivas... um rumor vibrante
De attritos longos e de beijos quentes...

E os Céos se estendem, palpitando, cheios
Da tepida brancura fulgurante
De um turbilhão de braços e de seios.

A TENTAÇÃO DE XENÓKRATES

I

Nada turbava aquella vida austera:
Calmo, traçada a tunica severa,
Curva a fronte, cruzando a passos lentos
As aléas de platanos, — dizia
Das faculdades da alma e da theoria
De Platão aos discipulos attentos.

Ora o viam perder-se, concentrado,
No labyrintho escuso de intricado,
Controverso e sophistico problema;
Ora os pontos obscuros explicando
Do Timeu, e seguro manejando
A lamina bigumea do dilemma.

Muitas vezes, nas mãos pousando a fronte,
Com o vago ol har perdido no horizonte,
Em pertinaz meditação ficava...
Assim, juncto ás sagradas oliveiras,
Era immoto seu corpo horas inteiras,
Mas longe d'elle o espirito pairava,

Longe, acima do humano fervedouro,
Sobre as nuvens radiantes,
Sobre a planicie das estrellas de ouro :
Na alta esphera, no paramo profundo
Onde não vão errantes,
Bramir as vozes das paixões do mundo :

Ahi, na eterna calma,
Na eterna luz dos céos silenciosos.
Vôa, abrindo, sua alma,
As azas invisiveis,
E interrogando os vultos magestosos
Dos deuses impassiveis...

E a noite desce, afuma o firmamento...
Sôa sómente, a espaços,
O prolongado sussurrar do vento...
E expira ás luzes ultimas do dia,
Todo o rumor de passos
Pelos ermos jardins da Academia.

E, longe, luz mais pura
Que a extincta luz d'aquelle dia morto
Xenókrates procura :
— Immortal claridade
Que é protecção e amor, vida e conforto,
Porque é a luz da verdade !

II

Ora Laïs, a siciliana escrava
Que Apelles seduzira, amada e bella
Por esse tempo Athenas dominava...

Nem o frio Demosthenes altivo
Ao seu imperio foge ; ás graças della
Curva-se o proprio Diogenes captivo.

Não é maior que a sua a encantadora
Graça das formas nitidas e puras
Da irresistivel Diana caçadora.

Ha nos seus olhos um poder divino ;
Ha venenos e perfidas doçuras
Na fita de seu labio purpurino.

Tem nos seios — dois passaros que pulam
Ao contacto de um beijo, — nos pequenos
Pés que as sandalias soffregas osculam,

Na côxa, no quadril, no torso airoso,
Todo o primor da callypigia Venus
— Estatua viva e esplendida do gozo.

Cahem-lhe aos pés as perolas e as flores,
As drachmas de ouro, as almas e os presentes,
Por uma noite de febris ardores.

Heliostes e Eupatridas sagrados,
Artistas e Oradores eloquentes
Leva ao carro de gloria acorrentados...

E os generaes indomitos, vencidos,
Vendo-a, sentem por baixo das couraças
Os corações de subito feridos.

III

Certa noite, ao clamor da festa, em gala,
Ao som continuo das lavradas taças
Tinindo cheias na espaçosa sala,

Vozeava o Ceramico, repleto
De cortezans e flores. As mais bellas
Das hetéres de Samos e Mileto

Eram todas na orgia. Estas bebiam,
Nuas, á deusa Ceres. Longe, aquellas
Em animados grupos discutiam.

Pendentes no ar, em nuvens densas, varios
Quentes incensos indicos queimando,
Oscillavam de leve os incensarios.

Tibios flautins finissimos gritavam.
E, as curvas harpas de ouro acompanhando,
Crótalos claros de metal cantavam...

O espumeo Chypre as faces dos convivas
Accendia. Soavam desvairados
Febris accentos de canções lascivas,

Via-se a um lado a pallida Phrynéa,
Provocando os olhares deslumbrados
E os sensuaes desejos da assembléa.

Laïs além fallava : e, de seus labios
Suspensos, a beber-lhe a voz maviosa,
Cercavam-n'a Philosophos e sabios.

N'isto, entre a turba, ouviu-se a zombeteira
Voz de Aristippe : — « É's bella e pederosa,
Laïs ! mas, por que sejas a primeira,

A mais irresistivel das hetéres,
Cumpre domar Xenókrates ! E's bella...
Poderás fascinal-o, se o quizeres !

Doma-o, e serás rainha ! — » Ella sorria...
E apostou que, submisso e vil, n'aquella
Mesma noite a seus pés o prostraria.

Apostou e partiu...

IV

Na alcova muda e quieta,
Apenas se escutava
Leve, a areia, a cahir no vidro da ampulheta...
Xenókrates velava.

Mas que harmonia estranha,
Que sussurro lá fóra ! Agita-se o arvoredo
Que o limpido luar serenamente banha :
Treme, falla em segredo...

As estrellas, que o céo cobrem de lado a lado,
A agua ondeante dos lagos
Fitam, n'ella espelhando o seu clarão dourado,
Em timidos affagos.

Sólta um passaro o canto.
Ha uma aroma de carne á beira dos caminhos...
E acordam ao luar, como que por encanto,
Estremecendo, os ninhos...

Que indistincto rumor ! Vibram na voz do vento
Grebros, vivos arpejos,
E vae da terra e vem do curvo firmamento
Como um clamor de beijos.

Com as azas de ouro, em roda
Do céo, n'aquella noite humida e clara, vôa
Alguem que a tudo acorda e a natureza toda
De desejos povôa.

É a Volupia que passa e no ar deslisa : passa,
E os corações inflamma...
Lá vae ! E, sobre a terra, o Amor, da curva taça
Que traz ás mãos derrama.

E entretanto, deixando
A alva barba espalhar-se em rôlos sobre o leito,
Xenókrates medita, as magras mãos cruzando
Sobre o escarnado peito.

Scisma. E tão aturada é a scisma em que fluctúa
Sua alma, e que a regiões ignotas o transporta,
— Que não sente Laïs, que surge semi-núa
Da muda alcova á porta.

V

É bella assim ! Desprende a knemide. Revolta,
Ondeante a cabelleira, aos niveos hombros solta,
Cobre-lhe os seios nús e a curva dos quadris,
N'um louco turbilhão de aureos fios subtis.
Que fogo em seu olhar ! Vêl-o é a seus pés prostrada
A alma ver supplicante, em lagrimas banhada,

Em desejos accêsa ! Olhar divino ! Olhar
Que encadêa, e domina, e arrasta ao seu altar
Os que morrem por ella, e ao céo pedem mais vida,
Para tel-a por ella inda uma vez perdida !
Mas Xenókrates scisma...

E' em vão que, a prumo, o sol
D'esse olhar abre a luz n'um radiante arrebol...
Em vão ! Vem tarde o sol ! Jaz extincta a cratera ;

Não ha vida, nem ar, nem luz, nem primavera :
Gelo apenas ! E, em gelo envolto, ergue o vulcão
Os flancos, entre a nevoa e a opaca cerração...

Scisma o sabio. Que importa aquelle corpo ardente
Que o envolve, e enlaça, e prende, e aperta loucamente !
Fosse cadaver frio o mudo ancião ! talvez
Mais sentisse o calor d'aquella eburnea tez !...
Em vão Laïs o abraça , e o nacarado labio
Chega-lhe ao labio frio... Em vão ! Medita o sabio,
E nem sente o calor d'esse corpo que o attrae,
Nem o aroma febril que d'essa bocca sae.

E ella : « — Vivo não és ! Jurei domar um homem,
Mas de beijos não sei que a pedra fria domem ! — »
Xenókrates então do leito levantou
O corpo, e o olhar no olhar da corteză cravou :

« — Póde rugir a carne... Embora ! D'ella acima
Paira o espirito ideal que a purifica e anima :
Cobrem nuvens o espaço, e acima do atro véo
Das nuvens brilha a estrella illuminando o céo ! — »

Disse. E outra vez, deixando
A alva barba espalhar-se em rolos sobre o leito,
Quedou-se a meditar, as magras mãos cruzando
Sobre o escarnado peito.

REQUIESCAT

Porque me vens, com o mesmo riso,
Porque me vens, com a mesma voz,
Lembrar aquelle Paraiso
Extincto para nós ?

Porque levantas esta louisa ?
Porque, entre as sombras funeraes,
Vens accordar o que repousa,
O que não vive mais ?

Ah ! Esqueçamos, esqueçamos
Que foste minha e que fui teu :
Não lembres mais que nos amámos,
Que o nosso amor morreu !

O amor é uma arvore ampla, e rica
De fructos de ouro, e de embriaguez ;
Infelizmente, fructifica
    Apenas uma vez...

Sob essas ramas perfumadas
Teus beijos todos eram meus :
E as nossas almas abraçadas
    Fugiam para Deus.

Mas os teus beijos esfriaram...
Lembra-te bem ! lembra-te bem !
E as folhas pallidas murcharam,
    E o nosso amor tambem.

Ah ! fructos de ouro que colhemos,
Fructos da calida estação,
Com que delicia vos mordemos,
    Com que sofreguidão !

Lembras-te ? os fructos eram doces...
Se inda os pudessemos provar !
Se eu fosse teu... se minha fosses,
    E eu te pudesse amar...

Em vão, porém, me beijas louca !
Teu beijo, a palpitar e a arder,
Não achará, na minha bocca,
    Outro para o acolher.

Não ha mais beijos, nem mais pranto !
Lembras-te ? quando te perdi,
Beijei-te tanto, chorei tanto,
    Com tanto amor, por ti,

Que os olhos, vês ? já tenho enxutos,
E a minha bocca se cansou !
A arvore já não tem mais fructos !
    Adeus ! tudo acabou !

Outras paixões, outras edades !
Sejam os nossos corações
Dois relicarios de saudades
    E de recordações.

Ah ! esqueçamos, esqueçamos !
Durma tranquillo o nosso amor
Na cova rasa onde o enterrámos
Entre os rosaes em flor...

SAGRES

« Acreditavam os antigos celtas, do Guadiana espalhados até a costa, que no templo circular do Promontorio Sacro, se reuniam á noite os deuses, em mysteriosas conversas com esse mar cheio de enganos e tentações ».

Ol. Martins. — *Hist. de Portugal.*

Em Sagres. Ao tufão, que se desencadeia,
A agua negra, em cachões, se precipita, a uivar ;
Retorcem-se gemendo os zimbros sobre a areia...
E, impassivel, oppondo ao mar o vulto enorme,
Sob as trevas do céo, pelas trevas do mar,
Berço de um mundo novo, o Promontorio dorme.

Só, a tragica noite e no sitio medonho,
Inquieto como o mar sentindo o coração,
Mais largo do que o mar sentindo o proprio sonho,
— Só, aferrando os pés sobre um penhasco a pique,
Sorvendo a ventania e espiando a escuridão,
Quéda, como um fantasma, o Infante Dom Henrique.

Casto, — fugindo o amor, atravessa a existencia,
Immune de paixões, sem um grito sequer
Na carne suffocada em plena adolescencia :
E nunca approximou da face envelhecida
O nectario da Flor, a bocca da Mulher,
— Tudo quanto perfuma o deserto da vida...

Forte, — em Ceuta, ao clamor dos pifanos de guerra,
Entre as mesnadas (quando a chacina sem dó
Dizimava a moirama e estremecia a terra)
Viram-no levantar, immortal e brilhante,
Entre os raios do sol e entre as nuvens do pó,
A alma de Portugal no aceiro do montante.

Em Tanger, na jornada atroz do desbarato,
Duro, ensopando os pés em sangue portuguez,

Empedrado na teima e no orgulho insensato,
Calmo, na confusão do horrendo desenlace,
— Vira partir o irmão para as prisões de Fez,
Sem um tremor na voz, sem um tremor na face.

E que o Sonho lhe traz, dentro de um pensamento,
Toda a vida captiva. A alma de um Sonhador
Guarda em si mesma a terra, o mar, e o firmamento,
E, cerrada de todo á inspiração de fóra,
Vive como um vulcão, cujo fogo interior
A si mesmo, immortal, se nutre e se devora...

« Terra da Fantasia ! Ilhas Afortunadas, »
Virgens, sob a meiguice e a limpidez do céo,
Como nymphas, á flor das aguas remansadas !
— Pondo o rumo das náus contra a noite horrorosa,
Quem sondára esse abysmo e rompera esse véo,
O' sonho de Platão, Atlantida formosa !

Mar tenebroso ! aqui recebes, porventura,
A syncope da vida, a agonia da luz...
Começa o Cháos aqui, na orla da praia escura ?
E' a mortalha do mundo a bruma que te veste ?
Mas não ! por traz da bruma, erguendo ao sol a Cruz,
Vós sorrides ao sol, Terras Christans do Preste !

Promontorio Sagrado ! Aos teus pés, amoroso,
Chora o monstro... Aos teus pés, todo o grande poder,
Toda a força se esváe do Oceano Tenebroso...
Que anciedade lhe agita os flancos ? Que segredo,
Que palavras confia essa bocca, a gemer,
Entre beijos de espuma, á algidez do rochedo ?

Que montanhas mordeu, no seu furor sagrado ?
Que rios, atravéz de selvas e areiaes,
Vieram n'elle encontrar um tumulo ignorado ?
De onde vem elle ? ao sol de que remotas plagas
Borbulhou e dormiu ? que cidades reaes
Embalou no regaço azul de suas vagas ?

Se tudo é morte além, — em que deserto horrendo,
Em que ninho de treva os astros vão dormir ?
Em que soidão o sol sepulta-se, morrendo ?

Se tudo é morte além, — porque, a soffrer, sem calma,
Erguendo os braços no ar, havemos de sentir
Estas aspirações, como azas dentro da alma ? »

E, torturado e só, sobre o penhasco a pique,
Com os olhos febris furando a escuridão,
Quéda, como um fantasma, o Infante Dom Henrique...
Entre os zimbros e a nevoa, entre o vento e a salsugem,
A voz incomprehendida, a voz da Tentação
Canta, ao surdo bater dos macaréos que rugem :

« Ao largo, Ousado ! o Segredo
Espera, com anciedade
Alguem, privado de medo
E provido de Vontade...

Verás destes mares largos
Dissipar-se a cerração !
Aguça os teus olhos, Argus !
Tomará corpo a Visão...

Sonha, affastado da guerra,
De tudo ! — em tua fraqueza,
Tu, d'essa ponta de terra,
Dominas a Natureza.

Na escuridão que te cinge,
Œdipo ! com altivez,
No olhar da liquida sphynge
O olhar mergulhas, e lês...

Tu que, casto, entre os teus sabios,
Fanando a flor dos teus dias,
Entre mappas e astrolabios
Encaneces e porfias,

Tu, buscando o oceano infindo,
Tu, apartado dos teus,
(Para dos homens fugindo,
Ficar mais perto do Deus),

Tu, no agro templo de Sagres,
Ninho das naves esbeltas,
Reproduzes os milagres
Da edade escura dos Celtas . . .

Vê como a noite está cheia
De vagas sombras... Aqui,
Deuses pisaram a areia
Hoje pisada por ti.

E, como elles poderoso,
Tu, mortal, tu, pequenino,
Vences o Mar Tenebroso,
Ficas senhor do Destino.

Já, enfunadas as velas
Como azas a palpitar,
Espalham-se as caravellas
— Aves tontas pelo mar.

Nessas taboas oscillantes,
Sob essas azas abertas,
A alma dos teus navegantes
Povôa as aguas desertas.

Já, do fundo do mar vario,
Surgem as ilhas, assim
Como as contas de um rosario
Soltas nas aguas, sem fim.

Já, como cestas de flores,
Que o mar de leve balança,
Abrem-se ao sol os Açores,
Verdes, da côr da Esperança.

Vencida a ponta encantada
Do Bojador, teus heróes
Pisam a Africa, abrazada
Pela inclemencia dos sóes.

Não basta ! A'vante !
Tu, morto
Em breve, tu, recolhido
Em calma, ao ultimo porto,
— Porto da paz e do olvido,

Não verás, com o olhar em chamma,
Abrir-se, no oceano, azul,
O vôo das náos do Gama,
De rôstros feitos ao Sul...

Que importa ? Vivo e offegando
No offego das velas soltas,
Teu Sonho estará cantando
A' flor das aguas revoltas.

Vencido, o peito arquejante,
Levantado em furacões,
Cheia a bocca e regougante
De escuma e de imprecações,

Rasgando em furia, ás unhadas,
O peito, e contra os escolhos
Golfando, em flammas iradas,
Os relampagos dos olhos,

Louco, ullulante, — impotente
Como um verme, — Adamastor
Verá, pela tua gente,
Galgado o cabo do Horror...

Como o reflexo de um astro,
Scintilla e a frota abençoa,
No tope de cada mastro,
O Sant'Elmo de Lisboa.

E alta já, de Moçambique
A Calicut, a brilhar,
— Olha, Infante Dom Henrique :
Passou a Esphera Armillar !

Fartar !... Como um sanctuario.
Zelozo do seu thesouro,
Que ao toque de um temerario
Largas abre as portas de ouro,

— Eis as terras feiticeiras
Abertas... Da agua atravez,
Deslisem fustas ligeiras,
Corram avidas galés !

Ahi vão, opprimindo o Oceano,
Toda a prata que fascina,
Todo o marfim africano,
Todas as sedas da China...

Fartar !... Do seio fecundo
Do Oriente abrazado em luz,
Derramem-se sobre o mundo
As pedrarias de Hormuz !

Mas... inda não basta ! um dia,
Um outro imprudente, o rosto
Da nave, com ousadia,
Movendo para o sol posto,

— Sob o pallio côr de rosa
Da aurora, esperando o sol,
Verá uma terra, anciosa...
No aureo banho do arrebol...

E olhando-a, casta, no anceio
Do medo e pasmo que a céga,
— Como uma virgem que o seio
Aos beijos do noivo entrega,

Terá visto a Patria, — filha
Da Patria dona das náus,
Que abriam em cada quilha
Uma parcella do Cháos...

Sonha, — affastado da guerra,
Infante !... Em tua fraqueza,
Tu, d'essa ponta da terra
Dominas, a natureza !... »

Longa e callida, assim falla a voz da Sereia...
— Longe, um rôxo clarão rompe o nocturno véo.
Doce agora, ameigando os zimbros sobre a areia,
Passa o vento. Sorri pallidamente o dia...
E, subito, como um tabernaculo, o céo
Entre faixas de prata e purpura, irradia...

Tenue, a principio, sobre as perolas da espuma,
Dansa torvelinhando a chuva de ouro. Além,
Invalida do fogo, arde e palpita a bruma,
N'uma scintillação de nacar e amethystas...
E o olhar do Infante vê, na agua que vae e vem,
Desenrolar-se vivo o Drama das Conquistas.

Todo o Oceano referve, incendido em diamantes,
Desmanchado em rubis. Galeões descommunaes,
Crespas selvas sem fim de mastros deslumbrantes,
Continentes de fogo, ilhas resplandecendo,
Costas de ambar, porcéis de aljofres e coraés,
— Surgem, redomoinhando e desapparecendo...

E' o dia! — A bruma foge. Illuminam-se as grutas.
Dissipam-se as visões... O Infante, a meditar,
Como um fantasma, segue entre as rochas abruptas...
E impassivel, oppondo ao mar o vulto enorme,
Fim de um mundo, sondando o deserto do mar,
— Berço de um mundo novo — o Promontorio dorme.

VARIOS SONETOS

(DA « VIA LACTEA »)

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Sahi, ancioso por te ver: corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o logar para onde eu ia.

E tudo me fallou, tudo! Escutando
Meus passos, atravez da ramaria,
Dos despertados passaros o bando:
« — Vae mais depressa! Parabens! — » dizia.

Disse o luar: « — Espera: que eu te sigo:
Quero tambem beijar as faces d'ella! — »
E disse o aroma: « — Vae, que eu vou comtigo! — »

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrella:
« — Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvil-a e vel-a! — »
Não têm faltado boccas de serpentes,
(D'essas que amam falar de todo o mundo,
E o todo o mundo ferem, maldizentes)
Que digam: — « Mata o teu amor profundo!

« Abafa-o, que teus passos imprudentes
« Vão-te levando a um pélago sem fundo...
« Vaes-te perder! — » E, arreganhando os dentes,
Movem para teu lado o olhar immundo:

« — Se ella é tão pobre, se não tem belleza,
« Irás deixar a gloria desprezada
« E os prazeres perdidos por tão pouco ?

« Pensa mais no futuro e na riqueza : — »
E eu penso que afinal... Não penso nada :
Penso apenas que te amo como um louco !

Pouco me peza que mofeis sorrindo
D'estes versos purissimos e santos :
Porque, nisto de amor e intimos prantos,
Dos louvores do publico prescindo.

Homens de bronze ! um haverá, de tantos,
(Talvez um só) que, esta paixão sentindo,
Aqui demore o olhar, vendo e medindo,
O alcance e o sentimento d'estes cantos.

Será esse o meu publico. E, de certo,
Esse dirá : « — Pode viver tranquillo
Quem assim ama, sendo assim amado ! — »

E, tremulo, de lagrimas coberto,
Ha-de estimar quem lhe contou aquillo
Que nunca ouviu com tanto ardor contado.

A BOCAGE

Tu, que no pego impuro das orjias
Mergulhavas ancioso e descontente,
E, quando á tona vinhas de repente,
Cheias as mãos de perolas trazias

Tu, que do amor e pelo amor vivias,
E que, como de limpida nascente,
Dos labios e dos olhos a torrente
Dos versos e das lagrimas vertias ;

Mestre querido ! viverás, emquanto
Houver quem pulse o magico instrumento,
E preze a lingua que prezavas tanto :

E emquanto houver num ponto do universo
Quem ame e soffra, e amor e soffrimento
Saiba, chorando, traduzir no verso.

A AVÓ

A avó, que tem oitenta annos,
está tão fraca e velhinha...
Teve tantos desenganos :
ficou branquinha, branquinha,
como os desgostos humanos.

Hoje, na sua cadeira,
repousa pallida e fria,
depois de tanta canceira,
e cochila todo o dia,
e cochila a noite inteira.

A's vezes, porém, o bando
dos netos invade a sala.
Entram rindo e papagueiando .
este briga, aquelle fala,
aquelle dansa, pulando...

A velha acorda, sorrindo,
e a alegria a transfigura ;
seu rosto fica mais lindo,
vendo tanta travessura,
e tanto barulho ouvindo.

Chama os netos adorados,
beija-os, e, tremulamente,
passa os dedos engelhados,
lentamente, lentamente,
por seus cabellos dourados.

Fica mais moça, e palpita,
e recupera a memoria,
quando um dos netinhos grita :
« O' vóvó ! conte uma historia !
Conte uma historia bonita !

Então, com phrases pausadas
conta historias de chimeras,
em que ha palacios de fadas,
e feiticeiras e feras,
e princezas encantadas...

E os netinhos estremecem,
os contos acompanhando,
e as travessuras esquecem,
até que, a fronte inclinando
sobre o seu collo, adormecem.

CHRONICA

Por estes dias, deve chegar ao Rio de Janeiro o general Khan, embaixador da Persia.

A novidade é grande. As embaixadas não são communs no Rio de Janeiro : — e, tratando-se de uma embaixada da Persia, de um paiz tão remoto e fabuloso, a novidade não póde deixar de influir fortemente sobre a nossa imaginação, sempre tão prompta em apprehender e gozar o lado fantastico das cousas.

Para nós, e para todos os que mammaram o leite da civilisação latina, a Persia continúa a ser o que era no cyclo heroico que se estendeu de Cyrus a Alexandre. Fallar na Persia é evocar a soberana grandeza e o fausto glorioso de Persepolis e Suza : os palacios do Grande Rei, apunhalando o céo com as suas cem torres esguias e as suas seis mil columnas de granito ; os metaes preciosos, em caudaes faiscantes, canalisados das mais longes satrapias para o erario real ; os exercitos innumeraveis, recrutados entre os Parthas e os Hyrcanios, cujas bagagens enchiam todos os valles da Capadocia...

E' preciso não ser latino, é preciso não ser escravo da imaginação e do sonho, para não pensar desde logo que uma embaixada persa deve ser um deslumbramento, um cortejo de apotheose, um arco-iris de maravilhas, — com o embaixador caminhando, entre secretarios cobertos de ouro e prata, com o turbante constellado de perolas, de diamantes e de esmeraldas, e cheio de plumas raras de avestruz e pavão. Fechai os olhos, pronunciai as palavras — embaixada, persa, — e vereis que irradiação offuscante...

Mas os jornaes illustrados de Buenos-Aires já nos deram varias photographias do general Khan, e dos seus secretarios. Por mais dolorosa que seja a realidade, é preciso lembrar que a Persia de hoje não é a Persia do anno 500 antes de Christo. O general Khan é um homem não muito baixo nem muito alto, sympathico, sem ter na face a ferocidade

sobrehumana que devia haver na face de Dario ou Cambyses, — e sem mostrar no vestuario a antiga magnificencia dos satrapas que adoravam Ormuz. O general Khan calça botas de montar, como qualquer dos nossos officiaes de cavallaria, e traz o corpo envolvido numa longa farda, — cujos ornatos de mais preço são as pelliças alvas da gólla e das mangas, e as condecorações do peito.

Em Buenos-Aires, o representante do Schah Mozzafer-ed-Dine almoçou e jantou, á européa, em palacio ; assistiu a revistas militares ; conversou, em francez e em inglez, com as mais lindas senhoras da sociedade argentina ; valsou, no Jockey-Club ; e cumpriu, emfim, todos os preceitos da etiqueta diplomatica, não se distinguindo, nem na polidez das maneiras, nem na gravidade da conversação, de qualquer dos outros diplomatas que vivem junto do general Roca. A idade moderna matou o exotismo. As tendencias actuaes da civilisação convergem todas para o fim de transformar toda a superficie do planeta numa mesma nação de vida uniforme e monotona, sem surprezas, sem originalidades, sem novidades.

A unica nota de magnificencia verdadeiramente persa, dada pelo general Khan em Buenos-Aires, consistiu nisto : antes de partir, o embaixador de S. M. Schah offereceu ao general Roca uma riquissima commenda da mais alta ordem honorifica do seu paiz. Telegrammas da capital argentina já disseram o excepcional valor d'essa joia, incrustada de esmeraldas e rubis, e trabalhada em ouro, do mais fino quilate, com a mesma pericia que o ourives russo Rachoumosky empregou em affeiçoar a famosa tiára do rei Saitaphernés. Mas, verifiquem bem, indaguem bem, e hão de ver que essa joia foi feita em Pariz ou em Londres, e é tão persa quanto é scytha a tiára do museu do Louvre...

Que nos importa isso ? o que nos importa é saber que o embaixador de S. M. Mozzafer-ed-Dine, despedindo-se do general Roca, lhe entregou, em nome do seu soberano, uma commenda, e que o general Roca acceitou a dadiva, agradeceu, commovido, a distincção.

O general Roca é chefe de uma nação republicana : não é chef de Estado por direito de nascimento, e não usa do supremo poder como de uma regalia conferida por Deus. Daqui a pouco, esse chefe de Estado sahirá do palacio da praça de Mayo, — e continuará a ser, fóra do governo, o que

era dentro elle : um homem simples e chão, eleitor, soldado chefe de familia, — cidadão. Entretanto, esse democrata recebeu a commenda do Schah da Persia, e collocou-a sobre o coração, em cima da pala esquerda da casaca : — e nem por isso deixou de ser um democrata, filho do povo, e mantenedor dos « immortaes principios de Oitenta e Nove. »

Ora, por estes dias, teremos por aqui o embaixador persa.

Com certeza, diplomata moderno, conhecedor de todas as regras inviolaveis e rigidas do Protocollo, já elle deve saber que não póde conceder ao presidente do Brazil a mesma distincção honorifica que concedeu ao prezidente da Argentina. O Brazil não admite essas cousas : o Brasil é a Republica Ideal e Pura, é o reinado legitimo e limpido da Democracia ! e a sua Constituição é o templo onde se guarda, a coberto de todas as profanações, o Palladio da idéa da Igualdade, — e o sacrario, onde se conserva, inviolavel, o *zaïmph* dos principios de Oitenta e Nove !

Se o embaixador persa não estivesse prevenido, seria interessante ver o seu espanto, ao saber, assim de sopetão, que o presidente do Brasil é obrigado a rejeitar uma cousa que em toda a Persia, em toda a culta Europa e em todo o vasto planeta, toda a gente vive a pedir de joelhos.

Se o general Khan tivesse o habito de escrever ao seu soberano, diariamente, algumas « cartas de viagem », como aquellas *Lettres Persanes* que o satyrico Montesquieu attribuiu ao persa Usbeck, — e se nos fosse possivel, por um acaso providencial, violar o sigillo dessa correspondencia, — como seria interessante ver, nessas cartas, o « estado de alma » do embaixador diante de taes revelações do nosso puritanismo !

A principio, o general teria uma impressão de pasmo grande, e talvez de ira, — vendo desprezada a distincção. E as suas cartas reflectiriam essa impressão, dando a entender que o Brasil ainda é um paiz barbaro, como o paiz dos Scythas do tempo de Dario.

Mas, logo depois, passado o primeiro espanto, e sabendo que a rejeição da commenda não significava um sentimento de hostilidade á Persia, mas uma louvavel obediencia aos preceitos de virtude republicana impostos pela Constituição, o general Khan sentir-se-ia invalido de uma infinita e commovida admiração por este joven paiz, tão amigo da

democracia, tão rigido nos seus principios, tão inabalavel nas suas crenças republicanas, tão desdenhador das honras e das distincções, tão dado á modestia e á simplicidade. E, em estylo colorido e enthusiastico, escreveria ao seu soberano: « Sabereis, Sol da Persia, que o Brasil é a Republica Ideal de Platão, com duas differenças apenas : Platão queria um governo aristocratico e excluia da sua Republica os poetas ; ao passo que, no Brasil, é o povo quem se governa a si mesmo, e não se pode dar um passo nas ruas, sem esbarrar com um poeta, de theorba em punho, cantando as palmeiras e os sabiás ! »

Seria essa a segunda impressão do embaixador. Mas não seria a ultima. Bem depressa, alargando o circulo das suas relações, penetrando mais fundo no mecanismo da nossa vida social e politica, o enviado do Schah notaria, com surpresa, que o nosso desdem das distincções e das honrarias não vai além das commendas, das-grã-cruzes e das fitinhas. E, então, um assombro maior começaria a encher a sua alma perturbada, — e elle comprehenderia que um bra ileiro é, pelo menos, tão enigmatico... como um persa.

Veria o general Khan, em primeiro logar, que os viscondes, os condes, os barões, os commendadores, os conselheiros da monarchia continuam a ser conselheiros, commendadores, barões, viscondes e condes. Veria que o supremo idéal do brasileiro é ter o titulo de *doutor*, mesmo quando nunca se familiarisou com doutrina nenhuma, ou o titulo de *bacharel*, mesmo quando nunca manuseou uma carta de *a b c*. Frequentando bailes e theatros, veria grande numero de homens agaloados e apassamanados de ouro, com espadagões retinintes e pennachos fulgurantes, — officiaes de uma milicia civica de que nunca se conheceram os soldados. E, entrando em qualquer repartição publica, veria que o director é coronel, o chefe de secção major, o amanuense capitão, o escripturario tenente, o continuo alferes, todos honorarios, se bem que mais habituados a empunhar a penna do que o gladio. E, boquiaberto, com a mão tremula, e com os olhos esgazeados de fundo susto, o embaixador escreveria : « Este paiz, Grande Schah, não é a Republica de Platão : este paiz é a Republica... de Aristophanes ! »

Mas tudo isso é fantasia. E' fantasia de domingo, fantasia de dia alegre, recordada por um chronista que não quer tra-

tar das encampações, nem de outras cousas igualmente insipidas.

O general Khan já deve saber que o presidente do Brasil não póde acceitar condecorações, — e, ao saltar no cáes Pharoux, já deve conhecer a nossa vida, pelo menos tão bem como nós conhecemos a vida... da Persia.

Em todo o caso, sempre lhe poderemos mostrar algumas cousas novas, que lhe forneçam assumpto para cartas interessantes.

Que lindas paginas, por exemplo, escreveria o arguto Usbek, das *Lettres persanes* de Montesquieu, se, no seu tempo, em Pariz, visse uma brigada de mil homens exclusivamente empregados no sobre-humano afan de caçar mosquitos ?

O general Khan, se quizer manter correspondencia com o seu soberano, poderá escrever-lhe uma carta que comece assim : « Alto Senhor : dizem os historiadores que um antepassado vosso, o Sublime Xerxes, levantou um dia contra a Grecia um exercito composto de cinco milhões de soldados pertencente a cincoenta e seis povos diversos. Com a devida venia, devo confessar-vos, ó Sol da Asia ! que nunca acreditei muito n'essa affirmação dos chronistas persas e gregos...

Mas agora, vendo a facilidade com que este heroico povo brasileiro levanta dois dias mil homens contra os *stegomyas fasciatas*, sou obrigado a declarar, em bem da verdade, que já me não espanta aquelle prodigio do divino Xerxes... »

CADEIRA VARNHAGEN

FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN. *Barão e Visconde de Porto Seguro* (1816-1878). naceu em S. João do Ipanema, Sorocaba, na provincia do S. Paulo. Seu pai, oficial alemão, tinha vindo da Europa para dirijir a fabrica de ferro de Ipanema ; em 1823 regressou á Europa levando a familia e fixou rezidencia em Portugal. Educado ai, Francisco de Varnhagen e seguindo a carreira militar, tomou parte na guerra civil de 1834, foi por Pedro IV promovido a 2º tenente de artilheria e completou o curso da Real Academia de Fortificação.

Optou em 1841 pela nacionalidade brazileira e entrou para a carreira diplomatica » tendo servido nas legações de Hespanha, Chile, Perú e Equador e finalmente na de Austria-Hungria, onde faleceu.

A sua obra principal é a *Historia Geral do Brazil*, que lhe basta ao renome, que logo adquiriu e ainda conserva de excelente historiador. Publicou numerozos trabalhos de investigação historica e critica, e edições anotadas de livros sobre o Brazil.

OLIVEIRA LIMA

MANOEL DE OLIVEIRA LIMA nasceu em 1867 no Recife. Educou-se em Portugal onde fez estudos no curso de letras e sciencias. E' enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na Inglaterra ; entrou para a carreira diplomatica em 1890, havendo servido em Lisboa, Berlim, Washington, Londres, Tokio e Bruxellas.

E' prozador. Tem publicado : *Pernambuco*, obra de historia *Aspectos da literatura coonia* ; *Nos Estados Unidos*, *O reconhecimento do Imperio*, *O Japão*, *O secretario d'El-rey*, *O descobrimento do Brazil*, *Catalogo dos manuscritos brasileiros no Muzeu Britanico*, *Coizas diplomaticas e D. João VI*, 2 vol. e numerosos ensaios criticos e literarios em lingua ingleza, franceza, allemã. E' dos nossos publicistas o mais conhecido na Europa e nos Estador-Unidos.

A ILLUSÃO DA CHEGADA, O QUE ERA A NOVA CÔRTE (1)

. . . .

Quão differente para Dom João esta chegada triumphal, que nem perturbavam os gritos de resistencia da Rainha doida, cujos nervos pareciam ter-se acalmado na longa viagem maritima e segundo O'Neill (2) chorava placidamente de emoção, do triste embarque em Lisboa, onde si a elle proprio o protegera dos apupos da multidão o prestijio ainda vivo da realeza, ao seu ministro Araujo o invectivaram e apedrejaram (3) como réo da deserção causada pela publicação no Moniteur de 11 de Novembro do iniquo tratado de esbulho.

No Rio de Janeiro impressões mais lisonjeiras sobrepunham-se na alma sensivel do Principe a essas recordações pungentes.

Magistrados, funccionarios, monges, rodeavam-no n'um grupo numeroso e luzido, sobre que tremulava o estandarte do Senado da Camara e brilhava a cruz do Cabido, erguida entre dois cirios. A limpidez do céo coruscante, o tom respeitoso da recepção burocratica e a transparencia do enthusiasmo nacional revelando-se pelos hymnos dos clerigos, pelos canticos dos musicos postados n'um coreto, pelos vivas dos soldados e dos populares, deviam por força prender os sentidos do festejado e embalar-lhe a alma n'uma doce conformidade de impressões physicas e moraes. Conta-se que, ao passo que a Princeza dona Carlota chorava convulsa, magoado o seu orgulho com essa degradação para rainha colonial, Dom João caminhava sereno, deixando fundir-se sua melancolia ao calor da sympathia que o estava acolhendo.

A cidade até, escondendo debaixo das faustosas colchas de damasco as singelas paredes rebocadas e caiadas das suas casas acanhadas, disfarçando a exiguidade das suas ruas com as flammejantes bandeiras, as grinaldas e as lanternas que de lado a lado as enfeitavam, fazia lhe o effeito

---

(1) Cap. II da obra *D. Jõao VI.*

(2) O'Neill seguiu n'um navio com despachos depois da partida da esquadra anglo-luza, mas como foi directamente ao Rio de Janeiro ahi chegou antes do Principe Regente, assistindo ao seu desembarque que qualificou de tocante.

(3) Münch, ob. cit.

de uma capital regia, digna emula, aos seus olhos, dessa outra cidade de S. Salvador, da qual o Principe Regente chegava encantado, da situação, das dimensões, da riqueza, da cordialidade dos habitantes, e onde o commercio local lhe offerecera mandar levantar um magnifico palacio real, comtanto que ahi estabelecesse a corte.

Todavia o Rio de Janeiro, cuja importancia politica só datava propriamente de um seculo, depois de começada a exploração das minas, e de cujo aformoseamento apenas tinham cuidado muito mais tarde os vice-reis transferidos da Bahia, Luiz de Vasconcellos e Rezende especialmente, ainda era uma mesquinha séde da monarchia.

As ruas estreitissimas, lembrando mourarias; as vivendas sem quaesquer vislumbres de architectura, afóra possiveis detalhes de bom gosto, um portal ou uma varanda ; os conventos numerosos, mas simplesmente habitaveis, excepção feita dos de São Bento e Santo Antonio, situados em eminencias e mais decentemente preparados ; as egrejas, luxo de toda cidade portugueza, frequentes porém inferiores nas proporções e na decoração de talha dourada ás da Bahia, provocando por isso entre a devoção e caridade dos fieis um estimulo de obras de embellezamento, cujos resultados já appareciam nos nobre edificios em construcção da Candelaria e de São Francisco de Paula ; o plano da cidade por fazer, cruzando-se quazi todas as congostas n'um valle mais largo, sem calculo, sem precauções mais do que a de ahi conservar no desenho um arremedo de taboleiro de Xadrez, espraiando-se o resto das moradias ao Deus dará, pelas outras campinas sitas ao sopé dos morros escarpados.

Em resumo era o Rio, tomado no conjuncto, uma especie de Lisboa, irregular e ainda assim banal, com os documentos artisticos de menos e uma frondosissima vegetação a mais.

O Cattete e Botafogo, isto é, os quarteirões desafogados, os bairros limpos e apraziveis de hoje, não passavam então de arrabaldes, somente encerrando cazas de campo.

Quatorze annos depois, quando em Outubro de 1822 os Andradas tiveram seus primeiros arrufos com Dom Pedro I e pediram sua demissão de ministros, havendo a *cidade* ficado alvoroçada, José Bonifacio deixou sua habitação do Rocio e retirou-se para uma pequena casa no caminho velho de Botafogo, onde o foram buscar n'uma estrepitosa excursão Imperador e Povo. O terreiro de Sant'Anna descreviam-no

os contemporaneos como «um areal em grande parte coberto de herva rasteira.» O Passeio Publico representava o unico mimo da população, a não quererem os fluminenses engrossar a multidão dos aguadeiros, que sentados sobre os barris esperavam sua vez, e embasbacar dia e noite diante dos chafarizes pomposos de que jorrava a lympha mais crystallina, trazida do alto por um vistoso aqueducto. Alardeando os brazões dos proconsules da metropole, esses chafarizes commemoravam em correcto latim a grandeza dos administradores aos quaes deviam sua erecção.

A' noite a illusão do Pricipe, illusão porventura um tanto intencional pois que a realidade, impondo-se subsequentemente á excitação acclamadora, e mesmo os contratempos da fortuna nunca a lograram desmanchar — mais se teria fortalecido graças ao espectaculo tentador que das janellas do Paço se descortinava.

No vasto largo fronteiro uma arcaria triumphal se erguia, com seus adornos de pyramides, vasos e emblemas, e no centro, por baixo das armas luzitanas e de escolhidos versos de Virgilio, sobresahia dentre a illuminação de milhares de copinhos de côres um painel figurando a entrada no porto da nau que conduzira Dom João.

O retrato mesmo do Principe Regente destacava-se n'um medalhão no acto de receber de um indio, personificação do Brazil, os thesouros da natureza tropical e o coração nacional transbordante de affecto. O particularismo já se sentia robusto bastante para ensaïar a idealização de que o Romantismo faria a breve trecho uma bandeira, não só politica, como litteraria. O indio symbolo da nacionalidade independente, logo depois figuraria vendado e manietado, com um genio, certamente o da liberdade, na posição de o desvendar e desagrilhoar, no emblema de uma loja maçonica de Nitheroy, de que era irmão Antonio Carlos e que a policia dispersou por sediciosa.

N'aquella occasião, porém, não se pensava senão com sinceridade na honra insigne de possuir no Brazil a côrte portugueza, não se agia senão por lealdade dynastica para com os recemvindos. Estendiam-se as luminarias a todos os cantos da cidade, fazendo pairar sobre o montão da casaria um rubro clarão festivo, e aos ouvidos do Principe chegava de todos os lados o rumor confuso da multidão prazenteira. Este som inconfundivel de jubilo confirmava

os descantes e as declamações que na real presença esfuzilavam, mais fulgurantes e sobretudo mais demoradas que as girandolas de foguetes cortando com suas lagrimas de fogo a vasta escuridão da bahia. A claridade tenue das estrellas e o scintillar mais vivo de constellações novas para os augustos olhos, deixavam entretanto esboçarem-se em redor os contornos dos morros revestidos de basto arvoredo, a cujor pés vinham rolar es vagas, n'um incessante movimento rhythmico, que franjava de espuma as praias distinguindo-se alvacentas entre a massa negra das montanhas e a chapa metallica do mar.

A impressão physica experimentada em pleno dia não podia no emtanto dizer-se em certo sentido inferior á recebida de noite. Si a cidade propriamente, a agglomeração humana, lucrava com ser vista á luz fantastica das illuminações, a natureza por certo preferia ostentar suas galas ao sol, sob o mais luminoso firmamento da creação, de um azul tão pronunciado quão pronunciado se desdobrava o verde da vegetação, quando o não encobriam aqui e alem os grossos flocos das nuvens apinhadas em desenhos caprichosos, ou se não trocava a sua tonalidade vibrante pela uniformidade plumbea do ceu de tempestade tropical. Um Rei na verdade, prestaria o unico tributo digno de admiração á esplendida bahia com a sua irregularidade de linhas; com o seu recorte em pequenos golfos, cabos e enseadas; com a sua profusão de ilhas, algumas aridas, pelladas, quasi calcinadas ou feitas de penhascos, humidas e floridas outras como ramalhetes orvalhados; com seus montes alterosos ao longe, terminando em cabeços erguios e produzindo o effeito de encerrar as aguas n'um receptaculo de florestas, cujos supportes de granito pardo eram avivados por listras de argilla vermelha. Semelhante tribulo Dom João VI o não regateou á colonia por elle elevada a reino e transformada em séde da monarchia portugueza, e não foi sem as mais profundas saudades que, treze annos depois, se viu compellido por uma revolução rugindo ameaçadora na velha descurada metropole, a abandonar as hospitaleiras plagas do Brazil e regressar a Portugal, sumido no horizonte n'um momento de desespero nacional e de novo entrevisto em sobresaltos de pavor pessoal(1).

(1) Esta descripção da chegada da familia real ao Rio foi dada n'um artigo do auctor na revista fluminense *Kosmos* anno I, que aqui é quasi litteralmente reproduzido.

Luccock teve uma verdadeira intuição d'esse estado d'alma do soberano ao escrever (1) as seguintes palavras a proposito da diligencia empregada pelo gabinete de Londres, e particularmente por lord Strangford para, depois da paz geral, promover o regresso para a Europa da dynastia que elles proprios tinham decidido a exilar-se: «O frio e fleugmatico politico do Norte raramente calcula o effeito das bellas paizagens sobre o espirito humano ; pois do contrario não esperaria que a côrte de Portugal deixasse sua nova residencia. Esta influencia é silenciosa mas poderosa ; seu operar é universal e perpetuo, renovado por cada sol nascente e ajudado por cada luar refulgente.

Ella ha aqui frequentemente combatido o estimulo do interesse e destruido a persuasão do argumento, e é geralmente mais efficiente nos espiritos que menos se apercebem do seu exercicio. A suggestão tem contribuido para tornar a côrte portugueza desejosa quasi de alterar a sua designação, e os estrangeiros favorecem-lhe esta inclinação, fallando da côrte do Rio e não mais da de Lisboa». *Roi du Bresil*, nunca de outra forma se referia a Dom João o consul geral de França, Lesseps, na sua correspondencia official para Paris.

O Brazil parecia ter então a boa fortuna de ser querido de toda a gente, o que se explica facilmente. Na segunda metade do seculo findo aconteceu outro tanto com o Japão : em ambos os casos o que se deu foi o termo de uma longa curiosidade afinal satisfeita, gerando-se d'esta satisfacção uma facil sympathia.

Com muito mais razão aliás no nosso caso visto que no Brazil, quasi de todo cerrado por dois seculos aos estrangeiros, si estes encontravam menos attractivos de civilisação artistica, só poderiam em compensação deparar com um franco e generoso acolhimento por parte de gente da mesma raça, que não nutria desconfianças de suzerania porquanto já tinha tutela, e dupla — a domestica e a britannica — e precizava para emancipar-se politicamente de ensinamentos de todo o genero.

O accesso á terra maravilhosa e mysteriosa foi aproveitado com todo o ardor creado pelo espirito scientifico mais

(1) J. Luccock. Notes on Rio de Janeiro and the southern ports of Brazil. London, 1820.

desenvolvido e mais disseminado que, sobretudo no dominio natural e no terreno geographico, se estava manifestando tão caracteristicamente na epocha posterior á dos Encyclopedistas. O Rio de Janeiro em particular tornou-se durante o reinado de Dom João VI um ponto de encontro de estrangeiros distinctos. Entre os proprios representantes das nações européas contavam-se homens de merecimento como Chamberlain, o Consul geral britannico, que mais tarde exerceu não pequena influencia sobre a marcha dos acontecimentos politicos, e von Langsdorff, o consul geral russo, que havia sido o valioso chronista da viagem em redor do globo do commodoro russo Krusenstern.

Ambos estes funccionarios tinham-se deixado seduzir pelos encantos da natureza local, sendo von Langsdorff proprietario de uma fazenda na Raiz da Serra, onde cultivava muita mandioca, e possuindo Chamberlain, que era além d'isso um entomologista fanatico, uma plantação de café no prolongamento do aqueducto da Carioca. Do mesmo modo um refugiado ou antes emigrado politico, o conde de Hogendorf, veiu morar o mais rusticamente possivel nas Laranjeiras, e o pintor Taunay escolheria para sua rezidencia e de sua familia uma cabana ao pé da cascata da Tijuca.

LITTERATURA OCCIDENTAL

O seculo que acaba de encerrar-se, posto seja melhor conhecido e apreciado por muitos pelas suas feições positivas e cientificas, começou e terminou por uma crise de alma, com uma tormenta da sensibilidade. Em seu alvorecer foi o seculo da visão romantica e em seu anoitecer o seculo da reacção do idealismo — com a differença que, a principio, a religião contava menos na expressão litteraria, sendo de facto o sentimento geral, salvas poucas conspicuas excepções como Chateaubriand, Bonald e Maistre, mais pagão do que christão ; mas que no fim foi a religião que sobretudo orientou aquelles dentre os espiritos humanos que lutáram contra a aridez do conhecimento meramente physico.

A sensibilidade nunca foi mais excitavel do que nos inicios do seculo XIX, e comtudo este seculo nasceu no meio da maior exhibição militar que o mundo tem presenciado. Napoleão enche as suas duas primeiras decadas com a extraordinaria historia do seu poder quasi universal —

europeu pelo menos, pois que seus feitos vão de Lisbôa a Moscow — e os tocantes episodios do seu captiveiro em Santa Helena. Napoleão, no emtanto, por estranho que isto soe, foi elle proprio um homem de profundas affeições, de ternos sentimentos. Por muito tempo apenas se considerára nesse homem de genio o guerreiro e o legislador, o estrategista magistral que guiou os exercitos francezes á victoria contra todas as outras grandes nações alliadas e o maravilhoso architecto social que edificou uma nova França dentre os escombros da velha. Napoleão foi na verdade tudo isso : foi porém, além disso, um verdadeiro homem de familia, marido dedicadissimo, pai extremoso, protector de todo o sobrinho, tio e primo, seu e de sua primeira mulher, até o quarto ou quinto gráo. Suas cartas de amor á formosa Josephina são modelos desta ardua variedade epistolar.

O Sr. Frederico Masson, escriptor francez de grande habilidade, avocou como sua tarefa especial estudar Napoleão debaixo de todos esses aspectos amaveis, e ninguem póde deixar de sorrir ao ver, através das paginas dos seus muitos volumes, aquelle homem, o maior de todos os homens, ante quem reis e imperadores tremiam e que, consoante a famosa ode de um poeta do meu paiz,

« ... com a ponta do seu gladio
No mappa das nações traçava raias. »

— tão cheio de indulgencia para com a infiel Josephina, tão cheio de paixão para com a indifferente Maria Luiza, tão cheio de enlevo para com o pobre Rei de Roma, tão cheio de complacencia e generosidade para com José, Luiz, Murat, Jeronymo, todos os seus proximos parentes por elle collocados em alguns dos mais velhos thronos da Europa e cobertos de honras e riquezas, mas que ou o trahiram ou o desertáram no momento do perigo e da adversidade.

Após deparar com tamanha sentimentalidade não é difficil comprehender que a época de Napoleão é igualmente a época de Chateaubriand, o illustre escriptor que, tomando a Gœthe alguma cousa das suas raras faculdades de penetração psychologica, emoção aguda e serenidade olympica, e de Schiller alguma cousa de seu vigoroso instincto dramatico, contribuiu no maximo para dar á historia o seu pittoresco (leiam-se *Os Martyres*), á Religião o seu encanto (leia-se

O Genio do Christianismo) e á sensibilidade a sua exaltação (leia-se *Atala e Réné*).

Como poderemos definir o romantismo ? O romantismo foi reduzido á sua mais simples expressão — o triumpho do individual na litteratura. Antes delle a litteratura era, por assim dizer, mais objectiva. Entrou a ser mais subjectiva. De occupar-se quasi exclusivamente com assumptos externos e geraes, passou a occupar-se principalmente com assumptos pessoaes e intimos. Outr'ora possuia modelos classicos ; obedecia a regras inalteraveis de composição ; não ia além de um certo limite na quantidade do sentimento.

Depois de alcançar sua liberdade e tornar-se lyrica, no sentido — o seu verdadeiro sentido — de individual, não reconheceu outros modelos senão os suggeridos pela fantasia; outras regras além das impostas pelo gosto ; outra restricção a não ser a medida da sensibilidade humana.

Uma concepção por tal fórma nova é natural que produzisse uma revolução. Comparem-se em França a solemnidade de Corneille e a cortezania de Racine com a fogosa imaginaçãode Victor Hugo e a exquisita melancolia de Lamartine.

Desde o seculo XVII que os inglezes tinham já tido o seu singular Shakespeare, a saber, o maior dos autores lyricos em sua manifestação objectiva ou dramatica, o grande ainda que espontaneo psychologo. Comtudo os poetas das primeiras decadas do seculo XIX, Coleridge, Wordsworth, Southey, — os bem conhecidos poetas dos lagos — foram uteis ou mesmo necessarios, afim de dar á poezia ingleza uma maior extensão de motivos moraes, mais elevados do que os simplesmente humanos, e um sentimento mais directo e mais intimo da Natureza.

Não deve ser omittido que o romantismo passou á França da Allemanha, isto é, que os poetas allemães foram os primeiros a prestar ouvidos aos seus impulsos individuaes. O romantismo veiu por meio das obras de uma mulher de genio, Mme de Staël, a qual, cotejando as duas litteraturas, a allemã e a franceza, expoz em um livro celebre. — *De l'Allemagne* — o que, no seu entender, faltava á segunda e se encontrava na primeira. Mme de Staël deu o melhor exemplo pratico da sua lucida comprehensão do lyrismo allemão, ao retratar-se como a heroina da sua novella *Corinna* e exhibir até o amago a trama do seu coração complexo e facilmente inflammavel.

Teria que desenvolver uma lista demasiado longa de nomes se pretendesse dar-vos um rol de autores romanticos, na Europa bem como na America. Alguns delles foram arrastados a uma trasbordante sensualidade, como Alfredo de Musset ; outros foram governados por uma fantasia morbida, como Edgar Poë ; outros foram dominados por uma revolta desesperada de sua alma, como Espronceda, Heine e Leopardi, um hespanhol, um allemão e um italiano. Alguns romanticos, como foi o caso com Alexandre Dumas e Michelet, mostráram uma verve inexhaurivel ; outros, como Manzoni e Garrett, um genuino sentimento ; outros ainda como Thierry e Herculano, uma sobria dignidade.

A ficção, o drama, a historia, a eloquencia forense e a parlamentar, numa palavra todas as manifestações da actividade intellectual resentiram-se fundamente do romantismo, ou por outra ficáram tintas com as vivas côres da expressão pessoal. Victor Hugo foi certamente a mais brilhante estrella de toda a constellação romantica, o facho que illuminou, cada canto do reino litterario, o artista que soube fazer vibrar cada uma das cordas da nossa sensibilidade. Commoveu-nos até ás lagrimas nos *Miseraveis :* encheu-nos de admiração com o *Noventa e tres*, e de indignação com os *Chatiments ;* excitou nossas impressões exoticas com as *Orientaes*, nossos sentimentos artisticos com *Notre-Dame-de-Paris*, nossas ambições philosophicas com a *Légende des Siècles.*

Elle foi o symbolo mesmo do seculo XIX com todos os seus enthusiasmos, duvidas, decisões, refinamentos, aspirações e grandeza. Nenhum contemporaneo o iguala, nem o proprio Balzac, que pintou na sua *Comedia Humana* a mais completa galeria de typos e caracteres, convertendo-a na representação fiel da humanidade ; nem mesmo Byron, que foi o primeiro a espantar a Europa e especialmente a sua propria patria com a audacia da sua sinceridade, a originalidade dos seus devaneios e a virulencia do seu sarcasmo.

A's feições predominantes ou antes notaveis do romantismo, a litteratura do meu paiz ajuntou uma, que lhe é na verdade peculiar. Refiro-me ao que se chama indianismo e consiste na escolha como thema favorito de composição, dos habitantes selvagens tomados no seu meio á America de antes da descoberta. Até certo ponto o indianismo é mais antigo do que a litteratura romantica do Brazil, e encontra-

mol-o em outros lugares que não no Brazil. Em França, Bernardin de St-Pierre e Chateaubriand cultivàram semelhante gosto e o converteram em moda antes do Brazil ganhar sua independencia. As doçuras da França tropical e os encantos de Atala são por outro lado bem conhecidos de todo leitor cosmopolita. Na America do Norte Fenimore Cooper tomou os Pelles Vermelhas para heróes de suas novellas nacionaes, fazendo-o porém mais com um toque de curiosidade do que com um profundo sentimento de sympathia.

Em parte alguma, como aconteceu no Brazil, foi o indianismo erguido á categoria de caracteristico litterario dominante, mais do que isto, equivalente a uma expressão nacional ou patriotica. Veiu a ser a nossa contribuição para a litteratura universal no seculo XIX. Os mais dos poemas e romances occupáram-se então dos primitivos possuidores do nosso territorio. Foi não sómente esse sestro um protesto curioso pronunciado contra o invasor europeo pelos seus proprios descendentes livres agora de toda tutela politica : foi manifestação de um tardio remorso pela usurpação praticada. Na Europa e na America o enthusiasmo havia sido pela natureza virgem em si, pelo estado natural que Jean Jacques Rousseau — o progenitor intellectual do seculo — proclamára puro e perfeito, mais do que pelos proprios aborigenes. Estes foram perdidos de vista na apotheose da sua condição e meio, excepto pelos escriptores brazileiros, que em seus arroubos os idealizáram juntamente com a nossa esplendida natureza.

— Juntamente com a fallada livre expansão da alma, ha que notar no decurso do seculo XIX um traço que por ventura encerra o seu titulo maximo á admiração e reconhecimento da humanidade — a crescente, absorvente e feliz attenção prestada ás sciencias naturaes e sua applicação a fins industriaes, commerciaes e humanitarios.

O seculo de Victor Hugo é tambem o seculo de Pasteur, o seculo de Byron é igualmente o seculo de Edison.

E' quasi ocioso relembrar-vos quão maravilhoso ha sido o progresso realizado neste campo : como o vapor e a electricidade leváram a cabo uma revolução nas condições do mundo, encurtando as longas distancias, tornando as communicações faceis e comparativamente seguras, approximando nações, unindo povos e civilisações harmonicas — desgraçadamente tambem fazendo entrechocarem-se povos e civili-

sações antitheticas. Não seria todavia comprehensivel que uma tal revolução se tivesse operado sem exercer a influencia sobre ou mesmo cunhar á sua imagem o desenvolvimento litterario.

A imaginação cedo entrou a parecer tresloucada ao lado da demonstração ; a poesia lyrica a figurar quasi como absurda quando comparada á physica, á chimica ou á biologia ; a pura sensibilidade a ter um ar ridiculo na sombra da intelligencia pratica. O resultado foi que a obra de ficção, em vez de pintar devaneios e magoas imaginarias, tratou de descrever objectos raes e sentimentos plausiveis com precisão mathematica e exactidão anatomica, e que a analyse psychologica, bazeando-se sobre fundamentos physiologicos, tomou o lugar da emphase e loquacidade romanticas, que chegam a desfigurar as producções contidas de um espirito observador como era Stendhal. Em França, por exemplo, em vez de Georges Sand e seus heróes apaixonados, depara-se-nos o castigado Flaubert, e dentro em pouco deparam-se-nos Bourget e outros que do coração humano fizeram um thema de pesquiza scientifica.

Até a poesia tornou-se por um momento scientifica, isto é, desprezou amor e paixão para entoar suas loas aos feitos intellectuaes e ao progresso, uma tarefa tão contraria á sua natureza, tão antipathica aos seus processos e tão antagonica com a sua essencia, que a breve trecho o amor reconquistou as posições perdidas, apenas tratando de occultar seu ardor debaixo de uma tão exagerada correcção de fórma que essa escola litteraria foi denominada parnasiana. O Sr. Heredia é na Academia Franceza o glorioso representante, devemos agora antes dizer o sobrevivente do alludido grupo.

Em prosa as cousas corrêram um tanto differentemente. Amor é sempre a mesma cousa debaixo de todos os céos, em todos os meios e em todos os tempos — mas, posto que igualmente sentido, póde ser differentemente visto e differentemente expresso. Para os romanticos constituiu antes a união de duas almas, a ancia de duas sensibilidades ; para os realistas teve uma significação menos espiritual. Ambas as accepções da palavra são correctas e de ordinario acham-se combinadas, uma verdade que levou algum tempo a se tornar evidente, taes tinham sido os effeitos sobre os espiritos do exagerado idealismo e do exagerado naturalismo. O amor, que na ficção se compunha primitivamente

sobretudo da *magoa* e mais tarde da *sensualidade*, passou afinal a ser humano, isto é, grosseiro e doloroso, mas tambem compassivo, aprazivel, nobre e redemptor.

— Toda a reacção iniciada no campo poetico contagiou as demais categorias do dominio litterario e por uma progressão natural — se apenas considerarmos a intima alliança no homem do corpo e do espirito — deixou de ser meramente sensual para tornar-se uma vez mais idealista. Sob um aspecto diverso voltaram os antigos tempos com novos caracteristicos, porém ganhos com a metamorphose. A exhibição dos proprios soffrimentos engendrou o pezar pelos soffrimentos alheios, assim nascendo a compaixão social, um predicado que se encontra em avultada escala nas obras do grande romancista inglez Dickens, que se nos depara reflectido nos romances francezes deDaudet, e que romancistas russos, como Dostoiewky e Tourgueneff, e dramaturgos scandinavos, como Ibsen e Bjornson, foram dos mais salientes a pôr em circulação.

Não se deve deixar de mencionar o facto que ao mesmo tempo que, por via do progresso scientifico, a riqueza crescia até nunca cogitadas porporções, surgindo millionarios americanos cuja opulencia levaria Creso a morrer de vergonha de parecer pobre ao lado delles, a sorte dos pobres, dos trabalhadores, da grande massa, não se viu muito melhorada. Os machinismos que economisam braços são apenas vantajosos para o manufactureiro cujos capitaes alcançam assim uma melhor remuneração ; o artifice, porém, sómente percebe maiores salarios para encontrar tudo em volta delle mais dispendioso e inattingivel. Não é maravilha, depois dessas considerações, verificar que o seculo do capitalismo tambem foi o seculo do socialismo e mesmo do anarchismo, que não é mais do que a formula desesperada do primeiro.

E' mister notar que em nossos tempos a compaixão não é simplesmente litteraria : é real e sincera, posto que não universal. Um fidalgo do seculo XVIII não experimentava pelos camponezes estabelecidos nas suas terras menos indifferença do que muitos aristocratas europeus ou ricaços americanos de hoje ; mas são agora muito mais frequentes as excepções a esta regra de insensibilidade.

A iniquidade do destino é mais a miudo reconhecida, e esforços mais vigorosos se empregam para encurtar as dis-

tancias que separam as condições de fortuna e tornar a miseria mais supportavel para os miseraveis, e bem assim para aquelles dentre os abastados que soffrem com a vista desse espectaculo desolador. Os philantropos sociaes eram raros ha cem annos passados. São communs hoje em dia, mas é tão sómente justo testemunhar que foram as lettras que tomáram a direcção do movimento, e que nada contribuio mais para avolumar a sympathia humana do que as obras e homens como Tolstoï e Zola, os quaes por seu lado derivåram seu sentimento da justiça e dos deveres sociaes, de uma impressão de harmonia com o meio ambiente

Ambos aquelles homens teriam sido taxadosde visionarios no tempo em que Napoleão espantava o mundo com a sua poderosa carreira. Actualmente, provocam elles inimizade e açulam odios; todavia, suas vozes são escutadas e respeitadas. Tolstoï e Zola — cuja morte prematura tivemos que lamentar ha apenas algumas semanas — fizeram milagres no suavisar as desigualdades do destino e no dar ao homem uma mais alta comprehensão das suas responsabilidades e obrigações para com os seus semelhantes.

Todavia o mundo não ouvira ainda relações mais pessimistas sobre a sociedade humana do que nesta nossa época de Schozenhmen e Nietzche, e isto porque o abysmo entre a riqueza e a pobreza, entre a felicidade e o infortunio parece mais terrifico mesmo no seu aspecto mais benigno mas tambem mais humilhante, comparado com os tempos desalmados em que Lucullo engordava os seus peixes com a carne dos seus escravos vivos. Nem um destes escravos possuia a consciencia adequada e plena dos seus direitos humanos. Qualquer mineiro nosso contemporaneo sabe, porém, perfeitamente, que a desigualdade de que é victima não é uma pollegada mais justa porque a dizem irremediavel. Irremediavel certamente ella é, conjugada com as idéas e prejuizos dominantes, que formam nosso ambiente moral, o qual não passa da atmosphera do egoismo; mas talvez não tão irremediavel quanto se pensa se algum dia se transformar aquelle ambiente, se maior campo abrir se á equidade e mais livre accesso for concedido em cada coração á caridade christã, buddhista ou não importa que outra — de facto se a voz de Zola, de um Tolstoï, de cada novo apostolo de uma sociedade regenerada, qualquer que seja o credo sobre que esta se bazeia, adquirir bastante prestigio para ser seguida. A obra

litteraria do seculo XIX, abrindo com o romantismo as fontes da alma, isto é, predispondo os espiritos ás influencias espirituaes ; assentando com o realismo o fundamento scientifico das idéas, não podia visar a um mais nobre remate do que a disseminar o altruismo e a estabelecer a cordialidade no seio da humanidade. »

PAIZAGEM DO JAPÃO

A gradual subida de Utsonomiya para Chuzenji, uma differença de nivel de trez mil pés para mais, é um exemplo typico d'essa segunda variação que nenhum viajante deixará de verificar. Na grande planicie que se extende da margem do Pacifico ás montanhas de Nikko prevalece o plantio do arroz, e as arvores teem todas a folhagem densa e escura e o tom quente e aspero de cryptomerias direitas e esmagadoras. Nas beiras do lago de Chuzenji, em redor da formosissima cachoeira de Kogon, que se despenha, afastada da rocha, n'um jorro de trezentos pés de altura, assemelhando-se a uma estalactite monstruosa, a floresta toma ares de parque inglez, com carvalheiras, sobreiros e vidoeiros de uma folhagem rala e clara e de um tom fresco e tenro. Em vez do verde eterno dos paizes de primavera eterna, ha montes de folhas seccas que no outomno juncam as alamedas e redemoinham com um susurro triste ao sopro do vento agreste, e ha então na primavera o delicioso rebentar das novas folhas.

Não quer isto dizer que no Japão as estações se pareçam fóra das altitudes : muito pelo contrario, perto do nivel do mar andam as quatro estações perfeitamente marcadas, e cada uma se blazona de sua differente belleza. A primavera possue, além do proverbial e lindissimo *sakurá* (cerejeira em flor), das radiantes peonias e das glycinias mimosas, as azaleas vermelhas que invadem os campos e os tingem da viva côr, como que a festejarem o regresso do calor. O verão tem os lirios, os convolvulus, os lotus, os lizes, as clematites, as hortensias, cem, mil flores diversas que, si todas não perfumam, porque as mais das flores japonezas não possuem perfume, matizam esplendidamente prados e montes, assumindo toda a natureza um aspecto triumphal, do qual até participam nos campos os tectos das habitações, curiosamente adornados de flores agrestes que crescem dentre o colmo,

transformando o topo n'aquelles telhados em jardins aereos. O outomno tem os chrysanthemos emblematicos, de tintas e formatos variadissimos, sempre pomposos e bellos. O inverno finalmente tem a coloração das folhas dos bordos, as camelias, de que carregam as arvores, de folhas gordas e lustrosas, e nos mezes de vento e neve, pois que um Japão sem sorrisos da natureza deixaria de ser o Japão das lendas e dos devaneios, a florescencia branca das ameixoeiras, prenuncio risonho da primavera.

A coloração dos bordos é uma das grandes curiosidades e attractivos vegetaes do Japão. Do meado de Outubro ao fim de Novembro envergam elles, como cardeaes que se paramentassem, a sua magnifica vestimenta carmezim, e os Japonezes emprehendem viagens para admiral-os em suas galas. No meu regresso de Nikko, onde tambem fôra para prestar-lhes homenagem, cruzou-se o meu trem com dois outros cheios de estudantes de quinze a vinte annos que, acompanhados pelos mestres, iam em peregrinação floral a Chuzenji. Lá, havia encontrado nada menos do que trez regimentos de rapazinhos e rapariguinhas de oito a quinze annos, umas trezentas crianças que desciam ou subiam o caminho que ascende em zig-zag a montanha, cantando, rindo, pulando, gosando com todos os pulmões, com todo o coração e com todos os musculos de um dos mais encantadores espectaculos da sua paizagem sem rival. *Kurumás* enfeitados de ramos de folhas vermelhas, rodavam pela estrada difficilmente aberta atravez da floresta cerrada, transportando homens, mulheres, velhos, meninas, todos egualmente felizes deante d'esse scenario ideal.

E' que o aspecto geral passa a ser simplesmente feerico. O escarlate nem é inteiramente de um mesmo tom, nem deixa de ser mesclado e avivado por largas manchas roxas, verdes e amarellas. Tal combinação de côres porventura torna ainda mais seductora do que si a enfeitasse uma só côr, essa natureza assim adornada de ouro, esmeraldas, amethystas e rubis. Os proprios morros escalvados sem arvores que os revestem, apresentam extensões de um tom violaceo que fazem pensar em immensas lages de porphyro. Existe um trecho do caminho para Chuzenji, e que vai de Umagaeshi ao ponto em que começa o zig-zag da estrada, que é uma garganta no fundo da qual rola sobre grandes seixos escuros a corrente rapida e espumante do Daiyagawa. N'esse trecho

as montanhas, de pura rocha, sobem direitas a uma altura que o apertado da garganta faz parecer enorme, tomando o aspecto de castellos fantasticos. Dos intesticios da rocha nasceram arvores e plantas que, medrando como por milagre em punhados de terra e de limo, acabaram por encobrir a base granitica e formam, ao tomarem as côres outomnaes um mosaico dos tons mais variados e suaves, como os não executam melhor os mais afamados artistas romanos de semelhante especialidade.

Nas margens do lago Haruna, um pequeno lago no interior da ilha de Hondo, perto de Ikao e não longe do vulcão do Asamayama, notei outro effeito surprehendente da coloração outomnal das arvores, pois que nem só os bordos adquirem no Japão os tons rubros e dourados, tão justamente celebrados. O lago é circumdado de collinas e, a separal-as, rasgam-se estreitos valles ou antes covas cheias até a bocca de espessa vegetação, a contrastarem com os trechos de terra relvosa que as cercam. No fim de Outubro, vistas do meio do lago, cujas aguas serenas o nosso bote era o unico a fazer rugar, aquellas covas assemelhavam-se exactamente a enormes cestas de flores em que predominasse uma alegre tinta carmezim. Era sobretudo a presença dos bordos, com o seu colorido ao mesmo tempo bastante vibrante para não precisar ser realçado pela luz deslumbrante do sol, quando se acha limpido o ceu, e para não ficar completamente desmaiado debaixo da nevoa, quando esta recobre a natureza de um roçagante manto de gaze, ou as nuvens se agarram ás arvores como tunicas, ora de pregas harmoniosas, ora de apanhados extravagantes, formando os desenhos mais extraordinarios que pode conceber o cerebro de um decorador allucinado. A' vista d'esses effeitos é que logramos comprehender as composições por vezes estranhas, as linhas de combinações frequentemente fantasticas de um pintor como Kyosai, o qual tão admiravelmente soube interpretar o Japão imaginativo, das superstições e das chimeras, dos *tengu* de barba eriçada e longo nariz pontudo e de Emma-ô, o inflexivel juiz do inferno buddhista, quanto Hokusai soube reproduzir o Japão real, das festas e do comico, dos *bugaku* ou danças pantomimicas e dos mil e um incidentes da complexa vida quotidiana.

A viagem da costa á contra-costa apresenta um resumo do panorama habitual da terra japoneza com suas feições

geraes: primeiro os arrozaes entrecortados de bosques, depois a gradual ascensão ás montanhas cobertas de florestas, do outro lado a descida para novos arrozaes semeados de bosques. Fui desde Tokio até Naoetsu, e jamais se desvanecerá de minha memoria a forte impressão da subida de Takasaki para Karuizawa, sobretudo a partir de Yokogawa, quando a linha ferrea transpõe o passo de Usui, vencendo com visivel esforço n'uma serie de viaductos sobre precipicios e de tunneis sob morros essa curta distancia de sete milhas, e offerecendo nos breves intervallos dos seus vinte e seis tunneis os mais formosos golpes de vista sobre as gargantas forradas de verdura e os picos encimados de arvores. Uma vez repousada, tendo absorvido em longos haustos o ar leve que circula no planalto de vegetação rala, dominado pelo vulcão sempre fumegante do Asamayama, a locomotiva desliza ligeira pelos campos plantados de arroz e de fumo que vão espreitar do alto da costa alcantilada o mysterioso mar do Japão, onde, alem de Naoetsu, parece querer esconder-se a lendaria ilha de Sado. Das minas de Sado vinham e ainda vêm para a grande ilha o ouro e a prata, e no meio das suas nevoas viveu exilado o Santo buddhista, Nichiren, cujo resplandor porventura cortaria as brumas, quasi constantes, illuminando como um fanal a rota dos juncos que das praias fronteiras demandassem a região dos metaes preciosos.

Si desconheço natureza em que sejam mais variaveis os effeitos de luz, tampouco conheço outra em que o aspecto dos objectos mais acompanhe aquella variação, nunca sendo entretanto insignificante nem banal. A noite mesmo, tive ensejo de viajar em *kurumá*, com o tempo chuvoso e por estradas escuras que mal allumiava o clarão pintoresco das lanternas de papel dependuradas dos varaes, visto que não chegavam a cortar as trevas espessas os raros pontos luminosos das casinhas de frontaria de papel translucido extendido sobre caixilhos de madeira, no qual se projectavam em immensas sombras grotescas os contornos dos habitantes e dos objectos do interior. Pois até assim divisava manchas mais compactas e negras do que a noite, de arvores colossaes circumdando templos baixos, manchas esbranquiçadas de *torii* de madeira ou de pedra rentes com a estrada, que todas eram artisticas, suggestivas e se não diluiam n'uma tonalidade neutra e indistincta.

Para melhor fazer sobresahir suas pompas vegetaes, o

Japão offerece igualmente a vista de lugares desolados: rios de lava petrificada, picos nús e escalavrados, encostas cuja crosta barrenta fumega sem cessar e é rôta pelos jorros de aguas e vapores sulphurosos. A natureza vulcanica do solo produz estes aspectos devastados com o excesso das suas revoluções interiores, assim como produz os aspectos luxuriantes com a magia de seu calor fecundante. No fundo de montes cobertos de um alto sopé, mais alto do que um homem, verde na primavera, crestado no verão e amarellecido no outomno, corre aqui e além um valle melancholico onde borbulham fontes thermaes e se espalha em densas nuvens o cheiro caracteristico do enxofre. A terra é ahi cinzenta e quazi nua de vegetação, pois que vegetação se não deve chamar no Japão ás hervas rasteiras e aos arbustos merencorios que se encontram nas immediações das solfataras. Imaginar-se-hia que a natureza, enfastiada das suas galas, procurou na humildade e no cilicio a expiação da grandeza e dos prazeres. Extensões como estas nunca se prolongam todavia. O ceu é por demais risonho, as brisas por demais fagueiras, o meio por demais voluptuoso para que a tentação a não arraste e a peccadora não volva ás suas galas. Longe de ser, como a China, um grande deserto com muitos oasis, é o Japão um grande oasis com raros desertos, si merecem este nome desolador alguns limitados terrenos estereis, esses mesmos com sua belleza agreste, sobre que se debruçam de todos os lados os pennachos finos e sedosos dos bambús oscillando festivamente, como emblemas de victoria, ao sopro do vento que constantemente varre da atmosphera do archipelago as impurezas e as tristezas, e lhe traz dos dois amplos mares que o envolvem lufadas de ar salino e tonificante e o segredo da sua infallivel fascinação.

CADEIRA PARDAL MALLET

João Carlos de Pardal Mallet (1864-1894) naceu em Bagé, no Rio Grande do Sul. Era filho do Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet. Bacharel em direito, exerceu o jornalismo e mais tarde a advocacia. Foi colaborador da *Cidade do Rio*, *da Gazeta de Noticias* e d'*A Noticia*, redator do *Combate*, e d'*A Rua*.

Deixou publicados em livro : os romances *O Lar* e *O hospede ; Meu album* e *Pelo divorcio*, panfleto. Tomou parte no movimento revolucionario de 10 de Abril do 1892 e foi deportado para Tabatinga, no Amazonas, d'onde regressou com a molestia de que veiu a morrer.

PEDRO REBELLO

Pedro Rebello (1868-1905) naceu no Rio de Janeiro. Começou a vida publica no jornalismo, como colaborador e redator da Gazeta *de Noticias*, do *Combate*, e outros jornaes. Era empregado municipal ao tempo em que morreu.

Deixou publicados dois livros : *Opera lirica*, versos e *Alma Alheia*, *contos*.

Escritor habil, intelijente.

I

MANA MINDUCA

Volto afinal... Espera-me ; irei hoje... Mana Minduca sorriu. De pé, ao lado, o moleque esperava. Era em 80, na velha caza da nua de Riachuelo, ao canto da rua dos Invalidos. « Volto, afinal... » Mana Minduca fitava atentamente os olhos no papel ; sofria acazo da duvida de que aquella não fosse a sua letra... E mirava o talho delgado da escrita. Verdade é que não parecia a mesma. Um pouco mais firme... D'ai, em doze anos a gente muda de letra. Valha-lhe Nossa Senhora ! O Moleque esperava, timido, amarrotando o chapéo entre as mãos.

Bemdita carta ! E Mana Minduca mirava o talhe delgado da escrita. Agora já lhe parecia que era delle ; o corte d'aquelle *t*, os *ll*... « Volto, afinal... » Era. Mana Minduca

sorria; o sorrizo derramou-se-lhe por todo o rosto, apareceu brilhando nos olhos. Nem havia mais duvidas, era delle; Nossa Senhora trazia-o alfim. E Mana Minduca olhou em roda. Pareceu-lhe que se alegrava a sala. A meza redonda, ao centro, coberta de poeira e de livros, era justamente agora tocada de um raio de sol.

Esses que ha doze anos lhe falam do rosto palido, das lagrimas e da voluntaria clauzura, vissem-n'a agora! Mana Minduca sorria; nem se lembrava mais do moleque. Si alguem houvesse, que fosse passando pela rua, que surpreza não haveria de ter quando visse que abria ella as janelas. Abriu-as todas; não um bocadinho, como o fazia ha doze anos, não como aquella por onde entrou o raio de sol; abriu-as de par em par. Debruçou-se bem para fóra, cantarolando. Voltou, sentou-se. O moleque esperava, olhos fitos no chão, amarrotando o chapéo. Levantou a cabeça, olhou timidamente. Mana Minduca relia a carta. Por certo que era delle... Milagroza Nossa Senhora das Dores!

— Tá intrégue?

O amo que fosse ficaria para ali, sem respota, como o moleque. Mana Minduca estava que não cabia em si de contente « Volto, afinal... E aquelle « afinal » dizia bem. Doze anos ha que o espera. Viram-se no fogo de Lapa. Que festa! Povo assim... Mana Minduca deixava-se levar á toa. Chegou a pensar que aquillo já se ia demorando. Mas, de subito, o coração estremeceu-lhe; quazi parou, até.... Corou muito. Que tinha? Nada. Não deu mais um passo que se não voltasse para traz; os olhos della achavam sempre um par de olhos que iam em sua procura.

Doces, bemaventurados olhos! Não unicamente os della; os de ambos. Os delle então foi tamanha a impressão que lhe fizeram, a ella, que ainda agora se lhe destaca a cena da primeira noite em que os viu. Atenta bem o modo por que ella a faz reviver agora, á simples leitura daquella carta. Parece-lhe que lá vai outra vez pelo meio do largo. Povo, assim... O dono dos olhos lá está, apoiado a um lampião, quasi juntinho do coreto. Doze anos passaram já sobre tudo isto, e ella ainda os revê, aquelles doces olhos. Que festa! Mana Minduca demorava o passo. « Anda mais depressa... » — recomendaram. Era o pae. Ella disse que sim: — « Sim, senhor ». E voltou a cabeça para o lado lampião. Dai por diante andou ainda mais devagar.

— Tá intrégue ?

— Ah ! Diga que está entregue... Olhe ...Diabo de moleque ! Diga que venha cedo, ouviu ? A's 6 horas. Passe pela porta que eu estou na janela. Que venha cedo, ouviu ?

O moleque batia lonje. Deitára a correr pela rua de Riachuelo acima. Em pouco já se não o avistava. Mana Minduca ficou à janela ; os olhos vagavam-lhe ao lonje. Si elle não viesse... Mas havia de vir. E fechava os olhos, para revel-o bem. Que figura teria elle agora ? Ha doze anos era magrinho, com um pequeno buco, mas em doze anos a gente muda. Deve estar gordo, dizem que em S. Paulo se engorda, por cauza do frio. E elle volta de lá — bacharel em direito.

Levou doze anos a fazer o curso. E' muito tempo, mas ha tanta contrariedade, anos perdidos, molestias, um horror! Outros se demoraram mais tempo, e vieram de là sem diploma. Um vizinho, para amostra — o Quincas, neto do conselheiro Domingues. Levou dezoito anos em S. Paulo, e veiu com o curso ainda por acabar. Concluiu-o em Pernambuco. Bacharel em direito ! Dr Eduardo de Campos Lustosa. Os olhos viam-lhe já o nome do marido, á entrada da caza, n'um quadro, assim :

CAMPOS LUSTOZA

Advogado

Campos Lustoza é um nome que fica bem á porta, n'uma chapa escura, com letras pintadas a ouro. Que depressa que ia o sonho de Mana Minduca ! « O Dr Eduardo de Campos Lustosa, e D. Carminda de Barros Lustosa participam a V. S. o seu cazamento...

Pensamento de Mana Minduca, détende-vos ! Couzas ha em que toda a precipitação é perigoza. Mas vão lá deter o pensamento de uma moça que esperou doze anos pelo noivo e tem-n'o agora á mão. Vejam com que delicia ella lhe repete o nome, e como o espirito se lhe não afasta das participações de cazamento. Dr Campos Lustoza... « O Dr Eduardo de Campos Lustoza e D. Carminda de Barros... » Ai a dificuldade do nome futuro. Carminda de Barros ou Carminda Vianna Lustoza ? O pai é Francisco Vianna de Barros ; Chico Vianna, conferente da alfandega. Vianna talvez ficasse melhor, ou Vianna de Barros. E eil-a que

sonha já com os seus cartões de vizita — lilaz, doirado nas extremidades, com uma pontinha dobrada e o nome, em corpo minusculo — « Carminda Vianna de Barros Lustoza ».

Volta afinal! Doida era ella que se não preparava para recebel-o. E Mana Minduca corria para o quarto. Abria gavetas, fechava gavetas. Tres vezes saiu pronta. O espelho, porém, gritava-lhe que se não sabia vestir. E Mana Minduca voltou. Destrançou os cabelos, soltou-os, trançou-os de novo, Davam cinco e meia. Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca veiu para a janela.

Veiu para a janela. Santa de que ella é devota, poupai-lhe a dor de ficar ali eternamente a esperal-o... Fóra, ia caindo a noite. Mana Minduca debruçou-se quazi toda para as trévas; interrogava o fim da rua, lonje. Ninguem; a noite apenas. Mana Minduca mergulhava bem os olhos na escuridão da noite. Um homem passou, lépido, correndo de um para outro lado. Atraz delle iam ficando acezos os lampiões de gaz... O frio aumentava sempre; frio de Junho, frio que penetra a alma.

Valha-lhe Nossa Senhora! Mana Minduca distinguiu alguem, lonje. Não lhe via bem o rosto, via-lhe apenas o vulto. Vulto de homem. Debruçou-se mais da janela. O homem apoiára-se a um lampião; alguem, perto, dizia-lhe qualquer couza. Agora eil-o que metia a mão no bolso, tirou um objeto, deu-o. O outro dezapareceu a correr. Em pouco ja não o avistava. E o homem aproximou-se, Talvez fosse o Lustoza... Não era. Era um sujeito baixo, gordo. A barba inteira cobria-lhe o rosto antipatico. Mana Minduca teve vontade de sair da janela. Antes saisse! Mas ficou.

O homem aproximava-se. Quem quer que fosse com certeza que andava á procura de alguem. Demorou-se um bocadinho ao canto da rua dos Invalidos. Depois, veiu, devagarinho. Mana Minduca viu-o passar, olhando-a muito. Parecia que o homem tinha vontade de lhe dizer o quer que era. Ella propria julgava que já o vira. Mas onde? Não sabia. O homem foi até mais adiante, e voltou.

Agora, vinha rezolutamente. Deteve-se á porta, tirou o chapéo. Que diabo quereria elle? O homem murmurava alguma couza Mana Minduca debruçou-se mais, para ouvil-o:

— O Sr. Vianna de Barros?

— E' papai; mora aqui mesmo.

O homem levantou a cabeça, fitou-lhe bem o rosto magro.

Que olhar curiozo! E agora o rosto delle tomava uma expressão de piedade :

— E... E uma sua filha solteira ?

Mana Minduca não respondia. O homem não lhe tirava os olhos do rosto:

— E uma sua filha solteira ?

— Minduca ? Sou eu.

— Ah! E' a senhora ?

E o homem levou a mão ao chapéo. Santa de que Mana Minduca é devota, dizei-lhe que esse que ai está é o mesmo que ella espera ha doze anos. Mas o homem levou a mão ao chapéo :

— Ah! é a senhora! Pois, minha senhora, queira desculpar...

E seguiu. Que bem verdade é que doze anos de lagrimas envelhecem a gente. Nessa que ai ficou à janela, quem ha que possa reconhecer a moça do fogo da Lapa ? O tempo encheu-lhe a face de rugas. Perfido tempo! A elle a culpa de que esses dois namorados já se não reconheçam ao cabo de doze anos. Vejam como o Lustoza lá vai, a toda pressa, á procura do bonde. Esse não volta nunca mais. E Mana Minduca ficou á janela. Não sabe quem elle é,não compreende nada. Espera sempre, como na véspera, como ha doze anos. E a noite aumenta, o frio crece com ella ; Mana Muiduca mergulha bem os olhos na escuridão da noite...

HERACLITO GRAÇA

Heraclito Graça, juriconsulto e escriptor, natural do Maranhão. Dedicou-se especialmente aos estudos da lingua portugueza e é autor de um diccionario classico de lingua, ainda inédito e dos *Factos da Linguagem, esboço critico*, Rio, 1904.

Na Academia brasileira succedeu a Pedro Rebello.

ENTRE EU E ELLE — ENTRE ELLE E MIM

« Poder-se á dizer indistinctamente — *entre eu e elle* — *entre elle e mim ?* » Qual historia ! responde o sr. Candido de Figueriedo, *Lições praticas*, t. 2. p. 63, 2ª edição ; em portuguez corrente diz-se : *entre mim e elle* — *entre elle e eu.* Os pronomes da primeira e segunda pessoa *eu e tu*, só passam para *mim e ti*, quando precedidos immediatamente da preposição, — *para mim, para ti, de mim, de ti, entre mim, em ti ;* a conjuncção *e* não produz o mesmo effeito ».

Ressumbra nestas palavras confusão deploravel.

A preposição pode reger um ou mais complementos. Na questão vertente, *entre mim e elle* ou *entre elle e mim*, ha dois complementos. A copulativa *e*, representando entre elles papel secundario, tem apenas por fim liga-los ; não obsta, nem pode obstar que a preposição *entre* os reja, como é direito seu, proprio da funcção que exerce na frase total.

Ora, os pronomes *eu* e *tu* representam sempre nominativos ou sujeitos no portuguez ; e sendo a preposição uma palavra invariavel que se põe entre outras de especie diversa para marcar uma relação, fórma com a adjuncção da palavra ou palavras posteriores que rege, um *complemento indirecto*. Donde se conclue que a preposição só pode reger os casos obliquos e não o caso recto.

Mostra-o Soares Barbosa, estabelecendo a diferença entre a preposição e o verbo :

« O verbo combina e ata entre si os dois termos da oração — sujeito e attributo, ao passo que a preposição conjuncta só as palavras que servem de *complemento* ou ao sujeito ou ao attributo, ou ao verbo ; a especie de relação que o verbo põe entre o sujeito e o predicato, é a de iden-

tidade, e a especie de relação da preposição entre seus dois termos é a de determinação ; finalmente, o numero de ideas que o verbo exprime, é avultado, entretanto que a preposição não indica senão uma idéa geral e simplicissima, a relação de *complemento* em que um objecto está para com outro ».

Ayer, na 4ª edição de sua Gram. comp. da lingua franceza, p. 552, enuncia-se assim :

« O latim tinha seis casos, nominativo, genitivo, dativo, accusativo, vocativo e ablativo ; o nominativo e o vocativo, casos directos, nao pertencem á sintaxe de dependencia ; o genitivo, dativo, accusativo e ablativo sao casos obliquos. O nominativo (do latim *nominare*) é o caso que não pode ser empregado *senão* como sujeito, e que de alguma sorte nomêa a preposição ; chama-se tambem caso *directo* (*recto*), porque *governa directamente toda a construção da frase;* o vocativo (de *vocare*, chamar) serve para chamar e apostrofar ; os outros casos denominam-se *obliquos*, porque só se empregam ordinariamente *sem seguida ás palavras que os regem*.

E já João de Barros, referindo que os pronomes pessoaes *eu* e *tu* possuem, no singular, todos os casos latinos, acrescentava em sua gramatica : « as preposições, umas regem genitivo, outras dativo, outras accusativo e outras ablativo ; as do genitivo *são de, do ;* as do dativo, *a, ao, para ;* as do accusativo, *a, ante, deante, antre,* (*entre*) ; as do ablativo, *em, no, na, sem*, etc. »

Contam os gramaticos, segundo Soares Barbosa, até quarenta preposições ; elle as reduz a dezeseis : *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre*, ás quaes adiciona Julio Ribeiro a preposição *traz*, considerando como adverbios e locuções prepositivas as demais preposições conhecidas.

Fique de parte a preposição *entre ;* e para praticamente patentear-se o erro, apliquemos ás outras preposições a falsa doutrina do sr. Candido de Figueiredo, de que a preposição unicamente rege a *mim* e a *ti* quando qualquer destes casos obliquos ou flexões dos pronomes pessoaes *eu* e *tu* vem immediatamente depois della, e não quando o complemento constituido pelos ditos pronomes aparece depois de outra palavra regida pela mesma preposição, porque então se deve usar dos nominativos *eu* e *tu*.

Ninguem dirá sem barbarismo :

Que me vae *a* mim e *a tu* nisso ; todos se curvam *ante* ti e (*ante*) *eu ;* Antonio seguiu *após mim* e (*após*) *tu* ; a benção do ceu desça *até* a ti e (*até*) a *eu ;* Maria quer falar commigo e (com) *tu ;* a opinião está *contra* ti e (contra) *eu ; desde* ti e (desde) *eu ;* falou *em* mim e (*em*) tu; o alfaiate fez roupas *para* ti e (para) *eu ;* puxou por ti e (*por*) *eu ; sem* ti e (*sem*) eu ; fica *sob* mim e (sob) *tu ;* collocou-se *sobre* ti e (sobre) *eu ; dentro de* ti e (*dentro de*) *eu,* etc.

O correcto e corrente é, visto que a preposição não rege nominativo, dizer : que me vae a mim e a ti nisso ? (Figueiredo), *Evangelho de S. João,* c. 2, v. 4) ; curvou-se ante ti e mim ; falou em mim e ti ; desça té a ti e a mim ; commigo e comtigo ; contra ti e mim ; desde ti e mim ; falou em mim e ti ; entre ti e mim ou entre ti e entre mim ; para ti e mim ou para mim e ti ; por ti e mim ou por ti e por mim. « Quanto âs cousas da India, ellas fallarão *por si* e *por mim* » Affonso de Albuquerque — « Toma-o e dá-o por mim e por ti » Almeida, S. Matheus, v. 17, v. 27 ; sem ti e mim ou sem ti e sem mim ; sob ti e mim ; sobre mim e ti ; dentro de ti e mim ou dentro de ti e dentro de mim, repetindo-se ás vezes a preposição por eufonia, diversidade ou oposição, segundo ensinam os gramaticos e se vê nos classicos.

Sendo assim, deve igualmente dizer-se : *entre mim e ti* — *entre elle e mim* — *entre elle e ti,* etc. ; nada autoriza, muito pelo contrario, tudo repelle a celeberrima excepção criada pelo sr. Candido de Figueiredo, porque, e já o lembrei, — toda a preposição rege e subordina a si uma ou mais palavras, que se convertem em seus complementos, e, por isso, não póde antepôr-se a um nominativo, caso recto, como *eu* e *tu,* só empregado como sujeito, independente de qualquer outra palavra, e dominador da construção inteira da frase.

Passemos aos classicos.

Tratando justamente da preposição *entre,* diz Moraes em sua gramatica :

« *Entre* designa dois ou mais objectos no meio dos quaes está outro, v. g. : estava *entre* as arvores, e figuradamente no meio : *entre* os annos de 600 e 700, *entre* roxo e azul, *entre* lusco e fusco, *entre* bebado e alegre, *entre ti e mim* ». Em nota observa: «Pinto Pereira, L. 2, f. 13, diz mal: — «para entre el Rey de Portugal e *eu* », devia ser — « e mim ».

« Antre mim mesmo e *mim*
Nam sei o que se alevantou
Que tam meu inimigo sou ».
Christovao Falcao, *Poesias.*

Nos *Trabalhos de Jesus*, t. 1, ps. 61, 116, 198 e 217 e t. 2, ps. 217 e 326, Fr. Thomé de Jesus invariavelmente escreveu — « entre vós e mim » e nunca vós e *eu*.

Arraes, *Dialogo* 5, c. 2 — « entre mim e *ti* », e não entre mim e *tu*.

Mendes Pinto, *Peregrinações*, t. 3, c. 95 : « Peço-lhe que entre vós e *mim* seja juiz deste caso », e não entre vós e *eu*.

João Ferreira de Almeida, *Genesis*, c. 13, c. 8, c. 16, v. 5, c. 17, v. 27. e c. 31, vs. 44, 48 e 51, *Juizes*, c. 71, v. 12, *Samuel*, 1º l., c. 15, v. 19, etc., — sempre « entre mim e *ti* ; e *Genesis*, c. 26., v. 28 — » entre nós e *ti* ».

Figueiredo, *Genesis*, c. 13, v. 8 ; « O senhor seja Juiz *entre mim e ti* », — c. 16, v. 5 — « E estabelecerei um pacto *entre mim e ti* », Idem, c. 17, v. 7, c. 31, vs. 44, 48 et 51, etc.

« Mulher, que ha *entre ti* e *entre mim ?* — Filinto, *Vida de Christo*, p. 81.

« *Entre mim e ti* e a nossa filha », — « O segredo de seu nome verdadeiro que está *entre mim e ti* », — « Descia com uma espada de chammas na mão e atravessava *entre mim e ti* », Garrett, ***Fr.*** *Luiz de Souza*, a. 1, s. 8, a. 3, s. 1 e s. 11.

« Desfarei este muro de bronze que está *entre vós e mim* », Herculano, *Arrhas por fôro de Hespanha*, c. 2. « *Entre mim* e *ti* está a Cruz insanguentada do Calvario », Idem, Eurico, c. 6.

Conclusão : nem pelas leis da gramatica, nem pela lição dos classicos é admissivel dizer : *entre mim e tu, entre ti e eu, entre elle e eu, entre elle e eu, entre elle e tu*, como ensina o sr. Candido de Figueiredo, mas sim — *entre mim e ti, entre ti e mim, entre elle e mim, entre vós e mim, entre nós e ti*, etc.

Entretanto, pede a lealdade, e com ella a elucidação do assunto para os leitores, que declare haver encontrado, além do trecho de Pinto Pereira criticado pelo, velho Moraes, tres exemplos dos classicos, em que se vê o pronome *eu* regido da preposição *entre* no caso recto. Dois em verso, um em prosa:

« Senhor, *entre vós e eu*
E perante João Antão
Me soffrei uma reprehensão »,
Prestes, *Autos*, p. 121,

« E tantas véras d'alma e tão profundamente
Que me ufano de ouvir que *entre elle e eu* existe Separação formal... »

Castilho, *Misantropo*, ps. 11-12.

« E *entre* o embaixador Francisco de Souza Coutinho, o secretario Feliciano Dourado *e eu* se concertou o modo com que eu havia de proceder nas execuções das ordens de S. Magestade ».

Vieira, *Ob. ineditas*, t. 3, p. 124.

Taes exemplos são *insulados* em cada um dos autores referidos, não se reproduzem em nenhum delles e destoam da fórma correcta que invariavelmente usam. Acresce que, em Prestes e em Castilho, o exemplo surge em versos. E pedindo emprestado mais uma vez um argumento do sr. Candido de Figueiredo, ao analisar um verso em que havia um solecismo ou irregularidade de construção, e a propor-lhe a emenda, applico-o, parafraseando, áquelles versos de Prestes e Castilho, com a devida venia : « é verdade que, feita a substituição de *eu* por *mim*, ou o verso ficava errado ou a rima: mas a correcção da linguagem não póde depender da metrificação : ou se ha de conciliar, ou não pensar em fazer versos ». *Lições praticas*, t. 1, p. 148, 2e edição.

Relativamente ao correctissimo Vieira, basta ponderar que aparece o caso nas *Obras ineditas*, e por isso, quando não se considere uma inadvertencia do autor, é naturalmente erro de cópia ou de impressão, ou efeito da fanfarrice de certos editores, que presumem saber mais do que os mestres.

CADEIRA SOUZA CALDAS

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS (1762-1814) naceu no Rio de Janeiro. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra e tomou ordens sacras. Voltou ao Brasil em 1808 e aqui faleceu.

As suas produções foram publicados em edição postuma, por um sobrinho e acompanhadas de anotações criticas de Garção-Stockler. Compoem-se de traduções dos psalmos, odes relijiozas e filozoficas e de um poemeto didactico. *As Aves.*

Mereceu de Garret a seguinte referencia no bosquejo da historia da Poezia e da Linga Portugueza ; « O padre A. P. de Souza Caldas, brazileiro, é dos melhores liricos modernos. A poezia biblica, apenas encetada de Camões na parafraze do psalmo *super flumina Babylonis*, foi por elle maravilhozamente tratada ; e desde Milton e Klopstock ninguem chegou tanto acimo n'este genero. A cantata de Pygmalião, a ode O homem selvajem são excelentes tambem.

PEREIRA DA SILVA

JOÃO MANUEL PEREIRA DA SILVA (1818-1897) naceu em Iguassú, Rio de Janeiro. Foi senador do Imperio.

Romancista e historiador. Escreveu *Jeronymo Côrte Real*, *Manuel de Moraes*, *D. João* de Noronha, *Aspasia : Historia da fundação do imperio*, *Curso de Historia dos diferentes Estados do America*, *Varões ilustres do Brazil Na Historia e na lejenda*, *Felinto Elysio e a sua epoca*, *Litterature portugaise*, *Situation politique Memorias do segundo reinado*.

Foi escritor operozo, correto e intelijente.

D. PEDRO I DE PORTUGAL E D. IGNEZ DE CASTRO

Uma das figuras mais curiozas, menos conhecidas geralmente, mais cantadas pelos poetas e romancistas, e mais resplendentes de lejendas, é, de certo. D. Pedro I de Portugal, apelidado por si mesmo de justiceiro e pela historia de Crú. Glorificado em versos variados, heróe de trajedias, protogonista de poemas, simbolo de briozas paixões, nos romances, lastimado como amante infeliz quer em nume-

rozas alejias, quer em escritos encantadores, não conserva todavia na historia logar distinto, senão pelos seus feitos atrozes, excentricidades orijinais e singulares extravagancias. Conhecido e admirado pela luz radiante que projeta sobre elle a sombra patetica e mimoza de D. Ignez de Castro, tem até hoje triunfado a lejenda sobre a historia, e vencido a poezia contra a realidade. Comemoram-se seus amores, lembram-se seus suspiros na Quinta das Lagrimas, junta-se o assassinato barbaro de uma dama inocente, e descreve-se a vingança cruel do amante que lhe sobrevivêra; não bastam estas circumstancias para realçarem-lhe a nomeada e ornarem-lhe a memoria louros sempre viçozos e brilhantes ?

Pertence Pedro I á primeira raça de reis portuguezes, á burgonneza. Dois principes francezes transferiram-se da patria para Hespanha, em busca de guerras e fortuna. A um d'elles confiára o rei de Leão um condado a governar, destacado do de Galliza, o cerrado entre o rio Minho e o rio Mondego, consorciando-o com uma filha natural. Posto que sudito, é o burguinhão ambiciozo; trama desde o principio rebeliões, e o que é mais, aumento de territorio sobre a Galliza, porque lhe parece muito estreito e mesquinho o que lhe fôra doado. Quando viuva, não lhe cede a mulher em audacia e elevadas pretenções; chama-se já Rainha, luta e guerreia com animo verdadeiramente varonil. Herda-lhe o filho os instintos ambiciozos, aumenta os estados para o Sul, já que encontra no Norte rezistencias invenciveis; dirije se para o rio Tejo, rouba aos Mouros Lisboa, Cintra, Santarém; passa adiante, apodéra-se de Almada e Palmella; ganha nomeada na escaramuça mais que batalha de Ourique, e crecido em forças proclama-se rei, independente de Leão e de Castella, e apenas sudito do Papa.

E' D. Pedro I o setimo successor de Affonso Henriques, fundador da monarquia portugueza. Não ha ainda uma nacionalidade formada segundo a expressão genuina da palavra. Constituira-se, porém, a independencia de fato e de direito. O rei é o primeiro dos fidalgos, considerado chefe de todos; o povo nada. A nacionalidade portugueza começa propriamente com D. João I, porque o povo tomou parte então na eleição do seu rei, e o rei tornou-se seu reprezentante, não mais sómente o proprietario da terra e dos servos.

Pela primeira vez pezou a influencia do povo, ao celebrarem-se as côrtes de Coimbra em 1835. Declararam pela voz de João das Regras que não queriam rei estrangeiro que não queriam principe que houvesse empunhado armas contra a patria.

A espada de Nunes Alvares sancionou esta doutrina, na batalha famoza da Aljubarrota.

Pedro I não se parece com nenhum dos seus antepassados; nem deixou semelhantes em nenhum dos sucessores. Naceu em 1320. Sucedeu no trono a seu pai D. Affonso IV em 1357.

De natureza extravagante, de caracter excentrico, de costumes e de instintos violentos, de modos brutais, e de tendencias a alucinações e loucuras, é como o deve pintar a verdadeira historia. Que importa que da reminicencia dos seus amores infelizes, e da sua vingança estrondoza, derivasse a predileção que lhe consagram todos os poetas, desde Garcia de Rezende, Ferreira e Camões; bem como a credulidade inconciente de cronistas e historiadores, desde Nunes de Lyão, Brandões, Faria Souza, e Lacledes?

Custa, todavia, muito a quem estuda, indaga, perscruta e aprofunda as cronicas, os livros e os monumentos, apanhar ao vivo os traços d'esse vulto semi-historico e semi-lejendario. Por emquanto apareceu-nos um só guia para trazer-nos um pouco de luz, que rasgue as nuvens amontoadas em torno da realidade, e esclareça a escuridão dos tempos.

E'o cronista poeta Fernão Lopes, o creador elegantissimo da proza portugueza, o primeiro guarda-mór da Torre do Tombo fundada no seculo XV por D. Duarte.

Dezentrancemos essa meada de realidades e ficções; fotografemos esse mito, conforme D. Pedro parece haver sido, e façamos apreciar, por sua fizionomia e qualidades proprias, uma entidade excentrica e contraria quazi á natureza humana.

Filho de Affonso IV, que fôra guerreiro e homem de juizo notavel, passou D. Pedro sua primeira edade em correrias por vales e montes, em caçadas permanentes, ora atraz de alcatéas de lobos, ora em procura de javalis bravios. Quando descansava d'esses exercicios violentos, atiravase a amores perdidos e extraviados com mulheres de todas as classes e costumes.

Cazado com Constança de Castella, não provára fidelidade nem estima á consorte, bem que d'ella houvesse um filho, D. Fernando, que por sua morte lhe sucedeu no trono.

No correr de suas voluveis e inconstantes paixões sucedeu-lhe, o que acontece sempre a outros sedutores.

Cativou-o por fim uma dama da côrte, chamada D. Ignez de Castro, que o enfeitiçou de modo que não teve mais olhares nem mais pensamentos que a ella se não dirijissem.

Falecida a princeza Constança, ou por efeitos de padecimentos naturais, ou ralada de ciumes e desgotos, como alguns escritores conjeturam, entregou-se Pedro I excluzivamente a seus amores com Ignez de Castro, e quatro filhos naceram das relações illicitas que travaram.

D. Affonso IV rezolveu cazal-o de novo com princeza de linhajem, que acrecentasse o lustre de uma stripe réjia e lhe granjeasse alianças poderozas. De toda a importancia eram, durante a edade média, as ligas oriundas dos consorcios das dinastias; os soberanos decidiam todas as questões a capricho e segundo seus interesses particulares ou o dos parentes; não passavam os povos de rebanhos de carneiros, que se cediam ou trocavam conforme as conveniencias dos monarcas.

Rezistiu D. Pedro á vontade paterna, e ameaçava a todo o instante consorciar-se com Ignez de Castro. Providenciava com geito o velho rei para que não cumprisse D. Pedro o intento que apregoava, fazendo-o acompanhar, espiar e dissuadir da dezobediencia projetada por meio de amigos. Lembraram ao rei alguns conselheiros a conveniencia de matar-se Ignez, afim de arredar de uma vez o obstaculo que separava o filho do pai, e de harmonizar no pensamento politico o monarca e o seu herdeiro.

Ou cedesse D. Affonso aos conselhos, ou deixasse-os livres para cometerem o que julgassem mais acertado e util ao estado, certo é que tres fidalgos e favoritos poderozos, Pedro Coelho, Alvaro Gonçalves e Lopes Pacheco, rezolveram o assassinato de Ignez de Castro. Aproveitando-se de achar-se o principe auzente de Coimbra, onde ordinariamente rezidia, e occupado em caçadas, penetraram na caza e nos apozentos de Ignez de Castro e barbaramente a trucidaram.

Ao ferir os ouvidos de D. Pedro tão magoadora noticia, revoltou-se contra o pai, levantou o estandarte da rebelião,

concentrou vassalos, peões e cavaleiros, iniciou a guerra civil e a ferro e fogo assolou parte da provincia do Minho apoderando-se de vilas e povoações, e ameaçando atacar o rei na propria capital de Lisboa.

Estremeceu D. Affonso que amigo era do filho e estremozo pelo bem do povo ; tratou de apaziguar D. Pedro empregando meios conciliatorios ; incumbiu a emissarios de o procurarem, e chamarem a seus deveres ao principe e de cidadão ; mandou sair de Portugal os fidalgos suspeitos de haverem praticado o lastimozo crime, contra o qual D. Pedro com razão se revoltára. Conseguiu por fim com geito e custo que o principe volvesse á devida obediencia.

Regressando á côrte pareceu. D. Pedro socegado : mostrava-se filho submisso, bem que recuzasse cazar-se pela segunda vez, como D. Affonso o dezejava. Dir-se-ia mesmo que recomeçava suas correrias amorozas, e seus antigos habitos e costumes. De uma burgueza gallega, chamada Thereza Lourenço, teve ainda um filho que se batizou com o nome de João e a quem elle, quando rei, dotou com o mestrado de Aviz.

Ao falecer Affonso IV, em 1357, subiu ao trono D. Pedro, como lejitimo herdeiro. Afeiçoara-lhe as simpatias do povo a catastrofe de Ignez de Castro : a conciencia das massas plebéas indignara-se contra attendado tão hediondo, tanto mais quanto fôra praticado por fidalgos de linhajem. Posto que tributassem e guardassem respeito e veneração á memoria de Affonso IV, pela sua bravura guerreira e suas qualidades preciozas de monarca, rodeiaram os suditos de prestijio o novo rei, que cinjiu a corôa.

Creceu a estima do publico por D. Pedro ao vel-o dezenterrar o cadaver de Ignez de Castro do sepulcro que o recolherá no claustro de Santa Clara, e depozital-o em jazigo honrozo na egreja de Alcobaça. Não agrada, não sorri, não penhora corações um ato de amor dedicado e fino, uma saudade primoroza, uma peregrina gratidão ? Pelo instinto e pela conciencia dirijem-se as multidões, e parte então de seus peitos um sentimento sincero e digno que écôa e perdura.

Dezembaraçado D. Pedro da vijilancia e caricias paternas, entendeu que era chegado o tempo de patentear-se como a natureza o constituira em caracter, opiniões e sentimentos.

Dezenham-nos os poetas e fabricantes de lejendas como

mancebo gentil, lindo de rosto, brilhante de olhos negros, agradavel no trato, ornado de coração terno, apaixonado e maviozo. Herôe adaptado para galan em dramas, amante dedicado em romances, sedutor e ao mesmo tempo vitima de amores em cantatas e elejias.

Já, porém, o dissemos : diversamente e muito diversamente o descrevem as cronicas veridicas e particularmente o historiador Fernão Lopes.

E' pela singeleza, lealdade e independencia com que escreve, escritor digno de todo o conceito ; não pertence á classe dos lizonjeiros, que só deparam elojios, ao tratarem de reis e principes, ao falarem de personajens poderozos. Obezo era D. Pedro de corpo, tristonho de semblante, de olhar quasi vesgo quando delle se não apoderava a colera a que era por natureza sujeito.

Ao irritar-se, tornava-se, gago, inclinava-se a furias e dezesperos repentinos. Onde estão pois as flôres perfumadas que a poezia derrama por sobre a pessoa de Dom Pedro para a tornar interessante e atraente ?

Fôra seu predileto divertimento e ocupação quazi excluziva, quando principe, a caça por montes e por vales, por penedos e por bosques, por descampado e precipicios. Nada modificou neste ponto, quando rei. Entregava-se ao mesmo exercicio sempre que saia de seus paços, onde vivia na solidao e nas trevas, separado de cortezãos e afastado da companhia de amigos.

Encontral-o nos seus sombrios apozentos, ou quando partia ou voltava de suas correrias de caçador, seguido pelos criados com falcões, e nebris, e acompanhado pelas matilhas de caes, seus prediletos : dir-se ia que era um animal bravio e raivozo.

Foi seu primeiro cuidado de rei haver ás mãos os assassinos de Ignez de Castro, refujiados em Castella. Dominava ali outro Pedro, ainda peior que elle ; tirano sanguinario, assassino e capaz de todas as perversidades : chamava-se o cruel, e acabou ao punhal doirado do bastardo, Henrique de Transtamara. Os dois Pedros entenderam se perfeitamente. Os inimigos do Portuguez azilados em Hespanha foram prezos e mandados entregar a Pedro de Portugal ; e a Pedro de Castella alguns Castelhanos, que se consideravam salvos em Portugal. Podia cada um delles, assim protejendo se e satisfazendo-se mutuamente, exercerá vonta de suas

vinganças. Pacheco conseguira, todavia, evadir-se para o Aragão presentindo logo não estas segaro em Castella, e escapou assim e unico á sorte desventurada de seus dois companheiros, Gonçalves e Coelho.

Que prazer satanico o de D. Pedro ao vêr diante de si manietados e carregados de ferros dois dos implicados no assassinato da infeliz amante ? Brutalmente os castigou com um azourrague e com suas proprias mãos ; retalhou-lhes o rosto com golpes certeiros ; cuspiu-hes dezapiedadamente nas faces ensanguentadas ; dirijiu-lhes palavras deshonestas e injurias atrozes, e depois mandou lhes arrancar ainda vivos, os corações que, gaguejando e espumando de colera, dizia querer tragar com vinagre e cebola. Mortos que foram, ordenou que os corpos se atirassem em campo aberto para pasto de abutres, visto que não eram merecedores de sepultura aberta na *terra.*

Vingança propria dessa época ignorante e barbara, denominada edade média, que os poetas folgam de pintar com feitos de cavalheirismo heroico, cenas deslumbrantes de torneios, justa do valor e dos brios, injenuidades misturadas com crimes, instintos da ferocidade e atentados hediondos !

Assomou desde então ao animo de D. Pedro uma só paixão, mania, alucinação, loucura : ser juiz inexoravel : como rei e senhor dos povos, avocar a seu conhecimento a decizão final de todos os processos, agarrar os réos, castigal-os, sendo possivel, elle proprio, insinuar rigores aos seus majistrados, e pelo terror obrigar os súditos a procederem com respeito, rezignação e obediencia absoluta aos editos determinados pelo soberano.

Publicou novas leis, minuciando crimes e aumentando penalidades. O de infidelidade conjugal subiu a proporções de leza-majestade e o de relação ilejitima sujeitou-se egualmente á pena de morte. A simonia do clero, as devassidões e violencias da nobreza, não mereceram menor castigo. Nivelou todas as classes da sociedade, abolindo privilejios de tribunais para profissões distintas. Nobreza ou clero, peão ou categoria média, dependeram de sua sentença, subindo á sua deliberação todos os processos crimes que se instauravam. Não se explica seu odio contra a nobreza e o clero, porque áquella pertenciam os assassinos de Ignez, e a este por não ter encontrado quando principe nenhum sacerdote que se prestasse a celebrar-lhe o cazamento secreto

com a desditoza amante, como por vezes pretendera e que a vijilancia do pai não consentiu jámais cumprir-se ?

Desde que foi rei, entrajou-se. D. Pedro de roupas grosseiras, pendurou aos hombros o cetro e á cintura um azorrague com flos de aço e couro : aquelle, na sua opinião significava o poder e este, a justiça.

Logo que ao iniciar seu governo soube que fôra condenado a um ano de suspensão de ordens um sacerdote, que matára a um lavrador, insinuou ao parente, que se lhe queixara, que tirasse a vida ao clerigo assassino. Condenado foi á morte pelos juizes o matador do clerigo ; e como era carpinteiro de profissão, comutou-lhe D. Pedro a sentença em suspensão tambem do oficio por um ano. Nao fôra essa a pena do clerigo ? Cazou-o depois com a viuva do lavrador, e dotou-os com rendas suficientes. Nao lhe agradando, em consequentia deste fato, que fóra da sua alçada criminal se conservassem privileijadamente os padres e frades, avocou a si tambem o julgamento dos assuntos eclesiasticos, como o fizera relativamente aos civis e aos dos fidalgos.

Aplicou a muitos padres a pena de morte, e quando se lhe lembrava o juizo pontificio como unico competente, respondia que eram remetidos para diante de Deus, que afinal os julgaria. Mandou cortar a cabeça a um escudeiro de familia nobre, sobrinho do alcaide-mór de Lisboa, por ter depenado as barbas de um porteiro, e a varios fidalgos, por haverem roubado a um judeo. Grandes e pequenos, ninguem se salvava de sua justiça arbitraria, instintiva, muitas vezes errada e caprichoza, mais por ignorancia sem duvida do que por vontade, porque dezejava deveras acertar. Contam-se bastantes decizões que lhe honram a memoria, bem assim muitas que provam apenas barbaria e ferocidade.

Rezolveu tambem que os clerigos se curvassem como os leigos ao serviço militar, abolidas suas izenções anteriores ; que os nobres não pudessem apropriar-se dos bens dos populares ; que nem um rescrito, bula ou letras do Papa Romano se publicassem e executassem no reino antes de obterem o *placet* réjio.

Alegrava-se quando, ou em viajem, ou em seus paços, lhe aprezentavam qualquer acuzado : estivesse á meza ou em orações religiozas, suspendia tudo, levantava-se para julgar os delinquentes.

Ouvida a acuzação, e interrogados os réos por elle proprio, ditava a sentença para ser executada ; antes porém que se cumprisse, dezatava da cinta o azorrague, e mortificava contente as vitimas, depois de lhes tirar as vestes afim de efetivamente empregar no corpo e nas carnes vivas os fios cortadores do chicote. Ao passo que as castigava, apostrofava e injuriava-as dezapiedadamente. A' gagueira, que lhe vinha então, juntavam-se olhares terriveis, um rosto rubro de colera, a boca mergulhada em espumas, produzindo um espetaculo de horror.

Ao chegar-lhes aos ouvidos que o Bispo do Porto reajira contra um de seus editos, de que ordenara a não execução partiu incontinente para a cidade do Douro, penetrou com seus guardas no palacio episcopal, mandou despir o Bispo e elle proprio o surrou com o seu azorrague, deixando-o ensanguentado e prostado em terra. Abandonou-o n'essa triste situação, prevenindo-o de que, a perseverar em seus dezignios, seria o rei obrigado a cortar-lhe a cabeça.

Voltou para Lisboa satisfeito de haver provado que castigava tanto aos grandes e poderozos como a pequenos e humildes. Constituia-se assim pessoalmente juiz e algoz, e coadjuvava até ao carrasco na execução das penas.

Vertijem, alucinação, loucura, era certamente efeito de exajerada idéa que o dominou de justiçar com inexoravel zelo...

II

BARÃO DO RIO BRANCO

José Maria Paranhos do Rio Branco naceu em 1845 no Rio de Janeiro. E' filho do Visconde do Rio Branco. E' formado em direito pela Faculdade de S. Paulo; foi jornalista, deputado geral, consul em Liverpool durante muitos anos, delegado brazileiro nas questões de limites com a Republica Argentina e França, ministro plenipotenciario na Allemanha e atualmente desde 1902 secretario de Estado das Relações Exteriores.

Publicou : *Epizodios da guerrra do Prata*, *Anotações á guerra da Triplice Alliança*—Schneider, *Efemerides brazileiras*, *Memorias*

sobre os limites do Brazil com a Argentina e a Guyana Ingleza, Esboço da historia do Brazil, em francez, Mapa do Brazil, e varios artigos em jornaes.

Falleceu em feveiro de 1912 no Rio de Janeiro. Na Academia succedeu-lhe Lauro Müller, parlamentar e estadista, tendo sido ministro da Viação e das Relações Exteriores no governo da Republica.

UM FOLHETIM (1)

CAPITAL FEDERAL. — SAUDE E FRATERNIDADE. — VÓS. RECOMMENDO-VOS. — ASSIGNATURA. — CIDADÃO. — ROCHA TARPEIA.

Entre as publicações ineditoriaes no *Jornal do Commercio*, de 25 de Dezembro, encontrámos um artigo em que o illustrado Sr. Miguel Lemos, Director do Apostolado Positivista no Brazil, censurou incidentemente o novo Ministro das Relações Exteriores por haver restabelecido na correspondencia official da sua Repartição o estylo e certos usos, que haviam sido modificados em 1893 por um dos seus predecessores, o então Ministro Dr. João Felippe Pereira, positivista praticante. A *Tribuna*, dias antes, tinha feito tambem, de passagem, alguns reparos sobre o assumpto, em uma das suas secções humoristicas.

Examinemos rapidamente essas censuras e outras criticas que têm chegado ao nosso conhecimento.

Extranharam, o Sr. Miguel Lemos e a *Tribuna*, que os actos do Ministerio das Relações Exteriores sejam agora datados do *Rio de Janeiro* e não da *Capital Federal.*

A razão é obvia.

Empregando-se o nome geographico *Rio de Janeiro*, todo o mundo sabe que se trata da Capital Federal do Brazil; usando-se da periphrase *Capital Federal*, não se póde saber, ao certo, se o documento foi firmado no Rio de Janeiro ou se em Berna, Berlim, Washington, Mexico, Caracas, Buenos-Aires, Ottawa ou Sydney. Em nenhuma outra Federação occorreu ainda a ninguem substituir o nome particular e distinctivo da cidade por um vago circumloquio, e felizmente, em nenhum dos Estados da nossa

(1) Artigo geralmente atribuido ao Barão do Rio Branco. Apareceu com a assinatura *Nemo.*

União houve ainda quem se lembrasse de desprezar o nome proprio da cidade séde do Governo para escrever: *Capital Estadoal.*

Uma fórmula que poderia conciliar tudo, mas que teria o grande inconveniente de ser sobremodo extensa e sahir da regra geral, seria esta:

« Na cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal da Republica dos Estados Unidos do Brazil, aos... de Janeiro de 1903. »

O Sr. Miguel Lemos, que tanto se arrecêa do chamado sebastianismo, deveria attender a que o emprego de *Capital Federal* tem franco resaibo monarchista, pois não é outra cousa mais do que uma transformação, do antigo vezo portuguez e brazileiro de dizer *Côrte* para designar Lisboa e o Rio de Janeiro.

No tempo do Imperio, o actual Ministro das Relações Exteriores nunca deu á cidade do Rio de Janeiro o improprio nome de *Côrte* e agora, procedendo coherentemente, quer apenas que os documentos expedidos pela sua Repartição tragam o nome proprio da cidade em que são assignados e que se proceda aqui a semelhante respeito como procedem republicanos insuspeitos em todas as outras Capitaes Federaes e Capitaes de Republica.

Cumpre notar que o artigo do Sr. Miguel Lemos em que apparece a censura é datado do *Rio de Janeiro* (« Rio de Janeiro, Templo da Humanidade, 22 de Bichat de 114 ») e que a *Tribuna* tambem apresenta, com muito acerto e diariamente, no alto da sua primeira pagina, o nome geographico e privativo da séde do nosso Governo e não do inconveniente e extravagante substitutivo : *Capital Federal.*

O Sr. Miguel Lemos viveu muitos annos em Paris, no bello bairro latino, tambem de mui gratas recordações para o actual Ministro das Relações Exteriores. Sabe, portanto, bellamente que os republicanos daquella terra não datam os seus officios e cartas da *Capitale de la République*, mas sim de Pariz.

No tempo do Imperio, os viajantes que escreviam sobre o Rio de Janeiro mostravam-se admirados do costume local de dar á cidade o nome de *Côrte*. Agora, os modernos, como Carton de Wiar e outros, extranham tambem a denominação de *Capital Federal*. E' verdade que ha entre nós outras excentricidades do mesmo genero, que não causam menos

espanto aos extrangeiros, como, por exemplo, a de se chamar « apolice » (bond) o tram-carro, — esquecendo o nome do inventor, Mr. Tram, — e « cartola » o que para os Portuguezes, e tambem para os Brazileiros do tempo antigo, é « chapéo alto » ou « chapéo redondo. » No caso, porém, dos nomes de cidade, a cousa póder ter até inconvenientes imprevistos. Não ha muito tempo, um joven patricio nosso, em Pariz, querendo dirigir uma carta para o Rio de Janeiro escreveu assim o endereço : — *Monsieur...* — *Capitale Fédérale.* A carta foi aberta pelo correio francez, para conhecer o nome e endereço do remettente, e devolvida a este, depois de fechada, com a nota : *Adresse insuffisante.*

Restituamos á nossa cidade federal o nome que lhe pertence e unico por que é conhecida no mundo inteiro. Chamemol-a como ella tem o direito de ser chamada : *Rio de Janeiro.* A Federação e a Republica não poderão perigar por isso, nem o Templo da Humanidade soffrer damno de especie alguma.

***

A circular de 7 de Julho de 1893, do Sr. Dr. João Felippe Pereira, tornando obrigatoria a formula positivista — *Saude e Fraternidade,* — foi revogada por outra, de 4 de Dezembro ultimo, do actual Ministro das Relações Exteriores.

Os motivos da revogação encontram-se no seguinte respeitoso officio que o Sr. Rio-Branco, então Ministro em missão extraordinaria nos Estados Unidos da America, dirigio ao seu illustre superior :

Missão Especial do Brazil nos Estados Unidos da America. — Nova-York, 20 de Setembro de 1893.

2º Secção. N. 21 *bis.*

Sr. Ministro.

Tenho a honra de accusar o recebimento do Despacho-Circular de 7 de Julho em que V. Ex. recommenda que todos os officios sejam fechados com as palavras : « *Saude e Fraternidade.* »

Entendendo que a circular se applica aos serviços ordinarios e não ás Missões Especiaes e temporarias como esta, deixo por emquanto, até decisão de V. Ex., de recommendar aos Secretarios que ajuntem essa formula final aos officios daqui expedidos. Se a ordem é igualmente applicavel a Mis-

sões Especiaes, ouso pedir a V. Ex. que, não havendo inconveniente, se digne de me dispensar do emprego de uma formula de saudação que na Republica Franceza, onde teve nascimento, só é empregada hoje pelos dicipulos da religião de Augusto Comte, e que só poderei empregar com o protesto, que desde já faço, de que isso não importará da minha parte adhesão de especie alguma á doutrina politica e religiosa d'esse Philosopho.

Se entre nós a antiga formula — Deus guarde a V. Ex. ou V. S. — foi abolida em attenção ás idéas philosophicas de alguns Brazileiros, creio que as crenças religiosas de outros, sem duvida muito mais numerosos, merecem tambem consideração. Isto justificaria a adopção das formulas de cortezia e respeito usadas no estylo official da Republica Franceza, da Confederação Suissa e dos Estados Unidos da America, formulas estas que satisfazem a todas as consciencias.

Peço venia para observar que mesmo no tempo em que a correspondencia official de todas as outras Repartições Publicas no Brazil terminava com o « Deus guarde a V. Ex. ou V. S. » (que, entretanto, nunca foi obrigatorio), o nosso antigo Ministerio dos Negocios Estrangeiros, creio que desde pouco depois da Independencia, usava como fórmula final ou de saudação as que estavam e estão em uso no estylo de chancellaria ou diplomatico de todos os povos cultos.

Com a adopção da antiga fórmula revolucionaria, não admittida em nenhuma outra Republica, os despachos ou documentos do nosso Ministerio das Relações Exteriores, communicados aos Governos estrangeiros pelos nossos Representantes diplomaticos, ficaram constituindo uma excepção extranhavel, e asseguro a V. Ex. que mesmo nas tres Republicas acima citadas a impressão dahi resultante nos não será favoravel, porque isso induzirá a crer que ainda estamos atravessando uma crise revolucionaria.

Estou convencido de que V. Ex. prefere ao silencio das reservas mentaes a linguagem da franqueza e lealdade e assim não levará a mal as respeitosas observações que faço n'este officio, usando do direito de representação e aguardando a decisão de V. Ex., que receberei com o maior acatamento.

Tenho a honra de reiterar a V. Ex. os protestos da minha mais respeitosa consideração.

(*Assignado*) RIO-BRANCO.

A S. Ex. o Sr. Dr. João Felippe Pereira, Ministro e Secretario de Estado das Relações Exteriores.

Esse officio não foi respondido e o Sr. Rio-Branco continuou a regular-se pelo antigo formulario até que o seu particular amigo Sr. Dr. Olyntho de Magalhães, em 1899, tornou extensivas ás Missões Especiaes as regras estabelecidas para a correspondencia das Legações e Consulados. A ordem foi immediatamente cumprida pelos dois Ministros que então tinhamos em missão especial no estrangeiro, os Srs. Nabuco e Rio-Branco, mas deixou de ser observada em algumas das nossas Legações, sem que o Dr. Magalhães, occupado com assumptos mais urgentes, tivesse tido opportunidade para recusar a Excellencia e os protestos de respeitosa consideração que lhe eram enviados, ou para exigir o emprego da fórmula positivista : « Saude e fraternidade. »

Agora, para uniformisar a correspondencia official do Ministerio das Relações Exteriores, foram restabelecidas as praticas anteriores a 1893 por meio das seguintes instrucções :

1e Secção. Circular, Rio de Janeiro, Ministerio das Relações Exteriores, 4 de Dezembro de 1902.

« Sr... (Ministro ou Consul).

« Sendo conveniente restabelecer na correspondencia desta Repartição e dos serviços que d'ella dependem as formulas de cortezia usadas no estylo de chancellaria de todos os povos cultos, e nomeadamente no de todas as outras Republicas, declaro revogada a circular de 7 de Julho de 1893 e peço a V. S. que de ora em diante remate os officios que dirigir a funccionarios publicos brasileiros e a particulares, dizendo que tem a honra de lhes offerecer ou de lhes reiterar, conforme o caso, os protestos mencionados no apontamento annexo a esta circular.

« Quando forem dadas ou transmittidas ordens e instrucções, não será necessario ordenar ou recommendar sempre a sua execução : bastará, na generalidade dos casos, pedir ao subordinado que as tenha presentes ou que as execute, devendo este entender que o pedido do seu superior hierarchico ou de qualquer autoridade competente é necessariamente uma ordem.

« No fecho das notas e cartas officiaes a autoridades estrangeiras, as Legações e Consulados Brazileiros deverão

continuar a empregar as formulas de polidez usadas no estylo official do paiz em que estiverem.

« Tenho a honra de reiterar a V. S. os protestos da minha estima e consideração.

(*Assignado*) RIO-BRANCO.

Como se acaba de vêr, o que o Sr. Ministro das Relações Exteriores fez com a Circular de 4 de Dezembro ultimo foi pôr de novo em vigor, na correspondencia da sua Repartição, as regras de cortezia official abolidas em 1893 e que são, resumidamente e com ligeiras variantes, as mesmas que se encontram em um folheto de cincoenta paginas em cuja capa de folha de rosto se lê o seguinte :

« *République française. Protocole du Ministère des Affaires Etrangères.* — 1900. »

E da pagina 11 em diante : — « Protocole du Ministre. »

Os republicanos da Suissa, dos Estados-Unidos da America e da França, sendo mais antigos, devem entender mais de Republica do que os do Brasil. O nosso Ministerio das Relações Exteriores está seguindo agora, em materia de estylo official os exemplos que nos dão os republicanos dessas e *de todas as outras Republicas.*

O Sr. Rio Branco, portanto, não supprimiu fórmulas republicanas, nem obedeceu a pensamento algum politico. O *Salut et Fraternité*, usado em França na época da grande revolução, é desde muito *formula religiosa* e *não pilótica*, de que apenas se servem em França e outros paizes os pouco numerosos observantes da doutrina religiosa de Augusto Comte. Não nos parece que se possa com razão considerar « pequice politica » o emprego de alguns poucos minutos em concertar a reforma de 1893. O que com certeza deve ser considerado « pequice politica » e mesmo rematada *carolice* é o acto dos que então impuzeram ao Ministerio das Relações Exteriores uma fórmula da Religião da Humanidade. Na Republica do Equador o ultramontano Garcia Moreno não foi tão longe, pois nunca se lembrou de decretar para fecho dos officios e notas o *Dominus vobiscum*, que seria a fórmula equivalente e mais aceitavel naquelle paiz de carolas.

Os avisos e communicações das outras Repartições são documentos do nosso serviço interno, correspondencia trocada entre Brasileiros, e que, assim, se passa toda em fami-

lia. Não succede o mesmo aos despachos do Ministerio das Relações Exteriores. Não raro são elles communicados por traducção aos Governos estrangeiros e isso basta para mostrar que em taes documentos nos não devemos afastar dos estylos observados na correspondencia diplomatica de todos os povos civilisados. O « Salut et Fraternité » e o « Hail and Fraternity », nas traducções franceza e ingleza do nosso protesto contra a decisão do tribunal arbitral anglo-venezuelano, causáram bastante sorpreza aos velhos republicanos de Pariz, Berna e Washington e deram motivo a commentarios pouco agradaveis sobre o nosso caloirismo republicano.

No Brazil foi decretada a separação da Igreja e do Estado e não houve lei alguma impondo ás repartições e aos funccionarios publicos manifestações de adhesão á religião da Humanidade.

Sabemos que o Sr. Rio-Branco admira profundamente os talentos, a illustração, a constancia de propagandistas e a pureza de vida dos dois dignos apostolos do positivismo no Brazil. Tem por elles e por todas as religiões o maior respeito, mas não póde esquecer que no Brasil o Estado não tem religião.

***

O chamado tratamento de — vós — tambem se não póde dizer que seja rigorosamente republicano. Nas outras democracias é admittido, ou de rigor em certos casos, o tratamento de Excellencia. Nas de lingua hespanhola, ha este e o de Vossa Senhoria: nunca o de *vós*. Mesmo no Brasil, o de Excellencia é de estylo corrente nas discussões das camaras legislativas. O pronome da segunda pessoa do plural só é, em regra, empregado na lingua portugueza, na hespanhola e na italiana quando se falla ou escreve a mais de uma pessoa. A' indole dessas tres linguas repugna o tratamento de *vós*, e póde dizer-se que em Portugal elle só era e é empregado nas Cartas Regias e outros documentos expedidos em nome do Rei ou, excepcionalmente, quando se falla á Magestade ou a alguma pessoa da maior eminencia. Nos paizes de lingua portugueza tratamo-nos todos por « Senhor. » Como, pois, pretender que o « Vossa Senhoria » offenda o sentimento da igualdade ?

E' melhor evitar os erros de conjugação tão frequentes entre nós depois que se introduziu o tratamento de *vós*.

Veja-se, por exemplo, o seguinte curioso trecho de officio ha tempos publicado, escripto por um pretenso positivista que em 1889 mereceu a honra de um retrato, com extensa dedicatoria, do illustre Benjamin Constant :

« ... Já *ves*, pois, que quem se enganou e errou *fostes vós* e não *este seu criado*, que *chamei* a attenção dos illustres Ministros... »

Em officios e telegrammas, em vez do *vós*, têm recebido funccionarios brasileiros, ás vezes, o pouco ceremonioso tratamento de *tu*.

* * *

O segundo paragrapho da circular teve por fim, como o primeiro, acabar com a seccura e dureza do estylo official observado desde 1893 e que de dia em dia se foram aggravando. Abolidas todas as formulas de polidez (« Tive a honra de receber » ; « Reitero a V. os protestos da minha estima e consideração ; » « Queira fazer isto », etc.), a correspondencia entre os funccionarios do serviço exterior e a Secretaria deixava a impressão de que o Governo estava mal com os seus delegados e de que estes tambem não sabiam tratar com a devida deferencia os seus superiores. As ordens eram dadas com o laconismo e aspereza com que certos sargentos fallam aos seus inferiores.

« Recommendo-vos que encarregueis o 1º Secretario dessa Legação de escrever um relatorio minucioso sobre a viticultura nesse paiz. »

« Saude e Fraternidade. »

A formula final soava como um aspero « Passe bem ! »

Não era assim que tratavam os seus subordinados os estadistas que deram renome ao nosso antigo Ministerio dos Negocios Estrangeiros, dentre os quaes bastará citar os Viscondes do Uruguay, de Abaeté, do Rio-Branco, de Maranguape, de Sinimbú e de Caravellas, o Marquez de Abrantes, o Conselheiro Saraiva, o Barão de Cotegipe, e, depois da Republica, Quintino Bocayuva e Carlos de Carvalho.

Homens como Daniel Webster, Guizot, Gambetta, Metternich, Cavour, Palmerston, Derby, Salisbury não desciam da sua dignidade dizendo aos seus subordinados: « O officio

que me fizestes a honra de dirigir... » « *Peço-vôs* que communiqueis isto... » « Recebei, senhor, os protestos da minha distincta consideração » (formula franceza de cortezia nos despachos dirigidos aos simples Chancelleres de Consulado). Na Inglaterra, o chefe do *Foreign Office*, seja elle embora um Palmerston, termina deste modo os seus despachos officiaes, mesmo quando se dirige a um Vice-Consul : « Tenho a honra de ser, senhor, vosso humilde e obediente servo... »

Entre nós, entenderam alguns jovens Ministros que não ficava bem á sua autoridade respeitar taes usos de chancellaria, posto que observados escrupulosamente por mestres em Republica, como são os Suissos, os Norte-Americanos e os Francezes.

Comprehende-se facilmente que na carreira diplomatica, e tambem na consular, o exercicio da polidez deva ser de uso constante. Funccionarios habituados á dureza de fórma ou á falta de fórma, maltratados e inhibidos de observar as mais comezinhas regras de cortezia nas relações com os seus superiores, acabariam por ficar uns grandes malcriados, até mesmo no trato com as autoridades estrangeiras.

A Circular de 4 de Dezembro procurou attender á necessidade de evitar esse inconveniente, restaurando praticas não são só das Monarchias, mas tambem de todas as demais Republicas.

***

Outra critica de que tivemos noticia é relativa á assignatura *Rio-Branco*. Essa foi feita por um ex-Ministro em conversa de *bond*, ouvida pelos vizinhos. O joven estadista via nesse modo de assignar uma demonstração de sebastianismo.

Responde-se mui facilmente á critica e á suspeita.

O nosso *Diario official* acaba de publicar uma nota do Conselho Federal Suisso dirigida ao Ministerio das Relações Exteriores desta Republica. Termina assim o documento.

. . . .

« Queira aceitar, Sr. Ministro, os novos protestos da nossa alta consideração.

Em nome do Conselho Federal Suisso :

O Presidente da Confederação.

(*Assignado*) ZEMP.

O Chanceller da Confederação.

(*Assignado*) Ringier. »

Vejamos, ao acaso, outro documento, este da França :

« O Presidente da Republica Franceza, por proposta dos Ministro dos Negocios Estrangeiros, decreta :

. . . .

O Ministro dos Negocios estrangeiros fica encarregado da execução do presente decreto.

Feito em Pariz, aos 16 de Novembro de 1900.

(*Assignado*) E. Loubet.

Pelo Presidente da Republica.

O Ministro dos Negocios Estrangeiros :

(*Assignado*) Delcassé. »

Poderá o critico pretender que os velhos republicanos suissos Zemp e Ringier, que o radical francez Delcassé devem ficar suspeitos de fingido republicanismo porque assignam um só nome ?

E cumpre notar que não são esses os unicos republicanos que assignam em documentos officiaes um só nome. Póde dizer-se que tal é a regra geral na Confederação Suissa e na Republica Franceza (Constans, Waldeck-Rousseau, além de muitos outros), e se nos não falha a memoria, o uso, sem ser tão geral, é frequente nos Estados Unidos da America.

* * *

Notemos tambem de passagem que nas Republicas que nos pódem servir de modelo em materia de costumes democraticos e estylo official (Suissa, Estados Unidos da America, e França), ninguem diz ou escreve « cidadão Chefe de Policia, « cidadão Ministro, » « cidadão Fulano ou Beltrano. » Nos Estados Unidos diz-se : « Mr. President, » « Mr. F. ; » e nunca ; « citizen President, » citizen F. » Na Suissa tambem, embora todos sejam cidadãos, os funccionarios e particulares são tratados por » Sr. F. » e não por cidadão F. » Na Republica Franceza, só aos anarchistas, desordeiros, e politicos desequilibrados se costuma dar em tom de mofa o tratamento de « citoyen » em vez de « Monsieur. « Diz-se correntemente ; « la citoyennne Louise Michél » ; mas nenhum homem que se respeite dirá ou escreverá : « le citoyen Waldeck-Rousseau, » « le citoyen Méline. »

No Paraguay de Solano Lopez, sim, quando alli reinava

o cepo-uruguayano e outros instrumentos de tortura, além dos fuzilamentos e degolações, é que se dizia sempre : « el ciudadano coronel F. », « el ciuadano juez de paz, » etc.

***

Depois de dizer que o Sr. Rio-Branco é o « acclamado chefe do intitulado partido da patria », o Sr. Miguel Lemos termina assim :

«... Seja como fôr, o que sinceramente desejamos é que essas reformas iniciaes do actual Ministro do Exterior muito contribuam para que o illustrado Brazileiro nos demonstre praticamente na gestão *politica* da sua pasta, que o capitolio das Missões e do Amapá está muito distante da rocha tarpeia do Acre e de outros insondaveis despenhadeiros que demoram em torno da sua eminente posição no Governo da Republica. »

Não sabemos que haja entre nós um « intitulado partido da patria.» Se existe, terá outro ou outros chefes. Afastado ha vinte e oito annos das nossas questões de politica interna, o Sr. Rio-Branco tem mostrado que não procura nem deseja eminencias politicas. Se ultimamente, pela confiança do novo Presidente da Republica, foi collocado em « posição eminente », outros galgáram essas alturas muito mais depressa e muito mais facilmente do que elle. E' tambem sabido que só aceitou o posto que occupa, depois de longa resistencia, porque, dados os seus habitos de vida tranquilla e retirada e os encargos de familia que tem, a aceitação importava mui grande sacrificio, não só seu, mas tambem de terceiros que lhe são caros. Acabou, porém, por inclinar-se diante do insistente convite do Presidente eleito, e inclinou-se, lembrando-se sómente do muito que devia e deve á nossa terra.

Póde o Sr. Miguel Lemos estar muito certo de que o novo Ministro das Relações Exteriores não partiu da Europa ignorando a existencia dos despenhadeiros a que se refere. Veiu para o Brasil mui sciente de que no posto de perigo que lhe foi designado, tinha bastante a perder e nada a ganhar. Se, porém, tiver de cahir de algum despenhadeiro, estamos convecidos de que ha de fazer o possivel por cahir só, sem arrastar em sua quéda os interesses do Brazil. Seja como fôr, as fórmulas agora abolidas do nosso estylo de chancellaria não tiveram a virtude de impedir a horrorosa embrulhada de Acre, em que andamos mettidos, nem a constituição dos rochedos com que é ameaçado o novo Ministro.

LAURO MÜLLER

LAURO MÜLLER, engenheiro militar, parlamentar e estadista, nascer em Santa Catharina em 1869.

Em verdes annos dedicou-se á literatura, mas desde cedo preferiu a vida de acção e a carreira politica em que fez rapida e solida reputação de estadista.

Foi Ministro varias vezes e na Academia succedeu ao Barão de Rio Branco, em 1912.

FRAGMENTO

DE UM DISCURSO PRONUNCIADO AO ENTREGAR AS INSIGNIAS PRESIDENCIAES AO MARECHAL HERMES

Abeirava-se a Republica da idade em que a lei confere a maioridade ás pessoas, insignificante prazo na formaçao das nacionalidades que percorrem seculos de adolescencia ; decurso exiguo para o julgamento de um regimen politico.

E' que as instituições governamentaes como os processos de educação, não se julgam pelo brilho dos programmas nem pela copiosidade das promessas, mas affirmam-se ou decaem, segundo os resultados que produzem. Da severidade desse criterio moderno, que exclue sensatamente os fanatismos reaccionarios ou demagogicos, nao se arreceia a Republica Brasileira.

Não que ella pretenda haver miraculosamente transformado o paiz numa democracia sem arestas.

A subitaneidade transformadora não condiz com os factos sociaes. Só a persistencia na educação póde levar um povo á superioridade relativa na perfeição humana. Ainda assim, a explosão de 15 de novembro bem mereceu desde logo da Patria, decretando a liberdade espiritual, a mais cara das liberdades humanas, e destruindo a centralização, que atrophiava a vida nacional.

Aquella constitue a joia, mais preciosa no escrinio de uma civilização. Nunca será demasiado o zelo que possamos pôr na defesa da sua integral observancia, ameaçada menos talvez pelos que prètendam revogal-a que pelos que a suppõem o lábaro de guerra contra as religiões.

A destruição do regimen centralizador desafogou a Nação, dilatando-lhe os pulmões para receber o sopro oxygenante das iniciativas locaes.

Foi um grande bem essa destruição. Mas a obra reconstructiva que será a Federação ainda está muito por fazer.

E é preciso que se faça !

A Republica, disseram com razão os seus predicadores, mais notaveis, é a fórma, a Federação ã systema

Ainda podemos hoje ler no frontispicio de um orgão republicano, que nunca perdeu o seu caracter politico, aquella memoravel synthese de um grande paladino do regimen :

« Federação — unidade. Centralização — desmembramento ».

Ora, a centralização ainda governa paradoxalmente o regimen federativo. Governa-o pelo patronato do poder central — Governo e politicos — nas cousas intimas da vida regional, deslocando a organização e a decisão dos pleitos dos Estados para o Rio de Janeiro. E'a sobrevivencia de um regimen que se aboliu dentro do regimen que se creou, e que, se não logra ressuscitar as suppostas vantagens d'aquelle, impede a florescimento deste.

Peor ainda, peor que tudo é a sobrevivencia do passado na constituição de governos em Estados da federação. Para crear as unidades federativas se fizeram eleições. Mas as eleições tinham sido no Imperio, com excepção de Saraiva, a vontade dos Presidentes de provincias, a que vieram succeder os Governadores ou Presidentes de Estados. Quasi insensivelmente a substituição se fez em muitos casos, sem mudar os costumes. E como não havia, mais o recurso periodico das arbitrarias mutações imperiaes, certos Governadores se fizeram donatarios — não para dirigir, mas para mandar !

A influencia duradoura de um chefe é um grande bem quando livremente mantida pela opinião dos seus concidadãos. Não ha peor flagello, no emtanto, se a sustentam a fraude e a compressão.

No regimen, que adoptamos, o Governo é o exercicio de uma delegação temporaria. A essencia d'essa delegação está no voto. Fraudal-o deveria ser o maior dos crimes politicos. Mas não é, e antes constitue senão a gloria de alguns, ao menos a razão da existencia politica de outros.

Desde os embaraços no alistamento até ás violencias e a fraude nos actos eleitoraes, as eleições viciam-se facilitando no poder verificador a obra das paixões politicas de que todos temos sido mais ou menos collaboradores.

E' tempo, Sr. Marechal, de estancar essa pratica.

Comprehende-se que nos primeiros annos de vida, perturbado como foi o regimen pelas revoluções e revoltas, as preoccupações das luctas e as difficuldades de reparar os estragos d'estas, houvessem adiado a acção dos republica, nos nas reivindicações liberaes. Agora, não.

Como poderemos alcançal-as ?

Emediatamente combatendo com vigor o analphabetismo, que herdámos do passado e em grande parte do nosso territorio vamos mulsulmanamente conservando.

Immediatamente congregando todos os espiritos bem formados na execução fiel do regimen, tendo por norma a firmeza tolerante, que é o apanagio dos bons republicanos.

Porque, Sr. Marechal, é a intolerancia que nos desgoverna ; ou venha ella do exagero partidario, ou derive da ambição de conservar ou adquirir o mando. E' d'ella que nascem os governos prepotentes e as opposições facciosas ; dois extremos que se confundem na obra commum de destruição das liberdades politicas.

Se o vosso Governo amparar legalmente essas reivindicações tereis correspondido ás esperanças dos que vos julgaram capaz d'essa obra, livre que estaveis dos compromissos e camaradagens que a convivencia politica havia creado para tantos outros. Por isso vos quizemos, num momento em que o Presidente entrára em conflicto com a opinião na indicação do seu substituto, abrindo a crise decisiva no processo de escolha dos presidentes.

Mas não é só na liberdade espiritual e na federação, embora imperfeita ainda, que residem os titulos de benemerencia republicana.

A Constituição nos deu, com o Governo presidencial, a estabilidade administrativa indispensavel a realização de obras de valor.

Em vinte e um annos, todas as grandes e graves questões de fronteira estavam resolvidas, dissipadas as apprehensões que viveram seculos a zumbir em torno das questões territoriaes, afastadas essas causas de conflictos, removido esse espectro de guerra !

Diz-se que não foi de um republicano essa grande obra. Tanto melhor para provar o acerto dos estadistas republicanos — Floriano e Rodrigues Alves — e a excellencia do regimen que souberam escolher e puderam amparar um grande e esquecido brasileiro na complexa e difficilima missão de demarcar pacificamente, as divisas contestadas do immenso territorio que Portugal nos déra. Bemdito seja esse nome de Rio Branco, raça de homens que augmentaram, por lei e por sentenças arbitraes, com o pai, o numero de cidadãos para o territorio, e como filho, a extensão do territorio para os seus concidadaos.

Mas não foi sómente a legitimação dos territorios contestados que a Republica conquistou. Dentro do possuido, nos seus centros de maior cultura, na sua propria Capital, installára-se endemicamente o flagello que devorava annualmente milhares de vidas preciosas, arruinava a nossa reputação sanitaria e impedia o progredir do paiz, despovoado e falho de recursos accumulados.

Como estabelecer a caudal fecunda que na vida moderna se cria pelo convivio dos povos, na permuta crescente de interesses ?

Onde ir buscar fora dos emprestimos officiaes, a corrente de capitalistas, que representam a cooperação do trabalho accumulado para a creação de novos elementos de actividade ?

Como receber o homem, o maior dos capitaes humanos e a mais instante das necessidades dos paizes despovoados, se o espectro da febre amarella dava aos olhos do estrangeiro á nossa grandiosa Guanabara o aspecto apavorante de um mar de morte !

Congresso e governo republicanos se não detiveram ante os sacrificios ou embaraços ; e á sua voz, a sciencia brasileira, medicos e engenheiros, transformaram as cidades e extinguiram o microbio homicida.

Nenhuma victoria mais bella registra a nossa historia, porque nenhuma foi jámais tão humana nas suas consequencias, nem mais brilhante na demonstração da nossa energia e capacidade scientifica.

Contai quantas vidas o monstruoso flagello devorára durante meio seculo ; imaginai os rios que se formariam com as lagrimas de dôr que elle fez derramar no seio das nossas e das familias estrangeiras ; calculai a noite escura e dolo-

rosa que se formaria sobre nossas cabeças, se o firmamento se vestisse um dia com os tecidos que enlutaram as familias victimadas; pensai nas agonias dos que se foram, na dôr dos que ficaram, no terror desconceituoso do mundo inteiro. Contai, imaginai, calculai — e dizei-me se póde haver gloria maior que essa da nossa sciencia; maior activo que esse, no balanço de um governo. Se outros titulos não tivesse a Republica á estima geral, esse só lhe bastaria para redimil-a dos erros que os seus homens tenham commettido. Porque bom é recordal-o, a excellencia do regimen tem vencido e ha de vencer cada vez mais as resistencias que lhe vêm da educação dos espiritos em outra fórma de governo, por muitos titulos antagonica; da deficiencia na observancia dos seus principios e pela postergação de direitos cujo exercicio é da essencia do proprio regimen vigente.

Quanta queixa sincera, mas injusta, se não ouvirá por esse paiz afóra contra o systema republicano, por actos que o victimam e prejudicam tanto ou mais que aos que d'elles se queixam?

Ainda assim a nação cresce rapidamente cortando o seu territorio com a viação ferrea, apparelhando os seus portos saneados, vendo extraordinariamente augmentada a sua marinha mercante, iniciada a organisação racional da sua agricultura e incomparavelmente augmentada a sua riqueza economica. O mundo lhe vae abrindo logar entre as suas grandes potencias.

Não acceitemos o convite antes de haver organizado republicanamente a ordem interna.

Só é salutar o progresso que brota do desenvolvimento da ordem.

Para que essa exista é mister que haja justiça, não a que decreta mas a que se observa. Justiça nos governos pela exacta observancia da Lei de que devem ser os mais sinceros subditos, justiça no Congresso, organizando a vida nacional sem exigir de cada cidadão maior parcella de sacrificio que a estrictamente necessaria aos serviços nacionaes, abolindo as leis de favores a individuos ou classes e assegurando aos que trabalham a protecção legal, tanto maior quanto mais fraca fôr a condição da pessoa. Justiça nos tribunaes, alheios ás contingencias das luctas politicas, absorvidos e respeitados na magestade dos seus destinos

como arbitros da liberdades, honra e patrimonio dos seus semelhantes.

Isto será a Republica como está na obra dos constituintes.

Assim ha de ser, passando por cima dos erros pessoaes, anniquillando resistencias, attingindo os seus destinos!

Muitos ficaremos no caminho, vergados ao peso dos nossos erros, ou amarrados aos ideaes restrictos de uma comprehensão politica que foi radical, vai sendo conservadora e será amanhã retograda, se não evoluir.

Entre a primeira e ultima, alisto-me resolutamente na segunda. Sou conservador na Republica, tendo para mim que a obrigação dos estadistas é conciliar as tradições do seu paiz com as exigencias da sua época.

Se ficar entre os vencidos não amarei menos o regimen. Como os gladiadores de outr'ora saudando o Cesar omnipotente, os republicanos de hoje devem saber cahir, acclamando os seus ideaes que avançam caminho do futuro. E' para esse futuro que olhamos todos, cheios de esperança.

Elle está agora muito nas vossas mãos, Sr. Marechal.

Digo-vos isto não para lisonjear a vossa vaidade, mas para vos advertir como amigo, das responsabilidades que vos pesam sobre os hombros.

Nesta hora, em que commemoramos a proclamação da Republica, finda o primeiro anno do vosso Governo. Se eu vos dissesse que o percorrestes sem errar, seria um cortezão ; mas posso com sinceridade affirmar-vos que a contingencia d'esses erros não obscurece os vossos serviços, nem diminue a confiança que tivemos no voto que vos demos. E' que a nenhum espirito imparcial poderão escapar as difficuldades da situação que recebestes.

Ellas se manifestaram desde logo na explosão da desordem militar preparada antes do vosso advento, que contava então apenas dias.

Ellas se avolumaram e subsistem na lucta a que assistimos entre opposições que perturbam as suas justas reivindicações com processos tumultuarios e governos que compromettem a sua existencia com a pretenção a um dominio que a opinião, hoje esclarecida e consciente, já não admitte.

Delicada e difficil será nesta conjuntura a vossa e a posição dos homens de responsabilidade na politica nacional,

se olharem e ouvirem pessoas em vez de estudar situações e agir pelo dever.

Nao vos é licito a parcialidade, chefe que sois da Nação, e o maior, por isso mesmo, dos responsaveis pelo seu destino. Ainda se admittem os governos de partido, comtanto que governem para a Nação. Esta é a missão do Chefe de Estado, que não se póde converter em apaniguado de oppressores contra opprimidos, nem fazer-se escada por onde subam os ambiciosos e vaidosos, destruindo governos e situações capazes de bem servir á Republica.

Para decidir em cada caso destes, da acção restricta que constitucionalmente incumbe ao Presidente da Republica, basta que este opponha a resistencia da sua consciencia e a fidelidade dos seus deveres, ás solicitações dos interessados nas contendas politicas. Com esse criterio e com o apoio dos homens publicos e da opinião que vos cercam, confiamos todos que completareis o vosso periodo com honra e benemerencia. Dizemol-o com uma confiança, que se não cega pelos sentimentos de respeitoza amizade, que aqui nos reuniu.

Como penhor desta vos entrego, em nome de todos, as insignias presidenciaes, que amigos vossos desejaram offerecer-vos para que as guardeis, mais tarde como recordação do vosso quatriennio.

Que com ella se guardem a lembrança bem querida dos contemporaneos e o acatamento da historia pelo vosso Governo são, Sr. Marechal, os nossos votos, sinceros e leaes, fortalecidos pela creança na honestidade do vosso caracter, tranquillizados pelo conhecimento do vosso indefectivel amor á Republica.

CADEIRA BERNARDO GUIMARÃES

BERNARDO GUIMARÃES (1825-1884) naceu em Ouro-Preto. Era formado em direito pelo Faculdade de S. Paulo. Exerceu o majisterio e o jornalismo.

Foi poeta e romancista. Publicou, de poezia : *Cantos da Solidão*, *Impressões da Tarde*, *Poezias*, *Novas Poezias*. *Folhas do Outono* ; romances e novelas : *O Ermitão de Muquem*, *Lendas e Romances* : *Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes*, *O Garimpeiro*, *O Seminarista*, *O Indio Affonso*, *A Escrava Izaura*, *Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rey*, *A Ilha Maldita*, *O pão do Ouro*, *Rozaura*, *e A Enjeitada*.

E' romancista intensamente brazileiro pelo sentimento e pelo assunto.

RAYMUNDO CORRÊA

RAYMUNDO DA MATTA AZEVEDO CORRÊA nasceu em 1860 no Maranhão, a bordo do vapor *S. Luiz*. E' formado em direito pela Faculdade de S. Paulo. Majistrado, diretor da Secretaria de justiça em Minas, diretor do Ginasio Fluminense, Secretario de legação, em Lisboa, é atualmente juiz do civel no Distrito Federal.

Publicou : *Primeiros Sonhos*, *Symphonias*, *Versos e Versões*, *Alleluias* e *Poezias*.

MÁL SECRETO

Se a colera que espuma, a dor que mora
N'alma e destroi cada illusão que nasce,
Tudo que punge, tudo que devora
O coração, no rosto de estampasse ;

Se se pudesse o espirito que chora
Ver atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse !

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa !

Quanta gente que ri, talvez existe
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa !

A CHEGADA

Vimos de longe ; o guia vae na frente,
É longa a estrada... Aos rispidos estalos
Do impaciente latego, os cavallos
Correm veloz, larga e fogosamente...

Já extranho rubor inflamma o Oriente ;
Rompe a manhã ; cantam ao longe os gallos...
Que ledo campo entre risonhos vallos
Se vê ! Que fresca matinal se sente !

Eis de uma ponte rustica a passagem :
Abaixo as aguas refervendo bramam...
Está proximo o termo da viagem.

Eil-a a cidade, emfim ; os sinos clamam,
E as casas brancas — que feliz paizagem ! —
Pelo pendor da serra se derramam...

PLENA NUDEZ

Eu amo os gregos typos de esculptura :
Pagans nuas no marmore entalhadas ;
Não essas producções que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura,
Os corpos nûs, as linhas onduladas
Livres ; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas...

Não quero, a Venus opulenta e bella,
De luxuriantes formas, entrevel-a
De transparente tunica através ;

Quero vel-a, sem pejos, sem receios,
Os braços nus, o dorso nu, os seios
Nus, toda nua da cabeça aos pés...

ARIA NOCTURNA

Da janella em que, olhando para fôra,
Bebes da noite o incenso a longos tragos,
Claro escorre o luar... Em sonhos vagos
Atraz da sombra espreita, rindo a aurora.

Longe, uns dolentes, musicos afagos,
Sentes ? Não é o rouxinol que chora
Nas balsas, nem o vento que desflora
A toalha friissima dos lagos...

É elle ; e vaga toda a noite, emquanto
O luar macilento e o campo flores
Tressuam molle e perfido quebranto.

Não lhe ouças, filha, o canto merencoreo ;
Fecha a janella e foge, que esse canto
Vem da guitarra de D. Juan Tenorio.

SAUDADE

Aqui outrora retumbaram hymnos ;
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças hoje abandonadas
Rodou por entre os ouropeis mais finos...

Arcos de flores, fachos purpurinos,
Tronos festivaes, bandeiras desfraldadas,
Gyrandolas, clarins, atropelladas
Legiões de povo, bimbalhar de sinos...

Tudo passou ! Mas dessas arcarias
Negras e desses torreões medonhos,
Alguem se assenta sobre as lageas frias ;

E em torno os olhos humidos, tristonhos,
Espraia, e chora, como Jeremias,
Sobre a Jeruzalem de tantos sonhos !...

O MONGE

« O coração da infancia — eu lhe dizia —
É manso. » E elle me disse : « Essas estradas,
Quando eu, novo Elizeu, as percorria,
As creanças lançavam-me pedradas. »

Fallei-lhe então na gloria e na alegria ;
E elle — alvas barbas longas derramadas
No burel negro — o olhar sómente erguia
A's cerulas regiões illimitadas...

Mas quando eu lhe fallei no amor, um riso
Subito as faces do impassivel monge
Illuminou... Era o vislumbre incerto,

Era a luz de um crepusculo indeciso
Entre os clarões de um sol que já vae longe
E as sombras de uma noite que vem perto.

PEREGRINA

I

Zagaes do monte que um lindo
Rebanho estais a guardar,
— Essa em pós da qual vou indo,
Acaso a vistes passar ?

Fonte entre seixos filtrada,
— Não veiu ella aqui beber ?
Florinhas que orlais a estrada,
— Não vos veiu ella colher ?

E vós, peregrino bando
De andorinhas a emigrar,
— Essa em cujo encalço eu ando,
Não na vistes vós passar ?

II

Sem responderem, lá se iam
As adorinhas pelo ar ;
E as florinhas não sabiam
Resposta nenhuma dar ;

E a agua corrente da fonte
Corria sem responder ;
E os pobres zagaes do monte
Nada sabiam dizer.

Mas, no fim da estrada, havia
Uma pedra tumular :
Esta, ai ! sim, responderia,
Caso pudesse fallar.

FABORDÃO

> **Felizmente p'ra Don' Anna !**
> **Felizmente p'r'o marido !**

Na sisudez de Don'Anna
Só o esposo se não fia :
Com ciosa mão tyranna
A imbelle dama opprimia.

Retida em casa, Don'Anna,
Qual num carcere, vivia ;
E ahi, cerrada a ventana,
Da rua ninguem na via.

Certo innocente, Don'Anna,
Taes tratos não merecia.
O esposo... Ella o não engana :
E elle porque desconfia ?

D'este a suspeita vesana
No ciume se accendia ;
Mas dos olhos de Don'Anna
Ciumes quem não teria ?

Felizmente p'ra Don'Anna,
Como tudo cessa um dia,
Elle, alfim, se desengana
E a confiar principia.

Principia elle em Don'Anna
A confiar : principia
A espairecer a leviana
Celimene, á luz do dia...

Em novos ares, Don'Anna
Sólta o vôo á phantasia ;
Nos bailes reina e se ufana
Dos chichisbéos que extasia.

Aos seus feitiços Don'Anna,
Como cumplices, allia
O leque com que se abana,
A flôr com que se atavia...

Gyra, doideja Don'Anna
Incauta assim... Todavia,
A maledicencia humana
Por traz da rótula espia...

A maledicencia humana
Observa, espreita, vigia,
Segue os gyros de Don'Anna,
E descobre o que queria.

Qual mariposa, Don'Anna
Cáe na teia, que lhe urdia
A caranguejeira humana,
Com visguenta hypocrisia.

E, a boquejar em Don'Anna,
Ninguem despertar temia
Do Othello a colera insana...
Que horror ! se elle o sabe um dia !

Em vez da colera insana,
O contrario... Quem diria ?
(Felizmente p'ra Don'Anna !)
O contrario succedia.

Em alta voz, da leviana
Já muito mal se dizia :
Só o esposo de Don'Anna
Era surdo, ou nada ouvia !

Toda a gente, da leviana
Os amores conhecia :
Só o esposo de Don'Anna
Era cego, ou nada via !

Só o esposo de Don'Anna
Nada via, nem ouvia,
Cego e surdo ; e bem se engana
Quem pensar que elle fingia.

Suspeitára de Don'Anna,
Quando ella bem procedia ;
E agora, sim, que ella o engana
Agora é que elle confia.

FLOR DE LOTUS

No momento em que eu, para aclarar o quarto, abria a janella que deita para a estrada, a bafagem matinal me soprou contra o rosto (pareceu-me) um pouco de cinza, da pulverulencia talvez, ou do sinereo pollen de alguma flor escura, ou do que quer que a isso se assemelhava.

Aqui está numa insignificante casualidade o que me suggeriu a idéa de compor este conto, que afinal tem mais relação com aquelle facto, do que póde parecer ao principio. E eu compul-o com os retalhos multicolores do sonho que me havia agitado durante a noite no meu solitario e frio leito ; frio, porque solitario.

Certo radjah tinha uma filha... Foi isso no Pandjab, ou em Malouah, ou em Radjepoutana, ou não sei bem com precisão onde isso foi. Decididamente foi, porém, em algum desses fantasticos paizes da India cisgangetica, sobre os quaes tão sublimes passagens se encontram em varias legendas brahmanicas.

O caso era que, junto á filha do radjah, as mais formosas dentre as donzellas da mesma casta se sentiam offuscadas. Surgia aquella, descoravam estas a olhos vistos, tristemente assistindo ao eclipse dos seus proprios encantos, pois que a nenhuma era dado emular com ella em formosura e brilho. Assim, mergulhando na larga resplandecencia do astro glorioso, arrefecem, e apagam-se, umas após outras, as pequeninas estrellas-myriades de fachos cahindo no mar... Tremulos asteriscos de luz muito longinqua e frouxa, que dessas noites tropicaes apenas o docel aromado e morno arreiam, que é dellas mais, das pequeninas. das frias e desmaidas estrellas, quando, sobre torreões de nuvens, a minaretes de ouro e purpura assoma o sol ?

Pois, em verdade, essa a que eu me refiro, era o sol da belleza oriental ; e muito escusado seria ir procurar além della, em outro clima ou região diversa, um typo mais cabal e perfeito de semelhante belleza, que nenhures se poderia achar.

Ideae agora um talhe airoso e gracil, copiando na cle-

gante flexura o da mais esbelta palmeira, salvo que a copia excedia muito em excellencia e primor ao respectivo original; uma nobre postura, umas gentis maneiras, e um andar tão cheio de garbo e magestade, como o de um joven elephante, para me servir assim de uma imagem vedica; uns melindrosos contornos abronzados a transfulgir sob a leve musselina solta e ondulante que, discretamente embora, nelles se modelava, desenhando-os com voluptuosa fidelidade; e ideae tudo o mais emfim, que é bem menos facil á gente exprimir do que idear.

Ajuntarei entretanto que o luar negro dos seus olhos alienava os sentidos e que a harpa indefinivel da sua voz raptava o espirito, porque olhal-a ou ser por ella olhado era uma fascinação e beber-lhe a fala um extasis.

Ajuntarei ainda que o nome della éra suave e mellifluo como o dos eleitos de Vischnou. Para melhor ouvil-o, a alma se devia concentrar e resumir toda na orelha, emquanto esta se dilatava para o sorver com avidez, mas demoradamente, num prolongado deleite; por que esse nome era de uma pronunciação singularmente agradavel pelo cadenciado das syllabas posto que fosse menos susceptivel de ser articulado, do que de ser suspirado, deslizando pelos labios num murmurinho, como um cicio quasi, e tão doce em summa, que a briza de Manaar impregnada de vetyver e canella não ciciaria mais doce.

E como escrever esse nome aqui? Talvez que por meio das notas de musica se podesse dar graphicamente uma idea aproximada delle; por meio de caracteres alphabeticos seria impossivel.

Onde quer que se achasse, todo o ambiente se enchia de um effluvio castissimo, respirando o ineffavel incenso, que o seu ser vaporava. como si mysticas roseiras trescalassem invisiveis no ether limpido e fresco.

Caminhava ella, e o rythmo do seu passo, parecia resoar no azul solemne a marcha fantastica dos anjos, emquanto por seu turno um não sei que de indefinidamente sagrado, que lhe fulgurava no aspecto, como que se ia reflectindo transitoriamente sobre todos os objectos exteriores. Era como si ella, de passagem, transmitisse à tudo de redor um pouco de si mesma, da sua celestial essencia, em fluidos ou particulas imponderaveis; purificando o golpe de vento que no banho lustral e balsamico dos seus cabellos se vinha

desalterar, embebendo-se na sua fragrancia; ferindo com um talisman divino de novas e extranhas tonalidades a luz circumfluente; santificando a tenra graminea que acaso em caminho calcasse, ou o pequenino seixo que rolasse á percussão do seu pé; sagrando o molle e fofo tapete das cactaceas resequidas e as crepitantes palmas de coqueiros que lhe juncassem a estrada; benzendo a folha, a borboleta, a lagarta; e irrorando de bençãos a tudo enfim, vivente ou pedra, voante ou rasteiro, que por ventura a tocasse, ou fosse por elle tocado.

Como doira e illumina o sol a todas as coisas sobre que se espalha, assim a todas as coisas ia ella emprestando, ao passar, um lampejo da sua aureola; de maneira que, a um toque seu, nenhum ser, por mais humilde que fosse, deixava de participar, ainda que momentaneamente, de um quinhão maior ou menor do que nella havia de olympico e sagrado. E, ao influxo prospero e fervente das suas graças, tudo estremecia em volta, miraculosamente repleto e saturado della.

Tambem, por onde passasse, entre os vassalos fieis do radjah, só se viam, de uma banda e de outra, cabeças curvadas para o chão, espinhas dobradas em arcos e joelhos em terra, longas alas de genuflexos adoradores, similhando extensas fileiras de *zêz;* como si fosse uma deusa, a propria filha dilecta de Brahma que assim se patenteasse a uma multidão palpitante e fanatica de crentes.

Mas, occultos sob essa apparente veneração, que incendio voraz de peccaminosas paixões, em muitos peitos talvez, não faria involuntariamente lavrar á sua passagem, a pulcherrima donzella intemerata e casta.

Nem os myrtos de sua grinalda virgem eram immarcessiveis, nem o sagrado caracter que a revestia se achava isento de todo o perigo, quando ella transitava assim, com tão ingenuo destemor, entre aquellas ondas vivas do mundano lodo agitado.

Como não era uma deusa, como não era a esposa de nenhum radjah do ceu, mas simplesmente a filha de um radjah da terra, é preciso tambem com respeito a ella attender ao reverso de toda a medalha humana, porquanto somente a deusas, e nunca a mortaes mulheres, é dado accenderem paixões sem o risco de se queimarem nas labaredas que ateam.

Si por um lado a magica e fascinante princeza tinha essa virtude communicativa de ir transmittindo a esmo, em luz, calor e aromas, uma pouca da sua propria essencia a tudo quanto estivesse em torno de si, por outro lado infelizmente não era inaccessivel ás contaminações do mundo exterior.

A inviolabilidade da sua casta e jerarchia não tinha a dura resistencia do diamante, sinão a friabilidade do vidro; nem lhe resguardava o immaculo candor como coiraça forte e sem defeito, sinão como cupola de crystal purissimo, que o mais tenue halito empanaria, e que o menor embate faria em pedaços.

Demais, para a completa profanação de tão melindrosa virgem não era mister o contacto : um gesto, uma palavra, um fugitivo pensamento impuro seria bastante para polluil-a, porque em um simples pensamento mesmo havia pelo menos a possibilidade metaphysica de uma violação. Tudo isso era muito conforme á moral transcendente dos brahmanes e dos sapientissimos doutores versados nos quatro livros dos Vedas.

Uma tarde, porque ella caminhava na direcção do poente e a sombra do seu doce vulto se ia alongando sobre o caminho, as famulas de sua comitiva seguiam-na um pouco afastadas, mantendo-se reverentemente a certa distancia, para lh'a não pisarem, bem que a sombra nunca possa ser pisada sinão pelo mesmo corpo que a projecta, visto erguer-se e desdobrar-se sempre sobre qualquer outro que se lhe sobreponha : tal como o cão que se não deixa fustigar sinão pelo proprio dono.

Nesta occasião foi que um tchaudala, conta-se, surgiu inesperadamente de algum esconderijo vizinho, e, prosternando-se aos pés da inviolavel donzella, ousou beijal-os.

Por mais execraveis que pudessem ser os intentos sacrilegos do monstro, a execução não foi alem desse beijo; mas, tivesse se limitado elle a tocar-lhe apenas de leve a orla roçagante das vestes com o labio ou com a ponta dos dedos, isto seria de sobra para que se julgasse consummada a affronta.

Quando se considera que um tchaudala não era propiamente um homem, mas um ser abjecto, tão asqueroso como os animaes que se nutrem de cadaveres, bestas mortas e outras immundicias, e cujo contacto era tão repulsivo como a

elephantiasis e a lepra, pode-se avaliar com justeza a escandalosa gravidade de um tal acontecimento.

Urgia a effectividade de uma punição exemplar em que se devesse ter muito em vista a alta categoria da offendida, a desprezivel condição do offensor e a irreparabilidade da offensa.

Reuniu-se logo em sessão plena o supremo conselho julgador composto dos mais eminentes brahmanes e radjepontes, ou magnates do paiz ; e, como em conjuncturas dessa ordem, era excusado cada cabeça ter a sua sentença, foi unanime o voto à que o severo radjah deferiu de prompto sobre a sorte do criminoso: — punil-o de tortura e de morte, não só nos orgãos ou membros de que se houvesse realmente servido para delinquir, mas tambem nos outros membros ou orgãos com o auxilio dos quaes teria hypotheticamente delinquido, e, depois de esquartejado em regra, dal-o como pasto ás feras necrophagas.

Em consequencia dessa condemnação, os algozes encarregados de estrictamente a executarem, começaram por queimar á victima os cabellos e todos os pellos do corpo, chamuscando-o dos pés até á cabeça com ardentes archotes embebidos em breu e outras resinas combustiveis. Em seguida passaram á mutiladação dos orgães, e de tal modo e com tanto escrupulo e pericia se houveram nessa tarefa, cortando, furando e trucidando, que, pouco depois, no rosto adusto e fuliginoso do miseravel semivivo ainda, em lugar de olhos, nariz, bocca e orelhas, já não se viam mais do que seis buracos hediondos, sanguilonentos. E afinal tendo-o feito em fatias, deixaram-no ao pé de um tremedal infecto abandonado á gana immunda dos chacaes e dos abutres.

Quanto á formosa donzella, tão formosa, quão desventurada, aquelle atroz e deshumano supplicio em nada podia aproveitar á sua pureza para todo o sempre perdida. Jamais se apagaria o labéo que a infamára, embora sem culpa sua. Não havia no culto nem ceremonias nem abluções que a purificassem. Para a picada venenosa de um aspide ha remedio ; mas o osculo do tchaudala é como a baba visguenta e corrosiva de uma calumnia que nunca se lava. E isso não deve parecer extraordinario ante as subtilesas da moral seguida em tal paiz, quando em varios outros do mundo, onde se professa uma moral menos inconsistente, muita vez se tem como irremessivelmente perdida

a mulher virgem que é calumniada, ao passo que o mesmo não acontece á que não é calumniada... nem virgem.

Pois que a religião prescrevia a perpetua reclusão das mulheres assim profanadas, o radjah, austero ritualista e menos pai compadecido que juiz inexoravel, fez enclausurar a filha no pavimento superior de uma torre isolada, que especialmente para esse fim mandara construir, em pyramide quadrangular, com espessas muralhas, toda marchetada por fóra de scintillantes saphiras e rematada por uma flexa de ouro, fina e aguda, traspassando o ar, e que allumiava tanto, de dia e de noite, como si fosse um raio fulvo do sol que ali se tivesse encravado e partido

Essa torre, levantada sobre um rochedo muito alto, tão alta era já por si só, que em cima della se teriam as estrellas do céo ao alcance da mão, e bem assim as mais remotas nuvens da tarde, — essas nacaradas, vespertinas nuvens que, como floccos de algodão carmineos, se lhe ennovelavam em torno e, rasgando-se e despedaçando-se ás vezes na ponta luzente da flexa, em roseos farrapos iam descendo para a terra, de onde nenhum rumor subia...

Rumor nenhum, com effeito, chegava ali aos ouvidos da triste encarcerada, a não serem, na estação borrascosa, o mugir dos ventos e o estalar das procellas, e, na ridente quadra hirundinea, o ledo gazullar de emigrantes aves, que alli arribavam vindas de longe — eternas mensageiras do bom tempo.

Naquelle extranho carcere apenas um feixe de sol com vagos tons azulados se coava por uma estreita fresta, como um pequeno rectangulo, aberta do lado occidental da torre e de onde em dias limpos se descortinava alem, muito abaixo um descampado, immenso páramo, que só o horizonte visual limitava, parecendo a tamanha distancia inteiramente ermo de homens, bichos e cousas, e cortado ao meio pela linha branca e interminavel de uma estrada que persistentemente o ia riscando, riscando, até se perderem ambos de vista, engolfando-se e sumindo-se ao mesmo tempo no infinito...

Ali se finava a infeliz princeza mergulhada em funda desolação e amargas lagrimas.

Nunca mais deveria pompear — niveo lotus sem macula — entre as donzellas intactas do seu sequito, a quem outr'ora offuscára, como um sol, nas festas da sua nubilidade!

Nunca mais em aurea tripode veria immolar-se á sua pureza e candor a imbelle pomba symbolica! Nunca mais afortunados guerreiros, os briosas chattryas, para bem merecerem della, porfiariam em melhor saciar-lhe a feminil cobiça, colmando-a de sedas e cachemiras finissimas, joias e arrecadas raras! Nunca mais enfim nenhum principe insigne da sua casta lhe viria trazer o annel e o beijo esperado das nupcias. Nunca mais! Nunca mais!

Mas a noticia do caso chegou até as populações mais afastadas do Occidente. Essas populações tinham tido tambem as suas castas, os seus thchaudalas, os seus brahmanes e os seus ladjahs, mas depois que o espirito de igualdade industrialista e pratico, dissecando e despoetizando a vida, lhes cortara o vôo á fantasia, cada uma daquellas coisas foi sendo abolida por sua vez, e mesmo os seus proprios radjahs, que eram reis de manto de purpura e sceptro de ouro, não puderam ser tolerados mais senão nas cartas de jogar.

Todavia, em um meio assim, tão arido e secco, propicio apenas ás mollezas do sensualismo egoista e onde as chimeras não encontrariam agazalhos sinão nas casas dos doidos, um doido houve, alma intrepida entretanto, sonhadora e manceba, a quem a sorte da destitosa donzella logrou commover vivamente.

Era um visionario que no encalço de uma utopia azul ia fumando e consumindo a existencia, coração morbido e atormentado, que se gozava do seu proprio tormento, cerebro escaldado a arder e a convulsionar-se entre os gelos do indifferentismo ambiente, como um volcão sob a neve; e parecendo não ter nenhum outro ponto de tangencia com o mundo real onde vivia, sinão os pés com que mal lhe roçava a superficie, de leve e passageiramente, como a aza de uma andorinha a flor de um lago, sempre de rota-batida atraz do ideal sorridente que lhe enamorava o olhar e lhe fugia.

Via-se nesse bello sonhador, exoticamente renovado e reflorescido, o romanesco typo do antigo cavalleiro andante, que em busca de uma aventura não se recusaria a cavalgar o seu hippogrypho para dar uma volta ao globo, digladiando-se com heroes e gigantes que se lhe atravessassem em caminho; e, como a historia da filha do radjah fizesse rebentar com vehemencia em seu seio uma excentrica paixão pela peregrina virgem indiana, concebeu logo o plano descommu-

nal de transportar-se a essa fantastica região do Levante, onde o objecto da sua paixão o attrahia e chamava, e, combatendo impossiveis, exterminando dragões, minotauros e monstros, arrancar á sua clausura de saphiras a formosa princeza, libertal-a e desposal-a até, elle que era um principe tambem, principe sim, lá em um reino encantado e desconhecido, que para si só intimamente creára, para o seu exclusivo imperio e delicias.

Como se vê, o mais difficil seria concebersimilhante plano: mas uma vez concebido, a execução era facilima. Para isso só lhe bastavam duas cousas : uma espada e um cavallo. Pois bem ; muniu-se da primeira, montou-se no segundo e partiu a galope, como o heroe manchego, mas só e sem escudeiro, em direcção ao Oriente para ir colher em um paiz de mais sol e de mais flores, a mysteriosa flor do lotus, a flor mystèriosa da illusão e do sonho.

Partiu, e aqui precipita-se a acção, como o galope veloz do ginete em que foi : porque uma tarde...

Uma tarde em que a maguada princeza, pelo estreito postigo do seu carcere azul e através do prisma das lagrimas, contemplava com tristeza a immensa paisagem abaixo a esbater nas ultimas tintas do dia, lobrigou alem, muito além seguindo a linha alvacenta da estrada, um como argueiro que se movia indistinctamente ao principio e que pouco a pouco foi crescendo, crescendo, aproximando-se, avolumando-se... Mas antes que aquelle argueiro se virasse no cavalleiro, que a vinha raptar, as sombras da noite corraram-se de todo, e nada mais se viu...

Momentos depois, porém, um formidavel estrondo, como o de um trovão, abalou pavorosamente a torre desde o cimo até a baze. O cavalleiro, tendo chegado a termo da sua audaciosa empreza, apeara de um salto e, galgando com a rapidez de um relampago as escarpas do rochedo, rasgára com o punho da espada um largo rombo no muro massiço da torre, onde o seu amor jazia trancado.

Como quem apalpa emfim a realidade de um sonho por tanto tempo e com tanto ardor sonhado, assim anhelava elle, com o coração a debater-se-lhe no peito no desespero louco de um passaro decapitado, e o habito em fogo, attonita e alucinadamente ao brando contacto de um melindroso e quabradiço corpo, corpo adoravel de virgem, que desmaiado e frio lhe resvalou entre os braços. Depois, sus-

tendo e acalentando nestes com carinho o precioso fardo, e apertando-o contra si mais e mais, como para o aquecer e reanimar ao calor do seu sangue e da sua paixão, cavalogu novamente o alipede corcel, que partiu de regresso a galopar pela noite a fóra...

Urgia assim regressar, fugir sem perda de tempo, de modo que, antes do sol surgir outra vez, estivesse bem a salvo com o seu thesoiro, muito longe daquelle paiz onde o fôra roubar, e tão longe que não no pudessem mais perseguir para o rehaverem delle.

E o cavalho, participando da vertigem e da febre do seu cavalleiro, deslocava-se veloz a todo o galope, numa carreira electrica e fantastica, por extensos caminhos enluarados, varando a solidão augusta, cheia de trilos e murmurios mysteriosos, suarento, arquejando, nitrindo, lavados em nivea escuma os freios de prata, mas sem parar, sem parar...

Nem parava o cavallo, nem cessava o cavalleiro, na insania daquelle delirio, de estreitar contra si, contra o seu coração, aquelle busto frio e desfalecido de virgem, mas, ah! com tanto fogo e extremo tal de paixão o fazia, queimando-o, carbonizando-o, calcinando-o ao contacto do seu peito em brazas, que, quando o sol surgiu de novo entre as nevoas do alvorecer, como entre rotos veus de musselina esparsos, so lhe restava do seu pobre amor uma fragil braçada de cinzas, que o primeiro bafo cheiroso da manhã dispersou nos ares...

Foi um pouco dessas cinzas talvez, que a lufada matinal me soprou contra o rosto, quando eu abria a janella, que deita para a estrada...

OSWALDO CRUZ

Oswaldo Cruz, um dos nomes mais gloriosos da siencia brazileira, foi eleito academico em 1912. E autor de numerosas monographias scientificas de alto valor, que versam sobre hygiene, bacteriologia e outros assumptos technicos.

ALLOCUÇÃO

PROFERIDA DIANTE DO IV CONGRESSO LATINO-AMERICANO QUANDO LHE OFFERECERAM OS MEDICOS BRASILEIROS UMA MEDALHA EM HOMENAGEM, E COMO LEMBRANÇA PELO SANEAMENTO DO RIO DE JANEIRO.

« Senhores !

« Não transparecesse com toda a nitidez o significado da alta distincção que acaba de ser feita ao nome de quem tem a honra de, agora, vos dirigir a palavra e, certamente, estaria elle acabrunhado sob o peso de tão elevado preito a que, em verdade, não poderia resistir a pouca monta de seus meritos pessôaes. Mas, esta brilhante homenagem não se endereça, está patente, á personalidade de quem, em virtude de nossas disposições legaes, está obrigado a representar, para todos seus effeitos, as corporações que dirige, sinão a estas mesmas corporações, que por titulos diversos se têm recommendado, de maneira immorredoura, á gratidão nacional.

Com effeito, na esphera administrativa, a Directoria Geral de *Saúde Publica*, e, na scientifica, o *Instituto de Manguinhos*, têm realizado obras de tal valor que digno delles é o applauso que hoje lhes traz a illustrada classe medica do Brazil, á qual como requinte de gentileza se associaram os sabios representantes das delegações latino-americanas ; e assim o fizeram com as palavras captivantes que acabamos de ouvir e que tão alto repercutem em nossos corações de brazileiros.

Quem de perto conhece a dedicação daquelles que tomaram a si a grave responsabilidade do saneamento do Rio de Janeiro ; quem os vê levar até ao extremo o cumprimento do dever, quando o exigem as necessidades de momento ;

quem presenciou o enthusiasmo patriotico com que se dedicaram à campanha de eradicação da febre amarella, ao mesmo tempo que mostravam a mais admiravel resignação evangelica, deante das difficuldades obstaculos da intolerancia, e injustiças que a todo momento se lhes levantavam ; quem tudo isto viu, bem póde comprehender o nobre impulso que vos dictou o procedimento que para com elles, hoje, tivestes. Explica-se e altamente se justifica que tivesseis querido envolver na mesma atmosphera de louvores aquelles queridos companheiros, que, nesta casa, modestos, afastados do bulicio da cidade, tendo renegado a todos os prazeres da vida, consagram a existencia toda, até as proprias vigilias e os momentos sagrados do conchego á familia, ao levantamento e á consolidação do nome scientifico de nossa Patria, collaborando na medida de suas forças com aquelles, que, entre nós, abraçaram o mesmo ideal.

Senhores ! si esses devotados patriotas enfrentaram, por vezes, maguas e desgostos, acharam hoje certamente para elles o lenitivo necessario na tão carinhosa quão significativa manifestação de solidariedade que lhes fizestes na pessôa de quem, por lei, os representa.

Saberei receber esse preito para o transmittir em toda a inteireza aos meus companheiros, não reservando para mim senão a gloria e a honra d'essa mensagem.

Obrigado ! pois, por elles e por mim ».

CADEIRA TAVARES BASTOS

Aureliano Candido Tavares Bastos (1839-1875) naceu em Alagoas. Foi deputado e secretario de missão especial no Rio da Prata. Escritor politico de muito valor. Deixou publicados : *As Cartas de um solitario*, sua melhor obra, e a mais citada ; *Os males da atualidade e as esperanças do futuro*, *O Vale do Amazonas*. *A opinião e a coroa*, *Carta politica ao Conselheiro Saraiva*. *A Provincia*, *Estudos sobre a descentralização administrativa no Brazil*, *A Reforma eleitoral*, *Momoria sobre a emigração*, alem de muitos trabalhos esparsos em jornaes.

RODRIGO OCTAVIO

Rodrigo Octavio de Langaard Menezes naceu em 1866 em Campinas. E' formado em direito pelo Faculdade de S. Paulo. Advogado, lente da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, secretario da Embaixade do Brazil á Conferencia da Haya, Delegado o Congresso Internacional sobre Letras da Cambio. Poeta e prozador. Publicou : *Pampanos* (poezias), *Poemas e Idilios*, *Sonhos funestos*, drama em verso ; *Aristo* e Bodas de sangue, novelas ; Festas nacionaes ; Felisberto Caldeira, cronica colonial ; A Balaiada, monografia historica ; *Dominio da União e dos Estados*, e outras monografias sobre direito.

O ULTIMO BEIJO

Enchendo o Colizeu, a plebe dissoluta
De Roma espera ancioza a sanguinaria luta
Dos mizeros christãos com as féras carniceiras.
Cesar está prezente. As luzes derradeiras
Do dia vão logar ás trevas dando, e a noite
Vem para que este crime enorme ao mundo acoite.
Arde em meio da arena um facho, a misterioza
Sombra espancando em torno ; a um lado, a lacrimoza
Turba está dos christãos ; nem sùplica se eleva,
Nem a voz de um perdão soluçada na treva
Escuta-se ; sómente em cada olhar o pranto
Brilha como uma estrela ornando o etereo manto.

Urra o povo, porèm, pelas arquibancadas ;
Tarda a luta demais. O pranto ás gargalhadas
Contrastam e a blasfemia ecôa. De intervalo
A intervalo, uma chama, á boca de um cavalo
De bronze preza, luz vermelha em torno espalha.
O povo se diverte. Entretanto, na palha
Fria, humildes estão os tristes penitentes,
Em silencio deixando as lagrimas ardentes
Correrem pela face, e o triste olhar magoado
Volvendo para o céu de estrelas recamado.
Recrudece o furor em roda, o povo exulta !
A hora se aproxima e toda a turba-multa
Um fremito percorre e subito da terra,
Do intimo, do solo estrondo se ouve : berra
Um leão, e pronto cessa a vozeria em roda !
Toma-se de pavor a arquibancada toda.
Outro berro, outro ; apóz, o silencio domina,
Apenas no brandões o estalar da rezina
Se ouve. Mas, pouco dura o silencio, de novo
Urra a turba em furor, grita exultando o povo.

Palido, o Imperador, do camarote á frente,
A ensanguentada cena espera anciozamente,
A mão no grosso gladio entresachado de ouro.
Forra-lhe o camarim todo um rejio tezouro
De baixelas de prata e purpura e brocados,
Peles de leões da Hircania e de tigres mosqueados
Do Indostão, e corais e perolas e gemas
Tauxiando o trono em meio ás ricas plumas de emas.
Aumenta-se o furor e Cesar que comece
A luta ordena. — Irmãos, a derradeira prece
Enviemos a Deus ! — Tal voz se ouviu do meio
Do bando sofredor ; e um velho, as mãos ao seio
Em cruz levando, ergueu-se ; os mais, ao ceu volvendo
O lacrimozo olhar, olhos que estavam vendo
Pela ultima vez o brilho das estrelas,
Murmuraram, chorando, umas preces sinjelas.
Ora, havia tambem entre o bando tristonho
Dos christãos, um cazal amante, ao qual, rizonho,
Ha pouco estava aberto o caminho ; a quimera
Apenas começára, em luz a primavera
Brilhava ; era tão doce a vida e tantas flores

Havia ; tanto sol, tantas aves de cores
Belas e bela voz, tanto perfume doce,
Tanta harmonia, assim, como se a terra fosse
Toda uma orquestra ! como era saudoza a vida
Tão pouco aproveitada, e ai, tão cedo perdida !
E vão morrer os dois ! Não rezam entretanto :
Ella revê-lhe o olhar, toda banhada em pranto,
Elle o olhar lhe revê, todo em pranto banhado,
E um, entre os braços do outro, um beijo prolongado,
O ultimo beijo, sorve em extazis...
E o bando
Fulvo dos feros leões invade a arena, urrando...

A UMA NOIVA

A grinalda de flor de laranjeira
E o transparente veu de noiva, em breve
Hão de envolver-te a fronte como a neve
Envolve o galho em flor de uma rozeira.

Vais te cazar. Que sejas companheira
Economica e boa como deve
Ser quem foi, como foste sempre, e teve,
Como tiveste, em rizo a infancia inteira.

Nem tenhas tempo para ter saudades
De outros dias peiores e diversos...
(Porque, passado, o espirito me invades !)

Vive e teu noivo na ventura imersos,
Que só venturas e felicidades
Levam-te as azas estes pobres versos.

CALMARIA

Profunda calma em derredor ; em cima,
No alto, no ceu, profunda calma ; em torno
Cantam os ondas mansamente ; morno
O ar peza como em africano clima.

Não tanje o vento a costumada rima
No cordame ; dos mastros, como adorno
Sem vida, as velas pendem, e o contorno
Vê-se das serras que o luar encima.

Proxima a terra : os coqueirais sombrios,
Como espetros fantasticos, esguios,
Vestem a curvatura azul do porto.

Nem uma arajem corta o espaço mudo,
Sómente a lua, calma, sobre tudo
Abre o parado olhar, sem brilho, morto.

OUVINDO BEETHOVEN

(SONATA-24-OP. 13)

Quando os teus dedos habeis, do teclado
Eburneo arrancam as celestes notas
Dessa muzica extranha, eu sou levado
De um triste sonho ás rejiões ignotas.

Deixo o mundo ; só tu vens a meu lado,
Tu sómente e deixando em baixo grotas,
Serras, cidade, fujo,ascendo, alado,
Da fantazia pelas invias rótas.

E vejo um sol na tela purpurina
Do ocazo, e subo ainda, penetrando,
Alfim, do ceu no páramo profundo.

E então escuto, pávido, a arjentina
Voz das estrelas tremulas, falando
Sobre as couzas tristissimas do mundo...

RAUL POMPEIA

SAUDADES E EVOCAÇÕES

De uma vez que Pompeia, por um domingo de manhan, me apareceu na *republica* para juntos fazermos o habitual passeio pelas colinas que cercam a glorioza Paulicéa das tradições academicas, informei-o de que o bairro, a Consolação, havia despertado sobre a noticia sensacional de uma trajedia.

Um italiano, que nós ambos conheciamos, muzico e mestre de uma pequena orquestra ambulante, havia dado, pela madrugada, cabo da existencia. A caza do suicida era fronteira á minha, e, antes de fazermos nosso caminho,

penetramos nella, e, entre grupos de curiozos que entravam e saiam atravancando o corredor, chegamos ao quarto do morto. Em torno do leito vimos, taciturnos, os figurantes da pequena orquestra, companheiros cujo semblante, numa expressão comovedora, traduzia um mixto de consternação e de surpreza.

Tinham sido abertas as janelas todas do quarto e a viva luz da manhan, muzical e perfumada pela vizinhança de uma grande chacara onde passaros cantavam nas murteiras em flôr, punha em toda a evidencia os minimos detalhes da cena. Sobre a borda de um leito pobre, de madeira, via-se o corpo inanimado do infeliz ; o tronco sobre o colchão, as pernas caidas para o soalho. A policia ainda não havia tomado conhecimento do fato, de sorte que o corpo se achava na mesma postura em que o suicidio se efetuára.

O mizero se havia servido, para a realização do dezesperado intento, de uma espingarda a cujo gatilho atára uma corda que pela outra ponta estava amarrada a um dos pés. Por essa fórma, colocando o cano da arma sobre a fronte, pela rapida distensão da perna, a operação se deu do modo mais horrivel.

Toda a parte superior e posterior da cabeça foi dezalojada. A vizajem do pobre homem aprezentava o aspeto de uma simples mascara, sinistra, contraida numa doloroza expressão de angustia e de pavor, olhos abertos, boca ensanguentada.

Fujimos os dois á contemplação d'aquelle espetaculo aflitivo, e uma vez na rua, puzemo-nos a andar, para frente, sem dizer palavra, cada qual ruminando comsigo a filozofia que a impressão viva do cazo ia sujestivamente dezenvolvendo no espirito. Foi longo o silencio. Quando chegamos á altura do Bexiga paramos instintivamente. Era esse um dos nossos pontos habituais de descanso.

Realmente o panorama em deredor convidava á contemplação demorada. Em baixo, apenas vivo do crespo franzido da viração, o açude jazia entre as colinas verdes, reproduzindo a passajem silencioza das nuvens, e a um lado, por onde a varzea se estendia serpeada pelo Anhangabahú, lavadeiras batiam roupa nas pedras da marjem, algumas entoando cantigas monotonas. No horizonte, de uma parte, os fundos das cazas da cidade desde a Consolação até a Liberdade, em sobrado, sobre a vejetação dos quintaes que se

alongavam pelo morro abaixo e, do outro lado, o suave perfil das colinas até a sombra espessa dos salgueiros do cemiterio, ascendendo para o espaço numa lutuoza expansão.

Ai paramos e Pompeia disse: — Não era um artista aquelle diabo de homem que se matou...

Sobre esse conceito inicial, cuja significação só em seguida compreendi, a conversação se estabeleceu.

Não era o fato do suicidio que preocupava meu companheiro. O suicido, em ultima analize, é uma solução, e é tolo entretecer em torno delle considerações filozoficas ou morais, porque, mesmo quando no suicidio se veja uma dezerção covarde, para o praticar ainda assim é mister uma corajem de que nem todos são capazes.

E o certo é que mal se pode avaliar a luta que se deve travar no espirito do homem que, em meio de uma grande crize psicolojica, chega ao suicidio como a solução que se lhe afigura necessaria e unica. Não, o suicidio é apenas uma solução. Boa ou má, porém, solução, e que ao menos para quem a toma, derime todas as dificuldades, apaga todos os sofrimentos.

A Pompeia não era o fato do suicidio que preocupava.

Compreende-se que um homem se mate, que abra mão do direito de continuar a viver até o dia em que tenha de deixar o mundo a pezar seu; mas não se compreende que o animal inteligente e concientese deforme, quebre por vontade o complexo harmonico de linhas e fórmas que constituem a cabeça. Ser belo, sempre belo, mesmo depois de morto, emquanto a contemplação do morto se permite aos vivos... Não era um artista aquelle italiano muzico e tão apaixonadamente possuido da sua arte. Si o fosse teria tido o cuidado estetico, derradeiro cuidado, de não tornar repulsiva a morte pela ostensiva exibição de uma chaga compunjente...

É precizo guardar a iluzão até o fim, até para depois de nós.

Alem disso, é precizo ainda respeitar a cabeça, a séde superior dos conhecimentos humanos. O homem vive pelo cerebro. Quando o cerebro se enfraquece ou morre, o homem diminue e torna-se ridiculo. Nunca ferir o cerebro. Deve a morte vir pelo coração. O coração é o centro da vida animal. É pelo coração que deve a morte ser buscada.

A reminicencia perdida em mim deste pequeno epizodio, velho de onze anos, voltou-me nitida ao espirito e viveu em

todos os detalhes ante a inesperada noticia do suicidio de Raul Pompeia.

Consoante as considerações que naquella manhan me enunciára, o meu pobre amigo fizera com um tiro de revolver parar de subito o coração, transbordante de sentimento e de vida.

E ao outro dia, quando o pude ver, inteiriçado no funebre caixão, todo cercado de flores, a enerjica expressão da fizionomia diluida numa palidez de marmore, ainda a lembrança desse epizodio me veiu á memoria.

O meu pobre amigo havia achado a solução para as angustias que lhe aflijiam o espirito, e, quem lhe conhecesse a tempera e fosse capaz, assim, de avaliar a intensidade da devastação que lhe conturbava a existencia, servida por uma exajerada susceptibilidade morbida, bem devia compreender que para elle a solução era completa, pois de uma vez o libertára do inferno do mundo. Para os outros, para os que ainda contemplavam o morto, não ofereceu elle o espetáculo de uma contemplação aflitiva.

Sob as flores que lhe cobriam o corpo mal se adivinhava o pequeno orificio por onde escoára tanta vida, como a inclemencia da tempestade que lhe ajitára o espirito, horas antes, mal se advinhava na calma placidez, palida e fria, de um semblante quasi rizonho.

E era o mais belo dos dias. Celebrava a Christandade o Natal, o dia rizonho e poetico que tão misteriozamente fala á imajinação das crianças ; e a natureza acertára, por seu turno, em dar para esse dia o ceu azul mais limpido, sem a macula mesma de um simples nimbo alvissimo...

Não foi um homem vulgar esse que de tal modo findou.

Desde muito, criança afeito ao estudo e á meditação, viveu consigo só, graças a uma educação quasi monastica, em que a socie dade, a vida ruidoza e facil dos salões, não entrou. Amigos, teve-os na rua, nas palestras do botequim, nas rodas literarias, e ultimamente, na solidariedade politica. Em caza, muito poucos o viram.

Raros penetraram o seu gabinete de trabalho e conheceram os segredos de sua existencia de artista. Na vida aparente, na convivencia passajeira dos camaradas, aprezentava elle o mais sensivel contraste com o que era realmente sua vida. Cá fóra, Raul era alegre, entuziasta, turbulento mesmo nas

expansões de alegria e de entusiasmo. Recolhendo-se ao izolamento, não levava comsigo sinão a tortura de um ideal não atinjido. Trabalhava com um ardor de crente, com uma sinceridade de convertido. Só cojitava do seu trabalho, extenuava-se no esforço, ás vezes vão, de fixar a idéa com a precizão impecavel que a impressionabilidade delicada e fina do temperamento lhe exijia.

Desse esforço continuo e fatigante vinha-lhe a exaltação perene em que via e que lhe preparava o espirito para ver em todas as couzas, as mais naturais, uma segunda intenção, perfida, insidioza, ameaçadora.

Da vida social não conheceu sinão esse aspeto sombrio do esforço intelectual, em prol da arte e da idéa. A cortina que abre para a cena alegre e folgazan não a descerrou elle. A unica diversão que se permitia era a palestra na roda dos confrades de letras ou dos correlijionarios politicos.

E essa diversão unica elle amava devéras. Era um conversador emerito, eloquente, vivissimo. Muitas vezes o vi completamente feliz nas sessões do Club Rabelais, invenção delle, longamente preparada no animo dos companheiros e que finalmente se cônsubstanciou em ágapes ruidozos onde se fazia espirito e se trocavam idéas, a propozito de se fazer honra a profuzo jantar do Globo ou do Internacional; ai, na comunhão intima de soldados de uma mesma cruzada, na confraternidade de conscritos de um mesmo vale, Raul expandia-se todo e era inexcedivel na graça saltitante com que retrucava a todos os ditos, na prontidão admiravel com que contradizia todos os conceitos. Nisso consistia, porém, toda a alegria de sua vida; e era muito pouco para contrabalançar as grandes sombras que lhe enchiam o espirito, a grande amargura que lhe travava o coração. Por dentro era um concentrado, um triste, dessa tristeza conjenita, orijinal, que se não redime á agua lustral de nenhum batismo, feição mesma do seu espirito, aspeto do seu temperamento. E no meio de tudo faltava-lhe o amigo ; essa foi sua desgraça. Pompeia não tinha um intimo, na absoluta significação dessa palavra. A ninguem confiava o fundo do coração e da alma. Era moço e poeta e ninguem sabe de algum amor que lhe eflorasse o coração. E elle devia amar, porque, si em sua existencia o cerebro procurava sempre indicar o caminho, o coração muitas vezes dirijia o cerebro.

A mizantropia instintiva do seu temperamento, formado

pela educação, cultivado pelo convivio assiduo dos filozofos e poetas doentios que encaram a vida sómente pelo prisma da sua inocuidade doloroza e desconsoladora, essa mizantropia não lhe havia tornado o peito mais arido e inhospito que a propria lava resequida, onde ainda nace e florece a recendente giesta, a triste flor dos versos de Leopardi.

> ... lenta ginestra
> Che di selve adorate
> Queste campagne dispogliati adorni...

O poeta devia amar ; entretanto, a ninguem confiava o fundo do seu coração e de sua alma. Não tinha pois, esse salutar derivativo da confidencia que, quando sincera, conforta o espirito mais dezalentado e dezanuvia o coração mais confranjido. Assim, toda a magua que os embates das paixões distilam no espirito do homem pensador neste fim de seculo anarquizado e prenhe de borrascas incalculaveis, acumulou-se nelle e, encontrando elementos propicios para uma devastação tremenda, foi-lhe envenenando a alma, lenta e torturadamente, até a final explozão deciziva e irremediavel.

Foi um trabalhador e talvez o mais completo dos nossos trabalhadores da palavra. Si na sua obra a fórma é irrepreensivel, harmonioza e castiça, não lhe faltam nem a idéa superior e o conceito orijinal que fazem meditar, nem a vivacidade animada e flexivel do estilo que encanta e prende.

Era um escritor de pulso forrado por um pensador de alma.

A obra com que dotou a literatura patria ficará guardando por muitos anos a memoria do gloriozo autor. Nella não se encontram nem a banalidade trivial dos trabalhos de fancaria, nem a simples preocupação de escrever bonito, juntando pacientemente palavras cantantes e exdruxulas, bordando entorno de uma fantazia qualquer uma trama rendilhada de frazes ocas de idéas, vazias de sentimento.

Em Raul Pompeia o filozofo e o escritor se completavam e se integravam. Aquelle, vendo as couzas e os homens de um modo orijinal, atravéz de sua tristeza e de sua idiozincrazia ; este, vestindo as observações do filozofo de uma roupajem surpreendente de brilho e frescura, obtida por um

trabalho cuidadozo e conciente, em que punha toda a atividade, toda a arte, todo o talento. As frazes lhe saiam prontas da pena, inteiras, perfeitas; mas elle as lia e relia, e ainda outra vez as lia, alto, cantando, e riscava, substituia, emendava, emendava sempre, sempre com animo de emendar ainda, sem nunca achar a fórma definitiva que satisfizesse as exijencias de seu gosto ou de seu capricho. Desse modo elle nos deixa trabalhos admiraveis, pajinas impereciveis, que serão lidas sempre, com admiração e prazer.

Morreu aos 32 anos, mas teve os tres ultimos anos da vida absorvidos pelo funcionalismo e pela politica, que o tinham absolutamente conquistado ás letras. Podemos pois dizer que o escritor morreu aos 29, e ainda assim, por esse tempo, elle era sobretudo o escritor politico, nas *Lembranças da Semana*, do *Jornal do Commercio*, nas correspondencias para jornais de S. Paulo e Juiz de Fóra, já quazi afastado da literatura propriamente artistica. Entretanto, são admiraveis de vigor e de entuziasmo esses artigos em que o panfletista apaixonadamente préga e defende a teoria de um nativismo exclusivo e intolerante, prenunciando o advento da revolução que deveria fechar o ciclo da formação da nacionalidade brazileira.

« Tivemos um dia a revolução em nome da dignidade humana. Tivemos a revolução da dignidade politica. E' precizo que não tarde a terceira revolução ; a revolução da dignidade economica; depois da qual sómente poder-se-á dizer que existe a Nação Brazileira. »

Assim definia elle essa aspiração patriotica na brilhante *Carta ao autor das Festas Nacionaes*, por certo a obra culminante da ultima faze da sua atividade literaria.

A politica, porém, foi um desvio fatal na carreira do grande escritor. Sincero e dezinteressado, faltava-lhe tudo o que era precizo para o triunfo politico. Seu caracter, apaixonado e intranzijente no dominio dos principios, não tinha por certo a ductilidade necessaria para conchavos partidarios, nem a calma indispensavel para as refregas parlamentares. Si elle entrasse efetivamente no cenario politico em pouco tempo ver-se-ia izolado, só, com sua intranzijencia e com seu ideal. Entretanto, essa mesma politica o tinha dominado, e esse é um traço de seu caracter que convem assinalar : — elle nada queria para si, nada ambicionava nella, não tinha aspirações nesse terreno. Era politico por

patriotismo, puramente por isso, por convicções sinceras e profundas, certo de que reprezentava a idéa salvadora da dignidade da patria.

No mais acezo da campanha abolicionista, em S. Paulo, foi um lutador ouzado e extrenuo ; ai havia o grande ideal supremo da libertação dos cativos a lhe falar á alma nobre e vibrante de moço e poeta.

Ultimamente, o marechal Floriano encarnou para elle a personificação da rezistencia a todos os elementos subversivos que perturbam e entorpecem a marcha de nosso engrandecimento moral e social, e elle tornou-se um partidario da politica do marechal, extremado até o fanatismo, incondicional até a irreflexão.

Excessivo em todas as manifestações do sentimento, foi nessa derradeira faze da existencia que o erectismo do seu temperamento atinjiu a maxima intensidade. Esse estado psicolojico, porém, deveria necessariamente passar quando a calma fosse voltando em geral aos espiritos, e se dissipasse essa anarquia mental que nos ficou da grande convulsão que ajitou tão profundamente a nossa vida politica.

Então o escritor renaceria, o artista voltaria a se preocupar somente da sua arte, e a Raul já não bastava a simples arte de amontoar palavras, elle aspirava fazer mais, arrancar do marmore perceptivel aos sentidos, toda a opulencia da mulher estatua, a suprema expressão da formozura humana.

... mapa mundi
Da suprema beleza...

Era notoria a aptidão do ilustre moço para a pintura e a escultura. Alguns pequenos trabalhos deixou, cabeças de crianças, troncos de mulher, frutos apenas de sua intuição, alheios completamente aos ensinamentos do mestre, que não teve.

Nos ultimos tempos elle falou-me varias vezes numa projetada viagem á Italia « — e de lá voltarei escultor, » dizia. «Ainda é tempo de aprender. » — Isso era porém, uma esperança, uma promessa, que se não realizaria talvez. Nas letras é que elle já era uma realidade, é que a perda foi sensivel, enorme, impreenchivel.

A obra de Pompeia é vasta.

Publicados tem apenas dois volumes : um romance de me-

nino, escrito em 78 ou 79, quando ia a meio no curso do antigo colejio de Pedro II, a *Tragedia no Amazonas*, mas onde já se notam grandes qualidades de escritor, na simplicidade das cenas e na beleza das paizajens, e o *Atheneo*, cronica de saudades, a historia da vida do colejio, das intrigas do internato, escrita com uma superioridade de observação e critica de velho mestre experimentado.

Alem desses dois volumes publicados, do joven escritor nos fica ainda materia esparsa pela imprensa diaria e periodica, bastante para meia duzia de volumes excelentes.

Quazi concluido devia ter deixado um novo romance, *Agonia*, a historia sentimental de uma adolecencia feminina, como o *Atheneo* é o descerrar do mundo para um futuro cidadão. Conheço da *Agonia* capitulos admiraveis ; nesse livro Raul trabalhou com afinco muitos mezes a fio em 89 ou 90. Si pudesse tel-o concluido, seria outro romance que honraria as letras nacionais.

Alma morta é um trabalho em que deduz em opulentos capitulos o seu modo de ver o mundo e a sociedade, a sua filozofia triste e dezanimadora. São pajinas profundas e admiraveis, em que o pessimismo do autor se concretiza e acentúa ; foram escritas em 85, no Recife, ao tempo em que juntos moravamos no pitoresco arraial do Caxangá, esparso á marjem do Capiberibe de tradições historicas.

E, além desses, tantos outros ainda : *Violeta*, a *Mão de Luiz Gama*, a deliciosa coleção da *Pandora*, publicada na *Gazeta de Noticias*, e inumeros contos e novelas e fantazias.

Dos seus trabalhos porém, a obra prima, aquella a que dedicou mais cuidadozo desvelo e que por certo mais amava é o belo livro das *Canções sem metro*, em cujo lavor o artista trabalhava desde 83. Quando, a esse tempo, conheci Raul em S. Paulo, elle terceiro anista e eu calouro, apenas iniciando os meus estudos na velha Academia, e então já conhecido escritor começava a compôr as *Canções sem metro*. Eram a principio pequeninas historias, uma impressão apenas, uma simples mancha, como se diz na linguajem dos *ateliers*, subordinada cada uma ao sentimento que na imajinação popular corresponde a cada côr do espètro : — Verde, esperança ; amarelo, dezespero ; azul, ciume. Depois, a idéa passou além das côres, outras canções se foram juntando ás primitivas, e, quando o poeta as tinha prontas, as fez de novo, e sobr ellas levòu toda a vida a trabalhar até a ultima noite,

pacientemente como o velho ourives de Heredia sobre a custodia de ouro.

E si essa gema nos legou completamente acabada, tendo conseguido confiar-lhe com tão paciente esforço todo o sentimento poetico de sua alma, muito ainda era licito esperar do talento masculo, da infatigavel atividade do moço escritor.

Elle era sobretudo um artista.

Todas as preocupações de outra natureza passariam um dia, e elle ver-se-ia de novo entregue ao afan predileto de extravazar no papel o que lhe transbordava do coração e da alma.

Falava sempre com tanto amor das obras começadas, dos uturos trabalhos! Tinha um longo roteiro traçado, cujo caminho anciava por perlustrar, recomeçando a jornada que iniciara com tão assinalado exito. E a fatalidade dos acontecimentos bruscamente toldou a perspetiva brilhante dessa peregrinação triunfal.

Para o estudo da personalidade poderoza do meu saudozo amigo é mister o concurso do psicologo e do critico. Este virá quando a obra de Pompeia aparecer em seu conjunto opulento; o estudo de sua alma têm procurado fazer todos os que escreveram sobre o triste sucesso do dia de Natal.

Mas, como tudo quanto se tem escrito está lonje de dar uma pequena idéa da complexidade extraordinaria daquelle espirito vibratil e sensivel, daquelle caracter imaculado e austero, daquella alma generoza e pura...

O GONGO-VELHO

(COUZAS DE OUTRO TEMPO)

Em viajem para a terra de meu primeiro emprego judiciario, depois que deixei os bancos academicos da brumoza capital paulista, tive de pernoitar no arraial do *Infeccionado*, povoação algumas leguas distante de Ouro Preto.

Eu trazia boas horas de marcha, n'um burrico trotão, pelos tortuozos caminhos mineiros, atravez de serras e campinas, debaixo da soalheira de um dia de Novembro. Foi, pois, com a mais acentuada alegria que ouvi ao pajem a noticia de que a pequena torre gretada pelo tempo, de primitiva arquitetura colonial e que então surjia aos meus

olhos, de entre um bosque verde-negro de tamarineiros folhudos, indicava a aproximação do pouzo dezejado.

Em pouco tempo, com efeito, apareceram as primeiras habitações e subito, na volta de um barranco, o pitoresco panorama do arraial se descortinou com a unica rua de pequenas cazas caiadas, com a egreja em cujo pateo de ladrilho brincavam creanças, com o cruzeiro sujestivamente plantado na colina proxima e agora nitidamente destacado sobre um céo limpido de tarde luminoza e calma.

Debaixo do alpendre de uma venda a cujo balcão, debruçados, conversavam pauzadamente caipiras, emquanto cá fóra pastava pelas ruas a tropa, ao continuo badalar dos cincerros, apeamo-nos, atando o pajem as bestas nas argolas de um moirão.

Tinna chegado á hospedaria da terra e onde me esperava todo o conforto possivel em tal sertão, para lenitivo do corpo moido pelos solavancos interminaveis do animal viajeiro. Uma porta no alpendre, ao lado das portas da venda, dava ingresso ao quarto que eu teria por aquella noite e em cuja penumbra descobri, ao fundo, um vasto leito antigo, de talha, com um colchão sem lençóes. Em breve espaço, porém, estava a cama feita com alvos linhos de tecido grosso e esperava-me um banho tepido, cujo calor se evolava aromatizado de aguardente.

Foi com a melhor dispozição de espirito e com o mais salutar apetite que, em companhia do pajem, um velho camarada, pratico e de confiança, eu me sentei á meza, posta n'uma sala interior que abria em janelas para a paisajem alpestre de penedias graniticas, em frente aos pratos de louça azul chineza, onde fumegava uma tostada fatia de lombo cheirozo e um mexido caracteristico de couves picadas. Pois, d'essa parcimonia culinaria, bem me lembro, fez o momento a mais principesca refeição com que me tenho banqueteado : — lombo tostado, couve mineira ; ao depois, marmelada de Lisboa, um copo de agua cristalina, café de saco e mais, para o pajem, uma pouca de caninha.

Como tivesse de madrugar, logo que se fez noite completa, me preparei para dormir e me recolhi de fato depois de um passeio no qual o acazo guiou meus passos para a proximidade de um regato de aguas escuras, correndo tumultuozo, n'um leito de cascalhos por marjens revolvidas, denun-

ciando antigos trabalhos de mineração. Ao comprido, no largo leito de talha, pregostava eu as delicias de uma noitada de cansaço, n'esses indefinidos momentos, de meia vida, que precedem o sono. Havia ainda algazarra na venda e perzistente, uma viola planjia uma cantilena monotona.

Tudo constituia o ambiente fantazista do meu espirito, que, n'um meio sono me transportava aos modestos auditores de minha futura comarca, onde triunfos me esperavam e a carreira publica se me abriria em prometedora apoteoze de aurora...

Creio que esse devanear optimista chegou a ser sonho. A cessação da algazarra pelo ecoar sinistro do relogio da egreja, me despertou. Fez-se um instante silencio em volta, apenas a viola, perzistente, planjia sempre a cantilena monotona.

Agora porém, havia junto de minha porta, no alpendre, uma voz destacada que contava, com vagar, n'um rozario interminavel, alguma couza que deveria ser uma historia, interessante por certo, pelo atento silencio com que era ouvida.

Aquillo me prendeu a atenção.

Eu não podia ouvir a narrativa continua e apenas percebia uma ou outra palavra do narrador noturno. O esforço para ouvir, porém, afujentou-me o sono. Não sei que tempo se passou.

A voz por fim calou-se, confundindo-se tudo no quieto sussurro de mil vozes que forma a silencioza placidez da noite nos campos. E ouvi, então perfeitamente, a voz do meu pajem perguntar :

— « E do Gongo-Velho, que sabe você, pai Joaquim ?... »

A estas palavras tais ergui-me do leito. Tomei a roupa e abri a porta do quarto.

Havia a um canto do alpendre um pequeno grupo, sentados alguns n'um banco ao longo da parede, estendidos outros pelo chão. Aluminava a cena uma simples candeia de azeite, fumegante, prendida a um esteio do telheiro. Pedi que se não desconcertassem á minha chegada ; apenas dezejava ser tambem da companhia, e aproveitar a minha noite de sono perdido, ouvindo as historias de quem as estava contando.

— « Couzas de outro tempo. Nho-moço », pronunciou, n'um rizo acanhado, um velho africano que deveria ser

centenario, a julgar-se pela carapinha cinzenta que lhe envolvia a cabeça e lhe cobria o prolongado mento; « couzas de outro tempo... »

— Pois terei muito prazer em ouvil-as, se você quizer ser tão bom que m'as conte, disse.

— Eh? Nho-moço... Preto só tem meia lingua. Nho-moço não ha de entender meia lingua de preto. As historias de que me lembro ainda em minha idade só sei contar aos companheiros que me podem entender.

— Pois, conte aos seus companheiros. Serei tambem um d'elles por algumas horas. Conte a historia do Gongo...

— Do Gongo-Velho, atalhou o meu camarada.

— Sim, do Gongo-Velho, repeti, aproximando-me do narrador e tomando assento no banco.

O africano, com ar contrafeito, n'um meio rizo, picava um pedaço de fumo torcido para uma comprida palha de milho que tinha preza atraz da orelha.

Os outros companheiros dispuzeram-se a ouvir e eu então percebi que dormia a um lado, resonando, recostado á parede, um caipira que tinha as pernas extendidas, pouzada a viola, que não mais planjia a cantilena monotona.

— « O Gongo-Velho »... começou o africano, apertando com a unha grossa o fogo do comprido cigarro, ha pouco acezo, « o Gongo-Velho tem uma triste historia... Eu mesmo não sei se a devo contar em hora tão adiantada. Isto já deve ir roçando pela meia noite e ha defuntos na historia do Gongo-Velho... »

N'este instante, como a defender os escrupulos do africano supersticiozo, o relojio da torre disse-lhe soturnamente que eram onze horas, apenas... Sumido que foi o ultimo eco da ultima badalada, o africano dispoz-se e com sinjela vivacidade contou-nos a historia extraordinaria cujos traços geraes inda conservo indeleveis no espirito.

— Pois bem ; vá lá... disse, n'um suspiro. « E' de ouvido que conto, porque não é de meu tempo que estas couzas que vou contar, se passaram. Mas d'ellas sei por miudo, que de minha mãi as ouvi, um sem numero de vezes, por serões como este.

Gongo-Velho se chamava n'outro tempo um pequeno corrego que ia dezaguar no Rio das Mortes. Hoje tem outro nome que o coração manda calar para que se não saiba

ao certo o logar d'este drama, onde tanta lagrima de cativo foi vertida... Corria elle pelas terras de dois irmãos que um dia chegaram do reino com uma cadeia de escravos e ai se estabeleceram, n'um viver tão solitario e recolhido que não parecia de humana creatura.

Era de muito ouro toda a redondeza e Gongo-Velho se ficou chamando toda a terra dos dois irmãos recemvindos.

Foram de rude labor os anos que se seguiram. Minerava-se no Gongo-Velho com verdadeira furia de amontoar tezouros. E sobre a chegada dos moços portuguezes muitos anos se passaram.

Nunca ninguem soube da vida d'elles, tambem nunca se soube que elles se metessem com a vida dos outros. Apenas cá fóra, aquem dos muros do *retiro*, verdadeiro prezidio, transpiravam certos rumores de cenas horrorozas de perversidade, narrações assombrozas de barbaros castigos a que repugnava ao espirito mais embrutecido dar credito por inteiro.

« Deveria naturalmente haver exajero n'aquillo » era o que se pensava. Dura, porém, corria a existencia do cativo nas lavras do Gongo-Velho. Ao certo, o que se passava ninguem sabia, mesmo porque, quando algum desgraçado conseguia, furtando-se á severa vijilancia dos algozes, evadir-se, ia procurar azilo em parajens bem distantes d'aquelles vales, cujas quebradas repetiam o eco dolorozo dos soluços de agonia dos seus irmãos de infortunio.

E os dois moços do reino envelheceram.

Tinham um capataz de confiança, portuguez como elles, que conduzia a tropa de ouro á Villa-Rica. Ninguem mais saia do *retiro* e ninguem mais entrava n'elle senão o capataz, de volta, trazendo, as mais das vezes, novo continjente de pretos, reforço para a escravatura. Mas até então o Gongo-Velho não tinha historia.

Já iam bem adiantados em anos os dois irmãos quando se deram os sucessos por que se tornaram celebres as lavras do Gongo-Velho. O principio do epizodio ninguem o soube ao certo, pois não restou um só, de tantos, para trazel-o ao mundo. O que se sabe é que uma tarde, quazi á noite, os cativos se rebelaram e, n'um sitio afastado, onde se achavam, depois do trabalho do dia, antes de se recolherem á caza, em uma reação de enerjia que se manifestou n'uma explozão canibal, agrediram um dos senhores, o que de

costume feitorava o serviço, lançaram-n'o por terra e estraçalharam-lhe o corpo com uma gana dezenfreiada de carnivores esfomeados.

Consumado o crime, o bando revolto, veiu, em marcha célere, pelo caminho de caza, e, a mesma fila pacifica de cativos que todas as noites se recolhia á senzala n'uma passiva submissão de animais domesticados, entrou os terreiros murados da fazenda como uma horda selvajem, aos berros, ajitando no ar os instrumentos do trabalho, tintos agora do sangue do senhor.

Ao outro fazendeiro, que estava em frente da caza á espera da gente, se desvendou num instante o sentido daquelle incomparavel ato de insubordinação e logo a falta do companheiro lhe denunciou a certeza do que se havia passado.

N'um impeto de heroismo, porém, o velho portuguez precipitou-se com os punhos cerrados, ao encontro do bando amotinado e n'uma explozão de apostrofes violentas conseguiu n'um momento dominar o espirito rebelado dos cativos.

Ao bando revolto de ha pouco tornou a quieta passividade submissa que lhe constituia o fundo do carater e, ao assomo de enerjico atrevimento do senhor, os escravos perderam de novo a liberdade de ação em que se haviam conseguido abroquelar algum tempo.

Restituida a ordem, os cativos se recolheram á senzala n'uma muda procissão de penitentes. E a noite caiu sobre a terra.

Ao outro dia foram os escravos levados pelo capataz para serviço em lugar oposto áquelle em que haviam estado na vespera e onde deviam jazer os despojos do velho infeliz, vitimado por um ato talvez de justificada vindicta.

Conta-se que o irmão, solitario e em lagrimas, se dirijiu em busca do ignorado sitio da cena sanguinaria e o tendo encontrado afinal, piedozamente recolhera todos os destroços do corpo do irmão assassinado e os sepultara em cova aberta por suas proprias mãos...

Alguns dias se passaram depois d'estes acontecimento, sem que nada de anormal ocorresse.

Uma tarde, porem, tendo chegado a gente das lavras, o senhor em pessoa foi prezidir á distribuição do rancho. Apareceu com ar prazenteiro até então desconhecido n'elle.

« Não sabia porque n'aquella noite sentia na alma uma

alegria imensa »... disse ; queria que todos comessem bastante e foi de melhor qualidade e farta a comida que se serviu.

Feita a distribuição os cativos se repartiram em grupos, e o fazendeiro triunfante esfregava as cabeludas mãos, por entre os grupos de escravos que surprezos mastigavam calados.

A um canto o capataz, com o queixo apoiado no alto cabo do rebenque de couro, olhava espantado para o amo, pensando que por certo a loucura lhe havia transtornado o espirito, tão incompreensivel achava aquelle procedimento extraordinario.

Terminada a refeição o proprio fazendeiro, tomando ao capataz as grossas chaves que trazia á cinta, abriu a porta da senzala e assistiu á entrada humilde dos cativos que, todos um por um, creanças e velhos, elevando suplicemente as negras mãos calozas, iam tomando a benção com um grunhido inintelijente e triste.

Depois que o ultimo escravo entrou, o velho torceu na fechadura a chave ferrujenta, atirou para o meio do terreiro o masso das chaves e encostando uma escada ao alto muro macisso, de taipa, do funebre dormitorio, galgou-lhe os degraus, e, precipite, alcançando a cumieira, abriu um buraco no sapé que formava a coberta.

Seus olhos então se mergulharam pelo vacuo enorme e soturno da horrenda habitação pouco iluminada por alguns candieiros de azeite prezos á parede sem reboco.

Na meia claridade da senzala percebia-se no chão como um tumultuar sinistro de vermes. Em um e outro ponto iam já brilhando as labaredas de pequenas fogueiras de cavacos e lenha seca.

Mais acostumado áquelle ambiente, o fazendeiro distinguia agora bem os corpos dos cativos, acomodando-se pelo chão, n'uma promiscuidade indecoroza, velhos e creanças, homens e mulheres.

De repente um grito lancinante quebrou a monotonia morna d'aquelle sepulcro repulsivo.

Todos voltaram-se para o lado de um infeliz que, tendo desdobrado, de um salto, a estatura herculea na meia sombra da senzala, extorcia-se agora n'umas contorsões horrorozas dezesperadamente ajitando-se, de rastos, como a querer meter-se pelo chão a dentro.

Subito outro grito, mais outro, e em poucos momentos uma vozeria infernal que abalava os alicerces da caza, estremecendo tudo, elevava-se do interior da senzala em cujo chão negro n'uma dezesperada convulsão infernal, ajitavam-se, revolviam-se centenas de mizeraveis, prezos de uma agonia indescritivel, n'uma dança macabra nunca vista, n'uma horrivel comunhão de sofrimento que só dificilmente poderia ser concebida pelo delirio de uma imajinação alucinada para exemplar tortura e castigo dos mais detestaveis reprobos humanos.

E toda a ajitação tumultuaria e doloroza se foi pouco a pouco amainando e se confundindo no mesmo indefinivel resfolegar, soluçado e tremulo, que mais e mais se apagava até que tudo se converteu na sepulcral quietude de um silencio de morte.

Sem compreender o que seria aquillo, o capataz coláva o ouvido á porta da senzala e mergulhava o olhar curiozo pelo estreito orificio da fechadura. Tinha medo de haver acertado a verdadeira significação das cenas cuja vista aquellas paredes de carcere lhe estavam interceptando.

Quando viu que tudo tinha terminado, lembrou-se do velho fazendeiro que lá jazia, ainda, estendido sobre a palha da coberta, com a cabeça mergulhada pela abertura feita, em uma atenta e imovel contemplação sinistra.

O capataz chamou por elle ; como não respondesse subiu tambem a escada, chamou de novo sacudindo-lhe o corpo : estava rijo, inanimado, morto, com as orbitas horrendamente esbugalhadas, com as pupilas apagadas agora, mas cujo espelho deveria ainda guardar o reflexo de tanta agonia aflitiva, o dezespero de tanto sofrimento angustiozo...

« Aqui acaba a historia do Gongo-Velho » continuou o africano depois de uma pauza. Bem lhes dizia que não era propria para ser contada a horas tão assombradas, pois isso já deve ir roçando pela meia noite e é só de defuntos a historia do Gongo-Velho. »

Calou-se o preto.

O relojio da torre da egreja começou sinistramente a badalar a hora funebre das almas penadas e um vento sussurrante arrepiava, como um fremito, as folhajens do arvoredo.

Então ergueu-se o velho narrador e disse aos companheiros com piedoza intonação na voz :

— Façamos oração, meus camaradas, para que seja aliviado em seu penar sem fim o triste velho matador, cuja alma sem descanço deve andar por estas horas lugubres, adejando nas proximidades do sitio assinalado por tão extraordinario epizodio...

E, persignando-se, voltou á primitiva postura.

HAMBURGO

Notas e Impressões

Uma das grandes curiozidades de Hamburgo é o seu jardim zoolojico. Dizem-no todos os guias ; confirmam-no todas as pessoas que vizitam o velho emporio comercial do norte. Minha estada nesse jardim na noite em que cheguei, não se podia contar como vizita. Apenas pudera então contemplar o aspeto encantador de um lindo concerto ao ar livre, num parque profuzamente iluminado e repleto de gente alegre e ruidoza. Do jardim zoolojico propriamente nada pudera ver, em verdade. Assim, mal despertei de minha primeira noite de Hamburgo, saltei do leito, abri os pezados reposteiros que interceptavam no quarto a entrada da luz intensa da hora matinal, vesti-me, tomei um primeiro almoço, rapido e frugal, e sai, subindo na rua a um carro que me levou ao celebrado parque.

Era pouco mais de oito horas quando entrei. Aconteceu que fosse uma quinta-feira, dia de descanço nas escolas e em que os professores levam os dicipulos, a instrutivos passeios pelos parques e muzeus da cidade. O jardim zoolojico nessa clara manhã estava cheio de crianças, divididas em grandes turmas, de meninos ou de meninas, algumas atentas ás explicações do mestre ante a jaula das feras ou os tanques dos otarios, outras em folga, correndo em alegre debandada pelas ruas e alamedas do jardim.

Eu não pretendo fazer aqui a descrição minucioza do extenso e curiozissimo parque. Apenas direi que, sem ter as magnificas instalações e cuidadozo trato do jardim zoolojico de Anvers, sem ter a extensão e a quantidade enorme de especimens do de Londres, o jardim zoolojico de Hamburgo contem uma riquissima coleção de animais de toda a especie, os mais lindos e os mais extravagantes, sendo cotado entre os primeiros do mundo.

Já não sei mais tudo quanto vi e admirei nesse pequeno

canto de terra onde uma sabedoria experiente conseguiu reunir a fauna das cinco partes do mundo ; o certo é que passei nesse jardim uma delicioza manhã cheia de surprendentes espetaculos e de perspetivas curiozas, a que dava a alegria forgazã da criançada uma encantadora nota de ternura e de graça.

Lembro-me bem que numa parte mais elevada do vasto jardim se ostenta a ruina de um velho castelo, de que apenas resta de pé uma triste torre, escura e gretada.

Nas brechas e fendas da antiga construção acham-se acomodadas as gaiolas e cazas das desgraciozas aves noturnas, mochos de cinzenta plumajem, corujas a contemplar a luz com seus redondos olhos arregalados que nada veem de dia.

Andava eu por ali, a ver e observar as tristes aves do agouro, quando um bando alegre de pequenas raparigas, futuras mães da poderoza raça germanica, tomou de assalto o dezarvorado torreão.

Numa alacridade sadia, as meninas subiram as escadarias dezengonçadas, escalaram os muros rôtos por todas as portas e janelas, e por fim, num espetaculo maravilhozo, animaram com o claro de suas vestes e o louro de seus cabelos as ameias do solitario castelo, tal como se sobre elle houvesse pouzado um fuljente bando de faizões de ouro.

Subito a vozeria cessou, mas em seguida, levando-me á alma a comoção mais funda, daquellas muitas bocas juvenis alçou-se a cantilena de um hino relijioso, pleno de uma unção profunda, enchendo o espaço tranquilo de uma harmonia lenta e penetrante. Do alto dessa torre descortina-se um vasto panorama, principalmente curiozo para o lado da cidade industrial e fabril. Centenares de chaminés, elevadas e negras, lançam no espaço, que se escurece, os movediços rolos de fumaça, e, a um lado, fechando o horizonte, vê-se a inextricavel floresta dos mastareos e das gáveas dos vapores e embarcações de todo o genero, ancorados no porto fluvial do Elba, um dos mais vastos e movimentados receptaculos das quilhas que sulcam as aguas de todos os mares.

E a minha vizita a esse jardim maravilhozo foi-se prolongando até que, meio dia passado, tive necessidade de voltar ao hotel. E ainda á saida foi-me dado gozar de um dos mais belos e surpreendentes espetaculos que têm con-

templado meus olhos : na rua principal do jardim, que vai da porta de entrada ao largo terraço onde se encontram os estabelecimentos de botequim e sala de muzica e baile, eleva-se o *aquarium*. Eu não fazia ideia do que isso fosse. Por fóra é uma pequena construção, fechada e baixa, sem nada que desperte a curiozidade ou a atenção. Pela unica porta do edificio dece uma escada subterranea, que conduz a um pequeno adro de onde se estende um corredor escuro.

A gente penetra nesse corredor, e, quem ai penetra pela primeira vez, fica surprezo ante a beleza e orijinalidade do que vê. Nas paredes, de um lado e do outro, se acham abertas grandes picinas, iluminadas pela luz solar que vem do alto, e cuja contemplação é proporcionada por largos panos de cristal. Nessas diversas picinas, para onde é trazida a agua natural de diversos mares, a gente sorpreende, na sua vida multiforme e cheia de imprevisto, o fundo acidentado do oceano. Peixes de diversos tamanhos e de feitios e cores as mais variadas, jazem imotos no meio d'agua num equilibrio que a razão humana não concebe, ou serpenteiam numa vivacidade incrivel, entre as algas e outras maravilhozas florações submarinas. E ali os ha de varios mares e climas varios. Cada nova *vitrine* que se contempla rezerva uma surpreza nova, e é tão inesperado o espetaculo e tão maravilhozo,que a gente não tem mais vontado de sair do escuro corredor. De tudo, entretanto, alguma couza mais me sorpreendeu e maravilhou do que o resto : foi a picina dos zoofitos, seres intermedios entre o animal e a flor, sobretudo as chamadas *anemonas do mar* ou *actinias*, — animadas florecencias que se engastam ás ramas de coral ou construções de arjila no fundo oceano e, numa variedade suavissima de cores e matizes, — verdes rozeos, lilazes alaranjados, — abrem e fecham os finos e longos tentaculos transparentes como animados, vivos crizantemos de um submerjido jardim de fadas. Só a conciencia do dever de fazer outra couza e a esperança de voltar mais tarde, me puderam arrancar a essa contemplação fantastica. Nada tinha visto até então e nada vi depois, no dominio da arte, ou no seio da natureza, que um tão interessante espetaculo me proporcionasse aos olhos pasmos e quazi incredulos do que estavam vendo.

E' verdade que eu me achava numa suave dispozição de espirto, que me predispunha para essa impressão tão intensa, O aspeto daquellas crianças, sadias e rubicumdas, felizes

na liberdade instrutiva daquelle passeio matinal, e que eu encontrára, em grupos, a cada volta do caminho, que muitas vezes me envolveram, triste passeiante solitario, no turbilhão de suas ruidozas correrias, em cujo contato, emfim, eu passára aquella delicioza manhã, fresca e iluminada, esse aspeto de felicidade infantil me avivará a perene saudade dos meus filhos que não me haviam acompanhado nessa rapida excursão ao norte da Europa. Essa dispozição de espirito me enternecera o olhar e eu estava tudo vendo atravez da minha desperta saudade. Já havia dado uma hora da tarde quando vagarozo deixei o largo portão desse pequeno paraizo e ainda ai parei, vendo um dos grupos escolares que haviam vizitado o jardim, sair delle e seguir, por uma das ensombradas ruas de frondozos carvalhos que o circumdam, em marcha militar, tezos e orgulhozos, concios já de seu valor de soldados de amanhã, ao som cadenciado e agudo de um pifano estridente.

CADEIRA EVARISTO DA VEIGA

Evaristo Ferreira da Veiga (1799-1837) naceu no Rio de Janeiro. Começou livreiro; a politica o fez jornalista notavel, fundou e redijiu o *Homem America*, e a *Aurora Fluminense*. Foi um dos fundadores da *Sociedade Defensora da Independencia* e deputado geral de 1830-1837. Traduziu a *Historia do Brazil* de Armitage, escreveu uma *Ode á Grecia*, o *Hino nacional* e outros hinos patrioticos e poezias.

O seu nome é conhecido e acatado como o do primeiro jornalista de valor que apareceu no Brazil.

RUY BARBOSA

Consº. Ruy Barbosa naceu em 1849 na Bahia. E' formado em direito pela Faculdade de S. Paulo; advogado, jornalista, orador, filologo, representou a Bahia na Camara dos deputados durante o Imperio, foi ministro da Fazenda do Governo Provizorio, Embaixador do Brazil á Conferencia de Haya, e é senador federal desde 1891. Ridijiu o Diario do Noticias, o Jornal do Brazil e A Imprensa.

Publicou: O Papa e o concilio, de Janus, traduções, e prefacio: *Lições de Couzas*, de Balkins, traduçãos Cartas da Inglaterra; O Estado de sitio, *Actos inconstitucionaes*, *Amnistia inversa*, *O Jury*, *Discursos*, *Discursos e conferenciaes*, *Discusos* pronunciados em Haya.

E' hoje o Prezidente da Academia brazileira.

A LIÇÃO DAS ESQUADRAS

Ha uns poucos de dias que o *poço*, o ancoradouro do Rio de Janeiro, nos offerece extraordinario panorama. Ao correr dos bondes pelas ruas de onde se descortina o mar, todos os olhos se estendem para elle. A' superficie do elemento azul cinco pavilhões estrangeiros affirmam diversamente o tamanho das nacionalidades, que representam. Alli se ostenta, de extremo a extremo, a escala inteira do poder naval, desde a grandeza crescente da Grã Bretanha, a mãe dos mares, a semeadora de povos, até á magestade simplesmente histo-

rica da Lusitania, a soberana descoroada, mas veneravel, de cujo manto as vagas parece roçarem ainda com respeito a fimbria em torno do *Adamastor*. Passa e repassa a vista curiosa por essa assembléa extraordinaria de testemunhas do oceano, e não lhes pergunta que nos dizem, que nos trazem desses longes do espaço e do tempo, da immensidade vaga, aonde o passado se recolhe, e donde assoma o futuro, como as velas repontam do horisonte. Povo descuidado, abrimos as palpebras entre dois intervallos de sésta, á brisa da costa doirada pelo sol, banhando-nos na tepidez do ar, na volupia do colorido, na embriaguez ambiente da luz, e banindo d'alma os pensamentos do imprevisto, cerrando-a ao sussurro da consciencia, que falla pelo rugir das aguas eternas.

Ingenuamente dilatamos as pupillas, com alguma cousa da impressão primitiva dos antigos hospedes das nossas selvas, quando essas grandes aves que arribam da civilisação açoitaram pela primeira vez com as largas azas brancas a quietude deste estuario, como se, tantos seculos depois, ainda inquirissemos de onde veem essas gaivotas gigantescas, onde foram buscar umas a elegancia das suas linhas e a alvura do seu dorso, outras a negrura do seu vulto e a arrogancia do seu collo.

No olhar dos mais intelligentes, quando muito, se descobriria alguma cousa daquella sensação dos passageiros de um transatlantico, debruçados para o crystal retinto, nas paragens onde palpita o coração do globo, pelas aguas quentes do equador scismando nas maravilhas em que se annunciam á tona essas florestas submarinas, á vista das quaes são desertas as da terra, contando um a um esses encantos do inesperado, seguindo essas pradarias do mundo liquido, as gorgonas, as isis, as pallidas anemonas cor de rosa, os alcyones, a flora cambiante e ephemera, com que as arterias da natureza oceanica ajardinam a zona das calmas, o dominio oscillante das algas, essas regiões onde se espelham complacentemente os replendores solares, e se occultam os immensos reservatorios da vida submersa.

Mas não basta admirar : é preciso aprender. O mar é o grande avisador. Pol-o Deus a bramir junto ao nosso somno, para nos prégar que não durmamos. Por ora a sua protecção nos sorri, antes de se trocar em severidade. As raças nascidas á beira-mar não têm licença de ser myopes ; e enxergar, no espaço, corresponde a antever no tempo. A re-

tina exercida nas distancias marinhas habitua-se a sondar o infinito, como a do marinheiro e a do albatroz. Não se admittem surprezas para o nauta : ha de advinhar a atmosphera como o barometro, e presentir a tormenta, quando ella pinta apenas como uma mosca pequenina e longiqua na transparencia da immensidade. O mar é um curso de força e uma escola de previdencia. Todos os seus espectaculos são lições : não os contemplemos frivolamente.

Na festa de hontem bem poucos se deteriam em penetrar a expressão intima desses convidados do outro hemispherio, ou do outro continente, cujos canhões honraram a solemnidade nacional, cujos galhardetes flammeavam em arco á luz do sol, e cujas myriades de focos rutilantes constellaram de noite a bahia. Cada um delles era, entretanto, uma interrogação mysteriosa ao novo porvir. Esses mensageiros da civilisação européa e americana, deslumbrados na magnificencia das nossas costas, nas estupendas bellezas da nossa terra natal, estudam o homem, que a habita, e procuram na suas obras o sello das grandezas que o circumdam. Quando voltarem desta cerimonia, a que concorreram com a distincção do seu obsequio, com a imponencia da sua presença, irão dizer aos que os mandaram se a creatura aqui responde á liberalidade do Creador, se este ramo da familia humana trabalha pelo bem commum. E queira Deus que desse juizo nos possamos desvanecer, como com esta fineza nos lisonjeámos.

Bastava que de nossa parte os estudassemos, para sentir quanto nos esquecemos de nós mesmos. Por elles veriamos como presentemente o valor dos povos quasi que se mede pelo seu valor no oceano. Considerae nessa obra prima do *Adamastor*, pequeno escrinio de ferro onde parece refugiarse o maior dos poemas, navaes, como mais formosa das linguas no canto dos *Lusiadas*. Vede o *Carlos Alberto*, a *Calabria*, o *Piemonte*, o orgulho de Roma e de Veneza, esbordando o Meditarraneo, para ostentar na outra metade do planeta o arrojo das suas aspirações, o garbo das suas obras e o vigor da sua gente. Olhae para as duas fragatas, a *Sophia* e a *Nixe*, vedetas soberbas daquella formidavel nacionalidade, cuja ambição arde pela gloria naval, prelibada não ha muito, no heroico lyrismo daquellas palavras imperiaes : « Nosso futuro está no mar. » No *Iowa* e no *Oregon*, quentes da guerra, estuantes do fogo, como que ainda frementes do

canhoneio, medi o poder dos colossos que a liberdade levanta e a miseria dos paizes maritimos desapercebidos no oceano. Notae, emfim, com que fidalguia de primeiros entre eguaes se embalam nas ondas, entre os outros, o *Beagle* e o *Flora*, pequenas malhas esparsas da coiraça que abriga pelos mares a potencia universal da maior das nações, a antiga regedora das vagas.

Nós tinhamos alguma gloria, para não entrar humiliados nesse comicio brilhante. Não faz mais de trinta annos que as aguas do Prata davam testemunho de proezas inolvidaveis, consummadas por uma esquadra de heroes brasileiros. Acabava a guerra separatista nos Estados-Unidos, que tamanha revolução produzira nas artes da lucta naval. E, comtudo, guardadas as proporções, affirmam os mestres que a campanha fluvial do Paraguay não foi nem menos gloriosa, nem a certos respeitos, menos instructiva. Nos maiores movimentos estrategicos do nosso conflicto com o despota de Assumpção coube sempre á nossa armada uma parte capital, decisiva, admiravel, e a bravura dos nossos marinheiros, sua intelligencia, sua capacidade mostraram em nós ao mundo o nervo, de que se faz o caracter das nações. Era um thesoiro, que se não devia malbaratar ; e malbaratou-se. Não haveria sacrificios, que outros não fizessem, por conquistar esse prestigio. Nós o tivemos, obtido á custa do melhor do nosso sangue, e deixamol-o perder.

E' mister rehavel-o, se é que temos empenho em conservar a nossa nacionalidade. O oceano tem sido quasi invariavelmente o campo de batalha pela independencia das nações que confinam com o mar. Essa Hollanda, um de cujos navios visitou ha pouco as nossas aguas, não a deveu, no seculo dezesete, senão ás victorias dos seus almirantes. A Inglaterra não teria preservado a sua existencia, se as suas frotas não houvessem desbaratado as da França em 1692, em 1759 e em 1805. A França não teria ido sepultar a sua fortuna com a de Napoleão nos gelos da Russia, se batesse as forças navaes inglezas em Abukir e Trafalgar. A União não teria supplantado, na America do Norte, a revolta dos estados meridionaes, se as esquadras da legalidade não levassem immensa vantagem ás da confederação. O Brazil sem os seus navios não teria anniquilado o Paraguay. Foi no mar que se abysmou a China. Foi no mar que pereceu a Hspanha. No mar é que se liquidaria a questão da Argentina com o Chile. E

na grande conflagração européa, se um dia se desencadeasse, a ultima palavra tocaria ao mar.

Ora, presentemente, quando o mar intervem nas questões entre os povos, é como o raio. Em poucos dias a aggressão, o combate e a victoria, ou a ruina. Uma batalha supprime uma esquadra, e a suppressão de uma esquadra póde envolver o desapparecimento de uma nação. Feliz do que póde ser o primeiro no golpe, e amarrar por bandeira ao grande mastro a vassoira de TROMP. Se ella encontrasse abandonado á sua violencia impetuosa um litoral de seis mil e quinhentos kilometros, póde ser que então a surdez chronica da politica brasileira começasse a perceber a voz que detona, por essas praias além, na fragor continuo das rochas e das ondas: « Marinheiros! Marinheiros! Marinheiros! »

FRAGMENTOS

DEFEITUOSA PROBIDADE

. . . .

« Não ha probidade defeituosa », declara o mestre. « Se probidade é o apego severo aos deveres »; se probidade é sinonimo de integridade, honestidade »; « se o adjectivo *defeituoso* o mesmo vale que imperfeito »; « póde a probidade ser *estricta*, *austera*, *severa*, *rigorosa*, *escrupulosa*, etc. »; « defeituosa é que não póde ser. »

Com o mesmo arrazoado em que se ella estriba qualquer logico de fracas posses provaria o erro desta sentença, aliás tão categorica, e tesa, que me começou por deixar perplexo e atalhado.

Só ás qualidades susceptiveis de imperfeição podem caber os adjectivos, por onde a perfeição se discerne e exprime. Se não ha probidade *imperfeita*, toda a probidade é necessariamente *rigorosa*, *escrupulosa*, *estricta*, *severa;* porquanto, falseando á severidade, á estreiteza, ao escrupulo, ao rigor, terá incorrido em defeitos, e de ser capaz de os ter é justamente que o mestre lhe sustenta a impossibilidade. Uma de duas: ou a idéa de *perfeição* é, como quer o dr. C.., substancial á de *probidade*, e não haverá probidade, que não reuna todos aquelles caracteres; ou, se ha probidade, a que elles possam faltar, probidade ha capaz de faltas, arriscada a faltas, isto é, *defeituosa probidade*.

O padrão meaphysico, a que o mestre submetteu o conceito

de *probidade*, quadraria com a mesma justeza a cada uma das virtudes. Todas ellas são absolutas no archétypo divino ; todas lacunosas em cada uma das suas imagens terrenas. E' o que o dr. C... não vê, ou não quer ver.

Dada a fragilidade humana, pareceria natural que *a virtude*, nos melhores, tivesse as suas quebras. Mas a nova theoria só admitte a virtude estreme e intemerata : a dos santos, ou a dos estoicos. E que diremos então da sciencia ? Poderá ter falhas? Não póde; visto que *falhar* em materia de saber, é *ignorar*. Em não abrangendo, pois, quando menos, o cognoscivel todo na sua universalidade, usurpou a *sciencia* o nome, de que usa. No rigor logico, *sciencia que não sabe*, é proposição que se implica nos seus termos. Não haverá, pois, meio termo entre o apedeuta e ARISTOTELES. Ou tudo, ou nada: ou sciencia ou ignorancia. Em assumptos de *honra*, por egual, ou LUCRECIA, ou MESSALINA ; ou CATÃO, ou CARTOUCHE. Coragem, bravura, intrepidez, tambem só a dos heróes. Ou BAYARDO, ou cobarde. Não concebe o dr. C... as qualidades moraes, a não ser no superlativo da sua idealisação cabal. A *honestidade*, que não fôr sem jaça, como a dos diamantes raros, perdeu o jus aos foros de honestidade. Em *improbidade* para logo degenerou a *honra*, se lhe aconteceu passar pela leve tara. Moral com eclipses, religião com peccados, caracter com desvios não se concebem. Eis onde vae parar a philosophia do mestre.

VIEIRA, com todas as austerezas do prégador, com todas as severidades do pulpito, era menos absoluto, reservando tão sómente á virgindade essa condição extrema de não tolerar deslise, de não admittir diminuição, nem augmento. « *Se fallara* », dizia elle, « *de qualquer outra virtude, não tinha difficuldade esta doutrina*. Mas da virgindade, parece que não póde ser, porque a virgindade *consiste em indivisivel*. E' uma inteireza perfeita, incorrupta, intemerata, que não póde crescer, nem minguar, nem admitte mais ou menos. » (*Sermões*, v. I. p. 103).

> A combien de désirs il faut que l'on s'arrache,
> Si l'on veut conserver une *vertu sans tache !*

versejava CRÉBILLON ; e *vertu sans tache*, escreve CHARPENTIER trasladando a francês o *probitatis spectatœ* de TACITO. De onde se vê que, na expressão dos merecimentos huma-

nos, não é incompativel com a nota de virtude a reserva de *maculas*, *taras lacunas*, *defeitos*.

« Qui n'aurait que la *probité que les lois exigent*, serait encore un assez malhonnête homme », escrevia DUCLOS : «bem improbo seria aquelle, cuja probidade não passasse da exigida nas leis » ; o que nos mostra do padrão legal ao padrão moral da probidade quanto vae a dizer. « *La probité d'un avare* n'est pas moins suspecte que l'honneur d'une coquette» dizia CŒUILHÉ : « a probidade de um avarento não é menos suspeita que a honra de uma loureira»; e ainda aqui se descobre quantas differenças medeiam, socialmente, fallando, entre probidade e probidade. Era MASSIAS quem advertia « qu'on répare difficilement les *fautes contre la probité*, jamais celles contre l'honneur » ; onde se vê como peccados contra *a probidade* nem sempre a destroem, antes della mesma sae de força a os reparar.

Não seria acaso a idéa de *probidade* susceptivel de comparação ? não compadeceria a noção usual de intensidade, e desenvolvimento maior, ou menor, isto é, de augmento e diminuição ? Mas os latinos tinham *probissimè* (TERENCIO, *Adelph.* III, 3, 65), que nós verteriamos *probissima* ou *honradissimamente*. PLINIO disse *probissimus vir*. (II, ep. 9, e X ep. 95,) CICERO : « Modestior rex, e *probioram, et integrior* » (X, Ad. Alt., 7). E PLANTO : « Esse *probiorem*, quipsus fuerit, postulet. » (*Pseud.* 1, 5. 23.) A propria concepção de *integridade*, no padrão relativo da nossa linguagem, não escapa á idéa commum de graus. » Quid hac quæstione dici potest *integrius* ? » exclamava CICERO. (*Pro. Mil.*, 22). E não tinham elles *integerrimé*, *integerrimus*, como nós *integerrimamente*, *integerrimo* ? « Asiam *integerrimé* administravit. » (SUETONIO : *Vespas.*, 4).

Se a *probidade*, logo, humanamente fallando, póde ser maior, ou menor, mais ou menos perfeita, é que será tambem capaz de imperfeições. E de homens não seria ella, se não fôra. Se a probidade não tolerasse máculas, como se poderia fallar em *probidade immaculada* ?

. . . .

***

. . . .

Aquelles que educaram a faculdade da palavra na lição de escriptos estrangeiros, que se affizeram a pensar num

genero de aravia cosmopolita, feita a esmo de quantos residuos o contacto de idiomas peregrinos lhes foram imbutindo na mente, que habituaram o ouvido a essa lingua bastarda, a esse dialecto promiscuo, a esse fallar incongruente e discolo, perdendo o senso de vernaculidade, o tino da sua belleza, a intelligencia da sua harmonia, acabam por suppôr seriamente mais clara essa miscellanea amorpha, emburilhada e rude, esse português mistiço de entre lobo e cão, no pitoresco dizer dos nossos maiores, que o genuino phraseado patrio, onde até as singularidades, os modismos, as anomalias são traços de luz, gradações de idéas, claroescuros de perspectiva na imagem verbal do pensamento.

Não me proponho a curar desse achaque os que o contrahiram. Bem sei que delle raros acertam de sarar. Na « vergonhosa metamorphose por que está hoje passando o portuguêz » entre nós, « homens aliás mui instruidos, verdadeiros sabios em outras materias, commettem crassos erros de linguagem. » Depois então que se inventou, apadrinhado com o nome insigne de Alencar e outros menores, « o *dialecto brazileiro* », todas as mazellas e corruptelas do idioma que nossos paes nos herdaram, cabem na indulgencia plenaria dessa fórma da relaxação e do despreso da grammatica e do gosto. Aquella « formosa maneira de escrever », que deleitava os nossos maiores, passou a ser, para a orelha destes seus tristes descendentes, o typo da inelegancia e obscuridade. Ao sentir de tal gente, quanto mais offender a linguagem os modelos classicos, tanto mais melodias reune ; quanto mais distar do bom português, mais luminosidade encerra. As bossas da palavra recheiaram-se-lhe de francês, ligeiramente lardeado ou trufado ás pressas de inglés e allemão. De todos esses idiomas, afinal, todos mal sabidos, haurido na sciencia de cada um apenas o *quantum satis* para o trato dos livros, a que a profissão, ou a curiosidade os attrae, fica-lhes sendo a nossa apenas a menos mal conhecida entre as varias linguas estrangeiras, cuja mistura cultivam.

Os franceses, observa o melhor dos nossos criticos, « escrevem naturalmente bem ; são excepções os que delles conhecem, além das linguas classicas, outro idioma que não o seu ; mas mesmo o conhecendo, lêem enormemente mais no seu que no alheio. Aprendendo o seu profundamente (o curso de francês nos lyceus é de sete annos) e directamente dos seus grandes escriptores estudados sob

todos os aspectos, não admira que a critica alli raro tenha a notar-lhes incorrecções de linguagem ». Entre nós, bem ao contrario, os melhores alumnos transpõem os cursos secundarios e superiores sem o menor germen de estima do idioma patrio. Aquelles que, por mais laureados, como o dr. B., o alto magisterio vem a chamar ás suas cadeiras, vão levar á mocidade, com o exemplo, a persuasão de que os grandes merecimentos se sublimam, arregaçando as vestes talares da sciencia, por não roçarem no chão as questões inuteis de linguagem.

ORAÇÃO FUNEBRE

NA MORTE DE MACHADO DE ASSIS

Designou-me a Academia Brasileira de Lettras para vir trazer ao amigo que de nós aqui se despede, para lhe vir trazer, nas suas proprias palavras, n'um gemido da sua lyra, para lhe vir trazer o nosso « coração de companheiros. »

Eu quasi não sei dizer mais, nem sei que mais se possa dizer, quando as mãos que se apertavam no derradeiro encontro, se separam d'esta para a outra parte da eternidade.

Nunca ergui a voz sobre um tumulo, parecendo-me sempre que o silencio era a linguagem de nos entendermos com o mysterio dos mortos. Só o irresistivel de uma vocação como a dos que me chamaram para orgão d'estes adeuses me abriria a bocca ao pé d'este jazigo, em torno do qual, ao movimento das emoções reprimidas, se sobrepõe o murmurio do indizivel, a sensação de uma existencia cuja corrente se ouvisse cahir de uma em outra bacia no insondavel do tempo, onde se formam do veio das aguas sem mancha as rochas de crystal exploradas pela posteridade.

Do que a ella se reserva em surpresas, em maravilhas de transparencia e sonoridade e belleza na obra de Machado de Assis, dil-o-hão outros, hão-de o dizer os seus confrades, já o está dizendo a imprensa, e de esperar é que o diga dias sem conta, derredor do seu nome, na lapide que vae tombar sobre o seu corpo, mas abrir a porta ao ingresso da sua imagem na sagração dos incontestados, a admiração, a reminiscencia, a magua sem cura dos que lhe sobrevivem. Eu, de mim, porém, não quizera fallar senão do seu coração e de sua alma.

D'aqui, d'este abysmar-se de illusões e esperanças que sossobram ao cerrar de cada sepulchro, deixemos passar a gloria na sua resplandecencia, na sua fascinação, na impetuosidade do seu vôo. Muito resumbra sempre da nossa debilidade na altivez do seu surto e na confiança das suas azas. As arrancadas mais altas do genio mal se livram nos longes da nossa atmosphera, de todas as partes envolvida e distanciada pela infinito. Para se não perder no incommensuravel d'este, para avisinhar a terra do firmamento, para desassombrar a impenetrabilidade da morte, não ha nada como a bondade. Quando ella, como aqui, se debruça fóra de uma campa ainda aberta, já se não cuida que lhe esteja á beira, de guarda, o mais malquisto dos nomes, no sentimento grego, e os braços de si mesmos se levantam, se estendem, se abrem, para tomar entre si a visão querida, que se aparta.

Não é o classico da lingua ; não é o mestre da phrase ; não é o arbitro das lettras; não é o philosopho do romance; não é o magico do conto ; não é o joalheiro do verso, o exemplar, sem rival entre os contemporaneos, da elegancia e da graça, do atticismo e da singeleza no conceber e no dizer : é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom. Nascido com uma d'essas predestinações sem remedio ao soffrimento, a amargura do seu quinhão nas expiações da nossa herança não o mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados. A dôr aflorava-lhe ligeiramente aos labios, roçava-lhe ao de leve a penna, reçumava-lhe sem azedume das obras, n'um scepticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgencia e receio, com os seus toques de malicia a sorrirem de quando em quando, sem maldade, por entre as duvidas e as tristezas do artista. A ironia mesma se desponta, embebe-se de suavidade no intimo d'esse temperamento, cuja compleição, sem desegualdades, sem espinhos, sem asperezas, refractaria aos antagonismos e aos conflictos, dir-se-hia emersa das mãos da propria Harmonia, tal qual essas creações da Hellade, que se lavraram para a immortalidade n'um marmore cujas linhas parecem relevos do ambiente e projecções do céo no meio do scenario que as circumda.

CADEIRA JOAQUIM M. DE MACEDO

Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882) naceu em Itaborahy, provincia do Rio de Janeiro. Formou-se em Medicina e foi lente do corografia e historia do Brazil no Colejio de Pedro II.

Escritor abundante, produziu romances, peças de teatro, poezias e tratados de corografia e historia do Brazil.

Escreveu em varios generos numeroza obras. São ainda hoje populares os seus romances a *Moreninha e o Moço louro.*

SALVADOR DE MENDONÇA

Salvador Furtado de Mendonça Drummond naceu em 1845 no Rio do Janeiro. E' formado em direito pela Faculdade de S. Paulo. Exerceu o jornalismo, e foi consul geral nos Estados-Unidos, Ministro plenipotenciario em Washington e Lisboa. E' prozador e poeta.

Publicou: *Marabá*, romance, *Trabalhadores asiaticos. A harmonia em pintura,* conferencia e um grande numero de escritos em proza, e verso, memorias e criticas.

Abrupta e selvatica dilata-se á margem do Atlantico a Serra do Mar, fechando com uma trincheira cyclopica a provincia de S. Paulo. Embaixo o littoral estreito, coalhado de pantanos ou coberto de areias, donde se levanta o immenso véu de novoeiro que cobre a fronte do Paranapiacaba. Em cima os campos patentes do grande taboleiro, dois mil e quinhentos pés acima do nivel do mar, com seus grupos de vegetação a simularem vedetas alli postadas para transmittirem ao continente a senha do Oceano nas horas das grandes convulsões da natureza. E entre os dois planos deseguaes, degrau do templo da creação erguido na America, nenhum accesso facil, nenhuma subida praticavel. Apenas no ponto mais alto da cordilheira, um desfiladeiro alpestre se intromette, fechado ao fundo pela cachoeira que se despenha da cumiada, e, a uma e outra parte do adito temeroso, se travam os contrafortes da serra, como enormes maxillas da bocca do monstro.

Que poderosa força volcanica não rompeu as entranhas da terra, para soerguer o dorso do gigante e o deixar alli exposto á colera dos tempos!

Vermes pequeninos daquelle immenso Titão, rojaram sobre elle os aborigenes, seguindo pela mata cerrada o carreiro da anta, escalando penhas e fraguedos, transpondo barrocaes por sobre a ramagem que bracejava ácima das torrentes.

Entrou a raça invasora e cortou na epiderme do colosso a senda sinuosa por onde subiram durante mais de dois seculos os seus descendentes.

Hoje o monstro está totalmente domado: os nervos de aço da industria atravessaram-lhe as carnes, e sobre o seu dorso rendido passam velozes os comboios do caminho de ferro.

De ambos os lados da estrada arvores seculares tecem festões e grinaldas de enrediços ou escondem os galhos sob as folhas e os tuberculos dos orchideas. As bromelias varias memoram ainda os cocares dos guerreiros autochtones. Mal percebido do viajante de vias ferreas, em cuja retina se succedem rapidamente as imagens dos objectos, quasi sem tempo de nella se fixarem, ha em uma deveza da serra, juncto a uma lapa, um tronco esgalhado, com uma coroa de epiphytas, o qual semelha o derradeiro guayanaz soturno e merencorio, visitando o tumulo do filho.

Dir-se-ia que, abrindo prodiga as entranhas, a terra ostenta alli todos os prodigios da vegetação.

Acima de um accumulo de nevoas, no fundo do desfiladeiro, está ainda de pé uma arvore morta: cipós, tesos como cabos, prendem-se-lhe ás grimpas, onde a *barba de velho* oscilla ao vento. Parece o mastro grande de uma nau sossobrada.

Deixando atraz de si, no horizonte, a linha esbatida do Oceano, sobre a cabeça o ceu puro, sob os pés o abysmo torvo e em volta o ambiente saturado do perfume acre do sertão e o espaço pejado do fragor longinquo das torrentes, transpõe o viajor os planos inclinados, e, dentro de pouco tempo, entra nos campos do extenso planalto.

Ahi o scenario muda: o solo argilloso e secco cobre-se de pastagens que recuam até ao fundo do quadro, a perder de vista. Erguem-se então os capões do matto, alguns dos quaes tão regulares e symetricos como se fossem aparados

á tesoira. Vê-se que não funccionou alli espontanea a vegetação e que algum representante de outro reino da natureza se veiu entremetter no trabalho do reino vegetal.

Com effeito, se não foi a mão do homem quem dispoz assim os grupos daquelle immenso parque, outro animal pequeno alli trabalhou : foi o cupim.

O campo era continuo : veiu o cupim e lavrou-o. O solo era liso e rijo ; o animalzinho furou-o, solapou-o, levantou-lhe uma empola. Cahiram depois as chuvas, humedecendo a terra arida ; e a semente trazida pelo vento, pelo passaro, pelo insectos, poude geminar afinal. Germinou, cresceu fez-se arvore, floriu, fructificou, conservou a frescura sob a copa, cobriu de humus o chão, protegeu novas sementeiras, perfilhou a quanto desvalido lhe foi bater á porta em noite tormentosa, e aos que dava agasalho e abrigo ia ensinando a proceder de modo identico para com outros ; e desta forma a lavra de um infimo animalzinho tornou-se um bosque.

Fora da acção desse obscuro e ignorado agente da creação, a explanada corre despida de arvores, mas coberta de rasteira gramminea que, não raro devorada pelo fogo, renasce de sob as cinzas.

Quem vinga o alto da serra e penetra nesses campos, sente expandir-se-lhe o coração ; a circulação do sangue accelera-se, as narinas dilatam-se e olfateam com volupia, sorvendo a largos haustos o ar vivificante.

Era o que succedia no anno da graça de 1871, em pleno mez de Decembro, pouco depois do meio dia, a um viajante commodamente sentado em um vagão de 1ª classe da estrada de ferro da Santos a Jundiahy.

O seu traje elegante e cuidado contrastava com o vestir negligente e bonacheirão de mais dois passageiros que iam no mesmo compartimento do carro, um cabeceando a um canto, presa mais do somno que da belleza da paizagem, outro a olhar de esguelha para o *leão* fluminense que suspeitava ter deante de si.

Se o traje do *touriste* era elegante, o physico resentia-se de tal ou qual adiposidade que, no distender das costuras do artista em córtes, deixava transparecer a pretenção ridicula de parecer mais esbelto e mais moço do que realmente era.

Desde as pontas voltadas do collarinho a milord até ás pontas demasiado largas das botinas de verniz, editadas

na Côrte sob a responsabilidade de Méliès, as differentes peças da moderna armadura dos conquistadores, tinham nelle quasi todas as cores do prisma.

Gravata azul-celeste, abotoadura e cadeia de coraes, luvas amarellas, collete e chapéo cor de perola, paletot cor de pinhão, calças de cor indefinivel pela multiplicidade e contraste dos matizes que a compunham : tal era o traje de um rapagão viajado cheio de experiencia do mundo e de confiança no seus quarenta annos que, attestando-lhe de modo irrecusavel ter já feito o que bastava ao seu amor proprio, não o faziam chorar como os quarenta annos de Cesar, ao lembrar-se este de que com menos edade já o Macedonio conquistára meio mundo, ao passo que elle nada havia feito ainda. Uma ponta de calvice se lhe insinuava por entre os cabellos louros que pareciam estar presos ao rosto um tanto flaccido, pelas duas costelletas ruivas e por sua vez quasi unidas ás guias do bigode da mesma cor.

Barba e cabellos ornamentavam-lhe a fronte, dando-lhe uns ares marciaes e triumphantes de couraceiro allemão. Trouxera esse aspecto, por influencia ou memoria da campanha franco-prussiana, de volta da sua viagem á Europa. Respirando o ar livre da planura, o viajante, com os pollegares mettidos nas cavas do collete, cabeça alta, olhos e charuto accesos, satisfeito comsigo mesmo e com a companhia ingleza de caminhos de ferro, via valsarem as arvores de um lado e do outro.

Dansa phantastica é essa do arvoredo á beira das estradas de ferro. As arvores mais proximas e esbeltas, apanhadas pelo raio visual mais curto, volteam rapidas, e as mais distantes ou mais copadas gyram como pesadas matronas, receiosas de se metterem no doudejar do bando vertiginoso.

Quando, depois de atravessar os campos do Ipiranga, o comboio desfilou pelos pittorescos arrebaldes da Moóca, do Braz e da Luz, envolvendo a velha capital paulista no seu semi-circulo de ferro, a physionomia do viajante abriu-se ainda mais e elle perguntou, em tom communicativo ao desconfiado companheiro de carro qual a demora do trem na estação de S. Paulo.

A resposta secca do interrogado não conseguiu perturbar a expressão expansiva que se via no rosto do viajante. Alguma remota lembrança lhe sorria talvez na alma. Talvez a simples passagem por aquella cidade de onde cada moço

traz para a vida pratica um romance, cujo numero de volumes varia com a indole mais ou menos imaginosa do auctor, talvez, quem sabe? o mero attractivo que possue um campo de batalha para todo o esforçado cabo de guerra que applaude tanto as proprias como as alheias façanhas, verdadeiros Corações de Leões que não desdenham de apertar a mão dos Saladinos infieis ; talvez tudo isso, ou nada disso, mas coisa diversa, enchesse de secreto jubilo o coração do nosso viajante.

O que é certo é que elle conservou as mesmas felizes disposições até á estação de Jundiahy, onde saltou de mala em punho, como qualquer viajante illustre com proposito democratico, e onde o recebeu um pagem vistosamente fardado, creôlo esbelto e bem fallante que tinha vindo ao seu encontro.

— A bençam, seu Amancio, disse-lhe o pagem quasi com intimidade. A conducção está ahi ; o senhor está esperando Vosmecê na fazenda. Hontem, quando elle recebeu o seu telegramma, deu ordem para aprómptarem os animaes e queria vir hoje buscal-o; mas appareceram uns sucios, e lá ficou elle ás voltas com a orelha da sota. Esperam com o jantar, ainda que Vosmecê chegue de noite.

— E sinhá tambem está á minha espera ? perguntou Amancio sacudindo a poeira da roupa e estendendo o pé ao pagem para que lhe puzesse as espóras.

— Este seu Armando! Oh! seu Amancio, acudiu o pagem com vivacidade, olhe que depois do casorio eu quero ir para o Rio com Vosmecê.

— Qual casorio, pateta, não sejas bobo : penso lá em casar-me !

— Pois lá em casa não se falla noutra coisa. Havemos de ver isso. Seu Julio, seu tio, disse que Vosmecê estava um rapagão. E eu vi Nha Lu estar vendo no album o seu retrato. E o moleque, abaixado a atar-lhe as esporas, levantou a cabeça e olhou sorrateiro para Amancio.

— Vosmecê lembra-se ha dois annos na Côrte daquella moça do bond ?

— Tratante ! disse o viajante lisongeado, mettendo dois dedos no bolso do collete e dando-lhe algumas moedas.

O pagem guardou o dinheiro, saltou da plataforma e segurou no estribo para Amancio montar.

Puzeram-se a caminho. O sol dardejava raios abrazadores sobre a terra incandescida : os córtes avermelhados da

estrada desprendiam evaporações quentes que nas arestas das barrancas pareciam atear na vegetação rasteira chammas semelhantes ás que produz o alcool. A luz immergia nas devezas mais escuras, doirando os insectos e fazendo emmudecer o habitante alado das capoeiras. Cada folha de arbusto recortava no chão sombra varia e differente.

Acima da paizagem exuberante de luz e de vida erguia-se o cone volcanico do Jaraguá envolto em uma como aureola.

Era um formoso dia de verão, claro e ardente como a paixão do amor, mas do amor que vive, como a salamandra do mytho, da chamma que o anima e devora.

Horas depois, Amancio e o pagem, tendo galgado uma pequena collina, descortinavam um valle pittoresco, fechado por montes não muito elevados, atraz dos quaes, havia pouco, se tinha escondido o sol poente.

Castellos de nuvens brancas, pejadas de electricidade, davam ao crepusculo um tom diffuso.

Após um dia abrazador, não corria a menor viração: o unico movimento que havia na folhagem, onde já se aninhavam as sombras, era, no mais cerrado das moitas, o agitar das azas dos vagalumes que se diria o offegar da vegetação ardente.

No fundo do valle avistavam-se as casas da fazenda, de onde coavam sobre o arvoredo visinho as primeiras e indecisas resteas de luz.

O viajante parou um momento no topo do morro, extendeu os olhos sobre aquella terra da promissão, deu de novo redeas ao animal e, seguido pelo pagem, desappareceu em uma volta do caminho.

CADEIRA THOMAZ GONZAGA

THOMAZ ANTONIO GONZAGA (1747-1809) naceu na cidade do Porto, em Portugal, onde se pai, brazileiro de nacimeuto, ocupava o cargo de ouvidor. Formado em direito pela Universidade de Coimbra, veiu para o Brazil exercer a sua carreira. Era ouvidor da comarca de Villa Rica, em Minas Geraes, ao tempo da Inconfidencia, da qual fez parte ; prezo e condenado á morte, foi-lhe a sentença comutada em degredo para Africa, onde morreu.

Amorozo de *Marilia* (D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas Brandão) Gonzaga fez dos seus amores o tema excluzivo da sua poezia : a expressão que lhe deu é sincera e a forma simples, posto que não raro artificioza e amaneirada ao gosto do tempo e da *Arcadia*, á qual se filiou com o nome de *Dirceu*. Foi um lirico de muito valor ; de algumas de suas liras, disse Garrett, que são de perfeita e incomparavel beleza. A censura que lhe fez, com admiravel justiça, foi que elle não houvesse pintado os quadros da sua poezia com as cores e o natural do paiz, em vez de dezenhar cenas enropéas, por imitação de escola.

A sua obra foi publicada com o titulo de *Marilia* de Dirceu.

SILVA RAMOS

JOSÉ JULIO DA SILVA RAMOS naceu em 1853 no Recife. Estudou em Portugal e é formado pela Universidade de Coimbra. Jornalista e professor, colaborou n'*A Semana*, com o pseudonimo de Julio Valmor, no *Jornal do Brazil* e em varias revistas. E' lente de Portuguez no Internato Bernardo de Vasconcellos (antigo Internalto do Ginazio Nacional) desde 1903.

Prozador e poeta. Escreveu *Adejos* (versos) em 1871, *Pecado venial*, comedia de Millaud traduzida alem de trabalhos em proza e versos. morto 1930

EPISTOLA

A ARTHUR AZEVEDO

Emquanto passam fóra as turbas dos devotos
Da politica, e alçando em cada mão, os votos,
Anhos de Rabelais accorrem, lesto, ás urnas,
Para me distrahir das fadigas diurnas,

Eu, que á festa não vou nem folgo na taberna,
Arthur, fico a scismar na poesia moderna.
Sê pois, o meu Pisão ; escuta-me a parlenda,
Que eu gosto de fallar, se encontro quem me entenda.

Sem duvida, é o Brazil dos povos do Universo
O povo onde melhor se dá a trova e o verso.
Explica-se este caso ethnologicamente :
Embalou-nos no berço a musica indolente
Dos hymnos a Tupan ; por outra parte, o clima
Actuou, por sua vez, na producção da rima.
Vencidos do calor ao natural quebranto,
Balança o corpo a rede, a alma balança-a o canto.
Depois, tudo é rimar na vastidão das matas :
O cachoar da ribeira e o choro das cascatas ;
Rima o vento que açoita as densas ramalheiras,
E o canto festival das aves palradeiras.

Mas ah ! porque esqueceu á natureza ingente
Ministrar-nos tambem, concomitantemente,
Na uberrima expansão da enorme seiva athletica,
Esta coisa banal e simples : a *Arte poetica !*
(A arte neste lance o esdruxulo condemna,
Mas, tem paciencia, assim foi que sahiu da penna.)
Pois seja como for, se houvera o tal tratado,
Diria a Natureza ao poeta : O' meu amado,
Adoro os madrigaes, mas, por Deus, não te mettas
A balbuciar de amor, pegando-te a muletas.

E teria razão a doce mãi Natura.
Na verdade, não sei como é que ella ainda atura
Tantos versos onde ha tudo o que se lhes metta :
Astros, cancros, reptis, larvas, — uma gaveta
De remendão — mas têm um defeito os perversos :
Que, sendo tudo mais, sómente não são versos.

Que tratos que não dão aos pés em que se parte
O metro, e vêm dizer que aquillo é que é a arte :
Se é a arte aquella coisa, affirmo, com certeza,
Que é a arte que entorta os pés da japoneza.
Não ; a arte não é, nem póde, ser aquillo :
A arte é sentir o verso, ainda antes de exprimil-o,
Palpitar dentro em nós na essencia mais completa :
Isto é a arte, sim, e quem o sente é poeta.

E na adjectivação, ó céos, que desatino !
Em vão, tu te esforçaste, ó grande Tolentino,
Dando ao denominado o epitheto opportuno ;
Não te seguiu a escola, ao menos, um alumno.
E hoje apenas um fim têm os attributivos :
Não deixar perceber os simples substantivos.
E as imagens ? E' rara a estrophe em que não surda
Qualquer comparação supinamente absurda.

Tu, que, na lide, heróe entre os heróes, combates,
Podias ensinar aos incipientes vates
O que, só por fallar, a ti inculco e digo :
— Se um com outro aprender, não serás tu commigo —
O artista a quem apraz pintar com penna e tinta
Tem de reproduzir, como aquelle que pinta
Com palheta e pincel, a realidade nua.
E' assim que o esplendor das artes se insinua
Nos corações ; não é arremedando a imagem
Da verdade com vã, phantastica visagem.
Antes de tudo mais, deve-se ser sincero :
Foi Horacio quem deu a lei que eu considero
A suprema das leis : « chora, primeiro, amigo,
Se intentas conseguir que eu vá chorar comtigo ».
E' preciso fugir ás suggestões de escola :
Quando a luz da manhã a nuvem desenrola
Que envolve a creação, deixando absorta a vista,
Ninguem, pergunta ao sol se elle é naturalista.

No contorno do verso evitem-se as durezas ;
Hão de surgir da estrophe as naturaes bellezas,
Como surge o esplendor do sol nas manhãs calmas,

Alumiando o mundo e alumiando as almas.
A poesia, meu caro, é a gondola ligeira
Que deslisa, a sabor da viração fagueira ;
Não é o churrião que vae, aos solavancos,
Pelo pendor da encosta, aos trancos e aos barrancos,
Aqui se arrasta, ali se empina, além se enterra,
A vencer e a galgar os barrocaes da serra.

No que toca á medida, ahi fica a arena vasta,
Que cada poeta vá para onde o gosto o arrasta.
Soffre do alexandrino eternamente o jugo

Quem amou a Musset e amou a Victor Hugo ;
Mas contra a seducção se no intimo reage,
Alongue o braço á estante, alcance o seu Bocage,
E ha de ver que, quando é um mestre que o tornea,
O decasyllabo é o ideal da melopea.

Ao de nove consagro uma infinita zanga,
E' monotono como um hymno de charanga.
E' bello e tem seu que de marcial o de oito ;
Mas sempre te direi que a esse eu não me afoito ;
Não se póde guardar com elle o meio termo,
Se um guerreiro não sae, sae nos um estafermo.
O de sete, esse sim ; esse eu amo e tu amas,
Verso que a acalentar cantam as mães e as amas,

E' a trova do pastor na volta para a herdade,
E que em nós vão gemendo as maguas e a saudade.
Nem a deixo esquecida a fórma a que submetto
Os meus caros ideaes, angelical soneto,
Diamante que reflecte um mundo inteiro, e abarca
A alma de Camões e a alma de Petrarca.

Não basta a um verso ter as syllabas da conta :
E' forçoso attender a uma outra lei que aponta
Para cada medida as proprias dominantes.
Quem isto desprezar eu lhe aconselho que antes
Se dê a fazer prosa, ou melhor, nada faça,
Mas versos, Deus o livre e a nós dessa desgraça.
Não urge em portuguez a consoante de apoio
A' ultima vogal accentuada ; apoio
Que a empregue quem quizer, contanto que se exprima
Naturalmente a idéa e se não force a rima.
Aborda-se a questão dos agudos e graves ;
Uns e outros, de bom rosto, applaudirei que traves :
Mas, bem deves saber, não vou entrar na pugna
Pela partilha igual. E' certo que repugna
A insistencia no agudo á indole da lingua,
E, se dois a seguir me vêm na estrophe, extingo-a
Como fazia o grego á geração disforme.
Mas não vejo tambem que muito se conforme
Com a feição liberal, com que a arte se atavia,
A nimio rebuscada e inane symmetria.

E as figuras que dão ou tiram lettra ? Nunca
Me verás recorrer á que estira e á que trunca ;
Abomino-as ; não ha coisa que me enquizile
Como essas taes : eu estou com o mestre de Banville :
Licenças, não as ha. — Syllabas não são callos,
Que assim possa qualquer creal-os ou cortal-os.

E basta ; que, afinal tudo o que a Arte ensina
De que serve a quem não tiver a *mens divina ?*

LITERATURA IMPESSOAL

A proposito da entrada de Pierre Loti para a Academia. Franceza preterindo a Emile Zola, revive a questão da litteratura impessoal.

Não pretendo discutir o direito, no meu entender indiscutivel, que tinha o autor da grande obra de arte que se estende pela immensa galeria dos Rougon-Macquart, a occupar no glorioso Areopago a cadeira que deixou vasia a attrahente figura do autor de *Mr. de Camors ;* mas, tendo visto que a principal accusação contra o autor de *Chrysanthême* é o seu extremado *personalismo,* senti revoltar-se-me o animo, e experimentei uma vontade irresistivel de dizer bem alto o que tantas vezes tenho pensado commigo :

Meus caros amigos naturalistas, é tempo de acabarmos com este flato de litteratura impessoal, em que nem os senhores, nem eu, nem o proprio Zola acreditamos absolutamente.

Tem-se dito milhares de vezes : a menos que não pretendam reduzir o escriptor á condição de machina photographica e a obra litteraria a producto de chapa, esta tem por força de ser pessoal.

Nem me venham com subtilezas, dizendo que, quando se affirma que o romance deve ser impessoal, se não pretende excluir a intervenção indirecta do escriptor, mas simplesmente dar a entender que elle se não deve insinuar como personagem na sua obra. As consequencias são as mesmas Que digo ? São peiores no caso do romance chamado impessoal, porque, neste, o leitor penetra desprevenidamente, sem guia e sem pharol, em um labyrintho inextricavel de virtudes e de vicios, de opulencias e de miserias, de heroicidades e de fraquezas, de amores e de odios, de egoismos e de

abnegações, de paixões que ennobrecem e de depravações que aviltam, e, uma vez lá dentro, admira-se de que os que ali vivem não pensem como elle pensa, nem sintam como elle sente, sem se lembrar de que homens e sentimentos tomam proporções tão grandiosas, como productos naturaes do cerebro que os concebeu, o qual transcende em larga medida a bitola dos cerebros communs.

Não assim no romance pessoal. Neste, o autor, emquanto envolve o nosso espirito no turbilhão das consciencias alheias e lhes sonda os mais intimos recessos, de tal maneira vai deixando a descoberto a propria consciencia que podemos desde logo decidir que parcela de elemento subjectivo ha de descontar-se afinal.

A grande lei da influencia do meio acha-se inteiramente invertida nos trabalhos dos escriptores impessoaes.

O que evidentemente caracterisa essa influencia é ser em si mesma *determinativa*, quero dizer, occasionar, na pessôa sobre que se exerce, modificações que não dependem da vontade desta, e da parte de quem a experimenta, *inconsciente*, o que significa que taes modificações se realizam, sem que o individuo se aperceba que se está elaborando dentro delle um trabalho lento de adaptação.

Ora, os escriptores naturalistas, que se comprazem nas longas descripções minuciosas, visam, por certo, a que o leitor tome o conhecimento mais completo das circumstancias que actuaram no modo de ser e nas resoluções das suas creaturas. Mas a impressão que tem o leitor, por exemplo, ao penetrar em uma das galerias do *Germinal*, guiado por um cicerone singularissimo, a quem não escapam os mais sinuosos esconderijos daquelle mundo subterraneo, não é, por fórma alguma, a impressão que podem receber os espiritos incultos dos operarios das minas ; por outra parte, a influencia que tudo aquillo exerce no animo dos mineiros não é a que nós experimentamos, commodamente sentados no nosso gabinete, embevecidos pelo encanto do estylo epico do seu autor, deixando-nos commover muito mais pelo seu talento do que pelos sentimentos dos personagens que elle creou á imagem e semelhança da sua alta mentalidade, e que vivem antes a vida que elle proprio lhes insufflou do que a existencia que lhes é determinada pela natureza do meio.

O naturalismo, com o rigor do seu processo scientifico, pretende levar-nos á conclusão do que, dado o tempera-

mento dos personagens e as conclusões do meio em que elles se debatem, as coisas haviam de se passar necessariamente como se passaram. E nós ingenuameute confessamos que assim é, ao concluirmos a leitura de uma scena como a que determina, por exemplo, no Paradou a prevaricação do padre Mouret.

Mas é uma illusão isto, porque o meio perfeitamente definido e repleto de minudencias que impressiona o espirito do leitor, não é de maneira nenhuma o meio vago em que os personagens mal reparavam, e de cuja influencia sobre a sua quéda não tiveram a minima consciencia ; por outro lado, o que naquelle ambiente devia actuar, com effeito, no animo dos que nelle viviam, nenhuma acção póde exercer no intimo dos que leem, entretidos como se acham a examinar as particularidades da decoração e a criticar os processos da escola.

E é em volta deste circulo vicioso que tem girado continuamente a pretendida impersonalidade das letras.

Incomparavelmente mais sincera é a obra considerada pessoal. O autor descreve acontecimentos em que tomou parte, pinta-nos quadros que se lhe desenrolam diante dos olhos, refere-nos como sentiu uns e como viu outros, e termina por dizer-nos, com toda a simplicidade, como foi que se deixou impressionar por elles. Aqui é o autor que, tendo elle proprio sido o executor, nos vem contar como foi que, solicitado pelas diversas forças que o rodeavam, se produziu a resultante que veiu a imprimir aos seus passos a direcção que elles tomaram, é o protagonista que nos vem fazer quinhoeiros das suas proprias emoções que elle nos transmitte directamente ao mesmo tempo que, transportando-nos para a atmosphera em que se agita o seu ser, e obrigando-nos a respirar o ar que elle respira, faz com que nós recebamos apenas, do meio para que nos transportou, a influencia que elle proprio recebeu.

Donde se conclue que a obra pessoal é muito mais completa e não menos scientifica ; pois que nesta vê-se claramente como as circumstancias actuaram em um ser que tem vida real, havendo apenas a considerar que esse ser sobreleva ao commum dos seres nas condições especiaes da sua impressionabilidade, emquanto que na arte impessoal tudo é convencional, desde a minucia da descripção, que faz suppor um trabalho de microscopia a que ninguem

ainda se deu, por mais observador que tenha sido, até o temperamento dos personagens que têm de ser, naturalmente, irritadiço, victimas como elles são, do attrito de pequeninas coisas que passariam despercebidas para toda a gente, mas qu'elles, coitados, são obrigados a supportar, porque ao seu creador aprouve dotal-os com uma acuidade de percepção que a maioria dos viventes não possue.

Diz-se ainda : o elemento pessoal origina a parcialidade. O autor que, ao mesmo tempo, é actor, não póde conservar a imperturbabilidade necessaria para não falsear a narração.

Mas tal imperturbabilidade não existe, absolutamente, em toda a obra dos escriptores impessoas. Basta dizer que uma vez traçado o plano dentro do qual se ha de desencadeiar o drama, e esboçado o caracter dos individuos encarregados de levar a effeito a acção, elles não admittem um destes reviramentos occasionados por frequentes excepções que a sciencia tantas vezes registra sem delles poder dar a explicação. Assim, por exemplo, os seus romances são sempre encaminhados a explicar os actos pelas fatalidades do temperamento e os temperamentos pelas leis da filiação e do atavismo. Ora, isto, que, como principio de escola, é eminentemente scientifico, como opinião antecipada para dar a razão de todos os actos e justificar as mais complexas organizações, é, por extremo, fallivel.

Note-se que eu não estou fazendo a critica dos processos naturalistas ; desejo, apenas, tornar sensivel que o *personalismo* nas letras não é, de modo algum, um elemento dissolvente e que não damnifica, de nenhuma fórma, a obra de arte o sentimento affectuoso que leva o escriptor a dizer a quem o lê : vem comigo ; quero mostrar-te as florestas por onde me perdi e as vagas que me balançaram no dorso ; vem debruçar-te, como eu me debrucei, das amuradas que o luar banhava no esplendor das noites tropicaes, ou atravessar, em alongada caravana, os desertos interminaveis da Nigricia ; vem ver como se despedaçam as náos de encontro aos gelos dos polos, ou como se requebram as almeias na embriaguez das dansas do Oriente. Vem sentir, vem gozar, vem viver, como eu senti, como eu gozei, como eu vivi.

E, emquanto elle nos vai encantando com estes dizeres, reparem-me neste impassivel que, abrindo á minha curiosidade o seu vastissimo museu, me aponta as galerias, e cru-

zando os braços em seguida, aguarda silencioso, sem um movimento, sem um gesto, sem a simples contracção de um musculo, que, á saida, eu lhe assignale 90 gráos da minha admiração, dobrando-me em angulo recto.

Parece-me ouvir dizer ainda : o *personalismo* introduz o commentario e o commentario é absurdo. Dada a fatalidade, ou, para falar a linguagem do positivismo, dada a *determinação* dos successos, elles se prendem tão intimamente á cadeia de causas e effeitos de que são o ultimo elo, que a opinião do escriptor é inteiramente dispensavel.

Mas, santo Deus, se o autor póde guiar os nossos olhos e os nossos ouvidos na contemplação das scenas que vai desdobrando diante de nós, porque não ha de poder igualmente encaminhar a nossa intelligencia a observar os phenomenos, a agrupar os factos, a constituir as syntheses, a formar as leis, por fim, coisas estas que o leitor nem sempre póde fazer por si, por deficiencia ingenita das proprias faculdades ou, quando mais não seja, por natural desidia do espirito.

O que torna Zola grande, nem creio que lhes dê novidade, não é a impersonalidade da sua obra ; é a fauna e a flora portentosas da natureza por elle creadas, é o maravilhoso arremesso da sua architectura colossal, é o adamantino dos blocos em que talha as suas imagens sorprendentes, é a anatomia minuciosa dos seus corpos gigantescos, é a psychologia transcendente dos seus caracteres excepcionaes, é a nunca desmentida logica com que tira as conclusões das premissas que elle mesmo estabeleceu, é, finalmente, o assombro da sciencia com que filia os factos ás leis naturaes.

E é porque está convencido do nenhum poder da vontade para desviar a corrente dos acontecimentos que Zola se abstem de intervir na acção, e em toda a sua obra monumental não desmente uma só vez esta coherencia.

Mas, se já ninguem acredita no livre arbitrio, no sentido em que esta expressão era tomada, não deixou, todavia, de existir a emoção por parte do *quid* que em nós sente, pensa e quer. Ora, analysar o poder da emoção do individuo, isto é, estudar-lhe a sua psychologia é, pelo menos, tão scientifico como determinar pelas leis naturaes da mecanica social a trajectoria dos acontecimentos, ou como deduzir das fatalidades do temperamento as condições peculiares a cada existencia.

E, francamente, em que melhor laboratorio podemos nós estudar a psychologia do que em nós mesmos ? Em que é que a escola naturalista teria de desmerecer pela intervenção pessoal do autor na dramatização, mostrando-nos como foi que o seu eu se deixou avassalar pelas scenas que elle reproduziu, fazendo-nos experimentar a mesma força de attracção com que o reclamaram de todas as partes os variadissimos factores de seu meio, obrigando-nos, n'uma palavra, a sentir com o seu sentimento, quer dizer, a sympathisar com elle, pois que sympathia o mesmo é que synchronismo de sentimentos ?

De tudo isto concluiram já os que me lêem que, se é incomparavelmente mais intensa a minha admiração pelo autor de *Bête humaine*, é inquestionavelmente mais profunda a minha estima pelo autor de *Pêcheur d'Islande.*

A FLOR DO LARANJAL

A areia do jardim dos astros scintillantes
Reflecte a branca luz em prismas de diamantes.

Baloiçam-se no ar exhalações serenas :
Perfumes de baunilha e aromas de açucenas.

A doce trepadeira ascende, lenta e branda,
Do muro do jardim ás grades da varanda.

O grande gyrasol as folhas de oiro ostenta,
Entreabre a madresilva a flôr amarellenta.

Debruçam-se num lago os virides juncaes,
Riem discretamente as rosas triviaes..

Escuta-se uma voz : palavras palpitantes
Como as sabem dizer os poetas e os amantes.
Lá estão elles, os dois... que rendilhadas phrases
Nos seus leitos azues escutam os lilazes !...

Ella, o puro ideal das virgens de Sorrento,
Nelle o vago esplendor do magico talento.

Adivinhe-se o mais... á nossa vista os furta
Um condensado véu de emmaranhada murta.

No recinto do amor fez-se o silencio em tudo ;
Cerrou o lyrio branco o calix de velludo.

Nem um echo subtil, nem folha que se mova ;
E' toda aroma e luz a improvisada alcova.

Veem-se, a cada canto, umas estatuas rudes
De nymphas sensuaes em varias attitudes.

Nos labios de um e de outro o amor a sêde estanca...
Nisto, vê-se corar uma camelia branca.

Presente-se o pulsar de mysticos contactos,
Oscillam brandamente os indolentes cactos.

A flôr esponsalicia a flôr do laranjal
Perdera pelo ar o aroma virginal.

CADEIRA HIPPOLYTO DA COSTA

Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Menezes (1774-1823) naceu na Colonia do Sacramento e faleceu em Londres. Estudou preparatorios no Rio de Janeiro e fez os cursos de filosofia e direito na Universidade de Coimbra. Foi encarregado de Negocios junto ao Governo dos Estados-Unidos em 1800; prezo mais tarde nos carceres da Inquisição, lagrou evadir-se e foi para Londres. Ali viveu ocupado na redacção do *Correio Braziliense* e em outras publicações literarias. Proclamada a independencia do Brazil, serviu como ajente do Governo Brazileiro junto á corte de Inglaterra.

Traduziu para portuguez diversas obras de variado assunto, gramatica, historia, economia politica e filosofia. A sua obra principal o *Correio Brasiliense*, Armazem literario, forma uma coleção de cerca de 28 volumes.

E' com Evaristo da Veiga o fundador do jornalismo brazileiro; e esse é o merecimento que fez conhecido até hoje o seu nome.

SYLVIO ROMERO

Sylvio Romero naceu em 1851 em Sergipe. Formou-se em direito na Faculdade do Recife. Foi deputado federal e é lente de direito na Faculdade de sciencias Juridicas. Sociaes do Rio de Janeiroe de Logica no Coléjio Bernardo de Vasconcellos (antigo Internato do Ginazio Nacional). Filozofo, historiados, poeta, e critico. Publicou : *Cantos do fim do seculo, Historia da Literatura brasileira. A etnografia brazileira, Estudos de literatura contemporanea. A literatura brazileira e a critica moderna, Estudos sobre a poezia popular do Brazil. A filozofia no Brazil, Ensaios de Sociolojia e literatura. Ensaios de filosofia do direito, Doutrina contra doutrina; Historia do antigo direito em Hespanha e Portugal, Ensaios de critica parlamentar, Parlamentarismo e presidencialismo no Brazil, Historia do Brazil ensinada pela biografia de seus heroes, O alamanismo no Brazil, Outros estudos de literatura contemporanea, Machado de Assis, Cantos populares, Contos populares, uma Esperteza, Passe-recibo, Patria portugueza.*

Foi o primeiro que escreveu de modo completo, a *Historia da Litteratura brazileira*, antes d'elle penas esboçada por alguns precursores.

A NAÇÃO BRASILEIRA (1)

COMO GRUPO ETHNOGRAPHICO E PRODUCTO HISTORICO

E' incontestavel a tendencia moderna para reduzir as chamadas sciencias moraes a uma prolação da historia natural. Depois que o homem deixou de ser o centro e a medida das cousas, depois que se lhe marcou o genuino logar na creação, o modo de tratar a historia e os outros ramos scientificos,que se lhe prendem, soffreu uma alteração radical.

A antiga maneira de fazer a critica litteraria fundada nas regras *eternas do bom gosto*, modificou-se de uma vez e foi obrigada a acceitar a *relatividade* de seus conceitos.

Desde Buckle e Gervinus, começou-se a estudar a acção dos differentes *meios* sobre os diversos povos; desde Taine e Renan, admittiu-se, além d'isso, o influxo divergente das *raças* nas creações religiosas e artisticas.

Antes destes escriptores essa intuição era existente; elles a tornaram classica e vulgar.

Começaram a apparecer então os exageros, e os dilettantes litterarios não tiraram mais da bocca as palavras *meio* e *raça !*... Sobre a antiga rhetorica fundou-se outra com seus termos mysticos e sagrados. Improvisaram-se theorias phantasiosas sobre povos de formação recente, e, entre outros, Portugal, por exemplo, teve sua *raça* peculiar nos *mosarabes* e seu *meio* absolutamente distincto do resto das Hespanhas pela visinhança do *mar*, que não é, por certo, uma excepção portugueza !...

Entretanto, os factos ahi estão para impor-nos grande reserva : de um lado, a verdade inconcussa de que as velhas raças pre-historicas são quasi desconhecidas e que as raças historicas, como as dos aryanos, semitas e altaicos, desde a mais remota antiguidade, têm vivido no mais completo cruzamento e quasi fundidas. O criterio para a sua separação é quasi puramente linguistico, e a linguistica é um criterio bem fraco em ethnographia, especialmente entre os povos modernos e recentes, resultantes da fusão de muitas raças.

Por outro lado, o estudo da mesologia começa apenas a esboçar-se e ainda não se sabe totalmente como os *meios* modificam os povos. Tudo isto é certo e tambem o é

---

(1) *Historia da litteratura brazileira.*

que estes, por sua parte, reagem contra aquelles. O meio não funda uma raça, póde modifical-a e nada mais. Deve-se, neste assumpto, contar com o factor *humano*, isto é, com uma força viva prestes a reagir contra todas as pressões por intermedio da cultura.

Não contesto a acção dos meios e das raças, que é um achado definitivo d'or'avante na sciencia. Imponho-me sómente algum cuidado no manejo de meu assumpto : a litteratura patria.

O povo brazileiro é um grupo ethnico extreme e caracteristico, ou é uma determinada formação historica ? Nem uma nem outra cousa, respondo resolutamente.

Não é um grupo ethnico definitivo ; porque é um resultado pouco determinado de tres raças diversas, que ainda acampam em parte separadas ao lado uma da outra.

Não é uma formação historica, uma raça sociologica, repetindo a palavra de Laffite, porque ainda não temos uma feição caracteristica e original. Temos porém os elementos indispensaveis para tomar uma face ethnica e uma maior cohesão historica.

Quando se trata de caracterisar a nação brazileira é claro que não deve ser no ar, phantasticamente, e sim em relação ao povo de que ella principalmente descende e diante daquelles que a cercam. Se o povo portuguez não se distingue ethnologicamente do hespanhol, nós temos elementos para nos separarmos consideravelmente do nosso ascendente europeu e dos povos visinhos que nos cercam.

A raça aryana, reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas, contribuiu para a formação de uma subraça mestiça e crioula, distincta da européa. A introducção do elemento negro, não existente na mór parte das republicas hespanholas, habilita-nos, por outro lado, a afastar-nos destas de um modo bem positivo.

As condições especiaes de nossa geographia vêm tambem em nosso auxilio. Não é tudo ; uma circumstancia, por assim dizer pre-historica, e de que não se tem medido todo o alcance, apparece para auxiliar a caracteristica do povo brazileiro. A principal familia indigena, que occupava esta porção da America, não se confundia com qualquer outra. Os brasilio-guaranys povoavam justamente a mór porção d'esta parte do continente, onde se vieram estabelecer o negro e o portuguez. Este facto concorre para separar-nos ainda

mais das gentes hispano-americanas, que, além de não possuirem o elemento africano, tiveram um vasto cruzamento indigena de todo diverso do selvagem do Brazil.

A' vista deste facto, deprehende-se por si mesmo que toda a margem esquerda do Paraguay e do Paraná é genuinamente brazileira pela origem primitiva de seus habitantes, e seria hoje uma parte do Brazil, se o não tivesse obstado a fraqueza ou a inepcia dos governos portuguez e imperial.

O povo brazileiro como hoje se nos apresenta, se não constitue uma só raça compacta e distincta, tem elementos para accentuar-se com força e tomar um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de representar na America um grande destino cultur-historico.

Dentro dos limites de uma só familia humana, ramos varios podem offerecer tendencias e aptidões diversas. Os francezes, italianos e allemães pertencem ao mesmo grupo aryano, e que diversidade entre elles de manifestações espirituaes !... No Brazil a tendencia á differenciação póde ser ainda maior do que entre aquelles povos, se circumstancias anomalas e retardatarias não se vierem interpôr ao nosso desenvolvimento, como é muito para temer.

Concerrando o assumpto deste capitulo e respondendo á questão que elle contém, em poucas palavras, direi :

A estatistica mostra que o povo brazileiro se compõe actualmente de povos aryanos, indios tupis-guaranys, negros quasi todos do grupo bantú e mestiços destas tres raças, orçando os ultimos certamente por mais de metade da população. O seu numero tende a augmentar, ao passo que os indios e negros puros tendem a diminuir. Estes desapparecerão num futuro talvez não muito remoto, consumidos na lucta que lhes movem os outros ou desfigurados pelo cruzamento.

O mestiço que é a genuina formação historica brazileira, ficará só diante do branco quasi puro, com o qual se ha de, mais cedo ou mais tarde, confundir.

Não é phantasia ; calculavam-se em tres milhões talvez os indios do Brazil. E hoje onde estão elles ? Reduzidos a alguns milhares nos remotissimos sertões do interior.

Computavam-se tambem em alguns milhões os negros arrancados da Africa pela cobiça dos brancos ; e hoje chegam elles por certo apenas a uns dois milhões.

As pestes e as guerras fizeram aos indigenas o que os

trabalhos forçados fizeram aos africanos. As selvas não estão mais povoadas de caboclos, para serem caçados pelas *bandeiras* ; os portos da Africa estão fechados aos navios *negreiros*.

A consequencia é facil de tirar : o branco, o autor inconsciente de tanta desgraça, tirou o que poude de vermelhos e negros e atirou-os fóra como coisas inuteis. Foi sempre ajudado neste empenho pelo *mestiço*, seu filho e seu auxiliar, que acabará por supplantal-o, tomando-lhe a cor e a preponderancia.

Sabe-se que na mestiçagem a selecção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o typo da raça mais numerosa, e, entre nós, das raças puras a mais numerosa, pela immigração européa, tem sido, e tende ainda mais a sel-o, a branca. E' conhecido, porisso, a proverbial tendencia do pardo, do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando a sua cor pode illudir.

Quasi que não temos mais familias extrememente arysanas ; os *brancos presumidos* abundam Dentro de dois ou tres seculos a fusão ethnica estará talvez completa e o brazileiro mestiço bem caracterizado.

Os mananciaes negro e caboclo estão estancados, ao passo que a immigração portugueza continúa e a ella vieram juntar-se a italiana e a allemã. O futuro povo brazileiro será uma mescla africo-indiana e latino-germanica, se perdurar como é provavel, a immigração allemã, ao lado da portugueza e italiana.

Ouçamos um homem pratico, o Dr. Hermann Rentschler: « Nos Estados Unidos, onde havia mais indios e negros do que no Brazil, a experiencia tem demonstrado que no decorrer do tempo o *indio* e o *negro* desappareceram em contacto com o branco. O Brazil não deve contar seriamente com os indios e negros como elementos de uma civilização futura, ainda que extenda até elles os beneficios do ensino primario. As futuras gerações do Brazil, se fôr aproveitada a colonização allemã, constituirão um povo mixto de brazileiros propriamente ditos, portuguezes e allemães. Os descendentes do novo povo mixto serão superiores a seus antecessores, portuguezes e allemães, como elemento de colonisação. Transportemo-nos em espirito ao futuro do Brazil : ahi veremos um *povo mixto* muito mais apto e capaz do que seus progenitores para a cultura das terras, porque serão

habituados desde o berço ao clima e á vida do paiz. Uma nacionalidade não é um facto primeiro, que surja num dia certo do fundo tenebroso da historia. Segundo o pensar de um notavel ethnologo, é ao contrario o resultado de uma grande quantidade de combinações, de fusões, de eliminações e de associações de toda a especie. Uma vez formada, ella constitue um quadro indestructivel que se impõe nos elementos novos que se lhe vêm juntar ; mas a unidade, nisto como no mais, é um termo e não um principio original.» (*Contribuição para a psychologia comparada dos povos.* Rentschler.)

Estes factos ficariam sem vigor para a historia litteraria, se, ao lado do cruzamento physico, se não désse tambem o das idéas e sentimentos. A união neste solo de povos em tão variados estadios da intelligencia influiu na psychologia do povo brazileiro. Os negros para aqui transportados estavam, ao que supponho por factos, no momento primeiro do fetichismo, phase primordial da edade theologica.

Os indios achavam-se no periodo da astrolatria, momento mais adiantado do estado fetichista.

Os portuguezes eram monotheistas, ultimo momento do theologismo, mas tinham grandes residuos da epoca anterior — o polytheismo.

Dahi uma grande confusão no conjuncto das crenças e tradições brazileiras que encerram elementos contradictorios de todas as phases do pensamento.

Somos um povo em via de formação ; não temos, pois, vastas e largas tradições nacionaes. Negros e indios pouco puderam fornecer, e os portuguezes já tinham, com a Renascença, esquecido em parte as tradições da edade media, quando o inconsciente das coisas os atirou ás nossas plagas.

Dahi o estado fragmentario da nossa litteratura popular.

A TERRA

A terra ! Em face della a prece é pouco,
Tanto essa mãe sagrada é grandiosa !
Só uma estrella languida, mimosa,
Num hymno excelso a poderá saudar.
Negra, profunda, amamentando a vida,
Bebe do sol os raios que a illuminam ;
A' Vesta os seios calidos ensinam,
Meio abertos, o modo de os beijar.

Filha da luz, enternecida ainda,
Oh ! Se se lembra do homem, quando infante,
Odiando o temporal, moço gigante,
A sua ossada enorme lhe entregou.
Dentro, no corpo amado, é uma reliquia
Que ella sabe guardar... Narra aos espaços,
Contando aos ceus azues, que nos seus braços
A alma humana infantil acalentou.

Ao perfume balsamico das flores
E das auras ao tepido respiro,
Brilhando o céo, das aguas ao suspiro,
Um dia em seu sacrario um Deus sorriu.
Primogenito, do homem, das estrellas,
Das nuvens, seu tambem, que soube amal-o...
Que poema scintillou para abraçal-a !
Que nota nesse côro então se ouviu !

A natureza e as almas agitava
O suave frescor da mocidade ;
Sabia juvenil a divindade
Sobre um collo de grega adormecer.
E' intimo o segredo dos destinos !
A terra alcatifada e perfumosa
Fazia a flor em sonho, a moça em rosa
Do crystal de uma idéa um Deus nascer.

Vasta herdeira de imperios esquecidos
Atraz do tempo rapido, no escuro
Que elle deixa na busca do futuro,
Anciava, testemunha das nações
Que glorias ! Quanto sol sob o seu manto !
De tremulas palmeiras sob o leque,
Como Thebas sonhava e amou Balbeck ?
Como a vida estreara os corações ?

Viu-as lindas, sorrindo embriagadas
Aos effluvios cheirosos das auroras,
Festivas, deslumbrantes... Nessas horas
Quanta rosa nos peitos a se abrir !
Cem cidades, em fulgido concerto,
Do seu collar as perolas !... Nos seios
Após um sonho, em fervidos enleios,
Soltas lhe rolam todas a cahir...

. . . .

PARLAMENTARISMO E PRESIDENCIALISMO

NA REPUBLICA DO BRASIL

I

Sr. Conselheiro.

O Brazil inteiro conhece a parte proeminente que representastes na confecção da carta constitucional de 24 de fevereiro, que organizou e legitimou a republica entre nós. Todos sabemos que o vasto conhecimento que possuis das instituições americanas e a admiração que tendes por aquelles povo insigne levaram o vosso illustrado espirito a tomar por modelo, por norma, a constituição da grande Republica do Norte, quando tivestes, com vossos companheiros, no projecto do governo provisorio, de traçar as grandes linhas que haviam de marcar a fórma, os contornos, a estructura da nova organisação politica do nosso paiz, que foram aceitas pelo congresso constituinte. Todos sabemos disto, e é a razão por que de preferencia nos dirigimos a vós para o esclarecimento da these politica que serve de epigraphe a estas cartas.

Amigo vosso, admirador sem igual de vosso extraordinario talento, podeis contar que falareis ao abrigo de nossos applausos, ao aconchego de nosso respeito.

Falareis como mestre e vossa palavra despertará a attenção que lhe conquistaram a superioridade de vossa illustração e a relevancia de vossos serviços.

Cheguemos, porém, ao assumpto.

E' escusado querer esconder, como fazem muitos, a grande, a enorme aceitação que vai tendo no Brasil a idéa da republica parlamentar.

A principio timida, receiosa do descredito que certo sectarismo enfesado e inepto procurava, como ainda procura, lançar sobre ella, a theoria do parlamentarismo sentiu, por fim, força e estimulos para sahir do retrahimento a que se condemnara, deante dos erros, dos quasi irremediaveis desatinos do governo presidencial, que nos tem desbaratado em tres annos de terriveis loucuras.

E a idéa vai encontrando adeptos entre publicistas, deputados, senadores, politicos de valor e reputação, homens dotados de experiencia, conhecedores de nossa historia, avaliadores, conscienciosos da indole de nosso povo.

Não é tudo : um forte, um poderoso partido levantou-se no sul, na terra gloriosa da Republica de Piratiny, e inscreveu na sua bandeira o lemma do parlamentarismo, como o unico apto a consolidar a republica em plagas brasileiras.

Aquelle punhado de bravos lucta agora por seus lares, *pro aris et focis*, por suas familias, por sua honra ; porém combate tambem por principios ; são republicanos sinceros, firmes nas suas convicções.

Até aqui os luctadores do sul têm sido victoriosos ; e, se elles obtiverem o triumpho final, se sahirem vencedores em toda a linha, nós vos perguntamos, esse partido, fortalecido pelo exito das armas, não terá o direito de atirar na politica brasileira a sua idéa, prestigiada pelos esplendôres da lucta, pelos clarões da victoria ? Não será a occasião de começarmos a estudar o assumpto ? O *parlamentarismo* será de facto uma idéa vencida deante do *presidencialismo ?* Este systema será um progresso sobre a theoria rival, ou a verdade estará na concepção contraria ?

That is the question, que a nação brasileira tem o direito de discutir, quando mais não seja para procurar as causas pelas quaes o nosso desageitado presidencialismo nos desorienta e machuca ha tres annos.

Nada existe tão difficil, Sr. conselheiro, na esphera da sciencia humana, vós o sabeis, como os assumptos politicos e sociaes.

Não é, pois, de admirar que homens, que pugnaram por uma idéa, venham depois, esclarecidos pelos factos, orientados pela experimentação dos acontecimentos, fazer o sacrificio de suas vistas individuaes, deante da verdade triumphante.

A sinceridade assim o exige.

A sinceridade não consiste no aferro incondicional a um credo em que não mais se crê, pelo receio da revelação da mudanças por que se passou.

A sinceridade é antes o sacrificio de nossa commodidade doutrinaria deante da verdade que se nos impoz, que nos conquistou.

Tal é o caso de muitos dos nossos melhores republicanos em face do regimen parlamentar, em troca desse presidencialismo dissipado e trefego, que nos esphacela e deprime.

O systema parlamentar tem sobre o seu adversario uma

boa duzia de excellentes argumentos ; não é um vencido. Attendei.

Uma critica mais segura das fontes e das condições que deram origem á constituição americana tem esclarecido a verdadeira indole do chamado *presidencialismo*, que, bem longe de ser o grande merito daquella organização politica, é, ao contrario, o seu maior defeito. Os patriotas americanos de 1776, 1781, 1787-1789 não se afastaram, naquelle ponto, do modelo inglez por um acto de plena consciencia e por certeza absoluta de corrigirem para melhor a constituição de seus antepassados. Além de que o genuino parlamentarismo não tinha ainda naquelle tempo chegado á completa elaboração de sua propria fórmula, e isto é capital, os legisladores americanos, mesmo para o que já então existia na Inglaterra, não beberam nas melhores fontes. E' uma das bellas demonstrações do excellente livro de *Bryce*, apto a modificar a velha intuição corrente sobre o direito publico americano.

Pondo de lado a influencia geral e doutrinaria de Rousseau, que teve grande parte no espirito dos constituintes de 1787, influencia essa anti-britannica e dispersiva, os auctores da carta americana, segundo o celebre publicista inglez, não estavam bem ao par da genuina organização politica da mãi patria. Raros eram os membros da Convenção que tivessem estado na Inglaterra e possuissem um conhecimento pratico e directo de sua organização politico-social.

As noções immediatas, que vieram a ter depois de começada a lucta da independencia, lhes vinham pelas relações coloniaes e estrangeiras do governo inglez, as menos proprias para fornecerem cabal conhecimento do systema no jogo dos seus diversos poderes.

Fóra desta porta, por onde lhes chegavam truncadas noções, havia os livros lacunosos dos juristas, como Blackstone, que afferrado á lettra, quasi nada esclarece do espirito da organisação politica, ou as obras dos publicistas, como Montesquieu, que, com sua exagerada comprehensão da *separação dos tres poderes*, chegou a illudir aos proprios americanos. Não é só isto; é mister não esquecer que as colonias inglezas da America eram verdadeiros Estados quasi autonomos, com seus governadores, suas assembléas, sua organização judiciara, etc.

Em 1787 os convencionaes não fizeram, em grande parte, mais do que continuar o que em sua patria já estava feito

havia mais de seculo. Ora, os governadores dos Estados, representantes do executivo, dependendo directamente da corôa, não tinham necessidade de receber das legislaturas locaes ministros responsaveis, e gozavam deante dellas desta independencia, que lhes era garantida pelo governo da mãi patria.

A constituição federal tinha, pois, em casa o seu modelo, e, passando para a nação, para o paiz tomado na sua totalidade, uma circumstancia meramente occasional e oriunda das condições *coloniaes*, commetteu um erro que tem sido um escolho na vida politica do grande povo, erro que tende a ser eliminado, e que não tem sido fatal, por encontrar correctivo nas qualidades praticas e solidamente sensatas daquellas gentes sem par.

O presidencialismo é, dest'arte, um filho espurio da historia, oriundo de um *mal-entendu*, um resultado da inadvertencia, que só por aberração póde ser elevado á categoria de principio politico geral, que se proponha á imitação das outras nações. E a historia de toda a America desgraçadamente ahi está para dar-nos razão.

Não é tudo ; ao passo que os americanos transportavam para a União uma anomalia propria dos governos locaes das colonias, o parlamentarismo seguia a sua evolução para adeante ; dotava a Grã-Bretanha do governo mais livre que existe sobre a terra, ia ter repercussão entre os povos progressivos e liberaes.

A Hollanda, a Belgica, a Suecia, a Italia, a França, a Hespanha, entraram no grande cyclo dos governos de discussão, de responsabilidade, de vida ás claras, governos da opinião.

E, na Europa, quaes os povos que evitaram a grande innovação ?

Quaes os povos que ficaram apenas na simples *fórma representativa*, sem admittir o governo de gabinete, o governo de responsabilidade directa ?

As monarchias conservadores, aristocraticas, retardatarias, da Prussia, da Austria, do Imperio da Allemanha ! E eis como os extremos se tocam.

Este ponto é digno de ser ponderado : ha monarchias não parlamentaristas, como ha republicas deste genero ; porém são as mais ferrenhas e despoticas ; ha monarchias onde o

governo de discussão e responsabilidade é a regra, como existem republicas desta especie, e são, por certo, as mais felizes e as mais liberaes.

Não argumentemos com os Estados Unidos. E' opinião corrente entre os bons conhecedores daquelle povo illustre que elle se tem desenvolvido em paz, não pelo presidencialismo, porém a despeito do presidencialismo.

Este systema sem malleabilidade, firmado em uma suspeição insensata entre o legislativo e o executivo, proprio para crear attritos e luctas insoluveis entre os dois poderes, luctas que só podem ter sahida pela submissão affrontosa do legislativo, ou pela revolução armada, é o grande defeito, o grande defeito e não a grande virtude, da constituição federal americana, infelizmente imitada por nós neste ponto gravissimo.

O assumpto é tão sério, Sr. conselheiro, que, apezar da pratica que já temos de nossos desatinos de tres annos, não nos atreveriamos a fazer aquella censura á carta norte-americana, e implicitamente á nossa, se não tivessemos de nosso lado, além de *Bryce*, a auctoridade de E. Boutmy, conhecedor emerito do grande povo. Escreve este :

« A primeira impressão que deixa um estudo imparcial do assumpto é que a constituição federal mostrar graves vicios de estructura, e é uma machina muito imperfeita que se arrebentará ao primeiro choque verdadeiramente sério.

O principal objectivo de uma constituição deve ser, quero crer, estabelecer, o accôrdo entre os poderes, prevenir os conflictos violentos, impedir, pelo menos, a permanencia desses conflictos, ter á mão, neste intuito, meios de solução pacificos e rapidos ; o texto federal parece ter tomado por alvo fazer nascer esses conflictos, desenvolvel-os, envenenal-os ; multiplica-lhes os ensejos e prolonga-lhes com prazer a duração. Em todo tempo e em toda a parte, foi preoccupação especial crear e manter a intelligencia entre o parlamento e o poder executivo.

E é este um ponto capital. Na Inglaterra, nomeadamente, houve constante esforço por approximar os dois poderes achar entre elles pontos de contacto ; encaixou-se por assim dizer, um no outro, e, ainda assim, prevendo que a harmonia poderia ser perturbada, prepararam-se meio promptos e efficazes para restabelecel-a no *sentido indicado pela von-*

tade do povo. A Convenção de Philadelphia, compenetrada, até á superstição, da theoria de Montesquieu, poz todos os cuidados em conservar separados os poderes. Os caminhos que lhes traçou são invariavelmente parallelos, nunca se cruzam em um ponto qualquer.

Os poderes podem avistar-se, ameaçar-se com o olhar ou com brados distantes, não existe, porém, corredor ou becco onde se possam encontrar, entrar em uma justa opportuna, que deixe a um delles a vantagem e a victoria.

Na Inglaterra os ministros são membros das camaras e dirigem todo o trabalho legislativo. Nada mais razoavel. São delles, por certo, que melhor conhecem as necessidades e as difficuldades do governo, vêem, mais claro do que os outros, quaes as leis mais urgentes. E' sob sua responsabilidade que vão ser executadas as medidas votadas; terão cuidado em prevenir as inconsideradas e perigosas. Na America os ministros não têm entrada no congresso. O presidente e seus secretarios só por meio de mensagens e relatorios escriptos se podem communicar com as camaras.

O presidente póde dirigir de tempos a tempos ao congresso informações e chamar a attenção para medidas necessaras ou uteis. Porém taes proposições ou moções não podem ser acompanhadas nem pelo presidente, nem pelos ministros nas camaras, no intuito de as converter em *bills* formaes, sustental-as com a auctoridade da palavra de um governo responsavel, dissipar as desintelligencias, afastar as emendas contrarias ao *desideratum* da lei, modificar por si proprios o texto no correr do debate, segundo as impressões que surgirem na assembléa.

Todas estas condições de um trabalho legislativo amadurecido, judicioso, consequente lhes foram recusadas...

Os ministros, levados ao poder pela maioria da camara, têm escrupulos em se conservar nelle quando são por ella abandonados. O mais leve signal de desconfiança é sufficiente para os fazer retirarem-se.

Personagens considerados, chefes obedecidos, oradores admirados, fazem questão de honra em que não se lhes diga duas vezes que deixaram de agradar.

Em caso de dissidencia, a resolução do conflicto não se faz esperar. Os ministros desautorados por um voto contrario se demittem; cedem o logar aos representantes de uma opi-

nião mais conforme á da maioria ; a harmonia reina de novo entre os poderes.

Este mecanismo infinitamente sensivel, os Etados Unidos não o conhecem ; nenhuma das duas camaras tem alli o poder de derribar os ministros. E' que o ministerio não é lá um conselho de homens politicos, não passa de um simples *comité* de directores geraes, a cabeça mobil de uma *bureaucracia.*

Uma demonstração parlamentar não os attinge em seu amor proprio de oradores, nem em sua responsabilidade de homens de Estados.

O congresso tem contra elles um meio de acção: é uma accusação criminal seguida de uma condemnação pela maioria de dois terços.

Porém não passa isto de uma arma pesada e pouco maneavel, que serve apenas para se pendurar no museu das antiguidades constituicionaes.

Podem por consequencia os ministros se manter contra a vontade das camaras e conduzir o paiz por caminhos que ellas desapprovem, comtanto que o presidente esteja de accôrdo com aquelles e semelhante accôrdo poderia em rigor prolongar-se por todo o periodo presidencial.

E', ao que parece, o *conflicto permanente organizado pela propria constituição...*

Na America o ministerio não tem o recurso de appellar para o paiz e indagar das preferencias populares.

E' forçado a esperar que expirem os poderes da camara e que o proprio senado, renovavel pelo terço, passe por uma ou duas eleições.

Preso, durante todo este longo intervallo, a assembléas adversas, exposto a ver todos os seus actos mal considerados, obrigado a abrir mão das leis que julga mais indispensavel, resigna-se geralmente a viver de expediente; calcula todos os movimentos de modo a não levantar tempestades ; renuncia a todos os planos para os quaes um governo tem necessidade de que se lhe dê credito e se lhe conceda o beneficio do tempo.

Sua politica torna-se pallida, expectante, sem alcance. Nunca, evidentemente, empregou-se mais arte para tornar possivel a existencia e prolongar a vida de um governo fraco e dividido, sem orientação e desacreditado, *de um governo que não quer ou que não póde fazer a vontade da nação.* »

Merecem sério reparo estas considerações do mais notavel dos publicistas francezes hodiernos.

São oriundas da historia e da analyse do systema.

Nem elle está isolado, vós sabeis : vinte annos antes já *Laboulaye*, o famoso jurista e politico, tinha falado bem claro no meio de seu enthusiasmo pela Republica Americana.

« A responsabilidade ministerial, como existe na Grã-Bretanha, é uma garantia mais efficaz do *governo popular*, do que a mór parte dos systemas organizados pelas constituições inventadas ha sessenta annos... Na minha opinião o systema constitucional dos ministros responsaveis é *muito mais republicano* e tem menos inconvenientes do que o systema dos Estados Unidos. Os jornaes americanos já têm annunciado que se devia reformar a constituição federal de modo a que os ministros tivessem entrada na camara e esta pudesse exprimir o seu descontentamento. E no dia em que a camara puder censurar os ministros e intervir no governo, se exigirá, por indispensavel reciprocidade, que o governo possa dissolver a camara, e chegar-se-ha dest'arte *ao systema mais verdadeiro, mais franco, mais republicano*, que, todas, as vezes que uma difficuldade grave se produz entre os poderes, appella para o povo para que elle decida a questão...

No systema americano são patentes os inconvenientes, e já se começa a pensar na responsabilidade ministerial.

Percebe-se que até na monarchia, com ministros responsaveis, que podem ser derribados e substituidos por homens que melhor representem o paiz, *existe mais liberdade e verdadeira democracia do que na America* onde uma vez que um homem é eleito presidente, representa por quatro annos a administração, sem que se possa tocar em seu poder ; e durante esse tempo elle póde governar só, *entregue a si mesmo e sem prestar attenção á vontade do paiz.* »

E' bem certo que o presidencialismo tem tambem a sua especie de apologetica, que o vive a incensar ; porém é o tributo do interesse e do partidarismo inconsiderado.

Bryce, indirectamente, *Boutmy* e *Laboulaye*, de modo explicito, entre vinte outros quasi tão notaveis, representam a critica séria, sensata, desinteressada. Os factos falam a favor delles.

Vel-o-hemos mais de espaço, Sr. conselheiro, se tivedes a bondade de ouvir-nos.

II

Sr. Conselheiro,

O presidencialismo americano que, na phrase de *Alexandre Dehaye*, se afastou do ideal da fórma republicana moderna, não constitue um progresso,nem representa um avanço sobre o parlamentarismo. E' um velho systema, mais que secular, puramente oriundo de influencias locaes, do semi-representativismo das treze colonias inglezas da America do Norte, da falta de exacto conhecimento da organização britannica, e da influencia dezarrazoada das exagerações de Montesquieu.

O parlamentarismo, em sua fórmula completa, é um producto historico mais recente ; porquanto, na sua radical integração, é filho dos ultimos annos do seculo passado e das primeiras decadas do actual.

O presidencialismo já era uma realidade pratica na grande republica anglo-americana, quando se abriu o cyclo de constitucionalismo representativo parlamentarista, que interessou as principaes nações de nosso tempo.

Cesse, pois, essa leviana louvaminha do presidencialismo, como a mais adeantada das concepções politicas dos povos modernos. E' cantilena que não tem por si nem a historia, nem a doutrina.

Não basta, porém. Sr. conselheiro, ficar nesta ordem de considerações de indole geral ; indispensavel se torna penetrar no amago do systema, mostrar a carcoma que o corrompe, patentear a sua imprestabilidade no Brasil.

No empenho de concerrar o debate, correndo mesmo o risco de imprimir a estas despretenciosas cartas um cunho didactico, vamos dispôr em linha os defeitos da doutrina politica adoptada por nosso pacto republicanos defeitos que constituem outros argumentos contra ella e em favor da theoria opposta. E' preciso falar tambem para o povo e procurar ser claro.

Eis aqui ; o regimen presidencial tem os seguintes defeitos principaes :

a) é chegado ao militarismo, especialmente entre nós, e é muito geitoso para o manter indefinitamente ;

b) é uma especie de dictatura, nomeadamente entre os povos latinos da America, tendo todos os vicios desta modalidade de molestia politica ;

c) por uma pessima comprehensão da divisão e harmonia dos poderes publicos, não tem a maleabilidade, o elasterio indispensavel ao jogo politico da democracia moderna, tornando-se um viveiro de revoluções armadas das quaes as republicas americanas offerecem exemplos diarios, já innumeraveis, e de que o nosso Brazil já conta tristissimos casos ;

d) accumula abusos incontrastaveis pela irresponsabilidade e indiscussão em que se acha abroquelado ;

e) tira a força e o prestigio ao poder legislativo, e ao mesmo tempo a respeitabilidade ao executivo ;

f) por falta de scenario, de discussão, de lucta das idéas, é um regimem apropriado a elevar e manter no poder individuos mediocres, apenas habeis em curvar a espinha aos caprichos do presidente ;

g) soffre de todos os vicios, e até mais aggravados, dos manejos eleitoraes, sem as suas vantagens ;

h) não tendo necessidade senão de poucos agentes, não tendo que dar satisfação ás grandes correntes da opinião representadas nas assembléas, é proprio para manter-se pela corrupção, contra a vontade do paiz ;

i) na geral indisciplina e desorganisação do caracter brasileiro, resvala facilmente para o despotismo ;

j) estando divorciado, por vicios de sua origem militar, da massa do nosso povo, não tem meios de o attrahir, por sua natural tendencia de viver á parte, sem precisar de attender, como se sabe, ás aspirações da opinião ;

k) tem contra si a indole do nosso povo, no que ella tem de mais liberal, as suas tradições, no que ellas têm de mais selecto ;

l) é antipathico e suspeito á democracia, feição geral da vida social contemporanea, pelo aferro com que o defende o doutrinarismo compressor e dictatorial dos positivistas.

Vosso atilado espirito, vossa lucida e perspicaz intelligencia, Sr. conselheiro, bem vos estará mostrando que, por emquanto, é bastante a esplanação desta *duzia* de defeitos, só remediaveis para um *povo cheio de virtudes civicas*, o que não é absolutamente o nosso caso, para justificar o anhelo de muitos republicanos patriotas que anceiam por estabelecer no Brasil uma republica, firme, livre, popular, democratica.

Estas *contas* são pesadas ; mas vale a pena desfial-as por amor a este paiz. Peguemos no rosario e lá vai o primeiro padre nosso : o ***regimen presidencial é facil de descambar para o militarismo, maxime entre nós, e muito geitoso para o manter indefinidamente.***

Quem enuncia uma these destas é immediatamente assaltado por tantas provas, que sente apenas difficuldade na escolha.

Toda a historia das republicas hespanholas ahi chega em nosso soccorro. Caudilhos arrogantes, senhores da força armada pela habilidade de seus manejos, desobrigados de manter uma administração contrastada pelas camaras, têm sempre nessas regiões assentado barraca nas cumiadas do poder, de onde só se deixaram rechaçar por outros guerrilheiros opportunamente mais habeis, ou mais felizes.

E esse facto anormalissimo não é devido sómente ao caracter irrequieto daquellas gentes, como afoitamente, levianamente temos por habito dizer.

Nosso caracter nacional não é menos inconstante e indisciplinado, seja dito desde logo, e cumpre accrescentar que alli, como aqui, o proprio systema do regimen politico ajuda a ellas e ajuda-nos a nós nessas terriveis agitações.

Um regimen politico, onde o chefe do Estado é de facto um dictador, cercado de auxiliares irresponsaveis sem a mais leve obrigação de dar ao paiz a menor satisfação de seus actos, abroquelado no supremo desdem que lhe é outorgado pela propria constituição, tendo os pés fincados na força armada, que se move ao seu aceno, senhor de um poder discrecionario, enorme, limitado em seu mando, elle o chefe, apenas pela responsabilidade *theorica e pilherica* dos processos phantasiosamente ideados na carta politica, é naturalmente, irremediavelmente um *capitão de militarismo*, que a propria lei suprema apparelha.

E se acontece que a republica foi feita com o auxilio da força publica ; se ella foi ajudada por uma revolta armada ; se ella já teve dois presidentes militares ; se esta classe teve força e habilidade para levar agumas duzias de seus camaradas ao senado e á camara dos deputados ; se ella teve geito para em vinte governadores de estados tirar mais de metade de seu seio ; se ella tem alastrado por toda a administração publica ; se ella, obedecendo aos acenos do presidente, poz os fuzis ao serviço da derrocada dos governos estaduaes,

temos bem fundados motivos, Sr. conselheiro, para desconfiar de que o nosso presidencialismo é *um grapo alliado do* militarismo, e de que os dois amigos não se separarão facilmente.

Não phantasiamos ; os factos falam. Nos Estados Unidos, onde a republica nasceu com a causa santa da independencia, onde não existem exercitos que mereçam tal nome, não passando elles de uma perfeita *gendarmeria*, onde o genio industrial e pratico do povo oppõe-se quai insuperavelmente ao vicio do *militarismo*, alli onde a republica brotou naturalmente do solo da historia, onde não foram precisas baionetas para expulsar imperadores, onde a posição privilegiada do paiz entre dois oceanos, sem vizinhos poderosos e ameaçadores, dispensa quasi totalmente a força armada, o perigo não tem deixado por vezes de ser uma realidade, a ponto de despertar a attenção dos observadores imparciaes.

« Os americanos, escreve *Boutmy*, têm mostrado tanto ou mais gosto do que qualquer outra nação pelo renome e os ouropeis militares ; já se disse, com razão, que nunca houve uma guerra dos Estados Unidos que não tenha feito seu presidente. Em vinte e quatro eleições presidenciaes, o exercito forneceu *dez candidatos felizes* e *quasi igual numero* de candidatos que se approximaram da victoria. Em um paiz como a França, este concurso dez vezes repetido do suffragio da população e das acclamações de um exercito profissional, animado pelas recordações de uma victoria recente, teria, submettido os personagens eleitos a tentações demasiado fortes para a fraqueza humana e *creado pelo menos dois ou tres Cesares...* »

E em nosso Brasil o genio do povo de quem se approximará mais — do francez ou do americano ? Cuidado com os Cesares, com os dictadores de quaesquer nomes ou feitios...

O vosso talento insigne supprirá tudo quanto era possivel dizer nessa direcção, tudo que deixamos calado pela urgencia de ser conciso, pela necessidade de não ser inconveniente.

E' acertado ir adeante e tocar no segundo vicio :

O presidencialismo é uma especie de dictadura, nomeadamente entre os povos latinos da America, e systema cheio de todos os vicios desta casta de molestia politica.

Este defeito póde parecer uma simples variante do pri-

meiro ; porém em rigor é bem diverso e muito mais amplo. O cunho dictatorial do regimen presidencial é macula que elle apresenta quasi sempre e por toda a parte, ainda que não chegue ao extremo do militarismo desbragado.

Que vem a ser esse desrespeito diario pela lei, pela constituição acintosamente rasgada a toda hora ? esse desembaraço em intervir na vida interna dos Estados, depondo governadores, congressos, tribunaes, magistraturas? essas reformas bancarias, extra-legaes, quando no parlamento se discutia o assumpto, discussão que se fez sustar machiavelicamente ? esses escandalos eleitores, sem receio da menor censura ? essas ajudas de custo, esses presentes dos dinheiros publicos aos amigos, ferindo de frente os orçamentos ? essa caçada de homens, esse recrutamento expressamente abolido na constituição, resuscitado até dentro da capital da republica, em desprezo covarde â liberdade do cidadão ? esses abusos administrativos caprichosamente praticados em desrespeito aos mais comesinhos direitos do publico e para gaudio dos apaniguados da charanga governamental ? Que foi quasi todo o governo do Sr. Deodoro, seus desatinos nas finanças, sua politica reaccionaria, seu golpe de estado? Que outra coisa é essa gestão inqualificavel, indefinivel do Sr. Floriano, reformando generaes, ministros do supremo tribunal, demittindo, por desaccôrdo politico, funccionarios vitalicios ? Que outro nome póde ter em lingua humana todo esse balmacedismo crudelissimo que está trucidando o Rio Grande do Sul, a não ser de *dictatura*, a ferrea *dictatura* dos governos ineptos e malignos ?

A republica precisa de mais tino, mais respeito á lei, mais liberdade, mais sentimento do dever, mais largueza de animo, mais espirito de concordia, mais fraternidade.

Em seu falso plano, seu desgeitoso anhelo de ter auxiliares submissos nos Estados — o presidencialismo não quiz attender á opinião, desprezou, atacou, feriu as influencias locaes. Levantando, como arma de occasião, como espantalho vistoso, o *phantasma do sebastianismo*, machucou as influencias provincianas, que deviam ser aproveitadas, fez inimigos de homens que poderiam ser auxiliares, optimos auxiliares, da republica, com o seu prestigio, com a sua experiencia.

Partindo da illusão do perpetuo sustentaculo das gentes militares suppondo ingenuamente poder viver no ar, susten-

tado nas pontas das baionetas e nas boccas das canhões, acreditando infantilmente poder viver divorciado da nação, das classes operarias, das classes industriaes, das classes conservadores, cahindo na disparatada crença de ser praticavel a operação de reduzir um povo inteiro á selecção de um só grupo, um só gremio, reduzindo a esphera do governo a uma região asphyxiante, onde falta o ar, consumido pelo pneumatismo especifico que lhe é inherente, o regimen presidencial, por vicios intrinsecos e por achaques de origem, é inhabil, inefficaz, imprestavel para fundar no Brazil uma republica democratica, livre, que a todos possa abrigar, que a todos chame á collaboração da grande obra de nossa regeneração.

O systema decahido é para a nação uma recordação afflictiva, uma pagina da nossa vida que já foi volvida, que já está fechada e deve ficar perpetuamente na posição em que os acontecimentos a deixaram.

A monarchia brasileira, mais ainda do que a monarchia franceza, é uma condemnada da historia e uma galé da politica. Mas só a republica parlamentar, a republica vasada nos moldes francezes a poderá firmemente substituir.

Os dois povos têm certos pontos de contacto, as suas condições anteriores certas analogias, que os politicos experimentaes e praticos não podem desprezar sem erro palmar.

Desfiemos por agora, Sr. conselheiro, ainda e só, a terceira *conta* do nosso rosario :

O *systema presidencial, por uma pessima comprehensão da divisão dos poderes constitucionaes, não tem a malleabilidade indispensavel ao jogo politico da vida democratica moderna, e converte-se em um viveiro de revoluções.*

Esta critica irrespondivel não é feita por nós; está em todos os labios e lê-se em todos os livros que tratam do regimen norte-americano.

E' tão poderosa na sua simplicidade, tão evidente no seu conteúdo, que não ha possibilidade de a esconderem, ou a dissimularem.

A razão de ser de todo governo, seu principio justificativo e fundamental é a salvaguarda dos direitos de todos e a garantia da ordem publica.

Por isso o engenho dos homens, amadurecido pelas lições da historia, tem procurado estabelecer aquellas fórmas go-

vernamentaes em que os conflictos sejam mais facilmente conjurados.

Em todo o regimen politico ha duas especies de conflictos : os dos governados uns com os outros ou com a administração publica, e os dos proprios poderes governamentaes entre si. Os primeiros são inevitaveis, originam-se naturalmente das relações humanas na lucta pela vida social ; cabem todos na alçada das leis civis e penaes.

Os outros devem ser evitados, é da obrigação de todo o governo sensato evital-os, e falha ao seu mais elementar *desideratum* o systema politico que os não resolve pacificamente.

As questões mais graves podem apparecer exactamente entre o poder que representa o povo e legisla em seu nome e o poder que se acha á frente da administração publica. O regimen das monarchias absolutas solvia illusoriamente a difficuldade, concentrando nas mãos dos reis os dois poderes ; mas o conflicto que se não dava entre o chefe do Estado e os representantes do povo, que não existiam, dava-se directamente entre o monarcha e o seus subditos.

Que fez, nesta emergencia, o systema presidencial americano ?

Tomou ao pé da lettra o exaggero, o excesso da separação dos poderes em Montesquieu e afastou um do outro completamente os dois poderes capitaes do Estado.

Não era isto o que se deveria ter feito ; e a illusão theorica do celebre auctor do *Espirito das Leis* é facil de ser explicada.

Sahindo de um paiz de regimem absoluto, quasi despotico, a procurar lições para o seu patriotismo contristado na Inglaterra, elle que via na sua patria da concentração de todos os poderes na mão do rei originar-se a falta de liberdade e a sujeição geral e viu na Gran-Bretanha a separação harmoniosa dos elementos constitutivos do Estado e presenciou a vida livre deste povo exemplar, concluiu que esta vinha pura e exclusivamente da admirada separação. Dahi o seu culto excessivo por este phenomeno politico; dahi a sua visão ter chegado além do alvo justo e preciso.

Por esta, além de outras causas que já deixamos rapidamente indicadas, o regimen americano sahiu fóra do genuino parlamentarismo e inaugurou esse representativismo falho, que é, como dissemos, um curioso viveiro de conflic-

tos. Será preciso citar factos ? Será preciso lembrar as luctas da Republica Argentina, do Mexico, do Perú, da Bolivia, do Equador, de todas as republicas hespanholas ? Será necessario recordar aquella sangrenta hecatombe que assolou o Chile com Balmaceda ? Será indispensavel lembrar, que nós mesmos já tivemos um presidente que *vetava* caprichosamente os actos do congresso, por que, por outro lado, este legislava caprichosamente para ferir o chefe da nação ?

Será mister repetir aqui o haver desse conflicto permanente nascido o golpe de estado de 3 de novembro de 91, que originou a revolução de 23, que deu origem ás deposições dos governadores, que foi a causa da nossa actual anarchia geral, que é o nascedeiro da lucta do Rio Grande do Sul, que é actualmente a fonte de todas as nossas miserias ?

Cremos, illustre conselheiro e amigo, ser conveniente poupar á nação estas tristes recordações, sendo, porém, mais conveniente ainda preparar-lhe o terreno para a posse de si mesma e para entrar na investidura de um governo digno e sério.

CADEIRA-CASIMIRO DE ABREU

Casimiro José Marques de Abreu (1837-1860) naceu na Barra de S. João, provincia do Rio de Janeiro. Fez os seus primeiros estudos de humanidades em Nova Friburgo, e antes de concluil-os, foi pelo pai forçado a trabalhar na sua caza comercial nesta cidade, e mais tarde foi mandado a Lisboa, onde permaneceu quatro anos. Viveu contrariado na sua vocação literaria, á qual só podia servir em horas de folga do trabalho do comercio, em que o mantinha a vontade e ininteligencia paterna. Morreu de tizica pulmonar.

E' o poeta mais popular do Brazil. Apezar de todos os senões, proprios da edade e justificados pela sua escassa cultura e minguado tempo de que dispunha para o labor literario, é incontestavel o seu merecimento. Era poeta, absolutamente um poeta. Publicou os seus versos em 1859, com o titulo de *As Primaveras*. Deixou poezias inedita, e um ato em verso *Camões e Jáo*, reunidos nas *Obras completas* editadas pela casa Garnier.

TEIXEIRA DE MELLO

José Alexandre Teixeira de Mello (1833-1907) naceu em Campos, Rio de Janeiro. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio. Foi oficial e diretor da Biblioteca Nacional.

Era poeta e historiador. Escreveu: *Sombras e sonhos*, versos, (1858) e *Myosotis* (versos) : *Efemerides Nacionaes* ; *Limites do Brazil com a Republica Argentina*, *Descrição historica de Campos dos Goytacazes*, e alguns trabalhos em revistas e jornaes.

Contemporaneo e amigo de Casimirio de Abreu, tem com elle Teixeira de Mello grande afinidade de inspiração. Eram almas irmans, igualmente sensiveis ; e a escassa cultura do tempo e do meio concorria para dar-lhes o mesmo gosto e o mesmo escolha de assuntos. Não eram porém igualmente fortes; Casimiro de Abreu, ficou sendo o poeta popular no seu tempo e ainda depois da sua morte. Teixeira de Mello ficou esquecido muito antes do morrer,

I

IGNOTAE DEAE

Quando eu dormir á sombra do salgueiro,
Que em minha cova arrebentar por si,
Tu, que nem sabes por meus frios cantos
O que sou, o que fui e o que sofri.

Sobre o meu nome, pobre grão de areia,
Que uma criança arremessou no mar,
Deixa uma gota, a unica de pranto,
Sobre o meu nome, lenta, escorregar;

Como uma per'la, que gentil princeza
Dos seus cabelos desprendesse rindo,
E aos pés lançasse de voraz mendigo
Que em seu caminho adormeceu pedindo.

Ai! tu não sabes como o leito é gélido
Aos que no seio as iluzões secaram!
Ai! tu não sabes como é quente o tumulo
Aos que entre os vivos como um som passaram!

Eu que por flores suspirei da terra,
Que não dormi por tanta flor do céo,
Que descorei por tanto olhar de fogo,
Coado a furto do zelozo véo;

Que mergulhei em tanto mar de amores
E me enxuguei a tanto sol de outono,
Que vejo o mundo ao pé de mim e durmo...
Despertarei do meu pesado sono.

E quando o mar por alta noite estenda
Lençóes de espuma, em que se deite á lua,
Aerolito, que incendia o espaço,
Virei banhar de luz a fronte tua.

E quando um dia a tempestade as azas
Por sobre o azul do teu viver abrir,
Eu, da tormenta asserenando o grito,
Virei ao pé do teu dormir — dormir.

II

ALMIRANTE JACEGUAY

Arthur da Silveira da Motta, Barão de Jaceguay, naceu no Rio de Janeiro em 1834. Tomou parte na guerra do Paraguay, distinguindo-se nos varios combates navaes, particularmente na passajem de Humaytá, o que lhe valeu o cognome de *Barão da Frente*, titulo da celebre poezia patriotica em que o sauda José Bonifacio *o moço*.

Escreveu *Organização naval; Genezis e dezenvolvimento da Marinha Brazileira*, de colaboração com o capitão de fragata Carlos Vidal de Oliveira; *Duas questões de administração naval*

Sobre a reforma compulsoria ; O dever do momento, carta a Joaquim Nabuco ; *De Aspirante a Almirante*, em via de publicação.

O DEVER DO MOMENTO

CARTA A JOAQUIM NABUCO

A obra de D. Julio Bañados Espinosa vos suggeriu esse livro cheio de interesse, — Balmaceda — que acabo de relêr com o immenso prazer intellectual que me proporciona tudo que escreveis ; o post-scriptum que lhe accrescentastes, por seu turno, suggeriu-me esta carta que peço permissão para vos dirigir aberta.

Vou fallar-vos em nome de nossa amizade, que eu considero indestructivel, e como marinheiro, de que conservo o coração, com essa «incomprehensão», que justamente attribuis aos homens do mar, « de tudo que divide o paiz, e do amor a tudo que o une », sob a dolorosa impressão da hecatombe de Campo Osorio.

Sobre o texto de vosso admiravel estudo só arriscarei uma observação : se, abstrahindo inteiramente, como fizestes, da historia do Chile anterior a 1833, chegastes, pelo desenvolvimento da ultima revolução, á conclusão de que, « ninguem duvidará hoje da capacidade do Chile para a Republica, nem do bem que a fórma Republicana fez ao Chile, da escola de educação, de influencia sã, varonil, patriotica, que foi para elle », não podieis, logicamente, das vicissitudes por que temos passado nestes ultimos annos, e que não são mais crueis do que as que experimentou o Chile até 1833,e mesmo até 1861, excluir a possibilidade de que o Brazil venha a auferir identico resultado da fórma actual de governo que os acontecimentos lhe impuzéram.

Quanto ás vossas apreciações, sobre o odioso papel do protagonista da tragedia chilena, estamos inteiramente de accôrdo.

Sem profanardes o embalsamamento, feito por mão insigne de um amigo, o que repugnaria á vossa delicadeza de sentimentos, tomastes do escalpelo de analysta emerito, levantastes o esmalte que encobria as deformidades do cadaver e nos apresentastes o politico implacavel com a physionomia real que elle contrahira na ultima phase de sua vida publica.

Mas confesso que deixou-me penosa impressão a descrença

que se apoderou de vosso espirito sobre o futuro do nosso continente, sinistramente manifestada nesse terrivel problema que formulastes para toda a America latina, considerando-a tão fóra da civilisação como a Africa.

E'realmente contristador o espectaculo «de um vasto continente em estado permanente de desgoverno e anarchia »; mas, eu não julgo que seja mais consoladora, do ponto de vista da Moral Universal, a situação da Europa, onde a integridade e a propria independencia das nações só se mantém com os povos de arma ao hombro.

Onde será mais lastimavel o « desperdicio de força e actividade humana ?

Já outro escriptor, por quem ambos temos grande admiração, Eduardo Prado, rematára o seu vigoroso pamphleto, « A illusão Americana » com um brado de pessimismo, que eu não julgaria justificado ainda mesmo que o notavel publicista e humorista o tivesse escripto depois do violento confisco do seu livro.

Porventura a Europa terá mais interesse do que nós mesmos na tranquillidade politica do nosso torrão ?

Mas, primeiro que tudo, dizei-me : onde está a Moral Universal ? Em que ponto da Terra está situada a moderna Samothracia ? Estará na Europa ouriçada de bayonetas e minada pelo socialismo ? Estará na America do Norte onde a questão social assume um caracter ainda mais atterrador do que no velho mundo e onde o antagonismo de raças se accentúa cada dia mais fortemente ? Considerais devéras mais felizes do que nós os povos do velho continente ? Em relação ás classes privilegiadas e á alta e baixa burguezia, com certeza podeis responder-me affirmativamente ; mas, respeito á massa das populações, ao proletariado, não podeis negar que os males resultantes da turbulencia em que vivemos são muito mais supportaveis do que o inherente ao incuravel pauperismo europêo ; e a prova é que esta metade do Novo Mundo, apezar dos seus « governos extortores » ainda é o refugio de meio milhão de immigrantes que annualmente aportam ás suas plagas.

Lembrai-vos de que, não ha muitos annos, Mr. Gladstone denunciava á opinião publica universal as abominações que se estavam perpetrando na Bulgaria e que a guerra tremenda, suscitada pelo brado do grande estadista inglez, não

impediu que identicas atrocidades se tenham reproduzido, recentemente, na provincia de Macedonia e na Armenia.

Não sou « chôvinista » da minha terra e muito menos « monroista », no sentido aliás erroneo em que é interpretada vulgarmente a doutrina de Monroe ; por indole e pela natureza de minha profissão que me fez passar mais de metade de minha existencia viajando, e como extrangeiro só tendo participado do lado agradavel da vida nos paizes que visitei, não posso ser nativista exagerado ; mas, declaro, sem affectação de patriotismo, que, com a minha experiencia, se eu tivesse de escolher uma patria, outra não escolheiria senão este mesmo Brazil, porque, apezar de todas as incertezas de seu futuro, ainda será por muito tempo o paiz onde os desherdados da fortuna serão menos desgraçados.

Sou o homem da minha raça : tanto basta para que eu não a julgue inferior a qualquer outra.

Ha menos de 30 annos os viajantes, os geographos e os publicistas do occidente consideravam os japonezes uma raça desprezivel, e neste curto lapso de tempo esse povo está nos assombrando pelo seu poder de assimilar tudo quanto tem de mais requintado a civilisação européa, nas lettras, nas sciencias, nas artes, nas industrias e até nas instituições politicas.

Estudadas as origens ethnologicas e sociologicas dos povos sul-americanos e as do meio physico em que elles se desenvolveram, eu creio que a média de moral e civilisação que delles se póde tirar presentemente não é para nos envergonhar.

A historia de todas as civilisações é como a formação dos rios ; antes de acharem o seu leito são torrentes errantes que se precipitam, se cruzam, se chocam, se apertam, se espraiam, ora porcorrendo largos trechos com apparencia de curso normal para irromperem subitamente atravéz das alluviões em direcções divergentes, antes de confluirem para o valle em que encontram afinal o seu alveo definitivo.

Os ribeirinhos de largos trechos do Amazonas ou de alguns dos seus affluentes não teriam razão de lastimar-se por não ser exequivel em suas margens a construcção de um caes monumental como o Victoria Embankment do Tamisa ou uma ponte maravilhosa como a de Nova-York e Brooklin.

Alguns homens podem, por seus talentos, por sua educa-

ção, pela elevação de seus sentimentos, por sua cultura intellectual, achar-se muito acima da média dos seus conterraneos ; a esses cabe o apostolado moral de sua patria ; mas, para isso, é preciso que elles sejam homens de « seu tempo », de « sua terra » e de « sua gente » certos de que a historia lhes registrará os sacrificios do sacerdocio patriotico.

***

Até o anno de 1889 convivemos no mais perfeito accôrdo de vistas sobre todas as questões politicas e sociaes que se ventilaram no paiz.

Os acontecimentos dos ultimos annos, porém, orientaram meu espirito para rumo divergente daquelle em que o vosso parece ter-se fixado.

Honra-vos sobremaneira a vossa fé monarchica ; e é em homenagem á valentia com que a professais que eu vos dirijo esta missiva em que, com a sinceridade das nossas confabulações amistosas, proponho-me expor como se formou em mim a convicção de que a monarchia não podia ser a fórma definitiva de governo no Brasil.

E' á propria instituição monarchica que se póde applicar, com inteira propriedade, a metaphora por vós citada de J.-J. da Rocha : da fructa que apodrece antes de amadurecer por causa do verme que a ella se liga desde que nasce.

O descendente dos reis do velho mundo, que representou a monarchia por mais de meio seculo no Brasil, não se tornou porventura, no meio americano, um homem em tudo differente de qualquer outro principe reinante ? Por suas idéas, por seus gostos, por seus habitos, pela sua inobservancia systematica de todas as etiquetas das côrtes regias, por suas ausencias prolongadas do paiz, elle foi um monarcha verdadeiramente original.

Se é certo que a pessoa de D. Pedro II impunha-se á veneração das massas, não o é menos que ao soberano não tributavam as attenções, a que tem direito o principe que occupa dignamente um throno, nem mesmo os homens politicos que deviam ter mais interesse em prestigial-o.

Os estadistas que haviam recebido a investidura da confiança imperial para resolverem as grandes questões politicas e sociaes que se agitavam no paiz, no mesmo dia em que eram apeados do poder descobriam a corôa com a bru-

talidade de revolucionarios que nunca tivessem tido uma particula de responsabilidade no governo.

Os principes da casa reinante eram tratados pelos ministros com ostentosa sobranceria. O Conde d'Eu e o Duque de Saxe, aquelle marechal do exercito e este almirante, demittiram-se de commissões em que procuravam servir ao paiz, porque os ministros não lhes prestavam a consideração devida á sua dignidade de principes e ás altas patentes com que haviam sido « dotados », aliás pouco judiciosamente, pelos poderes competentes da Nação.

O Senado vitalicio do Imperio composto em sua maioria de cidadãos que exerciam, ou já haviam exercido, as mais elevadas funcções politicas e administrativas, degenerára em uma corporação facciosa como as mais desorientadas assembléas de origem demagogica.

Nas duas casas do parlamento os oradores mais solemnes da opposição tornavam-se meticulosos na discussão da lista civil da familia imperial.

Rara era a sessão parlamentar em que as dotações dos principes não soffressem impugnação.

Queriam monarchia barata : principes com a mesada de 500 § já lhes pareciam demasiado caros.

Essa parcimonia para com os membros da familia reinante dava logar a achar-se a casa imperial sempre endividida, o que não podia deixar de affectar o prestigio da corôa.

No dia 16 de Novembro, quando o Imperador submetteu-se á deposição e ao exilio, tal era a penuria da casa imperial, que ella teve de recorrer ao Governo Provisorio para que he mandasse abonar a dotação do Imperador correspondente á ultima quinzena vencida.

Para os Catões da monarchia o Imperador não era mais do que o official-maior do funccionalismo publico. Consequente com esse principio, o governo revolucionario fixou as vantagens da aposentadoria forçada do monarcha.

O exercito, já pela procedencia dos soldados, recrutados nas camadas infimas da população, já pela negação absoluta de espirito militar no Imperador, a ponto de ser o unico chefe de nação que não tinha uma casa militar, o exercito não podia ter em gráu exaltado o sentimento de fidelidade ás instituições.

A lavoura revoltada, desde as primeiras medidas legislativas adoptadas para a extinção gradual da escravidão,

appellava para a immigração, cujo problema, com os exemplos da Argentina e Estados Unidos, ella via que não estava ligado á instituição monarchica.

O commercio, embora por sua natureza conservador e interessado na estabilidade das instituições, sendo em sua maior parte extrangeiro, pouco podia pesar na balança da politica.

Para o proletariado, disseminando pelo nosso vasto territorio, fóra das grandes cidades, onde está muito misturado com o elemento extrangeiro, os principios de estabilidade do poder e da autoridade estão encarnados no magistrado e no delegado de policia. Ora, a mudança de fórma de governo não acarretando necessariamente senão a substituição immediata da autoridade policial, não era motivo para alarmar o bom cidadão do interior, já muito acostumado a ver a vara da delegacia passar frequentemente de umas para outras mãos.

O clero, apezar do fervor catholico da herdeira do throno, ainda não estava esquecido de que na monarchia era possivel a prisão de Bispos virtuosos, por uma questão de « hyssope ».

Em uma unica classe, na Armada, havia, sinão a fé monarchica, ao menos o sentimento de fidelidade ás instituições que nella era tradicional.

Mas, em estado de completa desaggregação disciplinar, effeito inevitavel da dispersão em que se conservava a força naval, como poderia a corporação da armada, abandonada a si mesma, ter affirmado a sua lealdade, por occasião da revolta que em alguma horas fez desapparecer os orgãos legitimos do poder, deixando extendido no Campo de Sant'Anna varado de balas o intrepido almirante Ministro da Marinha ?

Não ha negar que a monarchia não pôde gerar no povo brasileiro os sentimentos, que são as mais fortes raizes de uma instituição destinada a perdurar.

***

A monarchia só teve estabilidade emquanto durou a escravidão : era, havia sido o seu lastro.

Nós todos que nos batiamos para arrancar do porão a carga humana e fazel-a respirar o ar livre, não nos aperce-

biamos que expunhamos o navio a sossobrar á primeira rajada.

Eu não duvido que o advento da Republica na historia, seja explicado, como o é por alguns contemporaneos, pela fraqueza do caracter nacional, mas, se o assumpto tiver para tratal-o um futuro Taine, não lhe escaparão todas as circumstancias concretas, demonstrativas da fragilidade da monarchia unitaria no Brazil.

Os seis annos decorridos, porém, já bastam para voltarmos a nós do assombro que o acontecimento possa ter nos causado.

O *porque* da revolução póde ser ainda uma questão complexa e controversa, mas o *como* ella se operou já se póde explicar sem opprobrio para os contemporaneos.

Com o desequilibrio social produzido pela abolição da escravidão coincidiram as primeiras manifestações de descontentamento do exercito tão habilmente explorado pelos republicanos, quão desastradamente tratado pelos partidos monarchicos, quer no Governo, quer em opposição.

Por outro lado, ao passo que a atmosphera politica era agitada pela propaganda federalista que dividia o partido que acabava de subir ao poder, propalava-se com todos os indicios de verdade, que o paiz estava sendo victima de uma mystificação, por ter, de facto, começado o terceiro reinado em consequencia do estado morbido do Imperador que o alheiava da direcção dos negocios publicos.

A grande massa da população mantinha-se em sua inercia habitual. Para ella é sempre verdadeira a maxima de Silveira Martins — o poder é o poder.

Ella imagina que o detentor do governo não póde deixar de estar apparelhado com todos os meios de se sustentar no poder e de manter a ordem institucional da Nação.

Como, pois, extranhar que a sorpresa da Republica Federativa, proclamada pelo exercito e armada, não suscitasse mais do que manifestações sentimentaes pelo triste fim do reinado de um justo ?

O facto mesmo de ter sido a revolução operada pela força publica, não era garantia de que o paiz não teria de soffrer um interregno de anarchia ?

Nas classes cultas o berço do quartel podia gerar sérias apprehensões sobre o futuro da Republica ; mas occorria a consideração da vastidão do territorio nacional e do effectivo

diminuto do exercito, em relação á população, e, para logo dissipavam-se os receios de que o militarismo pudesse demolir a estructura essencialmente civil da nação brasileira.

Leio e releio a historia de todas as revoluções que, pelo imprevisto do movimento e do resultado, apresentam analogias com o 15 de Novembro de 1889 no Brasil, e não vejo que o povo, nos paizes em que ellas se produziram, tivesse tomado uma attitude mais digna e mais sensata do que foi a do povo brasileiro diante daquelle acontecimento.

Um republicano exaltado que tomára parte activa no 15 de Novembro, vingou-se de não haver o povo desta Capital acclamado a Republica naquelle dia, dizendo que elle ficára « bestialisado ».

Para os observadores imparciaes, porém, o povo da Capital longe de ter ficado naquelle estado animal degradante, deu, ao contrario, prova de raro bom senso.

Não se podia esperar que o povo se arremessasse contra as baionetas do exercito, ou tentasse apoderar-se, por abordagem, dos navios da armada, quando os representantes dos Poderes da Nação não puderam agir em defesa da monarchia, senão pelas fórmas constitucionaes: o ministerio demittindo-se e o Imperador designando novo Presidente do Conselho (um senador ausente).

O Senado em sessões preparatorias não podia manifestar-se sobre os acontecimentos, sem infracção da legalidade constitucional, segundo declarou o seu illustre Presidente.

A camara dos deputados ainda não tinha verificado os poderes de seus membros.

Não tenho em mente censurar o procedimento dos detentores dos Poderes Publicos, assignalo apenas, em defesa do povo de que eu fazia parte, o facto inilludivel do Poder Militar, assumindo o Governo, forte pela união de toda a guarnição e corpos de policia da Capital com a força naval surta no porto, de modo a tornar insensata qualquer tentativa de reacção immediata.

Como monarchista, que eu era, não tenho que defender-me pessoalmente, pois, em 1889, já me achava reformado, havia mais de dois annos, e era apenas um simples cidadão.

Não obstante, na noite de 15 de Novembro, apresentei-me ao Imperador e disse-lhe que, apezar de já não pertencer á Armada senão pela minha graduação de reformado, eu que

tantas vezes tinha ido áquella Paço para saudal-o nos dias festivos da Nação e da familia imperial, não podia deixar, naquelle momento, em que eu via as instituições ameaçadas, de ir pôr-me á sua disposição. O Imperador agradeceu-me, dizendo-me que apreciava muito os meus sentimentos, mas, com a serenidade que conservou toda aquella noute, procurou dissipar as minhas apprehensões.

Observei-lhe que o perigo me parecia ainda maior por elle não haver immediatamente organisado novo ministerio e sobre tudo por ter designado para Presidente do Conselho o Sr. Silveira Martins, que, além, de achar-se ausente era um inimigo pessoal do Marechal Deodoro, quando a mim me parecia que a catastrophe só podia ser conjurada se o Imperador quizesse entender-se directamente com o chefe militar da revolta.

O Imperador pareceu aceitar a prejudicial que eu estabeleci a respeito do Sr. Silveira Martins; quanto ao alvitre de entender-se com Deodoro, julgava-o, *impolitico*, pois estimando muito aquelle general pela sua bravura e seus serviços tinha em pouco apreço a sua intelligencia e o seu criterio.

Conservei-me no Paço até ás 2 horas da manhã, renovando ao Imperador o offerecimento de meus serviços, quando elle se recolheu a seus aposentos.

No dia 16, pela manhã, voltei ao Paço, onde já não me foi permittido entrar.

A' noite fui intimado a comparecer ao Quartel General. Introduzido em uma sala onde se achavam reunidos todos os Membros do Governos Provisorio, disse-me, com extrema delicadeza, o Ministro da Guerra Benjamin Constant, que me havia dado aquelle incommodo, porque recebêra durante a noite varias denuncias de que eu preparava, entre officiaes de marinha e imperiaes marinheiros, um movimento de reacção ; fallou-me em escaleres armados que se haviam approximado do Largo do Paço e em uma lancha que apparecera em S. Christovão, não longe do quartel em que se achava preso o Sr. Visconde de Ouro Preto e referiu-me as ordens que havia dado para o caso de qualquer tentativa violenta de o arrebatarem da prisão.

Invoco o testemunho dos Sr. Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa e Wandenkolk para as declarações que alli fiz e

que vou reproduzir quasi « ipsis verbis », porque as escrevi no dia seguinte.

« Que eu era extranho aos incidentes a que alludira o Ministro da Guerra, mas, que os Membros do Governo Provisorio faziam-me justiça acreditando que, se eu ti vesse podido organisar uma resistencia séria á inversão das instituições operada pelas classes armadas eu o teria feito ; mas que surprehendido pelo acontecimento, affastado do serviço activo havia mais de quatro annos e reformado desde 1887, dispersos, como se achavam os officiaes de marinha mais prestigiosos que me eram pessoalmente dedicados, quasi desconhecido da nova marinhagem, tendo sido o meu ultimo commando o da Esquadra de Evoluções, em 1884, e ainda o facto de ter tomado parte activa na revolução o almirante Wandenkolk, incontestavelmente o chefe mais popular entre os mais jovens officiaes, era fazerem-me demasiada honra o attribuirem-me influencia e elementos na Armada, com que eu podesse tentar uma contra-revolução.

Manifestei a dôr profunda que me havia causado vêr o velho monarcha prisioneiro do exercito em seu palacio, e invoquei os sentimentos dos membros do Governo Revolucionario, para que lhe poupassem, e a toda a familia imperial durezas desnecessarias. »

Nesse ponto atalhou-me o Sr. Quintino Bocayuva para dizer que o isolamento do Imperador no Paço era uma medida imposta pelas circumstancias, e que o Governo Provisorio levára a sua deferencia para com a dynastia deposta ao ponto de conceder-lhe, em nome da Nação, a quantia de cinco mil contos para o seu primeiro estabelecimento na Europa.

Perguntando-lhe eu se o Imperador já tinha sciencia desse acto do Governo Provisorio, foi-me dito pelo mesmo Sr. Quintino Bocayura, que a resolução acabava de ser tomada alli, mas, que na sala contigua achava-se uma pessoa da casa da Princeza Imperial, que havia sido portadôra de uma nota dos compromissos financeiros da casa imperial e do Conde d'Eu, para com um estabelecimento de credito desta praça.

O Sr. Ruy Barbosa accrescentou : « que o primeiro dinheiro que sahira do Thesouro da Republica, fôra para pagar a dotação do Imperador, correspondente á quinzena vencida na vespera. »

O Sr. Quintino Bocayuva, ainda no intuito de mostrar

que os Membros do Governo Provisorio desejavam ter todas as attenções possiveis para com o Imperador, revelou-me que naquelle momento preoccupava-os o assumpto melindrosissimo do embarque da familia imperial que desejariam se effectuasse do modo menos vexatorio para ella, pensando que seria a todos os respeitos mais conveniente que tivesse logar no cáes Pharoux, naquella mesma noite; mas receiavam que o Imperador preferisse embarcar de dia.

Concluiu o Sr. Quintino Bocayura perguntando-me se eu não achava que elle tinha razão em querer evitar o embarque de dia.

Respondi: « penso que, em todo caso, a vontade do Imperador deve ser respeitada; mais estou convencido que elle preferirá embarcar de noite. »

Nesse momento entrava na sala o coronel Mallet que vinha communicar que o Imperador estava prompto a embarcar immediatamente e que uma lancha do Arsenal de Guerra achava-se no cáes Pharoux para conduzil-o a bordo.

Para bem accentuar que os meus sentimentos para com o Imperador e a familia imperial não haviam arrefecido pelo facto de ter soado para elles a hora do exilio, pedi ao Ministro da Guerra que me concedesse permissão para penetrar no Paço, áquella mesma hora, afim de despedir-me dos augustos exilados; mas, como o Ministro a cada momento era solicitado a dar ordens sobre multiplos incidentes que eram levados a seu conhecimento, foi-me necessario insistir no meu pedido, até que consegui que elle mandasse passar a ordem por escripto, que elle mesmo assignou, para eu ter entrada no Paço. Se a memoria me não falha, essa ordem foi escripta pelo Sr. Serzedello Corrêa.

No Paço encontrei, no vestibulo da escadaria principal, a Princeza Imperial, o Conde d'Eu e o Principe D. Pedro, todos em trajes de viagem. Dirigindo-me á Princeza referi-lhe as occorencias que me haviam permittido achar-me alli, tendo desde pela manhã tentado, em vão, por intermedio do almirante Wandenkolk, obter permissão para penetrar no Paço com a intenção de offerecer-me para acompanhar até a Europa a familia imperial, caso nenhuma pessoa da casa pudesse cumprir esse dever, em consequencia da precipitação da partida.

A Princeza, banhada em lagrimas, agradeceu o meu offe-

recimento e disse-me que os Srs. Conde de Aljezur, Barão de Loreto e Barão de Muritiba, estes dois ultimos com suas senhoras, acompanhariam a familia imperial.

A Princeza e seu consorte manifestaram a sua completa annuencia ao embarque áquella hora.

Emquanto o Imperador e a Imperatriz não desciam de seus aposentos, a Princeza, com a mais completa abnegação de si mesma, mostrava-se inconsolavel pelo infortunio com que tinha deparado a velhice de seu pai, que ella suppunha ser verdadeiramente amado por todos os brasileiros, segundo dizia-me.

Queixou-se particularmente de dois dos membros do Governo Povisorio, Deodoro e Benjamin Constant, dos quaes seu pai sempre fôra amigo.

Referindo-me ao que eu tinha sabido sobre o subsidio de cinco mil contos, a Princeza disse : « seria realmente a maior das ingratidões que elles, sabendo que meu pai é pobre, quizessem que elle fosse morrer de fome no exilio. »

Recordando as scenas delirantes do enthusiasmo abolicionista naquelle mesmo palacio, um anno antes, disse ella : « Ha alguns minutos, passei ao lado daquella mesa, em que o senhor vio-me assignar a Lei de 13 de Maio ; pois bem, se aquella lei contribuio para isto, eu não me arrependerei nunca de havêl-a promovido. »

Nesse entrementes, appareceu a Imperatriz e logo o Imperador.

O coronel Mallet, approximando-se do imperador, communicou-lhe que tudo estava prompto para o embarque.

O Imperador que aliás vinha de chapéo na mão, e que até então se mostrára conformado com o embarque áquella hora, segundo eu inferira do que ouvi da Princeza e do Conde d'Eu, respondeu ao coronel Mallet : « Os senhores não têm razão em fazer-me embarcar de noite, como se eu sahisse fugido do paiz : eu quizera sahir do paiz, de dia, de cabeça erguida, porque minha consciencia não me accusa de ter dado causa a isto que se está passando. »

O coronel Mallet respeitosamente observou que o embarque de dia podia dar logar a manifestações inconvenientes.

O Imperador ainda atalhou : « pois eu não tenho receio de manifestações ; que manifestações » ?

No intuito de evitar que o dialogo se prolongasse, intervim com todo o acatamento que a situação e a veneranda

pessoa do Imperador impunham, fazendo as seguintes ponderações : « Senhor, perdoe-me, mas eu creio que Vossa Magestade fará bem de poupar-se do desgosto de atravessar de dia esta praça deserta, porque a tropa não consentirá que o povo se approxime ; Vossa Magestade será objecto de uma curiosidade contida á distancia que nenhuma consolação poderá lhe trazer ; será em summa um espectaculo doloroso para todos. »

O Imperador interrompendo-me disse, meigamente :

« O Senhor tem razão. ».

Deteve-se por alguns minutos conversando comigo, depois com o general Miranda Reis, despedio-se das pessoas de sua casa que alli se achavam e dando o braço á Princeza, acenou ao Conde d'Eu para que désse o braço á Imperatriz e lentamente desceram a escadaria, entre alas de soldados, até o atrio do palacio.

Uma caleça seguida de um piquete de cavallaria conduzio a passo toda a familia imperial até o cáes Pharoux. – O Conde d'Eu, o almirante Tamandaré, o coronel Mallet, o Sr. Collogeras, outras pessoas de que não me recordo e eu, acompanhamos a pé a carruagem. O largo do Paço estava deserto, guardadas todas as suas avenidas por tropa de infantaria e cavallaria.

Na lancha que conduzia a familia imperial para bordo da *Pannahyba* achava-se o capitão-tenente Serrano.

Eis como por ter-me feito cortezão da ultima hora da monarchia, um escriptor pouco escrupuloso da verdade historica, o Sr. Alberto de Carvalho, em seu pamphleto *Imperio e Republica Dictatorial*, escreveu o seguinte trecho na pagina em que se refere á partida do Imperador para o exilio :

« Dos labios dos seus mais intimos ouvio o tristissimo conselho, sempre profundamente acerbo ao coração do exilado : « Parti, senhor, disse-lhe o Barão de Jaceguay. »

« Palavras d'ora avante historicas ! »

Entretanto, o incidente, narrado por mim ao Sr. Visconde de Taunay, poucos dias depois, havia sido descripto fielmente por S. Ex. em um tocante artigo publicado na *Gazeta de Noticias.*

A verdade é que o Imperador se conformára com o embarque á noite ; no momento angustioso da partida, porém, era muito natural, mesmo em uma natureza fleugmatica e

em uma alma magnanima como a delle, um movimento instinctivo de revolta, movimento que se manifestou por uma ligeira exprobação contra a partida nocturna como se teria manifestado, pela mesma ou por outra fórma, se tivesse de sahir do seu palacio para o exilio a qualquer hora do dia.

Nos tragicos episodios de grandezas decahidas, numerosos na historia, mesmo quando as victimas do destino foram grandes homens, a fragilidade humana sempre se revelou por uma queixa ou um protesto mais ou menos contido.

Eu não tive a honra, que eu reputaria insigne, de ter sido um intimo de D. Pedro II.

Da minha parte havia para com o Imperador um sentimento de profunda gratidão pela benevolencia e animação que dispensou-me em todos os degráos da minha carreira desde os primeiros exames que fiz em sua presença na Escola de Marinha.

Eu não teria, com certeza, soffrido os desgostos que levaram-me a pedir a minha reforma em 1887, se o Imperador não estivesse, naquella occasião, ausente do paiz, em sua ultima viagem á Europa.

Mas, a verdade é, que só me tornei apaixonadamente monarchista, quando a monarchia fez sua a causa da abolição que foi a aspiração mais ardente de toda a minha vida.

O desinteresse e a sinceridade do meu monarchismo dos ultimos tempos resaltam do facto de só o haver accentuado quando eu já não era official da carreira dependente do Governo, e durante a Regencia contra a qual eu tinha justos motivos de queixa.

Na questão abstracta de fórmas de governo, nunca comprehendi que um espirito cultivado pudesse ter preferencia por esta ou aquella fórma.

O meu temperamento nunca foi de revolucionario ; d'ahi a minha tendencia para conformar-me com as instituições estabelecidas.

***

Dominado pelo pensamento da grande patria brasileira, eu não posso occultar as minhas apprehensões pelo futuro do Brasil.

Um territorio tão vasto, uma população tão diminuta e tão mal distribuida, o principio da federação desacreditado desde a funesta politica das deposições dos Governado-

res, para a qual todos os instrumentos e meios foram bons, até os meninos alumnos de uma Escola Militar canhoneando o palacio da Presidencia de um Estado, são causas palpaveis de enfraquecimento da União.

Por outro lado: o credito nacional posto á prova duramente em uma praça extrangeira (1), o orçamento federal sem equilibrio possivel contra o peso morto dos compromissos contrahidos por uma dictadura durante a qual fizeram-se promoções de militares aos milhares e emissões de papel-moeda de dezenas de milhares de contos de réis; as graves pendencias externas em que está envolvida a honra nacional, e o paiz desarmado, porque a sua principal defeza é a marinha e essa está anniquilada, são outras tantas difficuldades, que para superal-as talvez não baste o concurso de todas as boas vontades, de todas as capacidades, de todas as experiencias, em uma palavra, de todas as forças vivas da nação.

Entretanto, brasileiros de alto valor, longe de concorrerem com suas aptidões provadas para a solução de todos esses temerosos problemas, conservam-se na attitude de extrangeiros em sua propria terra!

Eu faço-lhes justiça acreditando que na irreductibilidade de suas crenças esses brasileiros não se acham no estado de aberração patriotica dos emigrados da Revolução Franceza ou dos Jacobitas inglezes, na reinado de Guilherme III, que se regosijavam com as calamidades publicas e com as humilhações da nação.

E' evidente que os males que estamos experimentando são corollarios inevitaveis da revolução, ou effeitos directos de erros commettidos na governação da Republica, ; mas diante das devastações e das desgraças de uma inundação ninguem tem o direito de cruzar os braços por que tivesse sempre affirmado que seria preciso mudar o curso do rio que a produziu.

O facto ineluctavel é a Republica : bem ou mal organisada, mas por homens que a amam, que estão dispostos a defendel-a e que têm os meios de defendel-a.

Nada é mais respeitavel do que uma convicção evidentemente desinteressada ou a fidelidade a uma causa vencida; mas, situações ha em que o sacrificio de idéas e de sentimen-

(1) O emprestimo contractado em Londres, pelo ministro da fazenda, sr. Dr. Rodrigues Alves.

tos não é o maior que a patria tem o direito de exigir de seus filhos.

Se os monarchistas brasileiros estivessem convencidos que a monarchia seria o remedio para todos os males que estamos experimentando, sem produzir outros ainda mais graves: ou, simplesmente, se os monarchistas brasileiros estivessem convencidos da possibilidade da restauração, a attitude delles não seria a de systematica abstenção, seria a de um partido organizado e militante.

O proprio almirante Saldanha da Gama, com a abnegação que demonstrou até o heroismo, nunca se declarou francamente restaurador.

Mas o facto de se mostrarem desinteressados pela sorte da Republica alguns brasileiros que gosam de legitimo ascendente moral, entretem no paiz e fóra delle a desconfiança de que a actual fórma de governo do Brasil não é definitiva.

A falta de tranquillidade interna que dahi resulta não me afflige tanto como o consequente desprestigio da Nação em suas relações internacionaes.

As mais profundas commoções intestinas, quando não envolvem o perigo de inversão radical das instituições, não affectam absolutamente a autonomia nacional; todas as vezes, porém, que a fórma de governo está em questão, é raro que influencias extranhas não se julguem com o direito de immiscuir-se nas consequentes contendas civis.

Todos os Estados da America têm sido theatros, em nosso seculo, de sanguinolentas luctas fratricidas; mas, só em um caso a intervenção extrangeira se fez sentir: foi na tragica tentativa da monarchia de Maximiliano, no Mexico.

Em escala menor tivemos um exemplo dentro da bahia do Rio de Janeiro, durante a revolta naval: como se attribuiram ao almirante Saldanha da Gama intuitos de restauração da monarchia, o almirante Benham da marinha Norte Americana, em um momento dado, ameaçou-o de um procedimento que só seria justificavel contra um pirata em alto mar.

E' ainda do vosso post-scriptum, este conceito ironico:

« Muitos acreditam mesmo que se trata de uma força cosmica, como se o oxigeneo e o azote formassem na America uma combinação especial dotada de vibrações republicanas. »

Para mim não é nenhum paradoxo avançar que o clima

tanto quanto o sangue influem no temperamento politico dos povos.

A verdade é, que a semente da monarchia trazida ao Brasil nas azas do cyclone da Revolução Franceza, no periodo napoleonico da conquista, germinou uma planta que só pôde medrar artificialmente emquanto teve para vivifical-a o estrume da escravidão.

Por um phenomeno que eu não sei se algum dia se chegará a explicar scientificamente, o sentimento dominante na raça mestiça americana é o da igualdade.

Como conciliar com esse sentimento a affeição á monarchia que é o privilegio por excellencia ?

Os mesmos principes de sangue na atmosphera acre do Novo-Mundo, como que eram invadidos de invencivel nostalgia.

D. Pedro I, por seu espirito cavalheiroso, aceitou o papel de principal instrumento da independencia do Brazil, proclamando-se o seu Defensor Perpetuo e seu Primeiro Imperador ; pouco mais de dez annos eram decorridos e elle se « desquita amigavalmente » (1) da nação brasileira, ás primeiras contrariedades de seu reinado, « absorvido pelo interesse de assegurar o throno de Portugal á sua filha D. Maria II » (2).

Esse extranho desprendimento do throno não será prova de que elle preferia ser um simples Principe no palacio de Queluz a ser Imperador em S. Christovão ?

— As princezas brasileiras, suas filhas, depois que contrahiram nupcias com principes extrangeiros, nunca mais voltaram ao Brasil.

Os filhos dessas princezas nasceram e viveram sempre na Europa.

Dos cincos filhos da princeza D. Leopoldina, fallecida na Europa, só dois vieram para o Brasil, trazidos por seu avô, por natural precaução dynastica, em uma desuas viagens á Europa.

D. Pedro II, sendo o Chefe da Casa de Bragança, nunca recebeu a homenagem da visita de um de seus muitos sobrinhos de Portugal.

---

(1) *Um estadista do Imperio* por Joaquim Nabuco — *Revista Brasileira*, de 15 de Agosto de 1895.

(2) Ibid.

Os raros principes extrangeiros que appareceram na Côrte da Rio de Janeiro, foram officiaes de marinha que aqui aportaram em navios de guerra em que se achavam embarcados.

Os d'Orléans, banidos da França no reinado de Napoleão III, ambiciosos de glorias militares, foram procural-a na guerra civil norte-americana ; entretanto, os principes dessa familia que se achavam ligados pelo sangue á familia reinante do Brasil, não se lembraram que a guerra nacional que sustentámos durante cinco annos contra o tyranno do Paraguay, podia-lhes haver proporcionado baptismo de fogo glorioso.

Finalmente, o proprio D. Pedro II, no ultimo periodo de seu reinado, foi objecto de assombro de todo o mundo civilisado pela despreoccupação com que emprehendia as suas longas viagens, unicamente para satisfação de seus gostos de « tourista ».

Não fôra a enfermidade que affligio os ultimos tres annos de sua existencia, que elle teria proseguido na sua fantasia de « globe trotter » — pois já projectava uma excursão — á volta do mundo.

E' preciso convir que os principes das estirpes régias da Europa eram uns « dépaysés » nesta nossa America.

Temos, pois, que nos arranjar com a prata de casa, núa, embora, dos lavores da arte européa.

Mas entre a adhesão pressurosa e interesseira á instituição vencedora e a collaboração leal para o seu funccionamento regular, quando se reconhece que de outro modo não se poderia provêr a necessidade capital da sociedade, que é a de — Governo —, entre esses dois procedimentos ha um abysmo tão profundo como o que separa a vileza da abnegação.

Entre a intransigencia de Victor Hugo exhilando-se voluntariamente durante o reinado de Napoleão III, e a moderação de Thiers acceitando um logar no corpo legislativo do Imperio, a orientação verdadeiramente patriotica foi incontestavelmente a do antigo ministro de Luiz Philippe.

Houvesse o velho estadista se incompatibilisado absolutamente com as instituições napoleonicas e elle não teria podido, mais tarde, prestar á França o immenso serviço pelo qual foi justamente acclamando o libertador do territorio

nacional; ao passo que o genio do poeta inexoravel dos *Chatiments* apenas serviu á republica para decorar o seu senado.

Para mim é tão justificavel o sentimento que dictou a Guizot e a Emile Ollivier o retrahimento absoluto da scena politica, a que se condemnáram, esmagados pelos acontecimentos que provocaram ou que simplesmente não souberam prever e evitar, quanto despresivel a versatilidade de um Benjamin Constant acceitando um logar no conselho de estado de Napoleão durante os Cem Dias.

Mas, haverá, sociedade politica possivel, onde nas classes cultas cada um julgar-se livre de pautar os seus deveres para com a Patria pelo seu ideal de fórma de governo e pela sua concepção da legitimidade do poder publico ?

A historia nos apresenta mais de um exemplo de que esse estado dos espiritos é pródromo infallivel da anarchia ou do despotismo de um homem ou de uma facção.

Eu não sei que valor dará o publico ás minhas observações sobre o exotismo da monarchia na America, e aos meus votos pela concordia de todos os brasileiros que, pelas suas luzes podem contribuir para a consolidação da Republica, que é o problema que me preoccupa, porque de sua solução depende o porvir da grande nacionalidade, apenas esboçada, do Brasil.

Tenho, porém, a certeza que para o brasileiro illustre, a quem dedico estas linhas ellas terão ao menos o merito de serem sinceras e desinteressadas.

Na intimidade em que temos vivido ha longos annos, pudestes conhecer que todas as minhas ambições limitaram-se á esphera da minha profissão, e que essas ambições ficaram satisfeitas em edade em que muitos homens publicos ainda não têm começado a sua carreira.

Joven official de marinha, eu aspirava naturalmente ao commando; aos vinte e poucos annos eu já commandava na guerra e no mar os principaes navios da armada.

Aos trinta e cinco annos eu era general; como general naveguei, tive uma missão diplomatica no cumprimento da qual fiz a volta do globo, tomei parte nos conselhos superiores da marinha, administrei o seu principal arsenal e comman-

dei a mais bella esquadra que já se reuniu no Brasil : a esquadra de evoluções.

Ao retirar-me do serviço activo recebi de meus camaradas uma demonstração de estima que só o recordal-a ainda hoje me commove ; a nobre mensagem pela qual exhortavam-me a desistir da minha resolução de reformar-me, aquelles mesmos a quem a minha reforma aproveitava pelas vagas que abria emtodos os gráus da hierarchia até o de chefe de esquadra.

A politica nunca teve fascinações para a minha imaginação ; ou, antes os processos pelos quaes geralmente se conquistam as suas eminencias, repugnavam ao meu caracter. E' uma carreira que, para o maior numero, assemelha-se ao *sport* da montanha russa — em que o vehiculo começa descendo para poder elevar-se.

Mas, apezar de não ter pretenções politicas, não devo por uma reserva obstinada autorisar equivocos sobre as minhas opiniões; por isso trouxe para a arena da publicidade as razões que tantas vezes tenho produzido em nossas controversias intimas, que me fazem aceitar convictamente como definitiva a fórma republicana para o governo do nosso paiz.

Deploro sinceramente a persistencia das vossas generosas illusões, mas nutro a esperança de que a phase de governo civil, constituicional, honesto e patriotico, do integro Sr. Prudente de Moraes não será ephemera e dissipará as vossas apprehensões sobre a capacidade dos brasileiros para a Republica.

E assim como sois republicano no Chile, na phrase do Sr. José Verissimo, eu espero, que, transpondo os Andes, ainda vireis illustrar o novo regimen politico do Brasil com esse nome venerado com que vosso pai illustrou o antigo.

Rio, 2 de Setembro de 1895.

CADEIRA FRANÇA JUNIOR

Joaquim José França Junior (1838-1890) naceu no Rio de Janeiro.

Folhetinista, comediografo, pintor. Colaborou em muitos jornaes. Fazia profissão de humorismo e não raro tinha graça.

Escreveu e publicou : *Folhetins*, e as comedias : *Como se fazia um deputado*, *Trunfo ás avessas*, *Meia hora de cinismo*, *As doutouras.*

I

URBANO DUARTE

Urbano Duarte (1855-1902) naceu na Bahia. Era major do exercito. Colaborou em muitos jornaes e revistas e publicou : Humorismos, sem rumo (folhetins), Livro do Soldado, e de colaboração escreveu os dramas O Anjo da vingança e O Escravocrata.

Foi escritor popular, e para o povo propozitalmente escrevia mais do que para leitores de eleição. Era observador, tinha graça em narrar e sabia aproveitar a feição ridicula dos seus tipos, quasi todos do povo. O estilo conformava se ao feitio dos seus temas : os plebeismos eram um dos recurso da sua expressão humoristica ; a sua linguajem era fluente, em geral correta.

CAÇA ÁS PACAS

O meu vizinho Gustavo não gosta de teatros, nem de pagodeiras, nem de comes e bebes. O seu supremo e unico prazer consiste em caçar pacas.

Aos domingos e dias feriados, invariavelmente, elle sai de caza pela madrugada, com botas, chapéo de lebre, sacola ao lado, espingarda embrulhada e acompanhado por dois caes atrelados.

E vai-se por esse reconcavo da Guanabara á porfia das pacas.

Tudo péga.

Eu raciocinava assim : Si esse homem acha prazer tão grande em matar pacas, é porque deve ser coiza bôa.

E veiu-me um dezejo enorme de experimentar a nova emoção. N'esta vida cumpre aproveitarmos sofregamente

os gozos que se nos deparam, para compensar os pezares que aparecem sem ser chamados.

Manifestei a minha vontade ao Gustavo. Elle acolheu-a sem alacridade, exclamando :

— Amanhan mesmo vamos caçár no Burity !

— Ha là muita caça ?

— Paca ali é mato ! Apronte-se. Partiremos ás 4 da manhan.

No dia seguinte, domingo, antes do raiar da aurora, embarcavamos ambos, e mais os dois cães, em um carro da Estrada de Ferro do Norte, na estação de S. Francisco Xavier.

Eu tinha tomado por emprestimo um par de botas de montaria, a um amigo que calçava o n. 39, sendo 41 o meu ponto.

A principio, as botas me couberam perfeitamente, como uma luva ; o calçado apertado é traiçoeiro, só começa a nos martirizar o pé tempos depois, quando menos o esperamos.

Foi o que me sucedeu. Os canhões de couro, sem elastico, puzeram-se a maguar-me o ossinho do artelho, justamente quando o Gustavo, risonho e influido, me narrava as suas proezas venatorias por aquellas redondezas.

O wagão era em feitio de bond.

No momento em que o trem, nas alturas da Penha, fazia uma curva, recebemos em cheio um violento golpe de vento vindo do mar.

Os nossos chapéus voáram.

O meu companheiro, um tanto aborrecido com aquelle incidente inesperado, recuperou logo a sua jovialidade, e disse : — Isso não é nada ! Arranjaremos outros chapéus.

— Contanto que a caça seja boa, o mais pouco importa — retorqui eu, finjindo não me incomodar com o contratempo.

— Afirmo-lhe que hoje jantaremos paca assada !

— Pois então vai tudo bem.

Decemos, na estação do Atura, onde só ha duas ou tres choupanas.

O Gustavo procedeu a uma rapida pesquiza, a vêr si descobria dois chapéus velhos. Voltou dezenganado e triste. Os habitantes tinham saido.

— E agora ? O sol já queima...

— Ora adeus ! articulei com gesto despachado e rezoluto.

Você não tem expediente. Tenho aqui os jornaes do dia. Arrangemos dois chapéus armados e está salva a patria!

E com as folhas confeccionamos os chapéus armados.

— E então? Parecemo-nos com os generais Roberts e Kitchner á caça dos boers...

O Gustavo, pequeno de estatura, colocou o seu transversalmente á moda de Bonaparte; e metido nas enormes botas aprezentava figura assáz ratonica.

Crismei-o de « Napoleão das pacas ».

Entretanto, cada vez me doiam mais os pés, sob a pressão do couro.

Perguntei : — Quanto dista daqui ao rio Burity ?

— Meia legua, si tanto...

— Oh! com seiscentos! Neste cazo vou tirar as botas.

— Nao faça isso, contestou o Gustavo. Ha muito espinho e muita cobra. Andemos devagarinho. Nao temos pressa.

Os raios solares nos castigavam o rosto, incompletamente abrigados pelos improvizados cobre-cabeças.

De repente o Gustavo disse :

— Ah! Tenho uma boa idéa. Transformemos estes chapéus armadas em toucas de irmans de caridade. Têm abas mais largas.

Sentando-se ao meio da estrada, deu umas tantas dobras nas gazetas e as transformou em *andorinhas* das uzadas pelas relijiozas de S. Vicente de Paula.

Seguimos caminho.

Os bois olhavam para nós com espanto ; os burros empinavam as orelhas e fujiam á disparada.

— Comtanto que matemos caça... (dizia eu) tudo vai bem.

— Havemos de jantar hoje paca assada, garantiu-me o Gustavo pela decima vez.

Chegamos finalmente ao riacho Burity. Gustavo là encontrou o seu canoeiro. Soltou os cães. Nós entramos para o batel.

— Sente-se no centro da canôa e não se mexa. Qualquer movimento em falso faz virar a canôa.

Obedeci á determinação.

De sorte que desde as 9 da manhan até ás duas da tarde, cinco longas horas, permaneci de cócaras ao fundo da canôa, os pés em fogo, na cabeça a touca de irman de caridade, espingarda em punho, á espera que a paca, acossada pelos cães, viesse atirar-se ao rio.

Nem sombra !

Quando, nao podendo mais, eu bolia com o corpo, o canoeiro gritava : Não se mexa, patrão !

A' volta, resolvi vir sem chapéu. Caminhava dois minutos e descançava cinco.

E á noite, em caza, para descalçar as malditas botas, foi necessario, escorar-me á parede e pedir o auxilio de toda a familia.

O ANDRADE

Para trocar o nome dos outros não conheço ninguem como o Andrade.

Note-se : elle tambem não se chama Andrade, porquanto fui eu quem assim o crismou.

E' um sujeito de barba cheia, amorenado, sobraçando o chapéo de sol, rizonho, afavel, passo lesto.

Conhecemos-nos ha 14 anos, sempre nos cortejamos amavelmente e por vezes permutamos um dedito de palestra, no meio da rua, sobre coizas, etc., e tal.

Ha 14 anos que elle me trata por *seu Galvão* ; quatorze anos ha que eu o chamo *seu Andrade.* A verdade é que eu tenho tanto de Galvão como elle de Andrade. Porém o homem nunca reclamou e eu jamais protestei. Nutro uma desconfiança remota de que elle se chama Guimarães, e da mesma sorte já lhe constou que o meu nome é Cincinato

Isto, porém, em nada alterou as nossas conciencias. Contínúa a tratar-me firme « seu Galvão » correspondendo sem patanejar ao *Andrade* com que o mimozeio. Que querem ? O homem é um animal escravo dos seus habitos, como dizem Shakespeare e o seu barbeiro.

O Andrade sempre me pergunta como vão todos que me pertencem. Respondo : Bem, obrigado, e os seus ? — Sem novidade. Donde deduzi que o Andrade tinha familia.

Mas uma vez quiz elle saber noticiais especias do *velho* Galvão.

O velho Galvâo deve ser méu pai, murmurei com os botões. E respondi a todo o risco :

— Vai bem, obrigado :

— Disseram-me que estava doente...

— Sim... ah !... os... pequenos incomodos...

— Tem recebido cartas de Sorocaba ?

Esta interrogação ensinou-me que meu pai Galvão morava em Sorocada.

— Não... ha já mais de um mez...

Algum tempo depois encontro o Andrade, que se dirije para mim com gesto tristonho e olhar funebre.

— Aceite os meus pezares...

Um tanto embatucado, compuz uma cara de circumstancia e retorqui com voz surda :

— Obrigado...

Houve uma pauza.

— Li nos jornaes a noticia do falecimento, continuou elle, muito intrigado por não me vêr de luto. Pobre Galvao ! Um excelente velho !

Percebi que se tratava da morte de meu pai Galvão.

O momento era solene.

Passou-me pelo espirito, durante um segundo, esta alternativa augustioza.

— Devo arrancar do espirito deste homem a iluzão, que dura ha 14 anos, de que eu sou o joven Galvão Junior, filho do velho Galvao pai, morador em Sorocaba ?

Não !

Seria uma crueldade.

E isto poderia tornal-o meu inimigo...

E... por que razão tambem elle não teve a corajem de confessar que não se chamava Andrade ?

Delicadeza por dedicadeza.

E finjindo meia cara de choro, disse-lhe em tom magoado :

— Agora mesmo vou ao alfaite buscar o luto...

— Mas não vi anuncio para a missa do 7º dia...

— Sim... não quiz anunciar... Sou inimigo dessas ostentações...

— Ostentações, não senhor ! Dever piedozo. Os amigos não podem adivinhar quando é a missa do 7º dia...

Por um triz que arrebento de rizo com esta calinada, mas disfarcei viscando o fosforo para acender o cigarro.

Despedi-me do Andrade decidido a escrever para Sorocaba pedindo informação a respeito do meu defunto pai Galvão e da sua familia.

....

A' noite o Andrade viu-me no jardim de um teatro a beber cerveja com amigos, e a rir-me gostozamente de qualquer coiza.

Lançou-me um olhar comprido e feroz de quem tem vontade de dizer ; Monstro.

O ALBUM DO FIUZA

Ou antes : os albuns do Fiuza.

E' a sua mania, o seu vicio.

Em caza do Fiuza ha jantar gordo e sarâu (genero *firribidi* do *ig-lif*) dez vezes por ano.

Pagode no seu aniversario, no da mulher e nos dos oito filhos.

Os convivas do Fiuza regabofeiam-se a valer, mas hão de pagar um tributo :

Escrever nos albuns !

Possue uma coleção dos ditos.

Um de capa marroquim escarlate com fechos nikelados, tendo no frontispicio um Cupido a vôar.

E' o album do *Amor*.

Tres de capa azul-celeste frizado a prata, tendo em cada folha vinhetas em fórma de coração.

São os albuns das suas tres filhas : Calú, Bilu e Bijou.

Cada amigo tem de escrever nos tres livros o que pensa e o que sente a respeito da Calú, da Bilú e da Bijou. Na primeira folha vê-se o retrato de cada uma das moças.

O quarto album contém como cabeçalho a seguinte pergunta :

— *O que é a felicidade ?*

Foi este o unico que consegui vêr.

E transcrevo para aqui alguns pensamentos literario-filozoficos dos convivas do sr. Fiuza :

« A felicidade é ser amigo do Fiuza. — *J. Rabello Junior* ».

« A felicidade consiste unicamente em ser burro e ter dinheiro. — *A. Magalhães* ».

« Merecer um sorrizo de D. Bilú. — *Alf. M.*

« Comer canjas gostozas e beber vinhos generozos. — *Maranhão* ».

« Para mim a felicidade está em não ter vicio algum. — *B. B.* »

« Na minha opinião, só é feliz quem tem todos os vicios. — *Manéco* ».

« Um bom pifão é o céu aberto. — *Adelino Soares* ».

« A felicidade só procura o homem intelijente e instruido. — F. *Gluck* ».

« A boa sorte só quer saber dos broncos e dos imbecis. — *Augusto Martins* ».

« O amor ! Omnia vincit ! — *C. D.* »

« Qual amor ! Si você quer viver tranquilo, livre-se das saias ! — *Peres Corrêa* ».

« Só se dá bem neste mundo, quem fôr esperto com cara de tolo. — *Macedinho* ».

« Está enganado, seu Macedinho ; é quem fôr tolo com cara de esperto. — *Laio II* ».

« O Chico da venda opina que só é feliz quem não *bende fiado*. — *Marcos*.

« Dançar a noite inteira com o Adolpho. — *Mariquinhas* ».

« Fazer as pazes com a Mariquinhas, depois de quatro dias de arrufo. — *Adolpho*.

....

Conforme.

II

AUGUSTO DE LIMA

Antonio Augusto de Lima naceu em 1859 na Vila Nova de Lima, em Minas Geraes. Bacharel em direito, foi majistrado, advogado, professor, e atualmente dirije o Archivo Publico Maneiro. Tem colaborado em varios jornaes. E' poeta, e prozador. Publicou: Contemporaneas, poezias, em 1887, Symbolos, poezias, em 1892, o drama em verso Tiradentes, e *Poezias*, 1909.

O INQUISIDOR

O grande inquisidor escreve á luz de um cirio.
Corre do seu tinteiro o sangue do martyrio.
Subito, uma mulher acerca-se da mesa
E prostra-se : « Senhor ! um dia a natureza
Bradará por meu filho, a victima innocente
Que amanhã vai ser posta á morte iniquamente !
Da sentença riscai, com generoso traço,
O confisco, o pregão, o anathema e o baraço ;
E mandai demolir a forca que abre a cova

A' decrepita mãe, á esposa inda tão nova
E a tres filhos, Senhor, entes que o Christo adora!
A maldição não tisna, é certo, a luz da aurora,
E nem pode manchar a fronte encanecida,
Que a tarde da velhice é a aurora da outra vida.
Como Xerxes punindo o mar com ferro em braza,
Em vão buscais cortar a inaccessivel aza
Do pensamento: — o ideal é um lucido oceano
E uma invencivel aguia o pensamento humano;
Mas, se preciso for, em nome delle abjuro
A razão, a sciencia, os astros, o futuro!
Fez-se solemne pausa; e com accento triste
Fala o grande juiz: « Pois bem, mulher, feriste
A fibra paternal do inquisidor austero.
Volta tranquilla ao lar, pois choraste, e não quero
Espalhem os clarins da vil maledicencia
Que a justiça de Deus mais pode que a clemencia.
A colhi teu clamor humilde e o réu perdôo.
Vai na paz de Jesus, por Elle te abençôo;
Quanto a teu filho amado, illeso das mais penas,
Ha de ser, para exemplo, esquartejado apenas.

NOSTALGIA PANTHEISTA

Um dia, interrogando o niveo seio
De uma concha voltada contra o ouvido,
Um longinquo rumor, como um gemido,
Ouvi plangente e de saudades cheio.

Esse rumor tristissimo, escutei-o:
E' a musica das ondas, é o bramido
Que ella guarda por tempo indefinido,
Das solidões marinhas de onde veio.

Homem, concha exilada, egual lamento
Em ti mesmo ouvirás, se ouvido attento
Aos recessos do espirito volveres.

E' de saudade esse lamento humano,
De uma vida anterior, patrio oceano
Da unidade concentrica dos seres.

EPILOGO

Ideal tão sonhado, sonho puro,
Inaccessivel á miseria humana,
Tenue vapor da aspiração insana,
Tanto me foges, quanto te procuro !

Sonho o bem immortal ; mas o futuro,
Frio estuario, ao lago do Nirvana
Leva os seres ephemeros que irmana
No mesmo nada eternamente obscuro.

Impetuoso coração, que esperas ?
Basta ! Que esperas atravez de escolhos,
De diluvios, volcões e terremotos ?

Sangrei meus labios em beijar chimeras ;
Cegos de ver miragens tenho os olhos,
E de abraçar o vacuo — os braços rôtos !

CADEIRA CASTRO ALVES

ANTONIO DE CASTRO ALVES (1847-1871) naceu na Bahia. Estudou direito, nas Faculdades do Recife, e de S. Paulo. Era aluno do 4º ano, em 1870, quando publicou *Espumas fluctuantes*, o seu primeiro livro do poezias. Escreveu tambem *Gonzaga*, drama, *Os Escravos*, poema, e muitas outra poezias. Tinha imaginação exuberante. A influencia da escola hugoana levou-o a excessos de gongorismo, que lhe maculam varias composições, aliás admiraveis pela força da inspiração.

I

VALENTIM MAGALHÃES

ANTONIO VALENTIM DA COSTA MAGALHÃES (1859-1903) naceu no Rio de Janeiro. Bacharel em direito, foi advogado, jornalista. e professor. Foi fundador e diretor da revista literaria *A semana* e colaborador da Gazeta de Noticias, onde escrevia as *Notas á Marjem*. Ensaiou o seu enjenho em quasi tados os generos literarios ; foi novelista, poeta, romancista, critico e comediografo... Publicou : *Cantos e Lutas*, *Vinte contos*, *Quadros* e *Contos*, *Horas alegres*, *Bric-á-brac*. *A literatura brazileira* (conferencias), *Flor de Sangue* (romance,) *Rimario*, *Doutora* (comedia), de colaboração com Felinto de Almeida *O grão Galeoto*, e com Henrique de Magalhães *A vida de seu Juca*.

OS DOIS EDIFICIOS

Encaram-se de frente as duas construções :
Uma tem a aparencia extranhamente austera
E é muda, da mudez que esmaga os corações ;

Seu aspeto sinistro é como o de uma fera ;
E a outra é como a flor e as aves e as canções.
Recordam-nos assim o inverno e a primavera.

A segunda é ridente, esbelta e festival :
O dia em frente á noite, o abutre ao pé da rola,
Azas junto a grilhões, o Bem fronteiro ao Mal.

Uma cauza pavor, a outra alegra e consola.
O' que contraste enorme, extranho, orijinal !
A primeira é a cadeia e a segunda, uma escola.

A cadeia é um tristonho e lebrego edificio,
Feito de ferro e pedra, e em que blasfemias e ais
Rolam confuzamente em meio ao crime e ao vicio ;

Os muros de granito escuros, colossais,
Sepultam mudamente a dor, o sacrificio,
A medonha explozao das raivas infernaes.

Na escola bate o sol ardente e esplendorozo
E saem de lá de dentro as vozes infantis,
Como de um ninho oculto um canto melodiozo :

Estao prezos ainda os passaros gentis.
E' quasi meio dia. Um velho criminozo
Espreita, da cadeia encostado aos gradis.

Tem a cabeça branca, as faces encovadas
E' uns olhos de chacal. Olha só de travez,
E ri-se de vagar com funebres rizadas.

Entregava-se em moço ao jogo e á embriaguez ;
Numa rixa matara um homem a facadas ;
Depois foi atirado á noite das galés.

Encostada a cabeça aos ferros da janela,
Queda-se a meditar... Com triste lentidao
Passeia, de espinguarda ao hombro a sentinela...

Sao um sino na escola, e logo a multidao
Das crianças, a um tempo, alegre, tagarela,
Sáe á rua, gritando, aos pulos, de roldao...

Imovel na janela, o velho condenado,
Os meninos contempla em bandos a correr,
E suspira : « Faz bem vêr isto ! Desgraçado

De mim, que envelheci sem aprender a ler ! »

II

EUCLYDES DA CUNHA

Euclydes da Cunha naceu em 1868 em Cantagalo, no Rio de Janeiro. Fez o curso de sciencias fizicas e matematicas nas Escolas Militar e Superior de Guerra, mas depois de formado pediu demissão do exercito, e aplicou-se á enjenharia civil. Serviu em comissões importantes de sua profissão no Estado de S. Paulo, e mais tarde dezempenhou a comissão de estudos dos limites do Brasil, Bolivia e Pérú. Era lente de lojica do colegio de Pedro II.

Poeta e prozador. Publicou os livros *Os sertões, campanha de Canudos ; Contrastes e Confrontos: Perú versos, Bolivia; Castro Aloes*, conferencia, e *A'marjem da historia* Morreu trajicamente em 1909. Succedeu-lhe na Academia Afranio Peixoto, professor homem de letras es de sciencia.

O SERTANEJO

O sertanejo, é, antes de tudo, um forte.

Nao tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastenicos do litoral.

A sua aparencia, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrario. Falta-lhe a plastica impecavel, o dezempeno, a estructura corretissima das organizações atleticas. E' desgraciozo, dezengonçado, torto. Hercules-Quasimodo, reflete no aspeto a fealdade tipica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quazi gingante e sinuozo, aparenta a translação de membros dezarticulados. Agrava-o a postura normalmente acurvada, num manifestar de displicencia que lhe dá um carater de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra ; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descançando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rapido, não traça trajetoria retilinea e firme. Avança celeremente, num bambolear caracteristico, de que parecem ser o traço geometrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro ou travar lijeira conversa com um amigo, cai logo — cai é o termo — de cocaras, atravessando largo tempo numa pozição de equilibrio instavel, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridicula e adoravel.

E' o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencivel, a atonia muscular perene em tudo, na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar dezaprumado, na cadencia langoroza das modinhas, na tendencia constante á imobilidade e á quietude.

Entretanto, toda esta aparencia de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vel-o dezaparecer de improvizo. Naquella organização combalida operam-se, em se-

gundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exijindo-lhe o dezencadear das enerjias adormidas.

O homem transfigura-se. Impertiga-se estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto ; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os hombros possantes, aclarada pelo olhar dezassombrado e forte ; e corrijem-se-lhe prestes, numa descarga nervoza instantanea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos orgãos ; da figura vulgar do tabaréo achamboado, reponta, inesperadamente, o aspeto dominador de um titan acobreado e potente, num desdobramento inesperado de força e ajilidade extraordinarias.

Este contraste impõe-se á mais leve observação. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja — caracterizado sempre pela intercadencia impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.

E' impossivel ideiar-se cavaleiro mais descuidado e dezelegante ; sem pozição, pernas coladas no bojo da montada, tronco pendido para a frente e oscilando a feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, rezistences e rapidos como poucos. Nesta pozição indolente, acompanhando morozamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçozo quazi transforma o campião que cavalgava na rêde amolecedora em que atravessa dois terços da existencia.

Mas se uma rez alevantada envereda, esquiva, adeante pela caatinga *garranchenta*, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmelha, eil-o em momentos transformado cravando os acicates de rozetas largas nas ilhargas da montaria, e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dedalos inextricaveis das juremas.

Vimol-o neste « steeple-chase » barbaro.

Não ha contel-o, então, no impeto. Que se lhe antolhem quebrados, acervos de pedras, coivaras, matas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encalçar o garrote desgarrado, porque *por onde passa o boi, passa o vaqueiro com o seu cavalo...*

Colado ao dorso deste, confundindo-se com elle, graças á pressão dos jarretes firmes, realiza a creação bizarra de um centauro bronco : emerjindo inopinadamente nas clareiras ; mergulhando, adeante, nas macegas altas ; saltando valos e ipueiras ; vingando comoros alçados ; rompendo, célere

pelos espinheiraes mordentes ; precipitando-se, a toda brida, no largo dos taboleiros....

A sua compleição robusta ostenta-se nesta ocazião, em toda a plenitude.

Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frajil, sustendo-o nas redeas improvizadas de carúa, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira — estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção, — *encanchado no rastro* do novilho esquivo ; aqui curvando-se ajilissimo, sob uma galhada, que lhe roça quazi pela sela ; além desmontando de repente, como um acrobata, agarrado ás crinas do animal, para fujir ao embate de um tronco, percebido no ultimo momento, e galgando, logo depois, num pulo, o selim ; — e galopando sempre, atravez de todos os obstaculos, sopezando á dextra, sem a perder nunca, sem a deixar no emaranhado dos cipoaes, a longa aguilhada de ponta de ferro encastoado em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, serios obstaculos á travessia...

Mas, terminada a refrega, restituida ao rebanho a rez dominada, eil-o, de novo caido sobre o lombilho retovado, outra vez desgraciozo e indolente, oscilando á feição da andadura lenta, com a aparencia triste de um invalido fatigado.

(*Os Sertões, Campanha de Canudos.*)

O MARECHAL DE FERRO

No meio em que surjiu, o marechal Floriano Peixoto sobresaia pelo contraste. Era um impassivel, um desconfiado e um cetico, entre entuziastas ardentes e efemeros, no inconsistente de uma época volvida a todos os ideaes, e na credulidade quazi infantil com que consideramos os homens e as coizas. Este antagonismo deu-lhe o destaque de uma gloria excepcionalissima. Mais tarde o historiador não poderá explical-a.

O heroe, que foi um enigma para os seus contemporaneos pela circunstancia clarissima de ser um excentrico entre elles, será para a posteridade um problema insoluvel pela inopia completa de atos que justifiquem tão elevado renome. É um dos raros cazos de grande homem que não subiu, pelo condensar no ambito estreito da vida pessoal as ener-

jias dispersas de um povo. Na nossa translação acelerada para o novo rejimen elle não foi uma rezultante de forças, foi uma componente nova e inesperada que torceu por algum tempo os nossos destinos.

Assim considerado, é expressivo. Traduz de modo admiravel ao envez da sua robustez a nossa fraqueza.

O seu valor absoluto e individual reflete na historia a anomalia aljebriça das quantidades negativas; creceu, prodijiozamente, á medida que prodijiozamente diminuiu a enerjia nacional. Subiu, sem se elevar — porque se lhe operára em torno uma depressão profunda. Destacou-se á frente de um paiz, sem avançar — porque era o Brazil quem recuava, abandonado o traçado superior das suas tradições.

Deante da sua figura insoluvel e dubia, os revolucionarios apreensivos traçavam na tarde de 14 de novembro o ponto de interrogação das duvidas mais crueis, e ao meio dia de 15 de novembro os pontos de admiração dos maximos entuziasmos. Não se conhece transformação, ao mesmo passo, tão repentina e tão explicavel.

Sobretudo explicavel. O seu prestijio nacera pardoxalmente antes da revolução. Sabia-se, ou conjecturava-se, que sobre o rejimen condenado velava, imperceptivel, aquella astucia silencioza, formidavel e cauta, contraminando talvez dentro do proprio exercito o traço subterraneo da revolta ; ou acompanhando-o talvez, linha por linha, ponto por ponto, num paralelismo assombrozo, e no prodijio de conspirar contra a conspiração, ajustando soturnamente o rigorismo da lei ao lado da rebeldia incauta, de modo que esta, ao estalar, tivesse de improvizo, em cima, irrompendo da sombra, a mão possante que a jugularia.

Esta duvida, ou dolorozissima suspeita — sabem-no todos os revolucionarios, embora muitos a negassem depois — era a mais inhibitoria incerteza entre tantas outras que nos manietavam.

Revela-o um incidente inapreciavel como muitos outros, porque o 15 de novembro foi uma glorificação exajerada de minucias :

Na vespera daquelle dia, ás 10 horas da noite, toda a segunda brigada, em plena revolta, estava em fórma e pronta para a marcha. Mas antes de a realizar sucedeu o fato ilojico e inverosimil de seguir um capitão mandado pelos chefes revolucionarios, a participar o acontecimento ao proprio

ajudande general de exercito, ao marechal Floriano. Por um impulso identico ao do criminozo que segue, num automatismo doentio, a confessar o crime ao juiz que o apavora, a conspiração denunciava-se. Atirava aquella cartada arriscadissima; iludia o temor do adversario procurando-o; trocava a espectativa do perigo pelo perigo franco.

Mas nada conseguiu. Deante do oficial rebelde que viera de S. Christovão a procural-o, encontrando-o na unica sala que se destacava iluminada no vasto quartel do campo de Sant'Anna imerso na mais profunda treva — o marechal Floriano apareceu ainda mais indecifravel. Determinou com a palavra indiferente de quem dá a mais desvalioza ordem a uma ordenança, que se dezarmasse a brigada sedicioza. Mas não fez a recriminação mais breve, ou traiu o mais fujitivo espanto; e não prendeu o parlamentario indisciplinado que ao sair adivinhou, adensados no escuro, dentro, no vasto pateo interno, todos os batalhões de infanteria, com as espingardas em descanso, e da baionetas caladas onde se joeirava, salteadamente, em subitos reflexos, o brilho das estrelas...

A consulta á esfinje complicára o enigma. Como interpretar-se aquella ordem apenas balbuciada pela primeira autoridade militar rodeada da parte mais numeroza da guarnição que os rejimentos levantados iriam encontrar vijilante e firme nas formaturas rigorosas?...

A revolta dezencadeiou-se nesta indecizão angustioza, e foi quazi um arremesso fatalista para a derrota.

Porque a vitoria foi uma surpreza: e desfechára-a precizamente o homem singular que equilibrára até ao ultimo minuto a enerjia governamental e a onda revolucionaria — até transmudar a propria infidelidade no fiel unico da situação, de subito inclinado para a ultima.

Este golpe teatral, deu-o com a impassibilidade costumeira; mas foi empolgante. Minutos depois, quando deante do ministerio vencido o marechal Deodoro alteava a palavra imperativa da revolução, não era sobre elle que converjiam os olhares, nem sobre Benjamin Constant, nem sobre os vencidos — mas sobre alguem que a um lado, dezelegantemente revestido de uma sobrecazaca militar folgada, cinjida de um talim frouxo de onde pendia tristemente uma espada, olhava para tudo aquillo com uma serenidade imperturbavel. E quando, algum tempo depois,

os triunfadores, anceiando pelo aplauzo de uma platéa que nao assistira ao drama, sairam pelas ruas principaes do Rio — quem quer se que retardasse no quartel general veria sair de um dos repartimentos, no angulo esquerdo do velho cazarão, o mesmo homem, vestido á paizana, passo tranquilo e tardo, apertando entre o medio e index um charuto consumido a meio, e seguindo izolado para outros rumos, impassivel, indiferente, esquivo...

E foi assim — esquivo, indiferente e impassivel — que elle penetrou na Historia.

***

Vimol-o depois, de perto, na conspiração contra o golpe de estado de 3 de novembro.

A sua caza no Rio Comprido era o centro principal da rezistencia. Ia-se para lá de dia, em plena luz : nenhuns resguardos, nenhuma dessas cautelas, e ancias, ou sobresaltos, com os quaes numa conspiração se romenceiam os perigos. Os conspiradores iam, prozaicamente de bonde ; saltavam num portão, á direita ; galgavam uma escada lateral, de pedra ; e viam-se a breve trecho num salão modesto, com a mobilia excluziva de um sofá, algumas cadeiras e dois aparadores vazios. Lá dentro, janelas largamente abertas, como se se tratasse da reunião mais licita, rabeava ferozmente a rebeldia : gizavam-se planos de combate ; balanceavam-se elementos, ou recursos ; pezavam-se incidentes minimos, trocavam-se alvitres, denunciavam-se transfugas, enumeravam-se adeptos, e nas palestras esparsas em grupos febricitantes vibrava longamente este entuziasmo despedaçado de temores que trabalha as almas revolucionarias.

De repente, uma ducha enrejelada : aparecia o marechal Floriano com o seu aspeto caracteristico de eterno convalecente e o seu olhar perdido caindo sobre todos sem se fitar em ninguem. Sentava-se, vagarozamente ; e no silencio, que se formava de subito, lançava uma longa e pormenorizada rezenha dos achaques que o vitimavam. Era dezalentador.

Passado, porém, aquelle sobresalto, invertido, aquella quietude alarmante e aquella calma impertinente, mais cruciante do que a anciedade anterior, renovava-se a ajitação ; — e no orgisarem-se planos, no balancearem-se recursos, no peza-

remse todos os incidentes, no contraposto, no revolto, no dezordenado dos dialogos esparsos, ou cruzando-se, ou afinal fundidos na palavra unica de alguem que atirava, de golpe, entre os grupos, uma noticia emocionante, naquelle tumulto, o homem que era nossa esperança mais alta lançava avaramente um monosilabo, um *não* apagado, um *sim* imperceptivel no balanço fujitivo da cabeça, ou abria a encruzilhada de um *talvez...*

Saia-se jurando que estivera na sala um traidor, impossibilitando-lhe o livre curso das idéas. Porque, izoladamente, a cada um dos que lá iam, elle se manifestava com a sua lucidez incomparavel.

Aceitava-nos um a um ; repelia-nos unidos. E a pouco e pouco naquelle retrair-se cautelozo, naquelle escorregar precavido sobre todas as questões que se lhe propunham na reunião revolucionaria, tao differente do firme, do definido e do claro de pensar que, parceladamente, manifestava a cada um dos que a constituiam, elle foi infiltrando na conspiração a sua indole retractil e precatada. Por fim — confiava-se no melhor companheiro da vespera.. desconfiando.

É natural que a trama sedicioza se alastrasse durante viute dias, inteiramente ás claras e imperceptivel ; e que ao irromper a 23 de novembro o movimento da Armada — simple remate teatral da mais artistica das conspirações — o marechal Floriano, imutavel na sua placabilidade temeroza, seguisse triunfal e tranquilo para tomar o governo, « obedecendo » a um chamado do Itamaraty, espantozamente disciplinado no fastijio da rebeldia que alevantára — e indo depôr o marechal Deodoro vencido, com um abraçoum longo e carinhozo abraço, fraternal e calmo.

***

Conta-se que ao estalar a revolução de 6 de setembro, no meio do espanto, e do alarme, e do delirio de adezões e entuziasmos, que para logo repontaram de todos os lados, gerando aquella angustiozissima comoção nacional culminada pela loucura trajica de Aristides Lobo — conta-se que o marechal Floriano requintára na proditoria quietude.

Impassivel naquelle estonteamento, superpoz ao tumulto o seu meio sorrizo mecanico o seu impressionador mutismo.

Num dado momento, porém, abeirou-se de uma das janelas do palacio abertas na direção aproximada do mar; e ali quedou um minuto, meditativo, na atitude habitual da sua apatia enganoza e falsa...

Depois alevantou vagarozamente a mão direita, espalmada, vertical e de chapa para o ponto onde se advinha, vam os navios revoltozos, no gesto trivial e dubio de quem atira de lonje uma esperança ou uma ameaça...

Traçou naquelle momento o molde da sua estatua. Nenhum escultor de genio o imajinará melhor, a um tempo ameaçador e placido, sem expansões violentas e sem um tremor no rosto impenetravel, desdobrando silenciozamente, deante do assalto das paixões tumultuarias e ruidozas, a sua tenacidade incoercivel, tranquila e formidavel.

III

AFRANIO PEIXOTO

Afranio Peixoto, professor na Faculdade de médicina do Rio de Janeiro. Desde cedo revelou natavel talento literario, de que o seu romance *Esphinge* acolhido com extraordinario exito foi a mais recente manifestação.

E'tambam un cultor apaixonado da lingua.

Nasceu na Bahia, em 1878. E'autor de varios trabalhos scientificos de merito excepcional. Na Academia foi eleito na vaga de Euclides da Cunha.

FRAGMENTOS DA ESPHINGE

— Em que pensa ?

— Em Helena...

Ela compreendeu, mas fez-se desentendida para prolongar o enleio amavel da lisonja :

— Continúa a ter por Helena a mesma admiração ?... O que me fez ler, não me dissuadiu da lenda desagradavel. Ela devia ter buscado vida, mais formosa.

— Os velhos livros teem intelijencia mais profunda que o sentido literal. Devem ser lidos pela adivinhação. Helena não foi a mulher incapaz de cercar uma beleza perfeita da concordancia de uma vida harmoniosa... Nao foi a aventureira conduzida por um amor facil a uma terra extranha,

de onde todos os herois e os votos de um povo esforçado, em dez anos de peleja e ruina, foram buscar para a restituir a um lar tranquilo e sem a inquietação do desejo... Não. Não se compreenderia, mesmo em fábula.

Helena foi a alma grega no que ela teve de mais subtil e de mais poderoso... e que existiu de mais nobre e de mais alto... de mais belo portanto... Helena foi a adivinhação heroica da Hélade por vir, jà presentida, senão desejada, de lonje, além do tempo, pelos gregos primitivos... Nas costas da Asia, vizinha da Europa, a facilidade de caminho fez de Troia o entreposto da atividade e do comercio entre os dois mundos antigos. Sua riqueza e sua força creciam rapidamente dentro de muros inexpugnaveis, espaçados entre os cincoenta palacios dos filhos de Prîamo, a ameaçar a hejemonia da Grecia. Pareceu num momento que o prestijio de uma esperança confiada, sonho de dominação pela beleza vitoriosa, os havia abandonado. Helena, esse ideal havia fujido para Ilion... Era preciso ir tomá-la numa conquista definitiva, ou num sacrificio, que custava menos àqueles animos destemidos que o opróbrio de uma vida mesquinha... Por isso, não ficou na Grecia heroismo improdutivo, e, naquela época em que as competições eram continuas entre os póvos e reis, vinte e tres cidades, o maior esforço de solidariedade helenica em todos os tempos, juntaram-se para a defesa ou para a ruina comum. A rival foi vencida e incendiada. Colonias gregas submissas espalharam-se por aî além, pelos campos onde foi Troia. Assim o prestijio grego, depois esse milagre de beleza, unico na Historia, voltou a seu lar...

Mais tarde, quando Alexandre abriu as portas do Oriente, quando os romanos se derramaram do Ocidente, e apareceram os barbaros, Helena abandonou a Hélade e dispersou se pelo mundo, sucessivamente em Alexandria, em Roma, em Paris... e hoje, um pouco por toda a parte, nessa herança de beleza em que todos nós a reconhecemos... onde ha uma graça harmoniosa, aî vive Helena...

— Eu tinha razão, concluiu numa voz pausada e trémula pela emoção, havendo sentido vazio o cenario da vida, perfeita, vendo naquele doce crepúsculo de primavera completar-se a beleza da paisajem pela minha primeira admiração humana em reconhecer Helena... E nos labios correu de novo o murmurio do verso nobre de poeta :

— Deuses ! homens ! eu vi, eu vejo Helena !...

(*A Esfinje*, pags 20-23).

. . . .

A noite ia lonje. O silencio era menos denso ; muitas vozes se calaram, adormecendo. Apenas, distinto, ouvia-se de quando em quando o cincerro de um cavalo insone, tosando no pasto a relva humida. E intercadente, num ritmo melancolico, um passaro da mata mandava á noite clara uma canção dolente, queixume intimo que ouvira traduzido diferentemente, mas cuja significação agora atinara.

— Peito ferido !... Peito ferido !...

Quem sabe se aquela ave solitaria nao era como ele um desgraçado a que uma queixa de amor roubara o sono e se comunicava com a natureza confidente pelo seu canto triste ?

E as mãos completaram o pensamento apenas formulado tomando o amado violão ao peito, afagando as cordas tensas e cravelhas firmes e preludiando um canto que lhe exprimisse a tristeza com a sinceridade dolorida do passaro da mata que chorava o peito maguado. E insensivelmente, como se o coração cheio se lhe vazasse, uma planjente serenata, meio tom, depois a gama inteira, correu em fremitos de dôr pelo pinho soluçante... Parecia que a musica chorava miuda e humilde como uma prece medrosa e depois se alteava num canto largo e expansivo como uma reprimida confidencia de amor, até recair na mesma dolorida lástima arrastada e infindavel. E assim, aos azares da improvisação, servindo a sentimentos tumultarios, ora de queixa, ora de exprobração, aqui de desespero, além de confiança, o violao contava toda a poesia intensa da paixão rustica...

De repente a janela estalou no oitão e por uma banda aberta uma cabeça de mulher observou para fóra. Depois, confiante, surjiu no retangulo escuro que o luar emoldurava. O rosto suave apoiou-se no umbral e permaneceu immovel longo tempo. O violão continuou sua oração sem palavras, cada vez mais soluçante e mais desesperado. Depois, morrendo num desalento final, extenso e languido, ate emudecer de todo...

Houve um instante de silencio absoluto, de indecisão de um lado e de abandono do outro... E o vulto de mulher

recuou para dentro e para a sombra interior, masajanela nao se fechou... O coração precipitado ordenou-lhe então uma ousadia. Deixou o retiro na sombra, aproximou-se da janela aberta e em alguns movimentos — transpôs o batente e se achou dentro de casa, diante dessa fórma de mulher que se abandonava, vencida na ultima resistencia. Tomou-a entre os braços, o peito repousado sobre o seu, os olhos meio cerrados e a boca implorante de um goso que tardara, porém chegava. Longo tempo teve-a assim, no desalinho em que saltara do leito, nos seus labios, no seu corpo, em suas mãos curiosas. Mas não ousava. E agora que chevaga, emfim, o momento esperado, levantava-se vagamente um conflito entre um escrupulo e um desejo... Por fim, num impeto de conciencia que se desimpede a custo de sentidos traiçoeiros, ele a afastara levemente, dizendo-lhe numa voz entrecortada pela emoção :

— Escute... Eu sou seu irmão... Mamae, mãe Maria, ficariam bem tristes se vissem isto... Nao, eu não devo deitar V. a perder...

Rompera-se o encanto. Immediatamente ela recompôs a fisionomia fechada e quasehostil, abrigou a sua meia nudez em um chale, parou um instante, e como voltando aos primeiros sentimentos, disse, queixosa :

Porque V. me perseguiu tanto tempo ? Seu violão me tem feito penar tanto !

Ele passara a mão pela cabeça tonta, quasi arrependido do gesto de renuncia.

— Não pensei nunca neste momento... quero tanto bem a V., que teria prazer em confessar a todo o mundo. Como nao sei ou não posso falar, V. viria a saber pela minha tristeza... V. veiu a compreender finalmente... Mas nunca pensei neste momento...

Emmudeceram ambos... Uma distancia intransponivel os separava agora, talvez para sempre. Estas palavras mataram os amantes que existiam neles. Dois estranhos ficaram, apenas dois estranhos que se lembravam de um longo desejo e de um momento de abandono, estavam presentes. Mas amar nunca é vão... A manha vinha perto. Ela retomou a palavra :

— É tempo de nos separamos. Talvez não nos falemos mais, senão para os outros ouvirem. Mas eu tenho, antes disto, um pedido, um só, a lhe fazer.

— Diga ! Está feito...
— Jure...
— Pelo bem que lhe quero... Por Nossa Senhora !
— Está feito... E depois de uma pequena pausa — Nunca mais toque violão... Ouviu ?
Ele contivera uma espanto ; um pensamento confuso assaltou-o.
— Porque ?
— Porque ? ! Porque nao quero que outra depois de mim, sofra por causa dele V. terá outros meios de agradar e deixe que tenha sido esse o meu... Nunca mais, ouviu ?
Ele relutava. Olhou o pinho silencioso, ao lado, como adivinhando as harmonias e os consolos que guardava ainda...
Ela insistiu, carinhosa :
— Sim, sim... V. jurou por mim... É a lembraça que me ficará de Você...
Beijou-o longamente nos olhos, depôs um beijo nas cordas retesadas do instrumento e, antes que ele dissesse não, empurrou-o brandamente para a janela.
— Vá... vá... o dia amanhece... Adeus ! até sempre...
Quado ele se achou no campo, só, e a neblina fria da manhá envolveu-lhe o corpo febril, perguntou se não fôra tudo aquilo um sonho... Passou a mão pelos lohos como para afastar esse pesadelo e sentiu-os humidos. Tinha chorado.
E diante daquela janela fechada e ao lado de seu violão emmudecido, não soube se estas lagrimas tinham orijem numa renuncia ou vinham de um sacrificio... Porque se vive sem um amor, mas se morre sem um consolo...

(*A Esfinje* pags 339-344).

....

Era uma arvore alta, esgalhada, de tronco tortuoso, casca rugosa e escura, enfolhada apenas de um lado. Do outro, um ramo despido e baixo, quase negro, entortava-se numa contração dolorosa... perecia um membro aleijado, tochico e ainda consumido pelo sofrimento... Tinha uma lembraça muita vaga...
— Dizem que aqui se enforcou uma escrava dos Albuquerques... E em algumas palavras lhe evocou a memoria de uma cena sinistra que ouvira contar outrora.

Era uma pobre escrava que saia todas as madrugadas a vender pão pelos caminhos. Andava leguas e leguas por esse mundo afóra, até se esvaziar o balaió, que levara, sempre cheio. Se não vendia depressa, ou se alguma era recuzado, tinha que ajustar contas com o feitor... Andava acabada e ferida de tanta canseira e tanto açoite... Um dia, já era tarde e não podera vender todos os pães porque alguns, amassados e moles, não tinham achado comprador, ou eram enjeitados. Voltava para casa, já á boca da noite, pensando nas lagrimas que a esperavam.

No caminho começou a ouvir adiante uns gemidos, á beira do mato... A dôr dos outros distrai a nossa. Aproximou-se. Era uma pobre sertaneja, corrida pela seca, que vinha de lonje, carregando um filho e que ai caira, exausta de fadiga e de fome. Pediu-lhe uma esmola pelo amor de Deus... o filho estava morrendo á mingua. A escrava considerou que havia ainda alguem mais infeliz do que ela, alguem que sofria por ver morrer um filho e lhe pedia uma esmola para o salvar... Era mulher... arriou o balaio, abriu a baeta vermelha que os envolvia e tirou para a mendiga os pães amassados... Depois continuou a andar. Pareceu-lhe que tudo mudara... estava mais forte... já não sofria tanto... esperava até o castigo sem temor... Caminhou ainda, Numa volta da estrada a casa maldita, iluminada de luzes sinistras, apareceu-lhe á vista, ao lonje... Parou... chegaria tarde... não trazia mais pães, nem trazia o dinheiro de todos eles... roubara sem duvida para comer... O castigo seria maior que sempre, porque, além do mais, agora era ladra... Morreria sob o açoite. Aquela arvore ali no meio da estrada, esgalhada, com um ramo torto, ao alcance, pareceu-lhe um convite para a liberdade... Fez um laço com a baeta e enforcou-se.

O ramo secara, e despido, e negro, parecia viver apenas para contar o infortunio de que fôra confidente e que ajudara a consolar no ultimo conforto.

Paulo olhava para aquele simbolo mudo de uma grande dôr, e, emquanto o Serjio se benzia, esconjurando a arvore sinistra, descobriu-se, com o respeito de sua simpatia pelo sofrimento... Naquela solidão, á parte, perta do caminho, isolada desde lonje pelo respeito dos viandantes, a arvore sinistra persistia, resignada como um monumento de dôr. Os Albuquerques foram-se... os escravos libertaram-se...

aquela mágua viveria lembrada muitos anos ainda, até mais tarde quando tivesse de passar tambem para o repouso da memoria, em que todas as alegrias e festas, todas as lagrimas e torturas desaparecem, na paz do esquecimento...

(*A Esfinje* 346-348).

DISCURSO

AO SER RECEBIDO NA ACADEMIA BRAZILEIRA

...Se o não era no dom da expressão metrificada e disposta em fórma definida, como aliás o pretendia, enaltecendo uns primeiros ensaios que mais tinha em conta que ás suas notaveis construções em prosa, de fato, em Euclydes da Cunha dominava o poeta. O geologo que lera na terra as suas vicissitudes milenarias, o sociologo que avaliara as componentes novas para traçar as ambições possiveis, o diplomata que discutia testos perplexos de tratados para acordar as vantajens de sua demonstração... o geografo, o historiador, o politico... por amor de uma palavra sonora ou pela sedução de uma imajem brilhante... do estiramento de um periodo em marcha desabalada e vitoriosa... do icto ou inibiçao de uma frase curta, estacando fulminada... ele os sacrificava todos, intimamente, ao outro, o poeta, sempre presente, promovendo o espanto e o entusiasmo, no ritmo sacudido e atropelado das frases que se desenvolviam em crecendo de esplosões, ou se arrepelavam, de subito, re freadas, num clamor de epopéa.

Por isso se ha de repetir o que Taine disse de outro : que não escrevia para os leitores. Euclydes esqueceu sempre a finalidade da palavra escrita e o destino esato dos livros.:. Póde-se dizer mesmo que os escreveu para si.:. Retratou-se, para ver-se neles... Nao cuidou de nós...

Os Sertões não querem descrever essas terras desertas do Brasil, dignas de um senhorio, mais ambicioso ; nem o depoimento das gentes esquecidas pela nossa incuria ou incompetencia em educar e aproveitar ; nem ainda como pretende o seu subtitulo — Campanha de Canudos — denunciar um grande crime coletivo que nos aviltou numa sangueira inutil... Não ; é principalmente o cenario, desmedido e grandioso, rude e magnifico, em que viveu, sofreu e pensou, a personajem silenciosa que não se descreva e está entretanto sempre presente naquelas pajinas... Nao é um

livro de historia, estratejia ou geografia, é apenas o livro que conta o *efeito* dos *sertões* sobre a alma de Euclydes da Cunha.

Peru' versus Bolivia nao são razões de um pleito a se decidir em juizo, trazendo ao debate o esclarecimento final para a justiça devida ao constituinte defendido... é apenas um ensaio de critica sobre tratados e cronicas, mapas e levantamentos, que permite ao autor sentenciar sobre assuntos literarios, politicos e sociais relativos aos contendores... O advogado tem menos em conta a causa que os autos, pensa mais em si que no reu ou na vitima, e prefere seduzir o juiz a mover a sua justiça.

Nos *Contrastes e Confrontos* e n'*A' marjem da Historia*, a sua geolojia, a sua etnografia, a sua sociolojia, a sua politica têm por isso mesmo, o rigorismo absoluto de formulas que não condizem com a relatividade tateante e ceptica de nosso conhecimento... que não existe talvez nas realidades observadas, mas sómente nas concepções varias e moveis que delas fazem os nossos entendimentos credulos e espandidos... E' que propriamente ele não observava, para descrever : comentava-se na natureza, nas gentes, nas ideias, retratando-se nelas. Ilustrava na realidade o seu pensamento... E como ele todo fervia tumultuoso e transbordante, sente-se menos o que descreve, profliga ou ensina, que todo o seu espirito ajitar-se em sua obra, assanhado e rebelde, soberbo e vitorioso.

Os seus cenarios semelham essas caricaturas de Forain, violentas e grossas, arcabouço trajico de um desenho que se imajina, mas que o autor desdourou de traçar : é um impressionismo espantoso em que os riscos interrompidos e as côres cruas sujerem antes que definem. As suas gentes teem o grotesco sinistro, ou a fantasia heroica que lhe inspirou o mais querido de seus mestres, Paul de Saint-Victor : desfeiçoou as realidades sensiveis e moveis que o viram, e projetou nelas sua imajinação. O jagunço, que ele admira, ou o caúchero que ele deplora, ficaram assim, para nosso pasmo comparsas gigantescos de epopéas ou de géenas... As suas ideias entrechocam-se sem o seguimento lojico e desdobrado das deduções ; irrompem tumultuarias, desconexas, diverjentes, paradoxais, como as daquele outro de quem foi aluno, o barbaro Carlyle, estravagante e insolente, e por isso mais admirado, pela fria e comedida Inglaterra.

E sempre, não descreve, nao discute, não convence... falta-lhe a miudeza pertinaz da espressão, a continuidade articulada dos argumentos que se coordenam, a certeza fria de uma demonstração, que apenas espera ser feita. Não, num arremesso ousado de traços rapidos e incisivos, ele impressiona, grava, aprofunda... Risca sumariamente a sintese linear de uma figura e de uma paisajem, deforma-a como um caricaturista invertido, que emvês de deprimir quisesse sublimar, e dispara em outra arremetida, num impeto de imajens e de ideas, não raro lugares comuns projetados como escarneo a relutancias obsoletas, paradoxos retorcidos ou humorismos macabros... vertijinoso, possesso, divino... ás vezes fatigante.

Cultivou por isso esse máu gosto nacional, especie de gongorismo retardado, que o povo chama, avisadamente, de *falar difficil*. Nao é vezo literario, remanecente daquele romantismo atroante e inflamado, que veiu de Hugo a Castro Alves. Não, o romantismo foi moda passajeira. Antes dele já eramos assim ; assim ficâmos. Está na indole mesma de nossa gente. Já ouvi num dia de exaltação popular um orador ser impedido de proseguir pelo clamor dos aplausos, só porque, ao começar o discurso, a voz planjente se detivera em duas letras enfaticas... « De victoria em victoria... » Esse tropeço e aquele entono fizeram, sem mais, delirar uma praça publica repleta... Um parlamento vi em estase porque, em oração vibrante, um dos nossos tribunos escandia as silabas, revelando uma vogal obscura, a proposito de « conquistas liberais ». Se não se compreendem as palavras, ou se elas se arrevezam em esgares ou convulsões, o triunfo é então definitivo e esplicavel.

Os brasileiros continuam assim pomposos, sonoros, vazios, enfatuados, esprimindo ideas raras em termos improprios e dificeis... Euclydes não renegava o seu povo. Tomava nota, nos punhos da camisa, da palavras estranhas que ouvia, ornava com elas frases refuljentes, e talvez buscasses assuntos heroicos ou sinistros para as encartar. Os seus cadernos intimos denunciam esse habito. Um dia, em S. Paulo, na porta da livraria Garraux, conversava com amigos. Achegou-se um homem humilde que se pôs a contar façanhas sertanejas. Era por uma trovoada passajeira de verão... « de repente, o céu *escampou*... » O matuto ainda nao acabara e já Euclydes nao estava... o verbo se fôra gravar

numa pajina immortal, feita talvez para ele... Bem pouco importam, haveis de convir, doutrinas e ideas, imajens e frases... quando ha um céu *escampo* e uma admiração para se estasiar nele.

Se lhe faltava gosto ás vezes, tinha sempre o seu gosto : a palavra havia de ser sonora e rara ; a imajem era enjeitada se não crepitasse em deflagração ou lampejasse em deslumbramento ; o proprio pensamento, dom sereno do que meditam, sem fadiga nem pressa, parecia-lhe espurio, se não lhe empinasse o dorso uma atitude arrogante de enfase. Nele assim tudo eram explosões e arestas. Nao tinha matizes nem flexões. Desconhecia os meios tons e as transições insensiveis. Era por isso incapaz da ternura e da piedade : não ha uma só de suas pajinas em que a gente sinta os olhos se molharem de uma suave quentura comovida. Não escreveu de um regato, de um crepusculo, de um canto de passaro ou de um capricho de mulher. Jactou-se mesmo, uma vez, de não haver em todos os seus livros, uma só destas criaturas. Talvez venha daí a admiravel coerencia de sua obra ; certamente, por isso, lhe falta aquele encanto frivolo e frajil, aquele melancolico e doloroso desencantamento que só elas conseguem dar a todos as aspirações e esforços humanos. Ao envês, porém, os chapadões bravios, os rios grossos, as florestas despenteadas, as torrentes em furia, as soalheiras sem treguas... a fome, a guerra, o medo, o odio, o sarcasmo, o espanto, o misterio, o delirio, a morte... em frase curta a empêrrada ou no arranco distendido dos periodos, se apoderam de nós, com arrepios de horror, comoções de pasmo, fremitos de entusiasmo, para nos levar, não raro... ao cansaço...

Essa critica que lhe fizeram doeu-lhe, porque era, justa. Vinha de um espirito desabusado e sincero que o aplaudira na primeira hora e se aflijia por vê-lo sem progresso e sempre sem medida. Poder-se-ia para escusá-lo, diser que possuia os defeitos naturais de suas qualidades. Os clarões vivos são deslumbrantes... o ruido continuo é insuportavel... seja a luz mais pura e a musica mais harmoniosa... A descontinuidade é o unico meio psicolojico de prover á fadiga da monotonia. Por isso, a perfeição é simples e a beatitude deve ser vazia.

Mais por diante, porque lhe descobriu talvez vestijio de sentimento, punjiu-se de outra critica. Não n'a escreveram,

mas atribuiram a uma autoria ilustre. Contava-se que Joaquim Nabuco dissera de Euclydes, que ele escrevia com um cipó. Ainda ai podia achar facil conformação. Mas não o quis, para não se convencer. E' que só queremos ser o que não somos ; e saimos, assim, caricatura do proprio ideal. Aquele barbaro espantado e espantoso, quando escrevia supunhase policiado, civil e mesureiro. Pretendia talvez o aticismo de Aristófanes ou a ironia de Renan. Traçaria linha reta que o prendesse á graça parisiense ou á subtileza helenica... E pódia tanto se ter consolado em ficar brasileiro... e por isso em escrever com cipó !...

De fato, Euclydes da Cunha, cuja vida se superpõe como um esquêma reduzido ao do destino da terra orijinaria, retrata nos caracteres de sua obra a impressão conjunta das paisajens e das gentes do Brasil. Nenhum dos nossos artistas é como ele representativo deste meio e deste momento que atravessamos. Influencia de viajens e de cultura, talvez orijinariamente ascendencia de raças peregrinas, importadas e dissolvidas aqui, ainda sem adaptação, façam dos nossos artistas, na maior parte, amostras divagantes e imperfeitas de outros climas, outras civilizações, reajindo mediocremente no momento em que apareceram. Euclydes, não ; filho de antigos sertanejos de Baía, a terra dos mais velhos brasileiros, aqui vivendo, aqui sofrendo, aqui pelejando, não só se plasmou o produto genuino deste momento etnico e civil da *unica* definida de nossas raças, como por isso mesmo, refletiu poderosa e integralmente a sua terra e a sua gente. E olhando em torno, que havia de observar e escrever ? O Brasil, como é ainda hoje... terra barbara e prodijiosa cheia de encantamentos e decepções, onde se dispõem e se misturam todos os climas, varios povos, muitas aspirações e, apenas ainda, bem poucas realidades praticas, definidas e definitivas... Reproduziu-os, pois, terra grossa e gentes grosseiras... Como deixaria de escrever com cipó... senão nos traindo ou traindo a si proprio ?

CADEIRA FRANCISCO OCTAVIANO

FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA (1825-1889) naceu no Rio de Janeiro. Bacharelou-se em direito na Faculdade de S. Paulo; foi jornalista e politico; ocupou varios cargos de administração, foi deputado e senador, e como enviado plenipotenciario no Rio da Prata prestou serviçoes de muita importancia.

Literariamente foi distincto como jornalista; era escritor elegante, engraçado e quando ao assunto convinha, vigorozo; notabilizou-se na polemica, na qual sabia aliar á dextreza e á força a urbanidade de um espirito culto. Foi admirado como poeta no seu tempo.

VISCONDE DE TAUNAY

ALFREDO DE ESCRAGNAOLLE TAUNAY (1843-1899) naceu no Rio de Janeiro. Enjenheiro militar, tomou parte na guerra do Paraguay; foi politico, deputado e senador no tempo do imperio e distinguiu-se como parlamentar. Publicou os romances: *Innocencia*, *Ouro sobre azul*, *Mocidade de Prajano*, *O encilhamento*, *No declinio* a narrativa de guerra *Retraite de Laguna*, *Narrações militares*, *cenas de viajem*, *Ceus e terras do Brazil*, Colaborou em diversos jornaes e revistas, nos quaes ficaram esparsos muitos artigos seus. Escrevia os trabalhos de pura literatura com o pseudonimo *Silvio Dinarte*. As suas melhores obras são *Innocencia*, e *Retraite de Laguna*.

CENAS E TIPOS

I

O SERTÃO E O SERTANEJO

Ihr alle fühlt geheimes Wirken
Der ewig waltenden Natur;
Und aus den untersten Bezirken
Schmiert sich heraus lebend'ge Spur.
GOETHE. — *Faust*, 2er Theil.

Todos vós bem sentis a ação secreta
Da natureza em seu governo eterno;
E d'infimas camadas subterraneas
Da vida o indicio á superficie emerje.
GOETHE. — *Fausto*, 2e parte.

I

Corta uma extensa e mal povoada zona da parte sul-

oriental da vastissima provincia de Matto-Grosso a estrada que da villa de Santa Anna do Paranabyba vai ter ao sitio abandonado de Camapoam. Desde aquella povoação, assente quazi no vertice do angulo em que confinam os territorios de S. Paulo, Minas-Geraes, Groyaz e Matto-Grosso até ao rio Sucuriú, afluente do majestozo Paraná, isto é, no dezenvolvimento de muitas dezenas de leguas, anda-se comodamente de habitação em habitação mais ou menos proxima uma da outra ; rarеam, porém, depois as cazas mais e mais, e caminha-se largas horas, dias inteiros, sem se vêr morada nem gente até ao *retiro* (1) de João Pereira, guarda avançada daquellas solidões, homem chão e hospitaleiro, que com carinho acolhe o viajante desses alongados páramos, oferece-lhe momentaneo agazalho e o provê da matalotajem preciza para alcançar os campos de Miranda e Pequiry ou da Vaccaria e Nioac, no Baixo Paraguay.

Ali começa o sertão chamado *bruto* (2).

Pouzos sucedem a pouzos, e nenhum této habitado ou em ruinas, nenhuma palhoça ou tapéra dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça, ou a chuva que está caindo. Por toda parte a calma da campina não arroteada ; por toda parte a vejetação virjem, tão virjem como quando ai surjiu pela vez primeira.

A estrada que atravessa essas rejiões incultas dezenrola-se á maneira de alvejante faixa, aberta que é na arêa, elemento dominante na compozição de todo aquelle sólo, fertilizado aliás por um sem numero de limpidos e borbulhantes regatos, cujos continjentes são outros tantos tributarios do rio Paraná e do seu contravertente o Paraguay.

Essa arêa solta e um tanto grossa tem côr uniforme que reverbéra com intensidade os raios do sol, quando nella batem de chapa. Em alguns pontos é tão fôfa e movediça que os animais das *tropas* viajeiras arquejam de cansaço ao vencerem aquelle terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canela.

Frequentes são tambem os desvios que da estrada partem

(1) Chama-se em Matto-Grosso *retiro* o local em que os criadores de gado reunem as rezes para as contar, marcar e dar-lhes sal.

(2) Sem moradores.

de um e outro lado a procurar na mata adjacente trilha mais firme por ser menos pizada.

Se parece sempre igual o aspeto do caminho, em compensação mai variadas se mostram as paizajens em torno.

Ora é a perspetiva dos *cerrados* (1), não desses cerrados de arvores raquiticas, enfezadas e retorcidas de S. Paulo e Mínas-Geraes, mas de garbozos e elevados madeiros que, se bem não tomem todo o corpo de que são capazes á beira das aguas correntes ou regados pela linfa dos corregos, comtudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca liza a força da seiva que os alimenta ; ora são campos a perder de vista, cobertos de macéga alta e alourada, ou de viridente e mimoza grama, toda salpicada de silvestres flôres ; ora sucessões de luxuriantes capões (2), tao regulares e simetricos em sua dispozição que sorprendem e embelezam os olhos ; ora, emfim charnécas meio apaúladas, meio secas, onde crece o altivo bority e o gravatá entrança o seu tapume espinhozo.

Nesses campos, tão diversos pelo matiz das côres, o capim crecido e resicado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incendio que algum tropeiro, por acazo ou mero dezenfado, atêa com uma faúlha do seu isqueiro.

Minando â surda na touceira quéda a vivida centelha. Corra d'ai a instantes qualquer arajem, por debil que seja, e a lingua de fogo levanta-se esguia e tremula, como que a contemplar medroza e vacilante os espaços imensos que se abrem diante della. Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos a um tempo arrebentam sofregas labaredas que se enroscam umas nas outras, de subito se separam, deslizam-se, tambem vastas superficies, despedem ao céo rôlos de negrejante fumo e voam roncando pelos matagaes de tabocas e taquaras, até esbarraram de encontro a alguma marjem de rio que não possam transpôr, cazo não as tanja para além o vento, ajudando com valente folego a obra de destruição.

Acalmado aquelle impeto por falta de aliments, ficatudo

(1) Florestas, de arbustos de 3 á 4 pés de altura mais ou menos, mui chegados uns aos outros.

(2) Excellente palavra brazileira derivada da lingua geral, *caápoâu* matto redondo.)

debaixo de espessa camada de cinaas. O fogo, detido em pontos, aqui, ali, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como sinal da avassaladora passajem o alvacento lençol, que lhe foi seguindo os velozes passos.

Atravéz da atmosfera enublada mal póde então côar a luz do sol. A incineração é completa, o calor intenso, e nos ares revoltos volitam palhinhas carboretadas, detritos, argueiros e granulos de carvão que redemoinham, sobem, decem e se emaranham nos sorvedouros e inocentes trombas, caprichozamente formadas pelas arajens, ao embaterem umas de encontro ás outras.

Por toda parte melancolia ; de todos os latos tetricas perspetivas.

E' cair, porém, dai a dias copioza chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aquelles sombrios recantos a traçar ás pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo n'um trabalho intimo de espantoza atividade. Transborda a vida. Não ha ponto em que não bróte o capim, em que não dezabrochem rebentões com o olhar sofrego de quem espreita azada ocazião para buscar a liberdade, despedaçando as prizões de penoza clauzura.

A'quella instantanea resurreição nada, nada póde pôr pêas.

Basta uma noite para que formoza alfombra verde, verde-claro, verde-gaio, assetinado, cubra todas as tristezas de ha puoco. Aprimoram-se depois os esforços ; rompem as flores do campo que dezabotoam as caricias da briza as delicadas coro las e lhe entregam as primicias dos seus candidos perfumes.

Se falham essas chuvas vivificadoras, então por muitos e muitos mezes, ai jazem aquellas campinas devastadas pelo fogo, lugubremente iluminadas por avermelhados clarões, sem uma sombra, um sorrizo, uma esperança de vida, com todas a suas opulencias e verdejantes pimpolhos ocultos, como que raladas de dôr e de despeito por não poderem ostentar as riquezas e galas encerradas no ubertozo seio.

Nessas aflitas parajens, não mais se ouve o piar da esquiva perdiz, tão frequente antes do incendio. Só de vez em quando ecôa o arrastado guincho de algum gavião que paira lá em cima ou bordeja ao achegar-se á terra para agarrar um ou outro reptil chamuscado do fogo que lavrou.

Rompe tambem o silencio o grasnido do caracará, que

aos pulos procura insetos e cobrinhas, ou, junto ao sólo, segue o vôo dos urubús cujos negrejantes bandos, guiados pelo fino olfato, buscam a carniça putrefata.

E' o caracará comensal do urubú. Com elle se atira, quando urjido pelo fome, á réz morta e, intrometido como é, a custa de algumas bicadas do pouco amavel conviva, belisca do seu lado no imundo repasto.

Se passa o caracará á vista do gavião, precipita-se este sobre elle com vôo firme, dá-lhe com a ponta da aza, atordôa-o, atormenta-o só pelo gosto de lhe mostrar a incontestada superioridade.

Nada com efeito o mete em brios.

Pelo contrario, mal levou dois ou tres encontros do miudo, mas audaz adversario, baixa prudente á terra e põe-se ai dezajeitadamente aos saltos, aprezentando o adunco bico ao antagonista, que com a extremidade das azas levanta pó e cinza, tão de perto as arrasta ao chão.

Afinal de cansado deixa o gavião o folguedo, segurando de um bote a serpezinha, que em custozo rasto procurava algum buraco onde fosse, mais a salvo, pensar as fundas queimaduras.

II

Tais são os campos que as chuvas não vêm regar.

Com que gosto demanda então o sertanejo os capões que lâ de bem lonje se avistam nas encostas das colinas e baixuras, ao redor de alguma nacente orlada de pindaibas e boritys ?

Com que alegria sauda os formozos coqueirais, nuncios da linfa que lhe ha de estancar a sêde e banhar o afogueado rosto ?

Enfileiram-se ás vezes as palmeiras com singular regularidade na altura e conformação ; mas não raro-se amontoam em compactos massiços dos quaes se segregam algumas mais e mais, a acompanharem com as raizes algum tenue fio d'agua que colêa falto de forças e quazi a sumir-se na ávida arêa.

Desde lonje dão na vista esses capões.

E' a principio um ponto negro, depois uma cupola de verdura, afinal mais de perto uma ilha de luxuriante rama, um oázis para os membros lassos do viajante exaustos de fa-

diga, para os seus olhos encandeados e sua garganta abrazada.

E pois, com sofreguidão natural acolhe-se elle ao sombreado retiro, onde prestes dezarreia a cavalgadura, a qual dá liberdade para ir pastar, entregando-se sem demora ao sono reparador que lhe trará novas forças para proseguir na cansativa jornada.

Ao homem do sertão afiguram-se esses momentos incomparaveis, acima de tudo quanto possa idear a imajinação no mais vasto circulo de amoições.

Satisfeita a sêde que secára as fauces, e comidas umas colheres de farinha de mandioca ou de milho adoçada com rapadura, estira-se a fio comprido sobre os arreios desdobrados e contempla descuidozo o céo azul, as nuvens que se adelgaçam nos ares, a folhajem lustroza e os troncos brancos das pindahibas, a copa dos ipês e as palmas dos boritys a ciciarem, a modo de harpas éolias, muzicas sem conto com o perpassar da briza.

Como são belas aquellas palmeiras!

O estipite lizo, pardacento, sem manchas mais que apagadas estrias, sustenta denso feixe de peciolos longos e canulados, em que assentam flabelas abertas como um leque, cujas pontas se acurvam flexiveis e tremulantes.

Na baze, e em torno da coma, pendem, amparados por largos spatos, densos cachos de côcos tão duros que a casca revestida de escamas romboidaes e de um amarelo avermelhado dezafia por algum tempo o férreo bico das aráras.

Tambem com que vigor trabalham as barulhentas aves afim de conseguirem a apetecida e saboroza amendoa! Em grupos se juntam ellas, umas vermelhas como chispas soltas de intensa labaréda, outras versicolores, outras pelo contrario de todo azues, de maior vizo e que, por parecerem em distancia negras, têm o nome de araraúnas (1). Ali ficam alcandoradas, balouçando-se gravemente e atirando de espaço a espaço aos ares imensos das dilatadas campinas notas estridentes, quando não seja um clamor sem fim, ao quererem muitas disputar o mesmo cacho. Quazi sempre porém estão a namorar-se aos pares, pouzadas uma bem encostadinha á outra.

Vê tudo aquillo o sertanejo com olhar carregado de sono.

---

(1) **Araras pretas.**

Caem-lhe pezadas as palpebras ; bem se lembra de que por ali podem rastejar venenozas alimarias, mas é fatalista ; confia no destino e, sem mais preocupação, adormece com tranquilidade.

Correm as horas : vem o sol descambando ; refresca a briza, e sopra rijo o vento. Não ciciam mais os boritys ; gemem, e convulsamente se ajitam as flabeladas palmas.

E' a tarde que chega.

Desperta então o viajante ; esfrega os olhos ; distende preguiçozamente os braços ; boceja ; bebe uma pouca d'agua ; fica uns instantes sentado, o olhar de um lado para outro e corre afinal a buscar o animal, que de pronto ensilha e cavalga.

Uma vez montado, lá vai elle a passo ou a trote, bem disposto de corpo e de espirito por aquelles caminhos além em demanda de qualquer pouzo onde pernoite.

Quanta melancolia baixa á terra com o cair da tarde !

Parce que a solidão alarga os seus limites para se tornar acabrunhadora. Enegrece o sólo, formam os matagais sombrios massiços, e ao lonje se desdobra tenue véo de um rôxo uniforme e desmaiado, no qual, como linhas meio apagadas, resaltam os troncos de uma ou outra palmeira mais alteroza.

Aperta-se, a essa hora, de inexplicavel receio o coração. Qualquer ruido nos cauza sobresalto ; ora o grito allito da zabelé nas matas, ora as planjentes notas do bacurão a cruzar os ares. Frequente é tambem amiudarem-se os pios angustiados de alguma perdiz. chamando ao ninho o companheiro extraviado, antes que a escuridão de todo lhe impossibilite a volta.

Quem viaja atento ás impressões intimas, estremece, máu grado seu, ao ouvir nesse momento de saudades, o tanjer de um sino, muito, muito ao lonje ou o silvar distante de uma locomotiva impossivel. São insetos ocultos na macéga que trazem essa iluzão, por tal modo viva e perfeita que a imajinação, embóra dezabuzada e prevenida, ergue o vôo e lá vai por estes mundos afóra a doudejar e a crear mil fantazias.

III

Espalham-se, por fim, as sombras da noite.

O sertanejo que de nada cuidou, que não ouviu as har-

monias da tarde, nem reparou nos esplendores do céo, que nao viu a tristeza a pairar sobre a terra, que de nada se arrecoia, consubstanciado como está com a solidão, pára, relanceia os olhos ao derredor de si e, se no lugar presentir alguma aguada, por má que seja, apeia-se, dezensilha o cavalo e, reunindo logo uns gravetos bem secos, tira fogo do isqueiro, mais por distração do que por necessidade.

Sente-se devéras feliz. Nada lhe perturba a paz do espirito ou o bem estar do corpo. Nem sequer monologa, como qualquer homem acostumado a conversar.

Raros são os seus pensamentos ; ou rememora as leguas que andou, ou computa as que tem que vencer para chegar ao término da viajem.

No dia seguinte, quando aos clarões da aurora acorde toda aquella esplendida natureza, recomeça elle a caminhar, como na vespera, como sempre.

Nada lhe parece, mudado no firmamento: as nuvens são as mesmas. Dá-lhe, o sol, quando muito, os pontos cardeais e a terra prendre a atenção, quando algum sinal mais particular póde servir-lhe de marco milario na estrada que vai trilhando.

— Bom ! exclama em voz alta e alegre, ao avistar algum madeiro ajigantado ou uma dispozição especial de terras lá está a péuva grande... Cheguei ao Barranco alto. Até ao pouzo do Jacaré ha quatro legas bem puxadas.

E, olhando para o sol, conclue :

— Daqui a tres horas estou batendo fogo.

Ocaziões ha em que o sertanejo dá para assobiar. Cantar, é raro ; ainda assim, á surdina, mais uma voz intima, um remorejar para si, do que notas saidas do robusto peito. Responder ao pio das perdizes ou ao chamado agoniado da esquivajaó, é o seu divertimento em dias de hom humor.

E'-lhe indiferente o urro da onça. Só por demais, repára nas muitas pegádas, que em todas os sentidos cortam a estrada.

— Que bichão ! murmura elle contemplando um rasto mais fortemente impresso no chão ; com um bom onceiro (1) não se me dava de acuar esta diabo e meter-lhe uma chumbada no focinho.

O lejitimo sertanejo, explorador dos dezertos, não tem

---

(1) Cão caçador de onças.

em geral familia. Em quanto moço, seu unico fim é devassar terras, pizar campos onde ninguem antes puzéra pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras (1) e furar matas, que descobridor algum até então varára.

Crece-lhe o orgulho na razão da extensão e importencia das viajens empreendidas, e seu maior gosto consiste em enumerar as correntes caudais que transpoz, os ribeirões que batizou, as serras que transmontou e os pantanáes que afoutamente cortou, quando não levou dias e dias a rodeal-os com rara paciencia.

Cada ano que finda traz-lhe mais um valiozo conhecimento e acrecenta uma pedra ao monumento da sua inocente vaidade.

— Ninguem póde comigo, exclama elle enfaticamente. Nos campos da Vacaria, no sertão do Mimozo e nos *pantânos* (2) do Pequiry, sou rei.

E esta prezunção de realeza infunde-lhe certa maneira de falar e de gesticular majestatica em sua sinjela manifestação.

A certeza que tem de que nunca poderâ perder-se na vastidão como que o liberta da obsessão do desconhecido, o exalta e lhe dâ fóros de infalibilidade.

Se estende a braço, aponta com segurança no espaço e declara peremptoriamente :

— Neste rumo daqui a 20 leguas, fica o espigão mestre de uma serra *braba*, depois um rio grosso : dali a cinco leguas outro mato sujo que vai findar n'um brejal. Se *vassuncê* frechar direitinho assim umas duas horas, tópa com o poûzo do Tatû, no caminho que vai a Cuyabâ.

O que faz n'uma direção, com a mesma imperturbavel serenidade e firmeza indica em qualquer outra.

A unica interrupção que aos outros consente, quando conta os inumeros descobrimentos, é a da admiração. A' minima suspeita de duvida ou pouco cazo, incendem-se-lhe de colera as faces, e o gesto denuncia indignação.

— *Vassuncê* nao *credita !* protesta então com calor. Pois

---

(1) Despontar cabeceiras é rodear as nascentes dos rios, procurando sempre terreno enxuto.

(2) No interior pronuncia-se a palavra grave e não esdruxula, mais conorme assim com a etimolojia,

ensilhe o seu *bicho* e caminhe como eu lhe disser. Mas *assunte*(1) bem, que no terceiro dia de viajem ficará decidido quem é *cavoqueiro* (2) *o embromador* (3). Uma coiza é *mapiar* (4) â tão, outra andar com tento por estes mundos de Christo.

Quando o sertanejo vai ficando velho, quando sente os membros cansados e entorpecidos, os olhos já enevoadas pela idade, os braços frôxos para manejar a machadinha que lhe dá o substancial palmito ou o saborozo mel das abelhas, procura então quem o queira para espozo, alguma viuva ou parenta chegada, fórma caza e escola, e prepara os filhos e enteados para a vida aventureira e livre que tantos gozos lhe déra outr'ora.

Esse discipulos, aguçada a curiozidade com as repetidas e animadas descrições das grandes cenas da natureza, n'um belo dia dezertam da caza paterna, espalham-se por ai além, e uns nos confins do Paraná, outros nas brenhas de S. Paulo, nas planuras de Goyaz ou nas bocainas de Matto-Grosso, por toda a parte emfim onde haja dezerto, vão pôr em ativa pratica tudo quanto souberam tão bem ouvir, relembrando as façanhas do seu respeitado mestre e projenitor.

II

FRANCISCO DE CASTRO

Francisco de Castro (1857-1901) naceu na Bahia. Formado em Medicina pela Faculdade do Rio do Janeiro, onde mais tarde ocupou o logar de lente, e de diretor, notabilizou-se como clinico e erudito das ciencias medicas.

Escreveu : *Harmonias errantes*, versos, com prefacio de Machado de Assis; *Correlação, das funções*, teze de doutoramento *Centros cardiacas psicojenicos* ; *Das formas curaveis das molestias do coração* tradoçãoda obra de Mayer : *Do prognostico das molestias do coração*, tradução do professor Leyden ; *O invento Abel Parente ; Tratado de Clinica propedeutica*, 2 vol. : *Discursos*.

Era escritor distintissimo ; possuia ampla cultura e o conhecimento apurado da lingua.

---

(1) Vêr o assunpto observar, atender.

(2) Cavoqueiro é qualificativo empregado para exprimir qual quer qualidade má.

(3) Enganador.

(4) Termo pecullar aos sertões de Matto-Grosso — quer dizer parolar, tagerelar.

DISCURSO

NO ATO DA COLAÇÃO DO GRÁO AOS DOUTORANDOS EM MEDECINA, EM 1899

Na formosa alocução, que acabastes de ouvir e premiastes merecidamente com os vossos applausos, fallou a mocidade. Impetos magnanimos, enthusiasmos abrazados, sinceridade eloquente paradoxos atrevidos, espirito de negação e de combate, nada do que era seu lhe faltou ; tudo resplandeceu naquella palavra magica, cujo resôo ainda nos encanta, como si vertera no ar que respiramos effluvios maviosos e philtros innefaveis ; tudo caracterisa nella a fidalguia, a generosidade, a oureza do animo juvenil.

Ide, pelo pensamento, infinitamente longe do circulo que os vossos olhos alcançam ; transportae-vos até, onde se dilatam as perspectivas cambiantes de um horizonte que as inquietações, as preoccupações ou os desenganos ainda não toldaram ; percorrei as regiões que a poesia da vida embalsama com os seus devaneios ; divagae pelas paragens que não conhecem o tumulto da labutação prosaica, o sopro glacial da indifferença, o conflicto dos interesses, a collisão dos egoismos ; perscrutae os refolhos onde se occulta a pujança das gerações em flor, e lá vislumbrareis a centelha divina, o germen immortal, a alma creadora, a soberba vegetação da força mysteriosa, que opera as resurreições das idéas, renova as sociedades decadentes, influe alentos imprevistos nas raças desfibradas, rehabilita para as eternas porfias do progresso os povos que não se embeberam no seu genio, não o comprehenderam nas suas tendencias, nao o assimilaram nos seus beneficios, não o souberam servir nas suas obras.

Fallou a mocidade ; mostrou o brilho e o primor das suas prendas nessa oratoria arrebatada e arrebatadora com que costumam ungir para a devoção do bem a ternura das almas ; falle agora a experiencia ; dê-se a palavra aos cabellos brancos.

O discipulo foi bom ; engolfou-se nos livros, medrou no estudo: intelligencia de amplo descortino, tentou devassar num vôo de synthese quanto a sciencia tem vindo por esses seculos, lentamente, accumulando ; observador noviço, apenas nos ensaios do aprendizado clinico, não se conten-

tou em apprehender as relações das factos morbidos, taxar-lhes o determinismo, induzir-lhes as leis geraes, desatal-os da complexidade que os emmaranha, dispol-os para a comparação em séries parallelas, encadeal-os num systema ou n'uma categoria ; quiz logo ir além, quiz desvendar-lhes a natureza intima, a condição primordial da sua germinação, a chave racional do seu mechanismo, a porção incognôscivel das cousas ; fez o mesmo que o botanico que se aventurasse a designar taxinomicamente a familia e a tribu de uma planta pela simples projecção dos seus primeiros cotyledones, ou o mesmo que o mineiro que se embrenhasse no solo virgem, e sem a paciente e porfiada tacteação do terreno na pista do filão precioso, ousasse pedir â terra o segredo das riquezas que ella traz amuadas na intermina vastidão dos seus jazigos.

A curta capacidade do meste teve de arrostar provas tremendas, e ainda neste momento está aturando uma das mais pesadas ; o discipulo era exigente, o desejo de aprender não tinha medida ; ora, com fraqueza vos digo, e sem que por dizel-o me desdoure, o mestre sabia pouco, sabia e sabe pouco e porissó pouco lhe pôde ensinar. Sómente pouco lhe pôde ensinar, mas ensinou-lhe bastante para considerar em todos os passos da sua carreira o officio da providencia, espalhando a bemaventurança a e saude entre os homens ; mas ensinou-lhe bastante para que nas materias do foro profissional nenhum outro conselho primeiro ouvisse que o da honra medica ; mas ensinou-lhe bastante para que acudisse com as abundancias da piedade ás agruras do soffrimento na fatalidade da molestia, *miseris succurrere disco ;* nas ensinou-lhe bastante para que venerasse no exercicio da arte de curar a magestade da vida humana ; mas ensinou-lhe bastante para que votasse á tradição da medicina o culto a que o passado tem direito, como a imagem de um luminoso. Sinai, de cujos cimos se propagam até nós, esmorecidos pela distancia dos tempos, os echos da tormenta sagrada ; entretanto, não capitulasse ao pesc da rotina, não lhe reconhecesse a auctoridade, não se submettesse á sua cartilha, enterreirasse-a na arena das demonstrações experimentaes e positivas e ahi lhe offerecesse batalha.

Com effeito senhores, o desenvolvimento das sciencias não conta maior estorvo que esse que lhe contrapõe o espirito rotineiro. Elle é a encarnação da inercia, a glorificação

do marasmo, a apologia das aspirações retrogradas, o symbolo da opposição à lucta cerebral na concurrencia moderna ; das conquistas espirituaes só percebe os abalos e só proclama os perigos ; nutre-se dos erros que sobrevivem ao fracasso das doutrinas e forceia por inserilos nas que vierem depois ; disfarça com a pompa das formulas a penuria do cabedal; enfeita com os recamos academicos a incapacidade, não confessada, mas descoberta e evidente, e estribado nos seus batidos chavões apregôa nelles a mais especifica therapeutica para as horas crueis dos tempos agitados, preconizando por toda a parte essa panacéa que traz comsigo para reformar o mundo.

Ahi está inimigo natural e talvez necessario das idéas novas ; atravessou todas as camadas da historia, todas as estratificações da civilisação universal, e sempre que se suppunha com a victoria nas mãos o rebervero da realidade lhe illuminava o caminho dos revezes.

A mocidade, a quem toca a defesa arraiaes contempo, raneos, ella que lhe faça frente e não o deixe passar. Que o erro, como o espirito do mal, prevaleça nas trevas, mas não afivele a mascara da verdade ; que a rotina não tome a côr da sciencia ; que o dogmatismo não usurpe trophéos do livre exame ; que a acção incessante da investigação e da critica desbrave as vias do entendimento trancadas á certeza, que o amor dos systemas não obrigue a professar archaismos e devorar absurdos ; que a colligação dos elementos anachronicos ceda o campo á expansão desse vapor que dá movimento e imprime direcção á roda intellectual do seculo.

Nao é sómente ao poder do obscurantismo que a especulação scientifica deve contrastar ; ha tambem na tendencia de regressão ao empirismo outra resistencia que lhe cumpre rebater. Eu bem sei que o empirismo foi o nascedouro commum das sciencias, que todas tiveram o mesmo berço rasteiro, mesquinho e humilde, ainda aquellas que pelas suas transcendencias, como as mathematicas e a metaphysica, pairam nos limpidos dominios da razão pura e poderiam imaginar-se derivadas por via deductiva de certo numero de idéas necessarias ou conceitos á *priori* formulados em axiomas, postulados e definições. O certe é, porém, que a sua origem não foi outra ; pouco importa que uma vez constituidas, uma veze mancipadas, ellas não se relaciomne

com a existencia, nem impliquem o trafego directo do mundo objectivo. O alvo a que visa a sciencia nao é a agglomeração dos factos ; para isso basta o empirismo ; ella tem por mister pesquizar as leis que se desentranham delles e os regem. Dir-se-ha, ou pelo menos poderá dizer-se, que as leis tambem são factos ; não ha duvida, mas o são sob uma expressão generica e abstracta. A lei astronomica da gravitação dos corpos celestes, a lei physica da refracção de luz, a lei chimica da isomeria, a lei physiologica da circulação do sangue, a lei embryologica da phylogenesis ou origens, communs da natureza organica, a lei pathologica das crises, das metastases, das diatheses, das molestias transmissiveis por infecção, por contagio ou por herança, não são senão factos ; mas factos que passaram pelo cadinho da inducção, que de particulares, se tornaram geraes e por conseguinte susceptiveis de abstracção e de synthese. O espirismo collige a materia bruta da observação intuitiva, abastece os seus reservatorios com essas noções universaes, esses rudimentos *de omni re ;* a sciencia examina, aprofunda, coordena, systematisa, theorisa, sempre exacta nos seus processos, intransigente nos seus principios, irreduzivel nos seus phenomenos, fixa nas suas regras, logica nos seus resultados, previdente e bemfazeja nos seus fins.

Figurae as sciencias como outros tantos polyedros, e justapondo-as por maneira que cada uma olhe para um mesmo centro, fechae com ellas um desmedido perimetro, uma circumferencia enorme. No espaço limitado pela face geral de todas as sciencias está a mansão do sabio, o territorio encyclopedico, o continente da philosophia. A medicina occupa uma vasta extensão em redor delle ; pois a sciencia da vida, nos seus pormenores e no seu conjuncto, assim pela sua porção technica quanto pelo seu lado geral ou philosophico, cae inteira na jurisdicção do medico.

Os conhecimentos em medicina brotaram, como os conhecimentos vulgares, do puro syncretismo : a observação superficial, tumultuaria, confusa, marcou esse periodo de iniciação no culto da verdade, periodo que antecede não só chronologica mas tambem logicamente ás instituições de analyse. Nestas instituições funda a sciencia as suas obras vivas ; ellas executam o estudo parcial, fragmentario, successivo, comparativo, cujo limite se estende até ao ponto

em que começa o movimento de recomposição dos productos dissociados pela desintegração analytica.

A medicina ainda está bem longe desta phase synthetica, ultima do seu progresso, para a qual ha seculos caminha, impellida por essa triplice força de tracção a que nenhum freio modera ou paralysa, a observação, a experiencia e a razão. Emquanto, porém, não dobra a meta do vastissimo estadio, a sciencia que ensina a prolongar a vida, combatendo as molestias e protegendo a saude, tem que tropeçar em numerosos erros, embaraçar-se na teia da critica apaixonada, enredar-se nos contrafios da hermeneutica viciosa, atravessar as vicissitudes inherentes ás incertezas do juizo, mal assistido nas suas conclusões pela fallacia dos seus instrumentos. Já assim o sentia a antiguidade hippocratica, quando escreveu com a auctoridade da sua vasta lição e no mais insigne dos seus aphorismos : *E' dé téchne makré,... éde krisis kalepé.* Tambem o methodo de hoje nao él outro que o dos dias de Hippocrates ; nem a medicina actual renega o naturismo da escola de Cós.

Os dominios da sciencia medica ainda são até a hora presente impraticaveis em mais de um trecho : encravam-se no meio delles zonas ignotas, de cujos penetraes tantas vezes recúa quantas os investe a curiosidade dos neophytos, a coragem dos iniciadores, a paciencia dos sabios. Atravez de taes opacidades o espirito espreita, apalpa, interpella debalde as sombras mudas. Cedo é ainda para amanhecer sobre esse boccado de treva o sol da perfeição ; mas hão de vir os dias illuminados por elle : o circuito do progresso é fatal ; tem a sua lei de ferro ; a viagem é de seculos, talvez de millenios ; o que importa, porém, é que a humanidade chegue ao fim, vença o estafe dos longos areaes, pise triumphante a promettida terra.

Imaginemos, meus jovens collegas, que tudo isto se faça, e tão depressa que tenhamos a ventura de assistir a tamanha evolução ; supponhamos por um instante que a medicina, que já hoje dispõe de recursos incalculaveis, mede a velocidade das corrente nervosas, decompõe os estados psychicos, avalia a pressão sanguinea, registra as ondulações do pulso, analysa os liquidos organicos, sonda e illumina o recesso das cavidades, submette a economia ao microscopio, ao reagente, a todos esses methodos de exploração se meiotica, desde a percussão de Auenbrugger, *In-*

ventum novum, até a actinographia de Roentgen, a applicaçao dos raios cathodicos, faz em summa com o eu hodierno systema de exame somatico e funccional tão profundas, tão estupendas anatomias no corpo vivo, como si lidára com um cadaver espichado para a dissecção na mesa da necrotheca, supponhamos que a nossa amada medicina, levando cada vez mais longe o arrojo dos seus tentamens, toque ao requinte do seu desenvolvimento. Pois bem : os resultados practicos da sciencia perfeita serão ainda assim imperfeitos ; a solução dos problemas foreiros a ella continuarâ a conter a inevitavel dose de erro ; a medicina nunca serâ uma sciencia exacta, com as suas provas por deducçao, as suas equações incisivas, o seu algebrismo de a × b.

Um medico dextro nas subtilesas da sua arte, affeito a affrontal-a nas suas difficuldades, penetrado de uma forte vocação e concentrado nella, sabio na pratica, e o que não é menos, sabio na theoria, cheio de sagacidade, de finura, de bom senso, esse medico, apesar da excellencia de tantos dotes, si apurar as estatisticas dos seus erros, não os contará em proporção menor de 20 por cento. O erro é o flagello da humanidade, envenena as fontes onde a intelligencia se retempéra, enxovalha o esplendor das mais bellas theorias ; e si é tal a porcentagem d'elle nos productos de um espirito douto, qual não serâ ella quando entre o medico e a sciencia medica a indifferença ou o ocio houver levantado uma muralha chineza ?

Referindo-me â medicina comprehendeis que não quero significar essa industria que exerce a sua mercancia e bate a sua moeda sobre os males que acabrunham o genero humano, perigosa industria que as imprevidencias administrativas constituem em calamidade publica, quando lhe franqueiam os hospitaes, lhe entregam doentes, lhe aplanam as veredas para a conquista da sonhada apotheose, sem verem, ou sem quererem ver, na fidelidade dos quadros estatisticos os fructos damninhos cuja medrança não souberam a tempo reprimir, emquanto a população, essa mesma população a que impingiram como quintescencia da hygiene urbana o pittoresco da porcaria, presenceia, resignada no seu abandono, o rodar dos carros funebres, a efflorescencia da peste, a vindiama da morte. Não ; não é disso que tracto ; a medicina não é essa torpeza, sobre a qual não se faz sentir a acção punidora das leis escriptas,

porque basta para fulminal-a o estygma que lhe lança a conciencia indignada dos bons cidadãos.

Tao pouco fallo desse curandeirismo que nivela a arte clinica com a arte magica, applica para a cura das molestias especificos certeiros como aquelles de que se serviram nos seus processos mais ou menos mephistophelicos os alchimistas, os rosas-cruzes, o sectarios de Paracelso, todos os incansaveis buscadores de pedras philosophaes, apostados em converter as infimas especies metallicas em ouro de lei avida ephemera em mocidade estavel. Si a isso se devem dar os foros de sciencia, então viva a feitiçaria do nosso finado caboclo das Sete Pontes, e mais a do milagrento farçola da capital pautista, viva o systema patusco do padre Kneipp, viva a pathologia das espinhelas cahidas e a pharmacopéa das pomadas e dos pomadistas, das theriagas e das benzeduras.

A vossa profissão, jovens collegas, é outra cousa. Vós não representaes comedias nesse tablado solemne em que a vida alonga os braços para a esperança, quando a grandeza do nada projecta sobre ella a sua sombra terrivel; benemerita profissão é a vossa, benemerita e modesta, practicaes a sciencia e apostolaes a virtude. Nao se resume, entretanto, o vosso papel em alliviar effeitos de molestia, arremetter com ellas nas suas causas mais intimas, enfrear-lhes ou tolher-lhes a marcha, protrahir na medida do possivel o momento o a catastrophe; beneficios que só conseguireis aperfeiçoando, utilizando, encaminhando a forças naturaes. Nessas graves situações pairaes acima das contingencias e das miserias do mundo; forma-se em torno de vós uma atmosphera de culto; dos vossos tablos se derrama sobre a tristeza das almas a doçura das consolações supremas; vestis a toga de uma magistratura quasi divina. Esta é a funcção clinica, a que se effectua á cabaceira dos doentes, no retiro e lares afflictos, sem outro juiz nem outra testemunha mais que Deus, sempre presente e vigilante na consciencia dos que se approximam delle pela fé, invocám a sua misericordia nos desfallecimentos da razão, sabem adoral-o, como manda o evangelho, em espirito e em verdade.

Funcções de outra ordem são as da medicina publica. Investidos nellas incumbe-vos aconselhar á administração as medidas de prophylaxia em cujo complexo assenta o

alargamento da vida media dos individuos e a defésa sanitaria dos povos, ou compete-vos occorrer com o ministerio das vossas luzes ás imperiosas necessidades da justiça.

De um lado a medicina clinica, do outro a medicina publica, desdobrada em hygiene e medicina legal ou jurisprudencia medica, segundo se encaram as suas relações com o direito administrativo ou com o direito civil e o direito criminal : taes são as tres grandes espheras para onde vos convidam os mais bellos combates e as glorias mais puras.

Vedes que vos esperam ingentes trabalhos para hombreardes com as difficuldades da vossa missão. Nem vos sirva de excusa o atrazo relativo em que nos achamos, atrazo que só não confessam ou de que se exceptuam as personagens desse corêto onde se enfunam os balões do amor proprio, accendem-se as lanternas chinezas do elogio mutuo e a verbiagem pedantesca, sesquipedal e la funcciona como sciencia de superior quilate, adquirida na lição dos annos e dos livros. Mas deixemos fallar o areopago dos medalhões, o tabernaculo official dos experientes, dos entendidos e dos sabios : experientes, que nunca perlustraram o rude tirocinio da escola hospitalar ; entendidos, que pouco entendem ; sabios, que nada produzem. A verdade é que é tempo e mais que tempo de romper com o regimen do ramerrão em que temos vivido ; é preciso que a medicina attinja entre nós ao grau de adeantamento que a nossa indecisão ou a nossa imprevidencia lhe têm recusado. A tarefa é extraordinaria ; não sei si nós outros, o professorado superior, teremos hombros que possam com ella ; pertencemos, na maioria, a uma geração que jâ vae no seu declinio, ou, para expressar-me no calão plebeu em que tantas vezes se revigora a linguagem fidalga, somos a bananeira que já deu o cacho. Só a juventude é capaz dessa empreza gigantesca ; só ella dispôe de força bastante nas suas azas de aguia para accelerar a marcha scientifica que se faz com pés de kagado.

Os problemas da medicina indigena bastariam para absorver o melhor das vossas locubrações. Um delles sobretudo requer a mais diligente solicitude, a mais provada e decidida capacidade profissional : é o problema das febres. Poderia generalisal-o a todo o solo brazileiro, examinal-o nas regiões do littoral e nas do interior ; mas prefiro circumscrevel-o á nossa capital, por ser o scenario clinico da minha observação, que embora nada tenha de illustrada

ou profunda, é, todavia, sincera, conscienciosa e longa. Em materia de pyretologia andamos como através de um cego e espesso matagal ; tudo são apalpadelas e contradicções, fallece-nos o espirito critico e o espirito pratico ; o que os nossos mestres nos herdaram é um acervo de incongruencias, de confusões, de opiniões heteroclitas, ridiculas ou erroneas. Festivo será para a sciencia o dia em que se desconjunctar esse artefacto monstruoso, o dia, que já nos tarda, em que essa mole de heresia vier ao chão.

Sabeis que por toda a parte nesta cidade se accusam os maleficios do impaludismo. Pois é accusar um mytho, fazer guerra a um phantasma, perseguir uma chimera. Habituamo-nos a ouvir dizer que o impaludismo senhoreia a capital federal. E' que no activo delle jazem englobados estados morbidos de varia casta, desde a septicemia aguda ou chronica até a toxicose uremica, desde a lymphagite grave até a phthisica latente, desde o choque operatorio até a pedra na bexiga. Tudo isso recebe o carimbo commun. Neste covil do impaludismo, neste emporio do germen palustre nao se conhece como producção autochtone a febre intermitente, a formula morbida por excellencia da malaria, não se conhece a cachexia paludosa, a legitima expressão chronica do envenenamento miasmatico. Em compensação, pullulam essas modalidades clinicas simples creações da phantasia âs quaes a nomenclatura tem dado corpo de monstruosas realidades : as febres renittentes gastricas, as febres biliosas dos paizes quentes, as febres typho-malaricas, etc. Tivemos até uma epidemia de accessos perniciosos. Assolava o Rio de Janeiro ha cerca de 10 annos uma das mais violentas rajadas estivaes da febre amarella ; senão quando, em poucos dias, sob o regimen dos mesmos factores meteorologicos, com o mesmo ponto hygrometrico, os mesmos ventos, a mesma temperatura, o mesmo ceu ardente, o mesmo sol a vibrar o seu açoite de chammas, a mortandade por febre amarella fica reduzida a quasi nada e a cifra total do obituario é mantida por accessos perniciosos. Possivel será de taes premissas extrahir semelhante conclusão ; mas a razão natural, o senso commun ha de ter primeiro renunciado aos seus direitos. Ora, ahi tendes o impaludismo que nos flagella, e colloca este nosso pedaço de planeta nas condições das velhas cidades lacustres, levantadas, á beira do Palus Meotides

ou nas margens do Nilo ou naquelle feracissimo valle por onde os grandes rios bibliocos, o Euphrates, o Indo e o Ganges, atroavam as solidões infinitas como com o eterno clamor das sua aguas.

Si attentarmos nos assumptos da medicina publica, tambem ahi são sem conta os documentos pouco abonatorios do nosso amor a essa especialidade. Nao havera bem tres annos suscitou-se entre nós uma questão medico-legal, que noutros paizes ficaria celebre. Um moço, outr'ora recluso no hospicio dos loucos, assassinou sob os mais futeis pretextos, um ancião respeitavel, amigo de seu fallecido pai, tutor de sua irmã, protector de sua familia. Examinado por medicos peritos, estes decidiriam que o individuo em questão era um degenerado, com perda do senso moral, mas não um alienado. E, por essa razão, alem das outras de direito, foi o paciente submettido ao tribunal do Jury. No selvagismo patagónico ou no cerne da Zululandia não se procederia diversamente, si por lâ houvera essa instituição. Todos sabem que o senso moral é esse conjunto de faculdades altruisticas que formam um freio de segurança aos impetos bravios da fera entranhada no homem, é esse poderoso antemural âs insurreições, que dominamos, da liberdade agreste que aqueceu o sangue nas raças primitivas em todas as latitudes da terra. Agora dizei-me : Um degenerado com ausencia do senso moral commette um assassinato, que destino lhe havemos de dar ? Internal-o no hospicio nao é justo ; não se trata de um louco que necessite de cuidados therapeuticos ; e si não é um criminoso que mereça punição, seria crei o recolhel-o á cadeia. Por outro lado um elemento permanente de gressão social, parece que não deve ter o logradouro das ruas. De ente desse problema, não previsto no codigo, os medicos nada disseram, e os jurisconsultos tambem. A propria imprensa retrahiu-se e ficou silenciosa. A ella sobretudo é que tocava discutir o caso ; o jornalismo é uma profissão suggestiva. Depois de consummados os factos, pouco adeanta saber o que se devia ter feito ou deixado de fazer. Acabadas as pelejas não faltam grandes tacticos ; todos são. Decios, Fabios, Scipiões, não para as responsabilidades e perigos da refrega senão para os louros da fortuna e os vivas da victoria.

Attribuo a mór parte desses males que toscamente apontei âs imperfeições do ensino superior. E' indispensavel

desenvolvel-o e melhoral-o. Pouco importa que todos os annos se ronovem projectos legislativos que lhe preparam a desorganisação e a morte. Felizmente a presidencia da Republica está nas maos patrioticas de um estadista illustrado ; elle não sanccionára semelhantes desacertos. Muita razão tinha a maior pensadoı dos nossos tempos, o Aristoteles moderno, o philosopho em homenagem a cujas doutrinas devêra cognominar-se este seculo o seculo de Spencer, muita razão tinha escrevendo que a missão das democracias antigas foi acabar com e dospotismo dos reis, e a das democracias modernas é exterminar a tyrannia dos parlementos.

Alguns arguém, nos projectos a que alludi, a intervenção de positivismo. Não creio. Os positivas possuem uma larga instrucção : conhecem mathematicas, physica, chimica, biologia, sciencias sociaes ; basta lembrar que tomam por padrão scientifico os estudos recommendados por esse excepcional engenho, que só elle sabia mais que todas os encyclopedistas dos eculo XVIII. Os que se dizem positivistas sem estes requisitos são uns repetidores, uns pagagaios, uns patetas.

Quanto à verba consumida pelo ensino superior é uma ninharia, é uma canada de agua no occano, é um ceitil num orçamento de 350 mil contos. Mas se a salvação da patria exige que se desmorone o ensino superior até que de todo o leve a breca, então permitti que, despedindo-me para sempre desta tribuna e erguido ainda na eminencia della, em nome da mocidade das escolas, em nome do professorado, entre o qual occupo o logar mais obscuro, em nome da cultura moderna, em nome da opinião nacional, que concentra as forças espirituaes do Estado, incarna a justiça, governa os governos, levanta-as, como o vento do deserto levanta e abate montanhas de areia, permitti que eu lavre um apaixonado e solemnissimo protesto contra o crime mais vergonhoso de que póde ser delinquente uma nação civilizada. Que este protesto repercuta no paiz inteiro, como o pregão sinistro da fatalidade, que nos ameaça. Si emmudecerem as boccas que o devem repetir, das proprias paredes esboroadas das casas de ensino hão de romper vozes de imprecação e de anathema. Calaram-se os sacerdotes, bradem as pedras dos templos. *Si hi tacuetrint, lapides clamabunt.*

Meus jovens e queridos collegas, tenho no vosso futuro

esperanças largas. Confio que sabereis cumprir a promessa que fizestes ao recerberdes o grâo doutoral ; na fidelidade a ella está a honra da vossa profissão, o orgulho do vosso pergaminho, o segredo da vossa força, o patrimonio moral da vossa vida. E quando chegardes ao termo dessa carreira de abnegação e de sacrificio, a estima publica vos anteciparà o voto da posteridade, glorificarà o vosso nome, subirá comvosco os degraus do Capitolio.

III

MARTINS JUNIOR

José Isidoro Martins Junior (1860-1904) naceu no Recife. Formou-se pela Faculdade de Direito do Recife, da qual foi depois lente catedratico. Ocupou cargos de administração e foi deputado federal.

Foi jornalista e poeta. Publicou *Estilhaços*, versos, *Vizões de hoje*, poema filozofico ; *A poesia cientifica*, estudo, *Retalhos*, versos. *Tela policroma*, versos ; *O stereographo*, estudo, *Fragmentos juridico-filosoficos*, *Jesus e os Evangelhos*, tradução, *Historia do direito nacional* e *Soberania* e *Acre.* Dirijiu os jornaes do Recife *A folha do norte O norte.*

ARTE

Arte ! Mulher lirial, creatura encantada,
Emanação do sol, filha de uma alvorada
Com algum semi-deus da velha Grecia heroica,
— Eu te saúdo : Tu, que honradamente estoica,
Tens sabido guardar na epiderme de opala
A frescura da flor que um lago manso embala
E a rijeza cruel de uma lamina aguda ;
Tu, que eu comparo a uma electrica Amazona
Cheia de força agreste e de beleza muda,
A rasgar, em corsel fantastico, esta zona
Onde a vejetação das ideas rebenta,
Apopletica, em luz, glorioza, febrenta ;
Tu, que és a poderoza e a plastica expressão
Desta vida interior que vive o coração
Humana, e que reflete em nossa intelijencia
Como nuvem no mar ou um bem na conciencia ;
Tu, que tens por tarefa interpretar o mundo
Colorindo-o de azul, com a tinta do profundo

Iris das iluzões e da Utopia loura ;
Tu has de, para mim, ser sempre a imorredoura
Fonte desta alegria e bravura serena
Que dornem no meu seio a fazem-me da pena
Um florente lavrado, em cuja folha canta
A corda de uma harpa heroicamente santa !

Como tu has lutado, extranha creatura !
E como tens sofrido : Essa pupila, escura
De certo viu morrer Chatterton, Malfilâtre,
— Almas prezas á dor, corpos prezos ao catre —
Viu Homero esmolar sem sandalias nos pés,
Viu ir á guilhotina o poeta do *Hermès*,
Viu a prizão de Tasso, o exilio de Camões,
Viu Gerard de Nerval buscando as solidões
Dos becos de Paris para enforcar-se ; viu
Os martirios de Hugo !... E que pranto caiu
Do teu radiozo olhar, amplo, amorozo, e quente
Sempre que elle encontrou esses males em frente !

Mas, *Arte*, o teu valor não se verga jamais !
Como um remo que cinde uma onda, tu vais
Rija, teza, feliz, correndo o globo inteiro
Plantando aqui, colhendo alem, sorvendo o cheiro
Limpido e matinal dos jardins enflorados ;
Vizitando não só as almas como os prados ;
Sentindo ao mesmo tempo as paixões explodirem,
Os vicios bestiais cinicamente abrirem
As corolas crueis nos caules afrontozos,
E os verjeis tropicais, os pomares seivozos,
Rirem, na luz do sol, verdes como absinto !

. . . .

. . . .

O' Arte.

Vamos ! E' despregar as azas do estandarte
E seguir ! Deves ser em tua enorme faina
Como vela de nao, que, emquanto não amaina
O vento, arqueia o bojo e dezafia a vaga.
Não importa sentir a maldição e a praga
Da rotina boçal que âs tuas plantas ladre.
Tens muito que explorar. Tudo quanto se enquadre
Na larga *psyché* da Humanidade, — deve

Ser p'ra ti um farol radiante que te leve
Ao paiz do Ideal.
Desde a perola — pranto
Até o rizo — flor, até o perfume e o canto ;
Desde o infante gracil até o heróe ferido ;
Desde um eterno amor até o amor vendido ;
Desde a marcha dos sóes até a das edades ;
Desde o progresso humano até as claridades
Nervozas do luar ; desde as paixões serenas
Até o Odio e a Dor — negros como geenas ;
Desde um seio de amante e um regaço de espoza
Até o vejetal que junto de uma louza
Crece na seiva má do barro funerario ;
Desde um fio de azul e desde um nectario
Até a casta luz do astro da Verdade ;
Desde a Gloria imortal, a Bravura e a Bondade
Até a planetaria irradiação da ciencia...
— Tudo deve atrair a doce transparencia
Do teu fuljente olhar meditabundo e puro !
— Arte ! Em teu ventre crece este feto — o Futuro !

IV

SOUZA BANDEIRA

J.-C. de Souza Bandeira naceu em Pernambuco em 1868. Formado pela faculdade de Direito do Recife. Advogado, Procurador dos Feitos do Distrito Federal e Lente da Faculdade de ciencias juridicas e sociaes do Rio de Janeiro.

Escritor, publicista e jurisconsulto, prezidente da sociedade alemã-brazileira fundada em 1908. Escreveu os *Estudos e Ensaios*, obra de filozofia e de critica; d'elle existem inumeras pajinas dispersas pelos olhas, do jornalismo.

CONFIAR DESCONFIANDO

Conta-se que, durante a revolta de 1893, consultando alguem ao Marechal Floriano Peixoto si devia confiar em um emissario que em nome delle se aprezentara, recebeu em resposta o seguinte telegrama : *confie desconfiando.*

Compreende-se bem que o espirito solerte do caboclo do Norte, unido ao sombrio pessimismo do homem que, alem da terrivel responsabilidade do governo, tinha a sobrecarga de defender a propria vida, empenhada em tão

tremendo duelo, tivesse inspirado ao Marechal aquella resposta, fria a cortante como a lamina de um punhal.

O que, porem, sorpreende é encontrar-se o mesmo pensamento onde bem lonje estavamos de imajinar. Nada mais, nada menos, do que nas inefaveis maximas do Marquez de Maricá. Com efeito, na pajina 15 da edição de 1843, lê-se: « Confiar desconfiando, é uma regra muito salutar de prudencia humana. »

E' verdade que o Marquez não se contentou com o soberbo laconismo do Marechal, e, para acobertar a sua responsabilidade de homem grave com a sabedoria das nações, acrecentou sentenciozamente que se trata de « uma regra muito salutar de prudencia humana ». Não fosse elle Senador do Imperio e do Conselho de S. M. o Imperador !

Não sei si foi o Marquez quem recolheu, em primeira mão, da larga fonte popular tão preciozo ensinamento. Animo-me mesmo a crer que, si algum investigador pachorrento se lembrasse de percorrer toda a longa lista dos cultores do genero, desde Epictecto até Larochefoucault, havia de encontrar o telegrama do Marechal, traduzido em todas as linguas, vivas e mortas.

Ignoro até si Floriano conhecia Maricá ou tinha lido a maxima em outro qualquer moralista.

Como quer que seja, o famozo telegrama traduz uma verdade tão profunda e um conhecimento tão exato do coração humano, que é excuzado fazer investigações sobre a prioridade da descoberta. Aliás, a orijinalidade, é coiza tão rara, que, até para exprimir a ideia de que nada é novo debaixo do sol, precizamos remontar até Salomão, e ainda assim, sabe Deus si foi elle o primeiro que proclamou tal verdade.

O certo é, porém, que esta rezerva mental que todo homem cauto deve fazer, mesmo quando entrega o coração ao amigo mais intimo, este cepticismo salutar com que devemos enfrentar todos os acontecimentos, é o verdadeiro metodo de bem viver e de equilibrar a incerteza da sorte com os frutos da propia experiencia.

Só assim não teremos dezilluzões com a traição dos amigos, nem decepções quando não alcançarmos o rezultado dos nossos esforços. Tudo está em sufocarmos no nacedouro certos impulsos do coração, e sabermos rezistir á candida injenuidade com que a nossa simpatia nos leva a acreditarmos em tudo o que nos dizem.

Este sentimento é velho como o mundo, e quer na politica, quer na familia, quer no proprio ceremonial das relijiões, encontramo-l-o vivo e sagaz, a pôr agua na fervura dos entusiasmos faceis.

Era elle que esparjia grãos de eléboro no incenso dos Deuzes : clamava : *cave ne cadas* atraz do carro dos triunfadores romanos ; e, no processo da canonização catolica , dá a palavra ao advogado do Diabo para que oponha os pecados do candidato á bemaventurança, em contrapozição aos seus merecimentos.

Este *quem vem lá* constante que o espirito humano dirijè a tudo o que lhe parece suspeito, impedindo o natural abandono á confiança ilimita da, é o proprio principio da coexistencia humana, que funda as sociedades, e constitue os governos com todos os seus mecanismos, desde o rejimen parlamentar até a disciplina militar.

Na politica cria os partidos com toda a sua complicada organização e obriga os homens de estado a um constante alarma, não só contra os manejos dos adversarios, mas tambem e principalmente, contra as intrigas dos amigos.

Nas manifestações mais elevadas do pensamento, arma o filozofo com o criticismo e o livre exame que o faz encarar friamente todos os sistemas e todas as explicações do universo, rezervando-se intimamente o direito de com os seus botões pôr em duvida aquillo mesmo que acaba de dar como verdade assentada.

Só assim se explica o celebre dilema de Pascal sobre a verdade da vida futura, do qual elle concluia que era mais comodo acreditar nella, mesmo que não a houvesse, porque na duvida ter-se-iam assegurado as bôas graças do céu, cazo elle existisse.

Ao inverso, Renan dizia não rezistir ao dezejo de insinuar discretamente possibilidade de um engano, áquelles, que já nesta vida descontavam previamente as vantagens de uma bôa colocação na de além tumulo.

Conciliando as duas teorias, acrecenta Spencer que ha uma alma de verdade nas coizas falsas, e uma alma de erro nas coizas verdadeiras. Que é isto, sinão aconselhar que, não se podendo nunca saber o fundo das coizas, o melhor é não passar da superficie, para ficar com o direito livre de mudar de opinião, quando, mais tarde, fôr descoberta a alma de

verdade no que supunhamos erro, ou a alma de erro no que supunhamos verdade ?

Merimée, cuja memoria será sempre grata aos intelectuais, tinha como diviza a seguinte fraze grega: *mémêso apistein.* Eu de grego nada sei, mas um amigo em cujas palavras não se me dá de jurar, afirma-me que isto quer dizer : « lembra-te de desconfiar. »

Em negocios, a maxima tem o maior cabimento, sobretudo em epocas de crize. Não é por outra coiza que se passam escrituras, se assinam letras, se exijem fianças, se ordenam depozitos, se inscrevem hipotecas, mesmo entre amigos intimos. E quem sabe o que são negocios, sabe o que são atrapalhações apezar de escrituras, de letras, de fianças, de depozitos, de hipotecas.

Até no doce remanso da familia, no sagrado santuario do amor conjugal, para que muitas vezes o amor do marido se conserve inacessivel ás tentações do mundo, é precizo que dos carinhozos olhares da espoza querida venha uma confiança que mais parece desconfiança. E, tambem, ás vezes... vice-versa.

Como a associação de ideias me levou lonje do telegrama do Marechal de Ferro, e dos horrores da guerra civil !

A desconfiança não constitue, porem, a carateristica do povo brazileiro. O nosso velho costume, quando recebemos pela primeira vez uma vizita, é pôl-a logo á vontade, metel-a no recesso da nossa intimidade, contar a nossa vida em todas as suas minudencias, queixar-nos dos criados, das molestias, da carestia dos generos, e não a deixar sair sem ter visto a caza toda. Como isto é pura e docemente brazileiro,

Entretanto o bom senso está dizendo que a afetuozidade! a amizade, o carinho mesmo, não excluem uma certa rezerva, pela qual devemos esconder os nossos males, reprimir o superfluo das nossa expansões, moderar a superabundancia dos nossos afetos para que o amigo com quem tratamos possa perceber que o nosso sentimento é sincero, porque refletido, duradouro, porque sincero.

O que é verdade para os individuos, tambem o é para as nações, e os nossos defeitos não de ser os mesmos da nação brazileira, cujos pozição entre as demais está a pedir toda a atenção para a maxima de Floriano.

Cercado do carinho de todas as nações, que, á porfia lhe cultivam a amizade, o Brazil está excepcionalmente colocado

para abrir o coração a todas as potencias que o procuram, e pode tirar um magnifico partido desta situação, si souber guardar, no meio de todas as demonstrações de amizade, uma pequena rezerva de desconfiança.

As nossa irmãs sul-americanas ou procuram a nossa aliança para o cazo de dezavença entre ellas, ou querem passar uma espon jaem contas velhas de guerra ou de finança, ou precizam aumentar á custa dos nossos mercados o escoadouro das seus productos. Só temos razões para recebel-as muito bem, até o ponto de não prejudicarmos os nossos interesses.

As nações européas nos fornecem braços, ideias, armas, vicios e capitais, despejam nas nossas cidades os anarquistas que por lá planejam a morte dos chefes de estado, e comparam a imensidade dos nossos territorios, incultos e despovoados, com a exiguidade dos seus, colmados de habitantes. Têm todos os titulos á nossa benemerencia, e todo o direito a um hospitaleiro acolhimento.

Somente devemos nos lembrar que podemos aceitar dellas tudo o que vier de bom, e em troca lhes dar tudo.. menos a nossa individualidade.

A grande aguia americana paira sobre nós, maternal e meiga abrindo as possantes azas para nos abrigar do perigo europeu. Afim de não sermos forçados a aplicar mais tarde a amarga filozofia do burro da fabula, a quem era indiferente, o rezultado da luta que por sua cauza se travava, melhor é que, desde já, nos acostumemos a receber com toda a simpatia os protestos de amizade da grande nação, mais libertemol-a do incomodo de nos defender dos perigos, reais ou imajinarios, que nos mesmos, sozinhos, poderemos conjurar com mais segurança.

E, no meio de tantas mãos que se lhe estendem, amaveis e solicitas, o Brasil hezita, enfiado, não querendo parecer por demais credulo para confiar na espontaneidade dos oferecimentos nem por demais incivil para desconfiar sem motivo de tanta simpatia que se lhe oferece.

Neste momento, chega-lhe das rejiões de onde se não torna enerjico com uma voz de comando, misteriozo como um oraculo, o telegrama do Marechal : *confie desconfiando*.

VINTE DE SETEMBRO

Era em 26 de Outubro de 1860, na pequena aldeia de Cajanello. O sol brilhava nos Apeninos e espalhava uma alegria

viril sobre toda a rejião. A pouca distancia fizeram alto as vanguardas de dois exercitos que marchavam ao encontro um do outro.

De um lado era o exercito real do Piemonte, que depois de ter atravessado a Umbria e as Marcas triunfal, vencendo os pontificios e os Bourbons, dirijia-se a Italia meridional afim de recolher os destroços do reino das Duas Sicilias e unil-os ao do Piemonte para fazer o reino da Italia. A' frente vinha Vittorio Emanuele, reprezentante das tradições italianissimas da Caza de Saboia, exuberante de vida e de heroico cavaleirismo.

Do outro lado era o exercito garibaldino, que acabava de conquistar a Sicilia e de destronar Francisco II. Comandava o proprio Garibaldi, ditador onipotente em Napoles, de onde tratara de igual para igual com a Corte de Turim, e que marchava sobre Roma para realizar a sua senha : *Roma ou Morte*. Espirito indiciplinado e altivo, tento trazido do nosso continente o amor da liberdade e o desprezo dos preconceitos, conservando do seu longo contacto com o oceano o habito de vencer os obstaculos, heroe aclamado pelo povo, detentor de um poder ilimitado, velho republicano amigo de Mazzini e de Louis Blanc, que faria elle ao enfrentar pela primeira vez o exercito real ?

Si entregasse á caza de Saboia o fruto das suas vitorias, entraria na penumbra, mas concorreria para a realização do seu caro idial de patriota. Si conservasse a pozição adquirida, passaria a ser um rebelde, provocaria a guerra civil, e pelo menos adiaria ainda, sabe Deus para quando a unificação da peninsula.

O que se passou então foi selene. Chegavam os *Camicie Rosse* ao som do hino Garibaldi, ao passo que no outro campo a marcha real acompanhava o alinhamento dos *Bersaglieri*, cujas plumas flutuavam ao mesmo vento que ajitava os ponches gauchos dos voluntarios. Em ambos os campos se desfraldava a bandeira tricolor.

Compreendendo a importancia do momento, o lendario *condottiere* da liberdade apeou do cavalo, descobriu-se, e, com voz firme porem comovida, gritou : *Saluto il Fe di Italia*. Ao que respondeu o rei, extendendo-lhe a mão: *Saluto in voi il primo degli italani*. E, acompanhados dos dois exercitos confraternizados, tomaram ambos o caminho de Napoles, onde o general entregou ao soberano o poder

que de fato exercia, e se retirou em seguida para Caprera.

Pouco depois pedia Garibaldi para os seus um certo numero de vantajens, que a organização regular do exercito italiano não podia permitir., e, obtendo resposta negativa, dizia tristemente aos seu intimos : *Ci hanno messo alla coda.*

Quatro mezes depois o primeiro parlamento italiano reunido em Turim proclamava o primeiro rei da Italia, e decretava ser Roma o capital do novo reino. Estava completa em pincipio a grande obra da unificacão, planeiada pelo grande espirito de Cavour, executada pelo heroismo comunicativo de Garibaldi, e habilmente compreendida pelos reis do Piemonte, enigmatico e bravo Carlo Alberto, o e briozo Vittorio Emanuele. A ideia encontrado facil acolhida em um povo ardente, imajinozo e cansado de sofrer lutas intestinas e opressões estranjeiras.

Da mesma forma que, depois dos primeiros dezastres na Lombardia, disse Massimo d'Azeglio que tinha acabado a guerra dos principes para começar a dos povos, dope-se dizer com Cesar Cantu que o seguimento da queda do reino de Napoles não foi mais uma guerra, foi um drama diplomatico. Estava encerrada e epoca heroica da grande revolução.

Morto Cavour, reduzido Garibaldi ás proporções de um general de divizão, a anexação de Veneza, que custara á Italia as derrotas de Lissa e de Custozza, veiot er logar finalmente com a intervenção de Napoleão III. Assim, pois, a brecha simbolica de Porta Pia, que a Italia festeja no dia de hoje não é mais do que o rezultado dos esforços anteriormente acumulados pelos garibaldinos do *risorgimento.* E' por isso que, para comemorar a entrada dos italiano em Roma, em 1870, temos que remontar até 1860. E, então, encontramos em frente as trez grandes forças que formaram a Italia, e ainda hoje continuam a dirijir os seus destinos : os elementos, dinastico, intelectual, e popular, reprezentados em Vittorio Emanuele, Cavour e Garibaldi.

Cada um tem profundissimas raizes na alma italiana. Vittorio Emanuele encontrou na longa teoria dos seus antepassados o penhor de uma inecedivel dedicação pela idea iltaliana, demonstrado em grandes serviços á patria e até no sangue derramado nos campos de batalha. Cavour tem como precursores todos ultos os espiritos que, atravez dos largos seculos,

foram difundindo o pensamento italiano por todo o mundo. Garibaldi é o decendente dos velhos patirotas que nas lutas de antanho combateram a tirania.

Não sei que destinos estão ainda rezervada á Italia, e, dada a crize que hoje convulsiona todas as nações, qual será a feição definitiva do povo italiano O que verdade, porem, é que cada um dos trez elementos continua em jogo com o mesmo vigor de antes. A' frente da nação está um jovem soberano, imbuido dos mesmos nobres sentimentos que animaram os seus avós. A italia moderna continua a ser um foco de divulgação e propaganda cientifica. E o pensamento democratico tem ali os seus mais ilustres e extrenuos defensores.

Si tais elementos estão ou não em luta, é coiza que pouco importa aos estranjeiros, que sem odio nem paixão, acompanham de lonje os acontecimentos, manifestando igual simpathia por todos os contendores. Que vingue o ideal de Crispi, prevaleça a Italia como a quer Rudini, ou vençam as ideas de Bovio, Cavallotti, Colajanni, ou Ferri, só aos proprios italianos é dado rezolver.

O que, porem, aproxima da Italia todos os que sentem pulsar no coração um pouco de amor pela ideal é o seu papel de depozitaria das sagradas bradições da arte e da cultura humana, inspirado no helenismo, e dezempenhado atravez da historia a custo dos maiores sacrificios e no meio das maiores vicissitudes.

E' a beleza do seu céu, dos seus mares e do seu solo, que tanto fazem pensar na nossa terra. São os tezouros artisticos das suas cidades, onde se encontram modelos de todas as arquiteturas nos edificios e monumentos para que concorreram tantas gerações de artistas. E' a trudição da linha greha conservada palos seus grandes escultores. E' a sua pintura que reprezenta todas as tendencias do espirito humano, desde a expressão ideal da fizionomia nas Madonnas de Rafael, Corregio e Boticelli, até a exuberancia de vida e de colorido nos quadros de Veronese, Ticiano, e Tintoreto. E' a sua muzica, que toma, todas as modalidades e comunica ao espirito as mais indiziveis comoções, tendo produzido as extraordinarias figuras de Rossini e de Verdi.

E' a beleza sacrosanta da sua poezia, divinamente lirica e com Petrarcha, sobriamente epica com Tasso, fundindo o grotesco e o majestozo em uma liga que nunca mais foi con-

seguida depois de Ariosto, e em Dante, o grande precursor, aprezentando á posteridade, a mais sublime creação que jamais a literatura produziu.

Ao lado dos quatro colossos, a grando lejião dos seus poetas, em sucessão nunca interrompida até os nossos dias, onde brilham Carducci, Stecchetti, Dánnunzio, e De Amicis, para somente falar dos contemporaneos. E' a fulguração da sua arte dramatica, que transporta para o teatro as comoções da vida real, e faz o publico de todas as nacionalidades palpitar sob o influxo dos seus dramaturgos e artistas. E' o suave encanto da sua lingua, onde vibra toda a escala do sentimento.

São os seus pensadores o filozofos, que tanto tem nobilitado o espirito humano, tornando-se os arautos as grandes ideas, os propagandistas da emancipação dos povos o do pensamento. São os principes e papas que protejeram as artes e as letras, concorrendo assim para que chegassem até nós tentos tezouros que em a sua intervenção nunca seriam produzidos.

E' a alta cultura da Italia contemporanea que e tornou um centro ativissimo de vulgarização, e despindo a ciencia alemã das suas nebulozidades, a torna acessivel aos cerebros latinos, tendo ao seu serviço homens superiores em cada um dos ramos dos conhecimentos humanos.

Ao lado da Italia e da Italia que pensa e de Italia que sente, ha tambem um Italia que sofre e não pode deixar provocar adezões em toda parte onde hover o sentimento da solidariedade humana. A grande patria do ideal, tendo tendo lutado contra todos os despotismos para afirmar a sua nacionalidade, em quanto proporcionava ao mundo as divinas coções da arte, chegou ao fim do seu dolorozo itinerario com a entrada para o numero das grandes potencias. A braços, porém, com difficuldades de toda especie, vê os seus filhos, cedendo á lojica inexoravel da luta pela existencia, procurarem no estranjeiro a subzistencia que lhes falta no sólo patrio.

Esta Italia, que continua a alimentar no espirito humano o culto do ideal, que atestou pelo sofrimento a sua aspiração para a liberdade, é o objecto do amor e da admiração de todos os povos.

INDICE

(*TOMO II*)